



FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE  
COIMBRA

Júlia Andreia da Mota Barbêdo Pinto

**A PROTO-HISTÓRIA NO SECTOR VI DO ALTO DA  
PENA EM VILA DO TOURO, SABUGAL.  
O CONTRIBUTO DOS MATERIAIS CERÂMICOS**

Dissertação de Mestrado em Arqueologia e Território, orientada pela Professora  
Doutora Raquel Vilaça, apresentada ao Departamento de História, Estudos Europeus,  
Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Setembro de 2022

# FACULDADE DE LETRAS

## A PROTO-HISTÓRIA NO SECTOR VI DO ALTO DA PENA EM VILA DO TOURO, SABUGAL O CONTRIBUTO DOS MATERIAIS CERÂMICOS

### Ficha Técnica

<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Dissertação de mestrado</b>
<b>Título</b>	<b>A Proto-história no sector VI do Alto da Pena em Vila do Touro, Sabugal</b>
<b>Subtítulo</b>	<b>O contributo dos materiais cerâmicos</b>
<b>Autor/a</b>	<b>Júlia Andreia da Mota Barbêdo Pinto</b>
<b>Orientador/a(s)</b>	<b>Doutora Raquel Vilaça</b>
<b>Júri</b>	<b>Presidente: Doutor Ricardo Jorge Costeira da Silva</b> <b>Vogais:</b> <b>1. Doutora Raquel Maria da Rosa Vilaça</b> <b>2. Mestre Marcos Daniel Osório da Silva</b>
<b>Identificação do Curso</b>	<b>2º Ciclo em</b>
<b>Área científica</b>	<b>Arqueologia</b>
<b>Especialidade/Ramo</b>	<b>Arqueologia Proto-histórica</b>
<b>Data da defesa</b>	<b>27-10-2022</b>
<b>Classificação</b>	<b>17 valores</b>



## Agradecimentos

Ao fechar um capítulo cujo caminho não percorri sozinha, faz todo o sentido agradecer e valorizar todos aqueles que o fizeram comigo. Os meus agradecimentos não estão, de todo, organizados por importância, cada um teve um papel diferente, mas do mesmo modo, importantíssimo.

À professora Doutora Raquel Vilaça. Grande responsável por esta tese: desde o meu primeiro ano da licenciatura que me transmitiu o gosto e a curiosidade pela Proto-História. Por ter aceite a orientação do trabalho que ora apresentamos, por ser exigente e criteriosa em todos os momentos, e por me ter ensinado muito do que sei sobre a Arqueologia e sobre o trabalho de campo.

Ao professor Marcos Osório pela informação quer teórica, quer gráfica facultada acerca das escavações que em muito nos ajudaram a compreender e a estudar o sector VI. Pela disponibilidade e tempo despendido.

Ao Doutor José Luís Madeira pela revisão e correção dos desenhos arqueológicos que, seguramente, melhoraram profundamente os mesmos. Pela compreensão. Pelo ensinamento do respetivo desenho técnico e tempo entregue neste trabalho. Por toda a ajuda no tratamento e elaboração das estampas dos mesmos. Por me ensinar que também podemos ver as cerâmicas de olhos fechados.

À Eunice, por ter a porta da minha segunda casa sempre aberta, por conseguir encontrar sempre o livro certo nas dezenas de estantes do instituto. Pela amabilidade, confiança, e sobretudo por melhorar os meus dias com a sua alegria, mesmo não tendo a consciência disso.

À Maria Inês que sempre acreditou mais em mim do que eu mesma. À nossa amizade que é seguramente uma relação de somas e de carinho mútuo. Muito obrigada pelo apoio constante, pelas partilhas, pelos momentos de debate, pelo entendimento, pela coragem, pelo incitamento e companheirismo. Pelas longas horas de estudo. Pela troca de conhecimento e por questões que pautaram certos aspetos desta tese, fazendo-me alcançar um outro prisma de análise.

Ao Igor, por tudo. Pelo apoio, afeto, coragem, compreensão e pressão desmedida. Pelos lembretes constantes de que não poderei ser mais para os outros do que para mim mesma, concedendo mais tempo para dedicar a esta dissertação. Este trabalho também é dele, para ele e por ele.

Ao David Magalhães que me ajudou a traçar o rumo deste trabalho num estágio muito incerto e por me ensinar que um livro não pode ser julgado pela capa. Pelo constante carinho e suporte.

À Inês Rasteiro que tanto me ensinou. Pelas conversas sobre trivialidades que eram um escape da rotina. Pela companhia nas longas horas no instituto. Pelo enriquecimento e pelas partilhas que tanto me desenvolveram, e valorizaram esta dissertação.

A meu pai, por me ter transmitido o traço da curiosidade e da inquietude. Por me questionar muito acerca do “como arqueológico” e por me tornar num alguém melhor.

À minha irmã pelo incentivo, pelo amor, pela força e pelo constante lembrar do porquê. Por ser, muitas vezes, o meu abrigo. Por ouvir todas as minhas inseguranças e receios normais, julgo, de uma tese.

À minha prima Denisa, por me ensinar a escolher as pessoas certas. Por ser o exemplo que tento seguir nos estudos académicos.

Agradeço muito a todos e a todas.

*“Olhou em redor e reparou pela primeira vez que tudo ali estava como coberto de barro, não sujo de barro, somente da cor que ele tem, da cor de todas as cores com que saiu da barreira, o que foi sendo deixado por três gerações que todos os dias mancharam as mãos no pó e na água do barro, e também, lá fora, a cor de cinza viva do forno, a derradeira e esmorecente mornidão de quando o deixavam vazio, como uma casa donde saíram os donos e que se deixa ficar, paciente, à espera, e amanhã se tudo isto não se acabou já para sempre, outra vez a primeira chama da lenha, o primeiro bafo quente que vai rodear como uma carícia a argila seca (...).”*

José Saramago, *A Caverna*

## **RESUMO**

### **A Proto-história no sector VI do Alto da Pena em Vila do Touro, Sabugal. O contributo do estudo dos materiais cerâmicos.**

Os períodos que decorrem entre o início da Idade do Bronze e o início da Idade do Ferro são caracterizados por uma intensa transformação cultural que se espelha em todos os prismas de análise arqueológica que incluem as materialidades tanto móveis, como imóveis, bem como as escolhas territoriais e a sua consequente exploração pelas comunidades. É com uma perspetiva de foro social que analisamos as comunidades do Alto da Pena e as contrapomos com a realidade arqueológica da região envolvente. Com o intuito de compreender e de estudar as semelhanças ou as disparidades. É neste período temporal e no espaço que circunscreve o Alto da Pena que analisamos os comportamentos económicos e os contactos que pudessem advir das materialidades exumadas deste sítio, sempre com um objetivo final: o de compreender socialmente e economicamente os indivíduos que guiados com a premissa de poder, moldaram os territórios e a cultura, moldando-se a si.

Baseamo-nos na análise do espólio cerâmico e de certas tipologias, para suportamos as nossas inferências e a nossa conceção do espaço da Beira Alta cuja morfologia natural não parece criar barreiras à mobilidade, mas, por outro lado, incitá-la, permitindo contactos com variadas zonas territoriais, desde a região Norte peninsular à região espanhola.

A escavação do sector VI do Alto da Pena permite-nos, em conjugação com outros estudos arqueológicos, criar um quadro caracterizador para a região do Sabugal que converge com os denominadores da Proto-histórica peninsular. Assim, com uma maior confiança e base epistemológica definimos uma imagem para o nosso caso de estudo: um povoado proto-histórico que se delimita cronologicamente entre o final da Idade do Bronze e início da Idade do Ferro que detinha contactos com regiões próximas com as quais trocava materialidades, mas também saber teórico, o grupo que aqui residia explorava o território envolvente para a sua subsistência. Assim, apesar do Alto da Pena se localizar longe das zonas litorais, situava-se numa região rica em produtos básicos para a produção de ferramentas, o imenso domínio e controlo em todo o território que o envolvia, localizado sobranceiramente a um curso de água, impondo-se como um ponto central entre duas regiões distintas.

As características morfológicas e o seu posicionamento territorial possibilitaram que o Alto da Pena conhecesse transformações ao longo do decorrer do tempo concebendo-se como um marco territorial, e de algum modo, intemporal.

**Palavras-chave:** Proto-História; Alto da Pena; Materiais; Economia; Contactos

## **ABSTRACT**

### **Proto history in sector VI of Alto da Pena in Vila do Touro, Sabugal. The contribution of ceramic materials.**

The periods that elapse between the beginning of the Bronze Age and the end of the Iron Age are characterized by an intense cultural transformation that is reflected in all prisms of archaeological analysis that include both movable and immovable materiality, as well as territorial choices. and its consequent exploitation by communities. It is with a social perspective that we analyze the communities of Alto da Pena and contrast them with the archaeological reality of the surrounding region. To understand and study the similarities or disparities. It is in this period and in the space that circumscribes Alto da Pena that we analyze the economic behavior and contacts that could arise from the materiality exhumed from this site, always with a final objective: to understand socially and economically the individuals. that guided by the premise of power, they shaped territories and culture, shaping themselves.

We are based on the analysis of the ceramic collection and of certain typologies to support our inferences and our conception of the Beira Alta space whose natural morphology does not seem to create barriers to mobility, but, on the other hand, on the other hand, to encourage it, allowing contacts with different territorial areas, from the northern peninsular region to the Spanish region.

The excavation of sector VI of Alto da Pena allows us, to create a characterizing framework for the Sabugal region that converges with the denominators of the peninsular Protohistoric. Thereby, with greater reliability and an epistemological basis, we defined an image for our case study: a proto-historical village that is chronologically delimited between the end of the Bronze Age and the beginning of the Iron Age, which had contacts with nearby regions with which exchanged materiality but also theoretical knowledge, the group that lived here explored the surrounding territory for their subsistence and immediate needs. Consequently, despite Alto da Pena being located far from coastal areas, it was in a region rich in basic products to produce tools, the immense domain and control over the entire territory that surrounded it, located overlooking a watercourse, imposing itself as a central point between two distinct regions.

The morphological characteristics and its territorial positioning made it possible for Alto da Pena to experience transformations over time, conceiving itself as a territorial landmark, and somehow, timeless.

**Keywords:** Protohistoric; Alto da Pena; Materials; Economic; Contacts

## Índice

<b>Capítulo I</b> – Introdução .....	1
<b>Capítulo II</b> – Enquadramento geográfico .....	5
1 – O Sabugal .....	7
2 – O sítio do Alto da Pena .....	15
<b>Capítulo III</b> – O povoamento, a cultura e a comunidade do Bronze Final e Ferro Inicial na região do Sabugal .....	19
1. O povoamento .....	20
2. O lugar habitado.....	24
3. Os materiais e as pessoas .....	25
<b>Capítulo IV</b> – As intervenções arqueológicas e os dados da escavação do sector VI .....	30
1 – A contextualização do sector VI e sua descrição estratigráfica .....	32
1.1 A sua interpretação: fases e estruturas .....	36
<b>Capítulo V</b> – A análise e estudo dos materiais.....	40
1. Os objetivos e a metodologia.....	41
2. O inventário e seus critérios.....	43
3. Estudo do material cerâmico.....	47
3.1 Análise tecnológica.....	49
3.1 Análise morfológica.....	56
3.2 Análise decorativa.....	60
4. Classificação tipológica .....	64
5. Síntese de estudo.....	69
6. Paralelos em contexto regional .....	75
<b>Capítulo VI</b> – O Alto da Pena: contexto local e regional .....	79
1. Caracterização cronológica e cultural .....	80
2. Da cultura material aos contactos e à economia .....	84
3. A sua integração no povoamento regional: homogeneidade ou heterogeneidade? Uma comparação entre sítios .....	88



<b>Capítulo VII – Conclusões.....</b>	<b>93</b>
<b>Bibliografia .....</b>	<b>95</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>104</b>
1. Inventário .....	102
1.1 Unidade estratigráfica 05 .....	102
1.2 Unidade estratigráfica 06 .....	120
1.3 Unidade estratigráfica 08 .....	158
1.4 Unidade estratigráfica 09 .....	159
1.5 Unidade estratigráfica 12 .....	206
1.6 Unidade estratigráfica 18 .....	217
1.7 Unidade estratigráfica 19 .....	219
2. Estampas .....	237
2.1 Unidade estratigráfica 05 .....	237
2.1 Unidade estratigráfica 06 .....	240
2.2 Unidade estratigráfica 09 .....	246
2.3 Unidade estratigráfica 12 .....	253
2.5 Unidade estratigráfica 19 .....	256

## Índice de estampas

<b>Estampa I à III:</b> Desenhos da cerâmica da unidade estratigráfica 05.....	p. 237 à 239
<b>Estampa IV à IX:</b> Desenhos da cerâmica da unidade estratigráfica 06.....	p. 240 à 245
<b>Estampa X à XVI:</b> Desenhos da cerâmica da unidade estratigráfica 09 .....	p. 246 à 252
<b>Estampa XVII à XIX:</b> Desenhos da cerâmica da unidade estratigráfica 12.....	p. 253 à 255
<b>Estampa XX à XXII:</b> Desenhos da cerâmica da unidade estratigráfica 19.....	p. 256 à 258
<b>Estampa XXIII:</b> Representação das três grandes morfologias onde está inserido o Sabugal.....	p. 259
<b>Estampa XXIV:</b> Mapa de hidrografia do Sabugal.....	p. 259
<b>Estampa XXV:</b> Fotografia do sítio do Alto da Pena.....	p. 260
<b>Estampa XXVI:</b> Localização das sondagens efetuadas no interior do Castelo.....	p. 260
<b>Estampa XXVII:</b> Representação do corte estratigráfico Ocidental .....	p. 261
<b>Estampa XXVIII:</b> Representação do corte estratigráfico Sul .....	p.261
<b>Estampa XXIX</b> Fotografia de pormenor das estruturas em negativo proto-históricas.....	p. 262
<b>Estampa XXX:</b> Vista do plano final da intervenção do sector VI .....	p. 262
<b>Estampa XXXI:</b> Conjunto no espólio arqueológico aqui tratado.....	p. 263
<b>Estampa XXXII:</b> Fotografia do bojo com decoração ungulada.....	p. 263
<b>Estampa XXXIII:</b> Fotografia do bojo com impressão.....	p. 264
<b>Estampa XXXIV:</b> Exemplos de cerâmica penteada de Sabugal e Sabugal Velho.....	p. 264
<b>Estampa XXXV:</b> Exemplos de cerâmica penteada de Salmantica.....	p. 265
<b>Estampa XXXVI:</b> Exemplos de cerâmica penteada de Picón de la Mora .....	p. 265

## Capítulo I – Introdução

A dissertação que aqui se apresenta foi desenvolvida para a conclusão do Mestrado em Arqueologia e Território e trata através do estudo do espólio cerâmico, as atividades económicas e o espírito social que constituíam a vida quotidiana das sociedades que se estabeleceram entre o Bronze Final e Idade do Ferro no Alto da Pena (Sabugal – Guarda). Tendo como finalidade a definição e compreensão das relações que estas sociedades detinham tanto a nível local (Sabugal) como a um nível mais regional (Beira Alta) e que importância detinha no limite cronológico supra definido em contraste com a situação genérica que se pode observar.

A escolha do tema e da cronologia deveu-se sobretudo ao interesse pessoal pela proto-história, mais concretamente pelo interesse do desenvolvimento que ocorreu para estas comunidades no que concerne ao mundo produtor – a atividade ceramista-, mas também ao mundo social – as ideologias, crenças, ritos e contactos –, da mesma forma, os temas que aludem à cultura material e ao seu estudo através de análises assim como as problemáticas que se vinculam ao povoamento desta época. A este interesse juntou-se a ocasião de em 2018 ter participado como voluntária durante duas semanas na escavação que ocorreu neste sítio. Portanto, duas forças uniram-se e concederam o sentido a esta tese com o título “A proto-história no setor VI do Alto da Pena em Vila do Touro, Sabugal. O contributo dos materiais cerâmicos”.

Sabemos que nos últimos anos, um novo paradigma tem ganho terreno na discussão e debate arqueológico – o contexto. Neste sentido nunca poderei estudar o Homem na sua complexidade cultural e económica se retirar o que o molda, o meio em que se insere. Além da importância de estudar os materiais provenientes deste local para melhor o compreender afigurou-se também importante o estudo e conhecimento do povoamento bem como do meio e dos recursos existentes. Este é o ponto de partida para uma análise acerca de uma comunidade num povoado, e conseqüentemente num povoamento, examinando se existe uma unicidade cultural e económica nas escalas do local e do regional, ou se há uma divergência entre elas. O espólio encontrado no setor VI estudado e analisado convenientemente, poderá guiar-nos numa total perceção do Alto da Pena, tendo sempre presente uma conceção de sistema que reitera uma ideia de forte ligação Homem *versus* meio, em que não será possível compreender o sujeito sem o seu contexto, onde uma abordagem de larga escala cujos intervenientes são limitados pelos contextos e pelo meio (a hidrografia, morfologia, litologia, clima, fauna, flora), detemos

a Arqueologia limitada também pelos mesmos guias em que as comunidades que o pautaram foram também elas pautadas pelo local. Não descorando de uma perspetiva social e mercantilista.

Avançando para o capítulo II efetuaremos o enquadramento geográfico bem como a caracterização de recursos a fim de compreender e estudar as potencialidades do meio que envolvia as comunidades da Proto-história e delimitar, *à priori*, que atividades económicas poderiam ter bases para se desenvolverem. E, tal como nos capítulos que se seguem, far-se-á uma análise estrangulada: partimos do Sabugal (ponto 1) e terminamos no ponto dois, no Alto da Pena. Aqui a finalidade é de elencar e sublinhar todas as virtualidades económicas para mais tarde (no capítulo VI) tornar-se possível tecer considerações acerca da economia e da importância (ou não) do nosso caso de estudo a um nível regional e também local, e cumprir um dos nossos objetivos, determinar que economia seria realizada tendo em conta os recursos da região.

Neste sentido era pertinente o estudo caracterizador do povoamento, das comunidades e da cultura material da Beira Alta. Pretende-se aqui um estudo estreitado, onde partiremos de uma esfera global – o povoamento- e partiremos para uma esfera mais estreita na direção do conhecimento da cultura material, seguindo-se, para um término, as comunidades. Este capítulo (III) tornar-se-á importante e esclarecedor com determinações analógicas quando tratarmos do capítulo VI, uma vez que se tornará possível entender se o Alto da Pena é um povoado que diverge - levando a temas de distinção, poder e hierarquização – ou converge possuindo as mesmas características da região em que se insere, capacitando-nos de uma análise qualificada das comunidades beirãs, que nos leva ao objetivo de integrar o sítio na sua situação regional.

As intervenções arqueológicas ganham corpo no capítulo IV. Portanto, toma aqui momento o contexto das escavações e que informações foram obtidas aquando das mesmas no setor VI. Procuraremos descrever as camadas estratigráficas e as estruturas, se as houver, e ao interpretar estes conhecimentos, diligenciaremos corpo ao determinamos as fases de ocupação – de acordo com os materiais encontrados em cada unidade estratigráfica - delimitando o seu início e o seu fim, principiando já algumas ilações para o ponto 1 do capítulo VI, concluindo um objetivo: qual é a cronologia do setor VI do Alto da Pena? Neste capítulo iremos centrar-nos no importante para o nosso estudo, o período proto-histórico, neste sentido ignoraremos quaisquer que sejam informações e materiais de período Medieval. Esta metodologia serve também para não efetuarmos um estudo fatigante e descontextualizado das nossas necessidades.

Em complemento do capítulo descrito acima, e sendo a base de investigação o espólio arqueológico, constituiu-se como uma primazia a sua análise e o seu estudo no capítulo V, definindo-se linhas de pesquisa tendo em conta os resultados e primeiras conclusões da sua observação. Far-se-á o inventário de todos os materiais cerâmicos exumados neste setor, que será seguido de uma análise tecnológica, morfológica e decorativa com a intenção de se caracterizar o sítio na perspetiva económica e tecnológica. Ainda neste capítulo produziremos uma síntese como uma pequena conclusão do estudo e procuraremos, numa última análise, paralelos materiais noutros povoados na Beira Alta. Os materiais que considerarmos particulares e distintos dos outros serão desenhados e englobados nos anexos deste trabalho. Esta análise, morosa e que ocupará a maior parte desta tese, pretende cumprir um dos quatro objetivos, o de se saber qual é conhecimento técnico desta comunidade, percecionando a sua origem, se indígena se alógeno – diligenciando a temática dos contactos.

No capítulo VI, o último do desenvolvimento, condessaremos e aprofundamos as questões relativas à caracterização cultural do sítio tendo em conta a cronologia determinada pela análise material (ocasião do capítulo V); integraremos o Alto da Pena no povoamento regional e descrevemos a sua economia e os contactos que foram previamente encetados tanto pelos registos materiais tanto pelos abastados recursos da região (capítulo III). Numa última análise concreta e através dos dados descritos determinaremos se existe uma homogeneidade ou heterogeneidade entre o Alto da Pena e a região da Beira e recuperamos a análise feita no ponto 6 do capítulo V e tentaremos cumprir com o nosso último objetivo de interpretar que influência e que contactos o nosso caso de estudo detinha localmente e regionalmente.

O capítulo VII encerra o estudo e converge em si todas as ilações e vínculos que foram efetivados ao longo do desenvolvimento da investigação, bem como da análise do espólio arqueológico que foram produzidos ao longo dos cinco capítulos, deixando questões para quiçá, um debate, pesquisa, trabalho ou investigação futura.

É de referir que ao longo deste trabalho tanto a nível prático como a nível teórico, tendo presente as problemáticas que tratamos, foram encontradas algumas dificuldades que eram já esperadas e consequentes de uma dissertação. A um nível prático o obstáculo enfrentado foi a marcação dos materiais e consequente inventário. A um nível teórico deparáramo-nos com a dificuldade de condensar certas informações devido aos numerosos trabalhos e pesquisas. Por outro lado, a assertividade de não nos desviarmos do nosso núcleo de investigação em torno da Beira Alta, que por haver outras problemáticas muito distintas e várias se tornaram muito

apelativas e interessantes e despontavam um desejo de ir além do que o proposto, desviando-nos, por vezes, dos objetivos previamente definidos.

Assim, estabelecemos um balanço positivo se formos capazes de cumprir com todos os objetivos, ou pelo menos grande parte deles, que nos comprometemos: compreender que economia era possível ser praticada tendo em conta os recursos disponíveis (com base no capítulo II); delimitar cronologicamente o setor através de uma análise estratigráfica e de estruturas (a partir do capítulo IV); que contactos e influência é possível confirmar partindo da análise material e por fim, que tecnologia, e conseqüente desenvolvimento, conheciam as comunidades que aqui viveram em contraste com outras da mesma região que tratamos no capítulo VI (com recurso ao estudo que efetuamos no capítulo V).

Preludiamos a nossa investigação com um denominador fortemente caracterizador das sociedades e do modo de vivência que existia na Proto-história: complexidade. Apesar de escrevemos uma história que aconteceu no Alto da Pena num passado remoto, com certezas que poderão não ser permanentes, com ilações que futuramente não farão sentido ou até com desígnios que ao longo do processo de escrita se mostraram equivocados; sabemos que a história que aqui contamos tomou corpo e sentido devido às pessoas que enquanto recorriam do barreiro, tratavam as argilas e moldavam o barro, mudariam, sem perceção, o decurso das realidades e do Homem. É com esta sensibilidade e fundo de escrita que pautaremos toda a dissertação, nunca nos afastaremos do único indivíduo em que a Arqueologia se debruça, do Homem enquanto ser social e racional. Procuraremos sempre o “porquê” e o “como” nas convicções e desígnios que levaram aos comportamentos, escolhas e ações.

## Capítulo II – Enquadramento geográfico

*From economic and political perspectives, landscapes provide resources, refuge and risks that both impel and impact on human actions and situations.*

Knapp e Ashmore (1991: 1)

O que mudou significativamente na Arqueologia até ao presente é a forma como os arqueólogos a pensam e a fazem. Baseados numa perspetiva de que o contexto geográfico molda profundamente as comunidades que se estabelecem em determinado local, quer pelas atividades económicas que lhe sejam permitidas, quer pelas práticas sociais e intercomunitárias que ali são possíveis, caracterizar e conhecer o ambiente geográfico que pauta o território e o comportamento dos Homens é de uma importância assaz.

Terá sido com o surgimento da Nova Arqueologia (ou Arqueologia Processual) que o território passou a ser valorizado como uma fonte de recursos, cuja exploração se pautava por um conceito de otimização de tempo, mas também de esforço necessário para obter determinado elemento (MATOS, 1980: 15). Na verdade, é com a Nova Arqueologia que surge a análise do meio envolvente, defendendo que a cultura era adaptativa em relação a este.

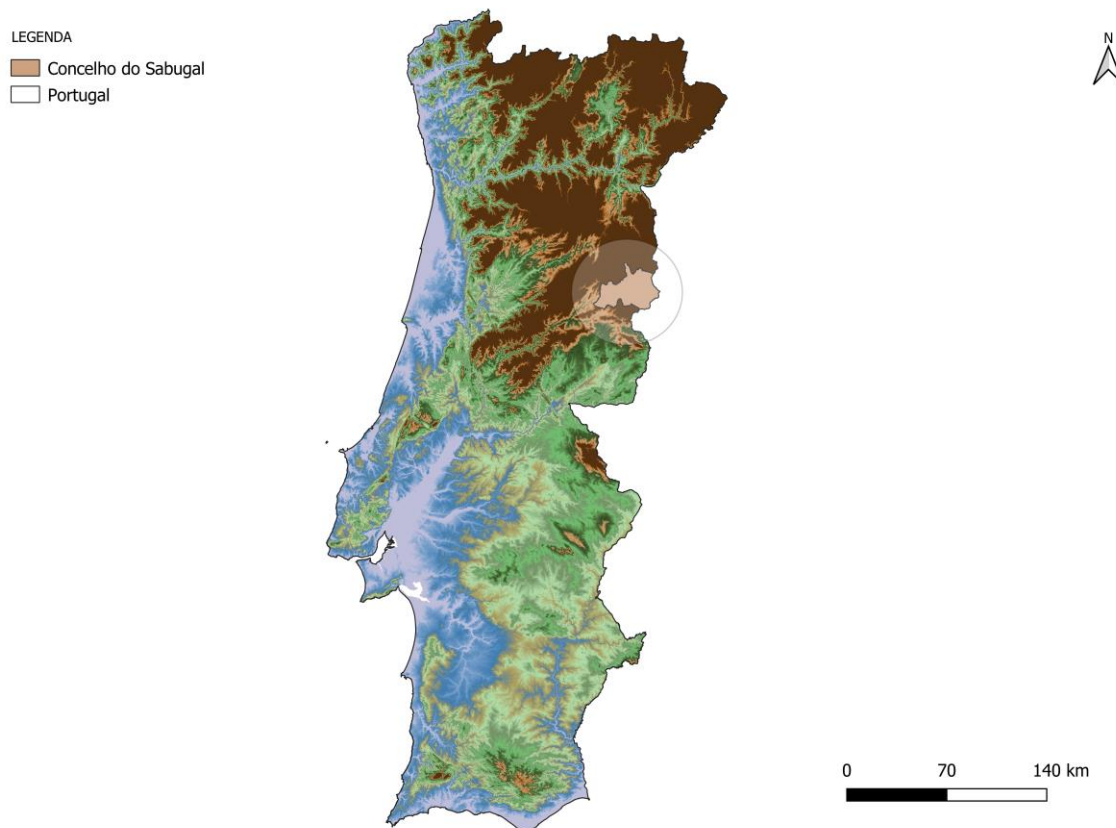
Deste modo a separação entre a esfera natural e cultural perde, paulatinamente, o seu sentido porque no momento em que nos é claro que o meio natural influencia o desenvolvimento das comunidades humanas, bem como a transformação daquele por estas através das suas capacidades tecnológicas, objetivos, e do modo que conceptualizam o espaço em que vivem (FEBVRE, 1991: 287), é-nos também claro que o “sistema social” não está desassociado ao “sistema natural” – vice-versa – pelo contrário, estão vinculados entre si. Assim, o paradigma passa de uma interrogação sobre o papel que o quadro natural exerce sobre as sociedades humanas, para, de que forma estes dois sistemas estão relacionados, sobretudo atendendo aos particularismos de cada região e sociedade que o vive (FEBVRE, 1991: 116-125).

Neste sentido, e suportados por esta ideia de relação, cremos de muito valor uma abordagem geográfica que possa ser suficientemente caracterizadora, num primeiro plano, do território em que o Alto da Pena se enquadraria, num segundo, de como as comunidades utilizaram o meio como um recurso para a sua subsistência.

Mesmo que a definição de limites e fronteiras, e conseqüentemente, de regiões e de sub-regiões seja um processo com um cunho antrópico, esta divisão manifesta-se extremamente útil

para uma investigação, facilitando todos os processos de análise e de caracterização, desde que devidamente adaptadas ao objeto de estudo (BAPTISTA, 2018: 27).

Ainda que a nossa área de análise seja o concelho do Sabugal, é importante ressaltar que o relevo português possui um aspeto extremamente diverso (ver figura 1) que é resultante do choque horizontal do Maciço Hespérico com a Cordilheira Central, do qual tem como resultado seis enormes unidades geomorfológicas: o empolamento da Serra Algarvia; o abatimento oval da Beira Alta; a Cordilheira Central; a planície da Beira Alta; a linha de depressões Montalegre-Barcelos e os Vales dos Rios Lima e Minho, sendo que algumas destas deformações passam os limites fronteiriços de Portugal e estendem-se para a vizinha Espanha (RIBEIRO et al, 1987: 14).



**Fig.: 1:** Mapa de Portugal continental com destaque para o concelho do Sabugal e sua região envolvente.

Mapa elaborado com recurso ao programa *Q. Gis* 3.4.12, versão “Madeira”.

Através desta caracterização geral do território continental é-nos permitido consolidar com segurança a noção de que três destas seis unidades se situam em território sabugalense: a Cova da Beira, a Meseta e a Cordilheira Central, encetando uma caracterização de um território com uma multiplicidade morfológica e geológica marcada (ver estampa XXIII do anexo, página 259).



A informação que a seguir registamos foca-se sobretudo na localização, na morfologia, hidrografia e nos recursos disponíveis, que em momento adiante da discussão serão um meio de análise para a fundamentação da comunidade que terá ocupado o Alto da Pena.

Será a diversidade e divergência morfológica; assim como a variedade dos recursos disponíveis, uma realidade favorável às comunidades que se instalaram neste limite geográfico à época da Proto-história?

## 1 – O Sabugal

Localizado na zona centro de Portugal, na região da Beira Alta (Beira Interior Norte), o Sabugal (ver figura 2) e é um dos catorze concelhos do distrito da Guarda possuindo 822,7 km<sup>2</sup> de área, comportando uma grande diversidade morfológica. A Norte faz fronteira com os concelhos da Guarda e de Almeida, a Oeste com aquela e também com Belmonte, a Sul com os concelhos do Fundão e Penamacor, a Este com Espanha, mais precisamente com as províncias de Salamanca e Cáceres (PINTO, 2013: 5). Este concelho possui trinta freguesias, entre as quais, Vila do Touro.



Fig.: 2: Sabugal e suas freguesias, com destaque para o sítio do Alto da Pena e Vila do Touro. Mapa elaborado com recurso ao programa *Q. Gis* 3.4.12, versão “Madeira”.

A área de estudo está enquadrada na grande unidade morfoestrutural de maior expressão no território de Portugal continental, ocupando praticamente 2/3 do território global, o Maciço Hespérico<sup>1</sup>. Este é constituído essencialmente por rochas magmáticas e rochas metassedimentares. Embora seja caracterizado com uma relativa uniformidade estrutural, é possível considerar algumas sub-regiões que correspondem às divisões geoestruturais deste maciço (FERREIRA, 2004: 9).

Este elemento morfológico reparte-se por várias zonas de evolução análoga, mas com características paleogeográficas muito diferenciadas, localizando-se o concelho na zona mais central da península, a chamada Zona Centro-Ibérica, composta fundamentalmente por granitos (do qual de origem eruptiva, o Granito das Beiras), xistos e materiais mais recentes de origem sedimentar. Dentro desta unidade e suas sub-unidades, o concelho do Sabugal encontra-se dividido através de três enormes frações geomorfologicamente diferenciadas (PINTO, 2013: 6), refletindo por isso uma área de vários relevos e características morfológicas.

Ainda que se constitua como uma área muito pouco estudada, havendo um grupo pequeno de autores que se debruçaram no seu estudo, como é o caso de Orlando Ribeiro, Lautensach, Susaze Deauve ou Brum Ferreira, (CLAMOTE, 2011: 10, 11), passaremos a analisá-las com a direção de Oeste para Este (ver mapa 2) e tentaremos compreender de que modo esta área moldou os comportamentos das sociedades na proto-história, ignorando a faceta mais específica dos moldes de formação geográficos.

Neste sentido, iniciamos com a Cova da Beira: localizada na zona ocidental do concelho do Sabugal, aqui registam-se as cotas mais baixas que são um resultado da erosão e do relevo sinuoso de forte declive (PINTO, 2013: 38), apresenta valores hipsométricos que vão desde os 200 aos 300 metros de altura. É uma área que terá sofrido um abatimento tectónico e que revela uma depressão assimétrica fortemente destacada constituindo-se assim como um relevo que se prenuncia visualmente na paisagem (RIBEIRO et al, 1987: 151) sendo que se nos posicionarmos no interior da sua bacia temos a possibilidade de observar perfeitamente os seus limites: do lado ocidental a Serra da Estrela, a sul pequenas elevações que se formaram entre a Serra da Malcata até à Serra da Gardunha e, por fim, a leste pelo contacto com a Meseta (CLAMOTE, 2011: 38).

A Cova da Beira detém 30 km de comprimento e 12 km de largura e encontra-se bem irrigada pelo rio Zêzere, que a atravessa longitudinalmente, e por três ribeiras (Meimoa, Caria,

---

<sup>1</sup> O Maciço Hespérico é também designado como Maciço Antigo ou Soco Hercínico.

Alcaria), e seus afluentes (RIBEIRO et al, 1987: 151). Os seus vales de solos essencialmente graníticos são campos de boa capacidade agrícola, onde predominam os solos de classe A (de utilização agrícola) e de classe C (de utilização agrícola condicionada) (SILVA, 2005: 13).

Ainda que nos pareça que a transição do contacto entre a Cova da Beira e a Meseta pareça à primeira vista caótico, numa segunda análise é visível uma organização em diversos níveis que da Cova da Beira à Meseta vão subindo de altitude de um modo paulatino (CLAMOTE, 2011: 45).

O Norte e o Sul de Portugal além de estarem ligados pela abertura que se encontra entre o Oceano e a Serra da Lousã, possuem também a “porta” da Guarda que se situa entre a Serra das Mesas e a Serra da Estrela: a peneplanície da Meseta Norte. Esta sobe de um modo muito suave até ao Sul e é descontinuada de um modo abrupto pelas bacias e planícies mais meridionais (RIBEIRO et al, 1987: 12). Esta superfície aplanada é a principal unidade morfológica da área em estudo e encontra-se perfeitamente conservada junto à fronteira onde ainda preserva na sua superfície as rochas antigas que lhe deram origem (PINTO, 2013: 28). Neste local, a erosão provocada pelas imensas ribeiras da bacia do rio Zêzere originaram vales estruturais, retilíneos e profundos (RIBEIRO, 1982: 38) permitindo a transição entre a Meseta e a Cova da Beira (RIBEIRO et al, 1987: 12). Assim, o planalto da Guarda/Sabugal denuncia prontamente uma passagem que permite uma circulação fácil entre o Norte e o Sul de Portugal (RIBEIRO et al, 1987: 12) permitindo uma constatação que em nada é dúbia: as populações do Interior não estariam fechadas só a si, o planalto da Guarda/Sabugal era não só uma passagem para os contactos das comunidades da proto-história, seria também um possível palco onde estas ocorreriam.

Por fim, localizado na zona mais a Sul de Sabugal, o setor que corresponde à Cordilheira Central Ibérica de origem tectónica, onde se registam as cotas mais elevadas. Caracteriza-se pelo conjunto das serras da Malcata com 1000 metros de altura, do Homem de Pedra com 1144 metros e Mesas<sup>2</sup>, com 1220 metros de altitude (PINTO, 2013: 33, 34 e 38). Este aspeto geomorfológico detém uma grande importância pois liga estreitamente certas zonas de Portugal com as regiões de Espanha. Esta unidade é um sistema de horsts escalonados que se enceta a leste, na Sierra de Guadarrama, passa pela Serra das Mesas e termina na Serra da Estrela, Açor e Lousã, assim como, através de um encadeamento paralelo passa na Serra da Gardunha

---

<sup>2</sup> Em Portugal a Serra das Mesas é o prolongamento da *Sierra da Gata*, que faz parte da Cordilheira Central Espanhola

(RIBEIRO et al, 1987: 11 e 12) o que poderia facilmente oferecer uma via de comunicação-quer de bens, quer de pessoas, quer de conhecimentos -entre estes vários locais.

De uma forma geral, estando o Sabugal localizado na transição entre a zona Norte, que se caracteriza por um relevo montanhoso, e entre a zona Sul, ao contrário daquele, com relevos planálticos; trata-se de uma região que canaliza e possibilita o movimento, condicionando o acesso e a circulação em certos corredores de passagem natural (VILAÇA, 1998a: 205).

Antecipadamente, e de acordo com o que fomos defendendo acima, é-nos possível inferir que quaisquer que fossem as comunidades que habitavam a área do Sabugal à época proto-histórica estas detinham a possibilidade de se deslocarem, tanto para o Norte através da Meseta, tanto para o Este ao longo da Cordilheira bem como para Oeste por intermédio da Cova da Beira. É viável imaginar um quadro de mobilidades bem preenchido com possibilidades de rotas conforme as necessidades e os desejos das comunidades. Por outro lado, aqui chegariam também diversos e múltiplos indivíduos vindos não só do território hoje português, mas também de Espanha (lado Este). Findamos assim a idealização de um Sabugal proto-histórico caracterizado por uma variedade de elementos culturalmente distintos confluindo para um ambiente diverso onde o necessário existia.

De encontro com esta abundância de variedade a riqueza hidrografia do concelho do Sabugal, não podia ser díspar. A hidrografia desde sempre teve conotações com uma ampla importância na descrição, caracterização e compreensão das comunidades e dos seus comportamentos. cremos pertinente solidificar a nossa ideia de que desde os primórdios da humanidade, até aos dias de hoje, os comportamentos e escolhas de um indivíduo - num plano individual ou comunitário - estão inteiramente relacionadas e condicionados pelo meio que (n)os envolve, de um modo mais material (por exemplo nas construções de estruturas ou produção de ferramentas), como também de um modo comunitário (contactos e trocas comerciais).

No que concerne à hidrografia, poderemos classificar a rede hidrográfica do Sabugal do tipo dentrítica, uma vez que é fortemente ramificada, dado que as linhas de água cobrem quase a totalidade o concelho. Este é drenado por bacias internacionais: pelo rio Douro na zona central e oriental do concelho, ramificando-se pelo rio Côa e Águeda; bem como pelo rio Tejo, na parte mais ocidental, dando origem às pequenas ribeiras afluentes do rio Zêzere (PINTO, 2013: 39, 40). Por isso, podemos destacar três frações de irrigação: a Cova da Beira fortemente irrigada pelos afluentes do Zêzere; duas zonas limítrofes do concelho – a NE e a SE – irrigadas por

afluentes do rio Águeda e a zona mais central do concelho onde é banhado pelo rio Côa e seus inumeráveis ramificações hidrográficas (ver estampa XXIV do anexo, página 259).

O rio Côa nasce na Serra das Mesas e atravessa todo o distrito da Guarda até desaguar em Vila Nova de Foz Côa, no rio Douro, cuja bacia hidrográfica é delimitada a Este pelas bacias do rio Mondego e ribeira da Teja ou pelo alinhamento das elevações de S. Cornélio, Cabeço das Fráguas, Serra da Estrela, Lapa e Leonil (MARQUES, 1935: 389), a Norte pelo Douro, e na vertente Sul pela Serra das Mesas (SILVA, 2005: 12). Dos seus 135 km de extensão, quase metade banham o Sabugal, sensivelmente 50 km (PINTO, 2013: 42) por este motivo este rio pode ser considerado como o principal elemento hídrico do concelho em virtude de ser aquele que se encontra em maior área de extensão, banhando quase toda a zona central.

O rio Águeda nasce em Espanha, e é afluente do rio Douro. Geograficamente a sua bacia hidrográfica estende-se por mais de 2600 km<sup>2</sup> pelas províncias espanholas de Salamanca e Cáceres, em Portugal apenas banha o distrito da Guarda, precisamente em três concelhos – Figueira de Castelo Rodrigo, Almeida e Sabugal. O rio serve ainda como fronteira natural entre os dois países (CAMPOS *et al*, 2013: 9 e 14)

Estes elementos hidrográficos detêm importância e destaque devido aos recursos aluviais que ofereciam às comunidades, dando-lhes a possibilidade de exploração das matérias-primas necessárias para a produção de riqueza conferindo-lhes poder, e neste sentido mostra-se fundamental salientar que esta região é marcada por um potencial mineiro bastante alto, cruzando cobre e estanho no Sul do Planalto Guarda-Sabugal e na sua transição para a Cova da Beira (VILAÇA, 1995: 71), bem como o facto desta região se encontrar inserida na província mineralógica do maciço hespérico, caracterizado por comportar duas espécies de mineralizações distintas: os jazigos de ferro e carvão vegetal e os jazigos de estanho, volfrâmio e ouro (SILVA, 2005: 18).

Assim, o concelho além daquelas interessantes unidades morfológicas e variedade hidrográfica detêm também recursos auríferos muito representativos que perfazem um outro dado muito importante: a riqueza ao nível dos recursos minerais metálicos, tanto qualitativa como quantitativa. Vejamos por exemplo a presença de estanho – catalisador de contactos entre Ocidente e Oriente- que se manifesta nas aluviões do Alto Mondego, de um modo global, em toda a região do Alto e Médio Zêzere incluindo os seus afluentes (VILAÇA, 2013: 194), como é o caso da ribeira da Gaia cujos depósitos apresentam-se como um dos mais ricos do mundo (MERIDETH, 1998: 47). A valorização desta região adveio também pela existência de cobre. Este presente no vale de Quarta Feira, nas minas que tão bem são conhecidas dado à descoberta

de um machado de talão de uma argola e ainda cinco machados de pedra polida (FERNANDES, 2013: 10; VILAÇA, 1995: 71) e ainda que, muito embora, sejam escassos os indícios da exploração remota destes recursos (VILAÇA, 2013: 194) os achados destes objetos utilitários denunciam, o que acreditamos ser a prática da exploração de minas que ocorreu nas minas de Quarta Feira ou outra próxima.

“Outra próxima” porque ao longo da ribeira de Quarta Feira são bem conhecidas inúmeras minas de intensa exploração que ocorreu no final do século XIX, com um aproveitamento específico de pirite e sulfureto de cobre, bem como cassiterite, recursos imprescindíveis para o fabrico do bronze (VILAÇA *et al*, 2004: 139). Estes dados bem demonstram o uso destes materiais por parte das comunidades bem como o seu uso na produção de ferramentas necessárias às atividades básicas de subsistência.

Nem só em território português estes recursos eram aproveitados. O rio Águeda, assim como os seus afluentes, permitiram desde cedo a sua exploração estando esta atestada, no lado espanhol em Linhares de Riofrío, onde foram encontrados inúmeros testemunhos em bronze desta atividade, em zonas próximas e em redor da sua bacia hidrográfica (SANZ *et al*, 2013: 12).

Num espaço de confluência de unidades geográficas bem marcadas não sendo apenas rico em contextos morfológicos que são caracterizadores da fisionomia da região e moldes para os comportamentos das sociedades, importa também referir e caracterizá-lo a um nível mais próximo das necessidades básicas à época da proto-história. Aliás, tal como Renfrew e Bahn (2015: 177), acreditamos que o ambiente e a dieta constituem dois dos fundamentais e cruciais fatores da vida humana que a Arqueologia necessita estudar. O ambiente “governa” a vida humana através da latitude, altitude e do relevo; o clima determina a vegetação, que por sua vez determina a vida animal. Estes dois últimos, em conjunto, caracterizam a dieta. E, todos em união, determinam como e onde os humanos viveram. Mediante esta perspetiva estabeleceu-se como uma análise basilar com a finalidade de compreender e caracterizar a região, não só a nível das necessidades produtivas, mas também a nível das necessidades diárias das comunidades que pudessem aqui assentar. Notamos que é naturalmente espectável que além da riqueza aurífera que demonstramos acima, a realidade natural que pudesse assegurar a dieta das comunidades seria também um fator de permanência, no nosso caso, dos grupos sociais proto-históricos. De outro modo,positor a este, mesmo que houvesse imensa riqueza a nível produtivo, mas não houvesse elementos que suportassem tal necessidade básica, talvez não fizesse sentido uma permanência continua na região.

Portanto, importa assim mencionar também as terras de cultivo e de pasto da região que ofereciam os meios indispensáveis para a permanência quotidiana das populações (VILAÇA, 2007: 41).

A presença de água num território permite o desenvolvimento de espécies vegetais quer sejam elas rasteiras, quer sejam elas arbóreas, logo num território densamente banhado por recursos hídricos era espectável uma paisagem rica em flora. Ainda que não dispúnhamos de muitas análises paleobotânicas para o quadro da Beira Alta, em concreto para a região do Sabugal, que nos possibilitem para uma caracterização global e segura, temos uma que de muitas que poderia haver será, certamente, a de melhor benesse.

Segundo análises de carvões e análises carpológicas efetuadas a elementos paleobotânicos presentes no setor II do Alto da Pena, durante as escavações efetuadas entre 2014 e 2015, poderemos com segurança afirmar que a paisagem arbórea que envolvia este povoado seria composta por *Quercus* (Carvalho), *Pinus pinaster* (Pinheiro Bravo) e *Cistus* (Esteva) (TERESO *et al*, 2020: 266). Através da análise carpológica é possível caracterizar parte da alimentação destas sociedades e também compreender que elementos eram cultivados. Em diferentes percentagens foram obtidos resultados para o *Panicum miliaceum* (milho comum), *Triticum aestivum* (trigo), *Hordeum vulgare* (cevada), *Vicia faba* (fava) e *Pisum sativum* (ervilhas). De outro modo, ocorrem também resultados para espécies selvagens que poderiam ser colhidas, como é o caso da *Avena* (aveia), *Festuca Poaceae* (gramídea), *Raphanus raphanistrum* (azedabrava) e *Rumex acetosella* (nabo silvestre), de referir que também estas espécies se encontram em percentagens diferentes (TERESO *et al*, 2020: 266). É bem patente a diversidade vegetal que era possível encontrar tanto num meio selvagem, como num meio mais domesticado. Este último denuncia fortemente uma atividade agrícola ainda que seja modesta, também ela caracterizadora de uma economia comum praticada em época proto-histórica.

No que concerne aos rios, estes são por si só um habitat que carrega uma vida aquática imensa, sendo um nicho perfeito onde as comunidades poderiam encontrar diversos peixes de natural ocorrência de água doce – como o salmão ou a truta – que pudessem suprimir as carências alimentares ou até completá-las.

Relativamente à fauna, usaremos dados disponíveis que dizem respeito aos povoados da Beira Baixa (Alegrios, Moreirinha e Monte do Frade) que pela fragmentação dos elementos faunísticos foi-lhes conferido um caráter de restos alimentares (VILAÇA, 1992:18). Atribuindo uma conotação de certeza em relação à dieta habitual de base animal.

Neste sentido o estudo arqueozoológico das amostras dos povoados supracitados identificou *Sus domesticus* (porco), *Capra hircus* (cabra), *Bos taurus* (boi) e *Oryctolagus cuniculus* (coelho) (ANTUNES, 1992: 34).

Contudo, temos bem presente o facto de que se estas espécies se manifestam nestes três povoados, tal não significa que poderão ser espetáveis noutros sítios arqueológicos. Este caso não poderá ser tomado como uma questão que não suscita dúvidas, muito menos poderá constituir-se como um quadro pleno e revelador das formas alimentares destas comunidades, no entanto continua a ser uma possibilidade que pudesse ser semelhante no Alto da Pena, o que não nos parece, totalmente obtuso dado tratar-se de uma mesma região e o mesmo período.

Esta última análise mostra-se de uma elevada importância para a caracterização e apreensão das atividades que as comunidades poderiam praticar. Notamos que esta descrição, que poderá parecer em momentos exaustiva, suportará uma contribuição para a noção da cultura material que possivelmente advirá. Referimo-nos, notoriamente, aos materiais que por si só poderão ser corroborações/objeções para a matéria que supra inferimos.

Então, é-nos assim possível considerar que as distintas áreas que possuem notadas características têm como produto uma diversidade de superfícies aplanadas que contrastam com outras de relevo robusto, porém todas elas bem irrigadas. É este ambiente geográfico, que conjuga em si condições climáticas e hidrográficas propícias, que as comunidades da Proto-História encontraram as bases para a sua subsistência (PINTO, 2013: 3) cujas marcas desta atividade ecoam até hoje através dos mais diversos vestígios como os povoados, as estelas, os materiais avulsos e as estruturas reminiscentes. Estas marcas são fruto, sem dúvida, de uma importante ocupação proto-histórica (VILAÇA, 2007: 41).

Sucintamente poderemos qualificar o concelho do Sabugal como um vasto território que configura um quadro de diferentes unidades geográficas, exatamente três: do lado mais Norte um setor territorial que corresponde à superfície da Meseta, do lado Sul a Cordilheira Central e a Oeste a zona fértil da depressão da Cova da Beira (ver estampa XXIII do anexo, página 259), realidades hídricas bem patenteadas pelo rio Côa e pelos afluentes do rio Zêzere e Águeda (ver estampa XXIII do anexo, página 259); pelos vastos recursos metálicos, como o cobre, estanho e ouro, que existem ao longo da ribeira de Quarta Feira bem como nos aluviões do Zêzere e Águeda.

Poder-se-á também concluir que a região planáltica da Guarda/Sabugal, os montes da Cordilheira e os vales da Cova eram regiões interligadas entre si pela existência de diversas passagens naturais e de “corredores de circulação” que neste tempo seriam também percorridos



e criariam pontes com as zonas circunvizinhas (VILAÇA, 2013: 193). É também por isto e tendo em conta a caracterização efetuada que é bem perceptível a área vasta, diversa e rica do concelho do Sabugal que, ao longo de várias escalas de tempo da Arqueologia, proporcionou às comunidades que aqui habitavam as conjecturas necessárias à sua permanência e sobrevivência - exemplo disso é o sítio do Alto da Pena.

## 2 – O sítio do Alto da Pena

Uma vez que o estudo de uma ocupação que ocorre num lugar subentende um limite de área a que esta se circunscreve, é pertinente localizar de um modo geográfico o lugar do Alto da Pena. Assim, partindo para uma análise geográfica de cunho antrópico poderemos situar a freguesia de Vila do Touro no concelho do Sabugal na sua zona mais Noroeste que é localizado através da informação da Carta Militar de Portugal nº215 pelas seguintes coordenadas: 40° 25' 05.30" N e 7°06'23.93" W. O sítio arqueológico alvo de investigação, o Alto da Pena, faz parte desta freguesia (ver estampa XXV do anexo, página 260).

Como esta caracterização em muito foge das nossas necessidades, e que apenas nos ajuda a referenciar este espaço no território de Portugal continental, não nos informando em nada sobre a sua orografia, hidrografia e sobre os recursos naturais, algo imprescindível para compreendemos, num plano mais avançado (capítulo VI), a integração do povoamento numa perspetiva regional, partiremos para uma análise mais adelgada, condizente com as necessidades deste estudo.

Assim, é num maciço rochoso a 833 metros de altitude em relação ao nível do mar, que se localiza o nosso caso de estudo, o Alto da Pena (ver estampa XXV dos anexos, página 260). Deste topo obtêm-se um admirável autodomínio visual que se mostra muito eficaz no controlo da paisagem envolvente, constituindo por isso um verdadeiro posto de observação e um eficiente poder do território, cujo contexto geomorfológico é marcado predominantemente por xisto e granito (OSÓRIO, 2005: 35 e 36). Também descrito, de um modo muito simplista, por Carlos Henrique Gonçalves Jorge (1990: 15), este sítio está localizado em altura entre “dois rochedos e montes de pedra sobre pedras de pouco préstimo”. Daqui é possível observar muitas serras da raia, como a Serra da Gata e a de Penha da França (OSÓRIO, 2021: 31). Aliás, o domínio que é exercido pelo sítio do Alto da Pena em relação a todo o vale da Ribeira de Boi e o amplo campo visual do território adjacente que se estende tanto para Norte como para Este, em direção à bacia do rio Côa, e que em boas condições climatéricas, a visibilidade que é patente

a partir do sítio demonstra-se bastante notória e eficaz para um posto de observação e de controlo territorial (SILVA, 2005, Vol. II: 26). É precisamente nesta circunstância topográfica e morfológica que encontramos um modo para compreender o facto de este núcleo ser um exemplo de uma ocupação proto-histórica a que lhe segue um assentamento medievo, reiterando ainda mais a ideia de um poder excepcional da paisagem que decorreu, pelo menos, até à época Medieval.

Contudo, a ocupação que aqui sobreveio foi muitíssimo condicionada pela formação do maciço, de configuração oblonga no sentido NW-SE, marcada por vários desníveis topográficos interrompidos por rochedos graníticos que conceberam distintas plataformas de favorável habitabilidade. O assentamento populacional recuado à Proto-história parece ter obedecido a um modelo que se baseava em pequenos núcleos separados, sendo que já foram identificadas duas áreas com estruturas de ocupação preservadas: setor II e setor III. No primeiro foi identificada uma estrutura pétreia subcircular; no segundo, buracos de poste (OSÓRIO *et al*, 2017: 138). Caracterizaremos melhor o que revelaram as intervenções em Vila do Touro no capítulo IV deste trabalho.

O fenómeno que ocorre no Alto da Pena, a sua ocupação e conseqüente abandono constitui uma problemática arqueológica não só deste sítio, mas também de outros contemporâneos como é caso de Caria Talaia<sup>3</sup>. Situado em Ribacôa terá sido a sua situação geográfica, descrita acima, que despoletou o interesse das comunidades que viram o sítio como um local que possuía, e possui, um intenso e diverso domínio da paisagem de onde seria possível observar outros povoados proto-históricos<sup>4</sup> como é o caso de Cabeço das Fráguas, Serra Gorda, S. Cornélio e Sabugal Velho.

Fatores como os que apresentamos anteriormente não foram exclusivos. Se olharmos para o mapa da orografia e o comparamos com a localização exata do Alto da Pena (ver estampa XXIII do anexo, página 259) é possível observar que este se localiza na superfície da Meseta e domina grande parte do vale da Ribeira de Boi (afluente do rio Côa). Ora, pegando em matéria anteriormente desenvolvida sabemos que parte do concelho do Sabugal insere-se na Meseta, o que possibilitou de um modo natural, a circulação de pessoas e, conseqüentemente, de bens, portanto era espectável que as comunidades que habitaram este local mantivessem contactos

---

<sup>3</sup> O cabeço de Caria Talaia atinge 794m de altura (mais baixo de que o Alto da Pena) e pertence à freguesia de Ruvina. A intervenção arqueológica que aqui ocorreu ente 2008 e 2009 revelou uma ocupação humana datável de Bronze Médio e início de Bronze Final (VILAÇA *et al*, 2020b: 79 e 81).

<sup>4</sup> Todos os povoados aqui enumerados a nível cronológico incidem sobre a Idade do Bronze e Idade do Ferro (SILVA, 2005, Vol. II: 20 – 27; VILAÇA *et al*, 2020: 119) podendo haver ou não uma continuidade de ocupação entre a primeira idade e a segunda.

com o Sul e com o Norte. Todavia, não querendo engradecer o Alto da Pena, mas sim defender uma posição ciente do seu enquadramento e das suas possibilidades, queremos lembrar que, segundo Paulo Pinto (2015: 23), a superfície da meseta prolonga-se também para Este do rio Côa até ao planalto de Castela-a-Velha já em território espanhol. Assim, não podemos descartar uma possível mobilidade para o território vizinho, pelo menos para já, ou seja, com a análise dos materiais daqui provenientes, decorrente do capítulo IV, seremos capazes de provar, ou refutar, esta possibilidade que aqui introduzimos de um modo cauteloso. No que diz respeito à Ribeira de Boi, concomitantemente com a informação que já descrevemos, a hidrografia detinha um papel fundamental na vida quotidiana das sociedades passadas, este fornecia alimento, mas também produtos para a produção de ferramentas, deste modo é compreensível a escolha deste sítio para um assentamento.

Como nos foi possível analisar e compreender anteriormente onde caracterizamos a região do Sabugal, a Vila do Touro, antigo distrito da Guarda, está localizado num núcleo de imensa diversidade morfológica que é altamente comprovada pelos três setores que diferenciamos e cujas características são muito distintas entre si. Esta vasta área possuiu ainda uma imensa riqueza de recursos naturais quer sejam eles hídricos ou auríferos, aliados ao poder paisagístico que o Alto da Pena detém. Posto isto, é-nos possível então indicar estes três aspetos como os fundamentais, aqueles que levaram as comunidades a se estabelecerem no Alto da Pena. Seria também a importância que toda a região da Beira Alta possuía à época nos contactos comerciais e consequentes trocas que despoletaram a atenção destas comunidades que viram nos valiosos recursos uma oportunidade de exploração e posterior comércio; conjuntamente a sua situação morfológica cujos acidentes geográficos que tão bem caracterizam a região, são um pretexto e uma eventualidade para as deslocações das comunidades que motivam as chegadas e partidas deste sítio para outros e vice-versa, desencadeando contactos entre comunidades distintas, e, consequentemente, a absorção de cultura material.

Os achados metálicos do sítio, mais concretamente um machado, cujo paradeiro é desconhecido, revelam e reforçam a ideia da sua importância na transição do Bronze Final para a Idade do Ferro (VILAÇA, 2007: 45). É também com a descoberta de alguns elementos cerâmicos de fabrico manual que uma forte possibilidade de ocupação proto-histórica fora enunciada (CORREIA, 1988: 284), possibilidade essa que veio a ser atestada pelas intervenções arqueológicas que foram aqui realizadas, dentro e fora do recinto amuralhado. Entre os anos de 2014-2018 foi possível obter evidências concretas sobre esta ocupação, possivelmente, recuada

a inícios do I milénio a.C. (OSÓRIO, 2021: 31). Debruçamo-nos sobre o assunto no capítulo IV.

### **Capítulo III** – O povoamento, a cultura e a comunidade do Bronze Final e Ferro Inicial na região do Sabugal

*Se a Arqueologia antropológica reconstrói os factos económicos, sociais e ideológicos e os explica, a Arqueologia da paisagem mostra como é que as comunidades se organizaram em relação ao espaço que compartilharam.*

Jorge de Alarcão (1999: 8)

A análise neste capítulo far-se-á à semelhança da restante construção desta tese: de um modo mais longínquo aproximamo-nos do objeto. Deste modo poderemos defini-la como uma análise adelgada: partiremos da caracterização do povoamento de um modo global, de seguida caracterizaremos a sua cultura material através dos objetos encontrados em contexto de escavação ou de modo avulso e conseqüentemente as comunidades a partir daqueles. Este estudo caracterizador será seguido, sempre que possível, de exemplos. Aqui optamos por analisar o território sabugalense na sua totalidade com vista a conhecer a maior variabilidade de contextos para posteriormente conseguirmos representar o nosso caso de estudo nesta conjuntura, também para a perceção das semelhanças ou dissemelhanças da realidade do Alto da Pena com a região que o circundava, e para o qual seria um importante palco para a vida quotidiana das comunidades e dos seus indivíduos – pelo menos, assim pensamos. De outro modo, se acharmos conveniente, iremos mesmo aportar exemplos fora da nossa delimitação territorial – também para não correremos o risco de caracterizar um nicho e não uma realidade ampla do território português.

Dado que o nosso objetivo é a compreensão inclusiva de um todo que tinha a proto-história nesta região, cremos imprescindível descrevê-la e caracterizá-la para o seu entendimento e assimilação de um modo mais global possível. Começaremos assim por esclarecer a cronologia do período da Proto-história. Embora não haja sintonia no que diz respeito a esta matéria entre os investigadores portugueses, facto que poderá ser explicado pelas diversas formas de análise, metodologia ou até de distintas realidades regionais (VILAÇA, 2013:191), é aceite que esta compreende as designadas Idade do Bronze Final e a Idade do Ferro (VILAÇA, 2007: 39). É geralmente caracterizada através de uma intensa transformação dinâmica, onde o território e as comunidades sofrem distintos estímulos exógenos, havendo incorporação e adaptação de materialidades e novas conceções, que servirão de pilar para uma paulatina formação de hierarquia social, ainda que remanesçam determinados aspetos da Pré-história (ALMAGRO-GORBEA, 1998: 85; VILAÇA, 2007b: 39; VILAÇA, 2008: 372;

VILAÇA, 2020: 292). Mais concretamente, segundo Raquel Vilaça (2007b: 39), este é um período que entrecorre entre os finais do II milénio e início do I milénio a.C.. Esta será a baliza cronológica com a qual trabalharemos.

## 1. O povoamento

Posto isto, como poderemos caracterizar e esboçar uma imagem congruente do território com estes múltiplos processos de mudança, neste espaço temporal? Primeiramente, sabemos que na região do Sabugal, ao nível do povoamento proto-histórico verifica-se um processo de concentração das populações em lugares destacados e individualizados no espaço, e em contrapartida, de um modo mais atenuado e disseminado dá-se a ocupação de encostas suaves e de terras baixas (VILAÇA, 2007b: 40). Esta dupla localização pode ser comprovada ao analisarmos os povoados da Idade do Ferro no Alto Côa em que se verifica que na área nascente os povoados ocupam os relevos poucos elevados e destacados correspondendo a topos quartzíticos ou a esporões sobranceiros às principais linhas de água, e em alguns casos é-nos possível observar a existência de povoados abertos de reduzida visibilidade; por outro lado os povoados que se situam no lado ocidental ocupam os topos dos principais relevos de fronteiras naturais e caracterizam-se pela sua elevada altitude e pelas abundantes defesas naturais, e são uma referência constante na paisagem (OSÓRIO, 2009: 97).

É possível então inferir que mesmo que o povoamento tenha conhecido certas tipologias mais usuais pelas comunidades como os assentamentos em elevações - tal como São Cornélio - é possível também encontrar aqueles que se dissimulam na paisagem e situam-se em planície, como é o caso do povoado de Matrena que se localiza numa suave elevação pouco destacada.

Deste modo, no Bronze Final é possível verificar uma mudança na estratégia de povoamento ou uma tendência para os locais de implantação destacados no território, mais íngremes e com um controlo visual da região envolvente, tirando também partido das características do relevo para uma proteção e/ou delimitação do espaço interno. A preocupação com a visibilidade não visava apenas o território, esta era estendida aos povoados vizinhos, criando uma rede de intervisibilidade, o que coloca a hipótese de uma cooperação e solidariedade entre grupos (ESTANQUEIRO et al, 2016: 300), uma vez que estes povoados seriam construídos em relevos acentuados, poderiam, mesmo num horizonte vasto e alargado, serem vistos (VILAÇA, 1998a: 206).

É precisamente no início do Bronze Final que se inicia um novo sistema de uso do território para assentamento: os “povoados de altura” constituem-se como uma solução cada vez mais comum e dão origem a uma ideologia complexa acerca da construção do povoamento que envolve “lugares-centrais” e sítios “subsidiários” que se encontram ligados entre si precisamente com a finalidade de proteger o território em que se inscrevem (SENNA-MARTINEZ, 2013: 173).

É apenas na Idade do Ferro que os povoados aumentam o seu perímetro e é generalizada a edificação de estruturas defensivas (ESTANQUEIRO et al, 2016: 301), o que patenteia uma preocupação de proteger o território explorado pela coletividade.

E se este território é pautado por sítios de altura, há também aqueles que, por outro lado, se localizam em baixas altimetrias. O sítio do Carrascal, Fóios e Matrena constituem-se como sítios arqueológicos que não ocupam um topo de um cabeço elevado, todavia, todos eles apresentam testemunhos materiais e estruturais que prontamente denunciam uma feição proto-histórica. Estes sítios correspondem ao que se designa geralmente por “povoado aberto” (OSÓRIO, 2005: 40) e que pela sua humilde visibilidade acabam por se dissimular na paisagem, sendo mais difíceis de detetar do que os povoados em altura.

Assim, os “povoados de altura” e os povoados “abertos” coexistiram, e se por um lado esta realidade poderá demonstrar diferentes necessidades dos grupos da Proto-história, por outro, haverão semelhanças partilhadas pela maioria que são necessárias apontar. Estas semelhanças podem ser demonstrativas de preocupações latentes em qualquer construção por qualquer comunidade ou indivíduo, demonstrando por isso os requisitos mínimos para escolha do território e conseqüente assentamento.

Neste sentido, na tentativa de encontrar alguma prerrogativa não desprezível, mas que por outro lado, fosse constituída como um denominador apropriado e comum nos sítios proto-históricos de toda a região do Sabugal, tanto nos povoados em altura, tanto nos povoados abertos, cremos de referir a articulação da maioria dos povoados de se encontrarem junto a linhas de água ou a uma proximidade muito conveniente - e interessante de observar.

O quadro<sup>5</sup> que ora se apresenta (figura 3), onde o certo (“✓”) significa asserção e a interrogação (“?”) significa apenas que não possuímos informações teóricas suficientes para a sua caracterização, consegue sistematizar a nossa análise:

---

<sup>5</sup> Os sítios arqueológicos aqui analisados foram eleitos através da consulta – efetuada a 19 de junho de 2020 – do Portal do Arqueólogo com filtro para sítios arqueológicos proto-históricos como povoados/povoados

<i>Sítio arqueológico</i>	<i>Povoado de altura</i>	<i>Linhas de água próximas</i>	<i>Povoado aberto</i>
1. Sabugal Velho	✓	✓	
2. Sabugal	?	✓	?
3. Senhora do Castelo	✓	✓	
4. Serra da Opa	✓	?	
5. São Cornélio	✓	?	
6. Serra das Vinhas/ Cabeço dos Mouros	✓	?	
7. Caria Talaia	✓	✓	
8. Alto da Pena	✓	✓	
9. Castelos de Ozendo		✓	✓
10. Matrena		✓	✓
11. Vilar Maior	✓	✓	
12. Castelejo	✓	?	
13. Serra Gorda	✓	✓	
14. Carrascal		?	✓
15. Seixo Branco		✓	✓

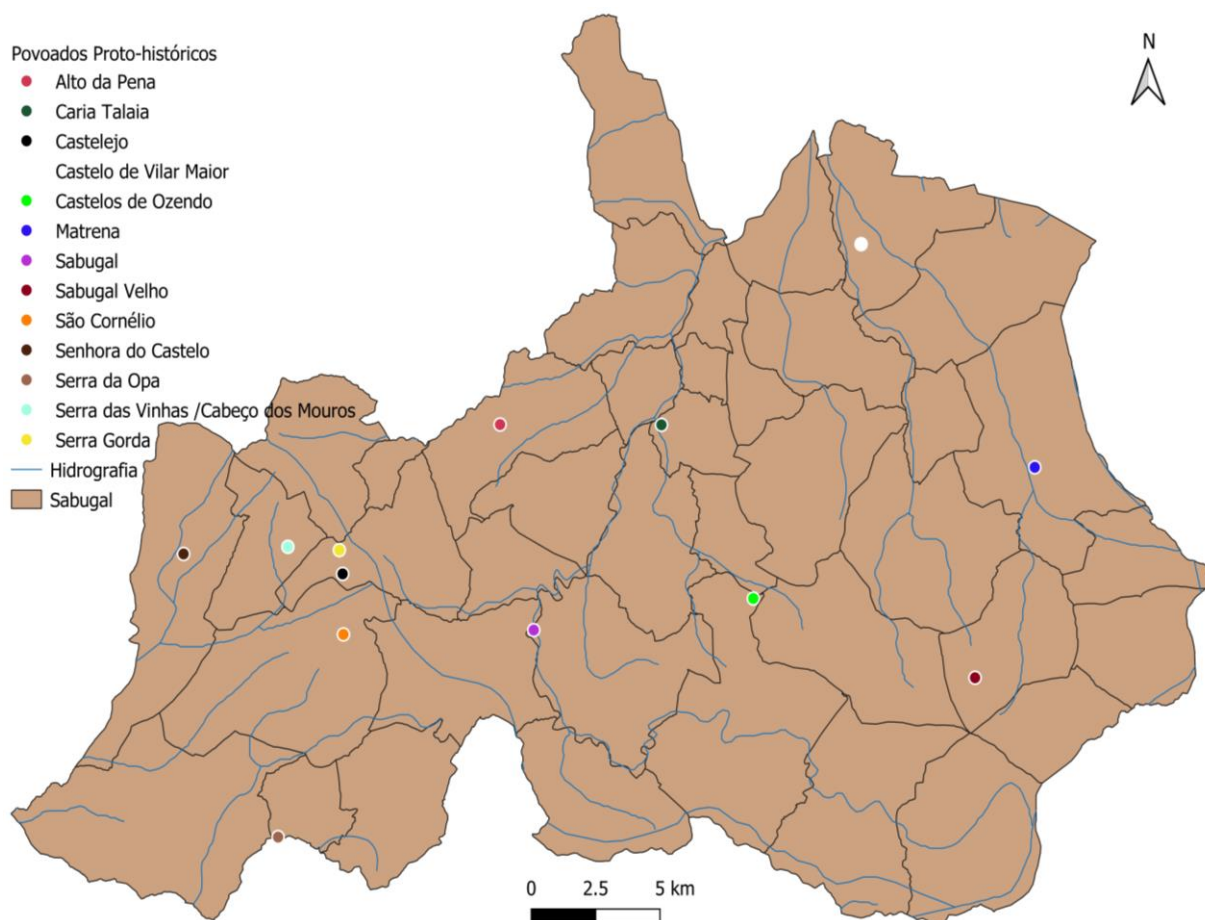
**Fig.: 3:** Quadro dos sítios Proto-históricos com estruturas existentes e a sua proximidade a linhas de água.

Pela análise do quadro acima apresentado onde consideramos 15 sítios proto-históricos da região, percebemos que destes, 10 estão próximos de linhas de água. Ressalvamos que estes sítios possuem estruturas remanescentes à superfície que são concludentes com vestígios de ocupação, porém nem todos têm intervenções arqueológicas. Estes 10 sítios encontram-se ou em vales de linhas de água ou em locais próximos de. Dos restantes 5 não possuímos informação suficiente para este dado. Ainda assim, a maioria dos sítios enumerados encontram-se perto de recursos hídricos. Poderemos assim, com alguma segurança, defender que a proximidade a um curso de água seria um fator que pesaria na escolha de um sítio para as comunidades proto-históricas. O mapa que apresentamos em seguida, figura 4, demonstra bem a ideia que defendemos. Como referimos anteriormente no capítulo II, o concelho do Sabugal é profundamente bem irrigado, de tal forma que no mapa é bem notória a proximidade dos povoados com as linhas de água que existem em todo o concelho. Em alguns casos, como o Alto da Pena, o Castelo de Vilar Maior ou Caria Talaia, é visível a proximidade a duas linhas de água.

---

fortificados, excluindo todas as restantes possibilidades incluindo a dos achados avulsos (entradas com sombreamento branco). A restante informação condizente com o aspeto de linhas de água próximas e situação topográfica, teve como base as seguintes referências bibliográficas: OSÓRIO, 2005: 38 – 41; OSÓRIO, 2010a: 61-64; PERNADAS et al, 2015: 189-191; VILAÇA, 2004: 138. Os últimos sítios (sombreamento cinzento) não se encontram referenciados no Portal, foram identificados através da consulta da bibliografia supramencionada.





**Fig.: 4:** Mapa da relação dos sítios arqueológicos Proto-Históricos com as linhas de água, à exceção do sítio do Carrascal, Fóios, Quarta-Feira e Seixo Branco, pois não possuíamos coordenadas precisas.

Mapa elaborado com recurso ao programa *Q. Gis* 3.4.12, versão “Madeira”.

Como vemos de um modo geral os assentamentos em altura poderiam auferir de prerrogativas que os que se situavam em planaltos não possuíam. A visibilidade intercomunitária, o avistamento de possíveis inimigos à distância, o controlo do território, a percepção dos recursos que os rodeavam e o conhecimento do meio, bem como das possíveis comunidades que partilhavam o mesmo território dentro da sua área de visibilidade; seriam situações que beneficiavam o quadro do poder comunitário realçando a imagem de que nem sempre os relevos mais acentuados poderiam ser considerados como impedimentos às atividades das comunidades proto-históricas, mas sim como um estimulador para estas pelo menos em dois sentidos: certamente deveria constituir-se como um verdadeiro desafio construir um povoado numa elevação do que num planalto, assim como tornar-se num local onde houvesse subsistência das populações – uma vez que teriam que percorrer toda a elevação para procurar os meios necessários para tal – como água, vegetais e frutas próximas bem como

recursos para a produção de ferramentas utilitárias (fabrico de machados, de cerâmica, entre outros).

Mesmo tendo esta ambivalência topográfica, os povoados do Bronze Final, poderão possuir também uma ambivalência funcional, estes não poderão ser somente encarados como lugares onde se viveu e se desenrolaram as distintas ações domésticas, pois é neles que também se realizaram atividades culturais e rituais (VILAÇA, 2000: 34).

Por vezes é fácil de acreditar que neste período de transformação e de mudança que muitas vezes trazia consigo sentimentos de incerteza e insegurança havia lugar para conflitos e guerras entre coletividades. Porém, o contrário é também passível de tratamento - a ideia de que seriam comunidades com relações comunitárias, quanto mais não fosse ao nível de trocas de bens dentro da mesma área territorial, ou até que tivessem uniões para a proteção de um território comum, é neste sentido possível ponderar as redes de povoamento.

Sem pretendemos prolongar este assunto, importa finalizar com a certeza de que estes sistemas de povoamento não são a negação de comunidades autónomas que se distinguiam de outros, são pelo contrário, o indício de que estas lideranças e grupos funcionariam de uma forma íntegra, solidária e coesa onde, como admitimos anteriormente, o lugar de conflitualidade manifesto e efetivo seria parco (VILAÇA, 1998b: 211), porém existia.

## 2. O lugar habitado

Muito embora a escolha do local, seja ele mais íngreme ou mais baixo, cremos desde logo que os lugares de habitação durante o Bronze Final – Ferro Inicial, assumiram um papel de imenso valor, uma vez que eram locais de aglutinação das práticas e reproduções sociais (VILAÇA, 1998a: 206).

No que diz respeito à organização interna destes povoados observa-se que as estruturas habitacionais são muito rudimentares e funcionalmente pouco aproveitadas, com dimensões reduzidas cujos diâmetros rondavam em média 4 metros (VILAÇA, 2013: 203), e sem delimitações espaciais conhecidas, isto é, sem compartimentos para as distintas necessidades diárias dos seus ocupantes, sendo que o mesmo espaço serviria para múltiplas e diversas atividades não havendo uma preocupação com a organização funcional dos mesmos.

Em geral, o espaço habitado é uma estrutura simples e de algum modo frágil. Assente em base pétreia, em que em alguns casos poderá ser fortalecida com uma dupla fiada, as suas

paredes eram erguidas através do uso da argila, da madeira, e de outros elementos vegetais (VILAÇA, 2013:203).

Na sua maioria estes espaços domésticos tendem para uma planta de pendor circular e são polarizados por estruturas de combustão cuja função não se terá vinculado apenas ao fornecimento de calor e de luz, mas também terá servido como suporte às atividades domésticas várias. Estas estruturas seriam construídas em argila, fragmentos de cerâmica e pedra (VILAÇA, 1995b: 129). Fora da cabana, seria uma construção também com uma função de aglutinação e coesão social, detendo deste modo um lugar primordial na vida da comunidade do povoado. A preparação e consumo de alimentos pelo grupo; tratamento de peles e produção metalúrgica (entre outros) compartilharam o mesmo espaço (VILAÇA, 1998b: 208) e terão tido possivelmente os mesmos produtores (VILAÇA, 2013: 202).

Deste modo, as construções e edifícios reminiscentes desta época sintetizam-se, com raras exceções, a estruturas rudimentares habitacionais e/ou com eles correlacionadas estruturas de lareiras, muretes, pisos, empedrados, entre outros, que não possuem qualquer caráter monumental (VILAÇA, 2000: 31).

É já no decorrer para a Idade do Ferro, que estas estruturas habitacionais sofrem aquilo que alguns investigadores denominam como a “quadratura do círculo” uma vez que a planta retangular se torna dominante (TEWS, 2018: 49). É também nesta fase que se regista novas preocupações que se prendem a uma forma de distinção social, há a decoração de determinados pavimentos, que outrora já existiam em terra batida ou em argila, tal como foi possível observar no sítio da Cachouça (Idanha-a-Nova) (VILAÇA, 2013: 203).

Apesar das alterações verificadas, é o caráter incipiente da arquitetura doméstica destes povoados que contrasta em muito com a complexidade dos mecanismos sociais que conduziram as comunidades destas regiões a integrarem-se em redes de trocas de materiais que, numa última análise, funcionavam à escala europeia (JORGE et al, 1990: 241).

### 3. Os materiais e as pessoas

Apesar de, mais à frente, no capítulo V, nos focarmos apenas no estudo dos materiais cerâmicos do Alto da Pena, cremos aqui que é imprescindível um olhar a mais alguns dos tipos de materiais que faziam parte do dia-a-dia das comunidades. Optamos por fazê-lo não só pela grande variedade material que encontramos no território do Sabugal e que para nós, seria errado ignorar, mas como também, como referimos anteriormente, temos como objetivo caracterizar o melhor possível as sociedades que aqui passaram para a sua melhor compreensão.

Contrariamente à separação que efetuamos acima entre o povoamento e o lugar habitado, notamos que a análise dos materiais e a caracterização das pessoas será feita em conjunto. Esta metodologia advém da nossa ideia de que os materiais não poderão ser dissociados das pessoas já que acabam por ter uma relação de simbiose, isto é, uma relação de influência mútua, visto que enquanto objetos estes moldam o comportamento de práticas sociais, e enquanto pessoas estas fazem a sua produção baseada nas suas necessidades diárias.

Sabemos que, é nos primeiros séculos do I milénio a.C. que as comunidades desta região sofrem um processo de mudança (VILAÇA, 2005 :17), algo que é fortemente espelhado nos materiais dispersos.

Relativamente ao grupo que mais expressividade possui no território em estudo dado aos múltiplos achados, a cerâmica de tradição do Bronze Final sofre uma descontinuidade assinalável na passagem para o Ferro. Esta questão é observável tanto a nível da técnica de fabrico, da cozedura e do repertório formal. Estas novas incorporações pelas comunidades, revelam a aceitação não só de uma tecnologia nova, mas também de uma estética formal e estilística inéditas (VILAÇA, 2005: 405 e 406).

São portanto as cerâmicas de “tipo Carambolo” presentes em Vila do Touro, no seu setor III (PONTE *et al*, 2017: 138); as de “tipo Cogotas” que encontramos na Serra Gorda e no Castelo do Sabugal; as “penteadas” exumadas no Sabugal; a cerâmica estampilhada proveniente do Sabugal Velho mas também daquele (VILAÇA, 2008: 83); o recipiente em tronco de cone invertido exumado em Caria Talaia que é obviamente caracterizador de Proto-Cogotas e de Cogotas I – (VILAÇA *et al* 2020: 106) denunciam fortemente a adoção de um cariz complexo quer nas formas, quer nas decorações que moldavam uma região que não poderá ser dissociada de influências ou de evoluções culturais perante estes achados.

Efetivamente, se pensarmos apenas na perspetiva económica destas comunidades estas eram agro-pastoris e metalurgistas. Conseguimos caracterizá-las deste modo devido aos achados de vários moinhos e de mós que comprovam uma atividade agrícola ainda que modesta e pouco compatível com a acumulação de excedentes. Através dos restos faunísticos foi possível concluir a presença de cabra, porco e boi na alimentação destas comunidades, o que demonstra a sua faceta pastoril. No que concerne ao segundo ponto da atividade económica das populações no período proto-histórico, os imensos materiais e ferramentas encontradas em diversos contextos asseguram uma metalurgia generalizada e com cariz doméstico. Os cadinhos, os moldes, os instrumentos de trabalho e os próprios produtos desta atividade, ainda

que simples e de uso mais comum, patenteiam uma atividade praticada em pleno (VILAÇA, 1998a: 208).

Retomando uma ideia expressa anteriormente, onde caracterizamos estas sociedades segundo uma feição pacificada o achado da espada de Vilar Maior, vem comprovar a nossa ideia de que uma possibilidade de tensão é bem possível. Segundo Rodrigues esta terá sido encontrada juntamente com cerâmicas e escórias de fundição próximo da localização do Castelo (RODRIGUES, 1961: 11). Esta descoberta casual da espada de lâmina pistiliforme em bronze constitui um dos mais importantes achados metálicos do Bronze Final (PERNADAS et al, 2015: 190 e 191).

Partindo para um universo mais estético e muito devido aos múltiplos achados de objetos que não estão ligados ao trabalho, à produção ou à caça, é possível antever um cuidado e tratamento do corpo por parte destes grupos, sendo que esta preocupação e atenção à apresentação do indivíduo é patente e refletida em materiais de adorno. Tomemos como exemplo objetos como:

- As fíbulas que encontramos testemunhos em todo o território e a sua proveniência é variada: Aldeia Velha, Alfaiates, Castelo de Alfaiates, Castelo Vilar Maior, Vilar Maior e Sabugal Velho. A sua tipologia é também ela variada, deste modo tipos como Ponte 9a (*Acebuchal*), Ponte 13d (*Cuadrado 4f*), Ponte 24b/2, Ponte 32c, Ponte 32, Ponte 33b e Ponte A53.1 (PONTE, 2014: 19-20) poderão ser encontrados entre os testemunhos; a somar ainda a fíbula do Cabeço das Fráguas de tipo Ponte 10 (*Becarrón*) (SANTOS e SCHATTNER, 2010: 102) e duas encontradas no setor III do Alto da Pena que constituem exemplos dos tipos Ponte 8a/1.2 e Ponte 10b/2 – ambas designadas por “fíbulas tartéssicas” (PONTE *et al*, 2017: 139-140). Estes objetos não nos mostram apenas o cuidado e a preocupação com a apresentação do indivíduo mostram também os possíveis contactos que as fíbulas desvendam.

Neste sentido estes materiais que consideramos como adornos pessoais e indicadores de elites, colocam em evidência os contactos com grupos sociais externos (ALMAGRO GORBEA, 1992: 655) como é o caso do Sudoeste peninsular contando com a larga difusão na Andaluzia, Levante, Meseta (fíbula tipo Ponte 8a/1.2 - *Alcores*), Extremadura e a área da Beira Interior (Ponte 10 – *Bencarrón*), faixa atlântica portuguesa (Ponte 9a), meseta oriental, vale do Ebro e Sul do Médio Tejo (Ponte 24b/2), Noroeste peninsular, Meseta Norte e Aquitânia (Ponte 33b) (PONTE, 2014: 9-13). Portanto a partir da análise dos tipos de fíbulas e a sua dispersão, concluímos que a região do Sabugal terá assistido a um forte contacto com regiões distintas não somente de Portugal, mas também de Espanha e da Aquitânia.

- As contas de colar; não obstante da possibilidade de possuírem elementos diferentes na sua constituição – como âmbar, cornalina ou vidro, e por, consequência origens distintas – são outro objeto de adorno que poderia transmitir poder e status social. As suas cores certamente marcariam destaque a quem as usasse e seriam assim marcantes para a distinção de alguns indivíduos. Destacamos as contas de Sabugal Velho, Sabugal, Vilar Maior, Castelos de Ozendo e Cabeço das Fráguas (consulta do catálogo online do Museu do Sabugal).

- Os tecidos. Estes deverão ter sido também eles relevantes na distinção da pessoa ou até de uma comunidade. Ainda que não tenhamos qualquer vestígio arqueológico, estes terão feito parte da construção do mundo estético destas comunidades. Se traçarmos uma abordagem cabal e imaginarmos uma comunidade que se cobria com as mesmas cores e padrões de tecidos, obviamente, seria reconhecida facilmente. Os tecidos poderiam ser vistos como um cunho na sua identidade; se optarmos por um universo mais fechado e que se centre apenas no indivíduo, o líder seria aquele que usaria o tecido mais sumptuoso, vistoso e elegante para ter destaque entre os demais. Defendemos assim, com cautela – uma vez que não há vestígios arqueológicos – que os tecidos seriam parte da construção cultural das sociedades.

Esta temática ganha outra relevância porque autores, como Yasmina Gutiérrez (1997: 133), defendem que durante o Bronze Final ocorre uma série de contactos e dinâmicas de fluxos comerciais que consequentemente despoletam a chegada de elementos de prestígio à Península Ibérica, e paralelamente, aparece a decoração geométrica na cerâmica. Este facto demonstra a influência que os tecidos teriam na vida social, ao ponto de as sociedades os reproduzirem em objetos de uso quotidiano e por isso banais: as cerâmicas adotam agora prerrogativas de um objeto que simbolizaria poder.

A importância destes elementos de uso nem obrigatório nem imprescindível, mas sim talvez banhados de um carácter ostentoso, remetem-nos ao possível poder inerente que o culto da imagem e do corpo poderiam conceder a um indivíduo dentro de uma comunidade, e fora dela, tornando-o mais importante e concludentemente “dominador”, não só por se distinguir dos outros, mas por possuir determinados objetos que poderiam não estar ao alcance de todos. Embora este aspeto seja pouco debatido entre os investigadores, este teria certamente lugar entre as comunidades e que segundo Raquel Vilaça (2000: 36) este tratamento e apresentação do físico terá integrado também parte da construção e da representação simbólica no Bronze Final.

Tendo em vista este panorama global que acabamos de descrever, se numa primeira análise somos levados a pensar que por estarem localizadas nas zonas mais periféricas do

continente europeu, as comunidades deste território mais ocidental, que se encontram afastadas dos centros-motores do Mediterrâneo e da Europa, poderão ser intolerantes a outras comunidades de diferentes crenças ou conhecimentos, é nos materiais exumados onde encontramos manifestos que nos demonstram a obrigatoriedade de distanciar esta imagem caracterizante que se torna desfasada da realidade passada. É, através da variedade material e dispersão pelo território sabugalense, demonstrada a capacidade versátil das comunidades indígenas que terão sido eficientes em conceber, produzir e reproduzir instrumentos de acordo não só com as suas necessidades, mas também de acordo com o que incorporavam de outras coletividades, culminando assim num repertório artefactual que se difunde entre as cerâmicas de uso comum, de momentos ritualizantes, instrumentos de culto do corpo ou de trabalho.

Por conseguinte, deveremos classificar uma cultura material que não se molda só ao básico de necessidades, mas ter também em análise todos os outros que serviram para cuidar e tratar do indivíduo e das suas preocupações estéticas.

É então possível, tendo como base um vasto registo de influências de carácter exógeno, sobretudo dos elementos da cultura material, revogar esta ideia de isolamento (SILVA e GOMES, 1993: 14), uma vez que, quer seja de âmbito atlântico, quer mediterrâneo ou até mesmo continental a presença de determinados bens cujo fabrico, origem ou conceção é, sem inseguranças, alógeno desta região, é suficiente para vermos o panorama de outro modo.

A matéria-prima, como o vidro e o âmbar báltico das contas de colar, como a tecnologia empregue nos objetos de ferro, como peças cuja função era desconhecida até então – são todas demonstrações que comprovam a abertura destas comunidades que apesar de se situarem numa periferia teriam um espírito de abertura para incorporar novos horizontes e conhecimentos, incluindo esta região nas rotas “internacionais” de intercâmbio que na altura deveriam ocorrer (VILAÇA, 1998: 208). Deste modo, a atividade mercantil não possibilitou apenas novos saberes ao nível da produção prática dos produtos com valor, mas também ao nível do social onde haveria espaço para permutas de ideias, crenças, rituais, e conhecimento acerca de outros assuntos que não se prendesse meramente com a produção.

**Capítulo IV** – As intervenções arqueológicas e os dados da escavação do sector VI

*Archaeologists look for and find sites; they record sites; they collect and/or excavate sites; they interpret sites; and incredibly, they even date sites.*

Robert Dumell (1992: 21)

Devido ao projeto que visava a construção de uma escadaria que levaria os visitantes ao topo do sítio do Alto da Pena a fim de o tornar mais acessível, as intervenções arqueológicas revestiram-se de um carácter obrigatório e determinante para o conhecimento arqueológico. Conhecia-se à priori que esta localidade detinha um passado histórico e abundantes achados arqueológicos que provam ocupações recuadas à proto-história e admitindo que os trabalhos da construção desta escadaria iriam, seguramente, provocar grandes revolvimentos de solo e gerar impactos negativos nos níveis arqueológicos do mesmo, foram intervencionadas várias áreas deste sítio. Neste sentido foram realizadas várias sondagens prévias nos pontos onde se previa que o solo fosse sofrer maior afetação considerando as zonas do relevo com maior potencial arqueológico. Foram intervencionadas as áreas quer do espaço exterior quer do interior do traçado amuralhado, o que originou os diversos sectores de intervenção. Por consequência e como já previsto, no decorrer dos trabalhos foram descobertas diversas ocorrências arqueológicas relativas ao período de construção do castelo, bem como vestígios de uma fase anterior à própria fundação desta fortificação.

Do sítio do Alto da Pena não existiam quaisquer informações dado que este nunca teria sido intervencionado, contudo conhecia-se o aparecimento nos terrenos e nas encostas do morro de alguns vestígios de ocupação datáveis do I milénio a.C. como é o caso do machado, de mós de vaivém e de cerâmica manual; estes vestígios levariam à suspeita de um assentamento da Idade do Bronze com eventual continuidade para a Idade do Ferro.

Os trabalhos arqueológicos que então decorreram entre os anos 2014 e 2018, foram autorizados a Marcos Osório, a Paulo Pernadas (município do Sabugal) e a Raquel Vilaça (Faculdade de Letras e Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra) e contaram com a participação de outros funcionários municipais como da colaboração de voluntários da licenciatura e mestrado de Arqueologia da Universidade de Coimbra.

A intervenção arqueológica assumiu três principais objetivos (PERNADAS et al, s.d: 5) que de um certo modo são distintos entre si:

- a) o primeiro prendia-se com o desejo de efetuar a leitura das zonas que iriam sofrer maior afetação com o projeto de iluminação monumental do castelo e conseqüente espaço



lúdico, estas áreas seriam a da construção da rampa de acesso desde a porta principal de entrada até à cumeada;

- b) por outro lado, queria-se requalificar as ruínas dos edifícios preservados na vertente nordeste do castelo que estariam encostadas à muralha;
- c) e por fim, o objetivo de obter dados sobre a ocupação antiga que teve lugar no Alto da Pena

Foi neste sentido e tendo como base estes objetivos primordiais que se abriram sondagens pontuais em locais mais elevados do terreno que não tinham sido afetados pela edificação da fortificação, que ocorreu em meados do século XII, e que por esse motivo preservassem os testemunhos estratigráficos, estruturais e materiais que fossem homólogos ao período mais antigo e que fossem eficientes de uma rigorosa definição cronológica mas que permitissem também uma determinação da mancha de ocupação deste sítio.

Deste modo foram abertas 12 sondagens faseadas com diversas orientações e dimensões. Devido às diferenças topográficas e as especificidades geológicas da área o espaço foi dividido em 7 setores distintos, todavia no decurso dos trabalhos foi imperativo abrir mais sondagens, a do setor VIII e os alargamentos que ocorreram no setor III e no VI. Por expressa falta de tempo os trabalhos apenas ocorreram em 6 dos 7 setores previamente definidos sendo que no setor VII não foi aberta qualquer sondagem, por outro lado o setor VIII não estava estipulado no plano de trabalho, porém devido à existência de algumas formações rochosas esta zona acabou por ser intervencionada o que pôs a descoberto a existência de estruturas e níveis de ocupação. Esta intervenção culminou nos trabalhos de 7 setores ainda que um deles, este último, não tenha sido planeado inicialmente (ver estampa XXVI do anexo, página 260).

Ainda que defendamos a ideia que de um sítio deverá ser estudado na sua integridade, tal situação não se coaduna com as possibilidades do tempo possuído e com os objetivos deste trabalho. Por isso, foquemo-nos no setor VI e na campanha que decorreu no ano de 2018, o que será tratado neste estudo e aquele que merece uma maior atenção neste momento. Este setor, situado no interior da muralha, corresponde à zona superior que se define entre dois maciços rochosos onde se abre o atual acesso e que se vira para sudoeste. Infelizmente foi utilizado para área de intenso cultivo o que acabou por marcar e destruir toda a fisionomia desta zona, designadamente a construção de vários socalcos que acabou por desvirtuar o setor devido aos desmontes, aterros e entulhamento de outras terras, deste modo a jazida estratigráfica encontra-se, sobretudo nas primeiras camadas, alterada e em parte danificada.

## 1 – A contextualização do sector VI e sua descrição estratigráfica<sup>6</sup>

A primeira intervenção ocorrida neste setor remonta ao ano de 2014 e correspondeu a uma quadrícula de 2 metros por 2 metros, perfazendo uns 4 metros quadrados que com o continuar das intervenções sofreu um alargamento significativo. Esta sondagem iguala-se na orientação da malha criada para os setores IV e V que acompanhou o alinhamento da porta de entrada da fortificação.

Os primeiros vestígios arqueológicos deste setor foram revelados já na unidade estratigráfica 03: uma mancha de cinza à qual estavam associados um fundo de cerâmica de cronologia incerta e alguns barros. Nada mais fora descoberto nesta unidade. Já no estrato 05 aparecem os primeiros vestígios proto-históricos – materiais cerâmicos decorados – que poderiam ser provenientes dos entulhamentos ou de escorrimento de terras de cotas superiores. Esta sondagem não sofreu mais intervenções por ter sido dado por concluída, até ao promissor achado proveniente de uma simples limpeza de um dos cortes: uma fíbula de bronze, por isto, em 2017 retoma-se os trabalhos nesta sondagem e o primeiro alargamento da mesma, sucessivo por mais quatro, perfazendo uma área de intervenção final de 17,5 metros para este setor.

Apesar desta sondagem ser dividida em 10 quadrículas trataremos apenas de cinco delas – A1, A'1, A'2, B'1, B'2 – uma vez que, são as únicas das quais possuímos materiais cerâmicos proto-históricos, sendo que as demais quadrículas e consecutivamente estratos possuem um interesse reduzido ao nosso estudo, pois detêm uma cronologia distinta da que delimitamos anteriormente. São assim um interesse resvalado neste estudo.

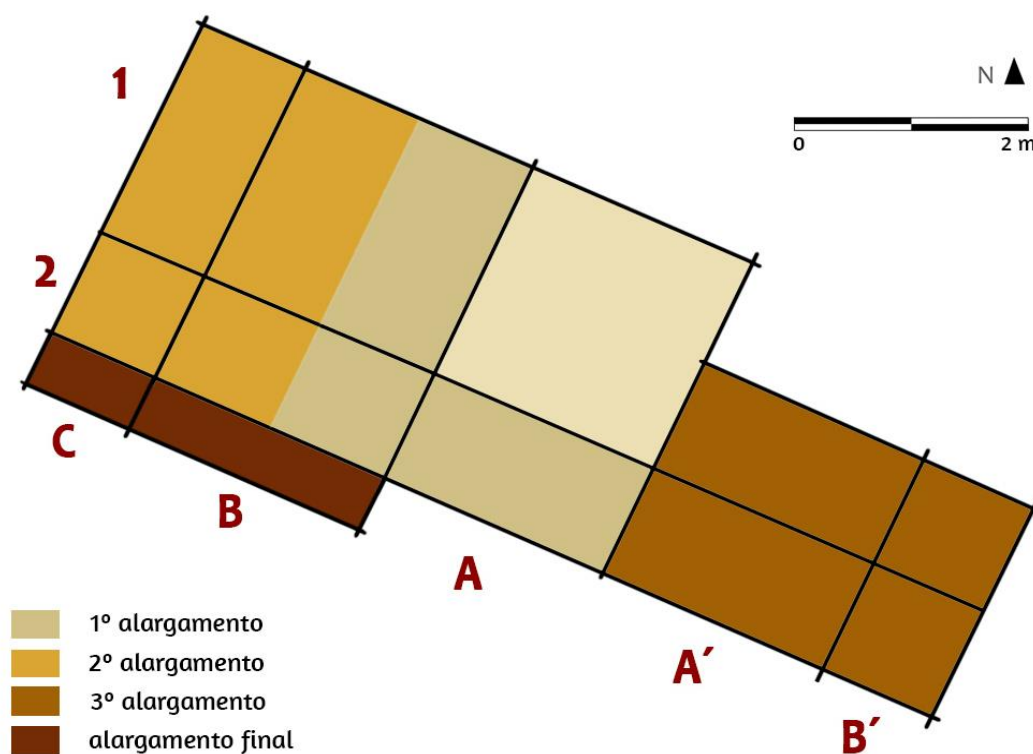
Considerando de uma relevância sobeja a apresentação do contexto e registo estratigráfico, neste momento far-se-á uma listagem da estratigrafia e a sua descrição geral, exercício que consideramos essencial para a compreensão e interpretação de fases de ocupação e do conhecimento dos contextos de exumação dos materiais provenientes.

Note-se que em todas as quadrículas que trataremos em seguida a escavação ocorreu totalmente (ver estampa XXX, página 262), isto é, cessou apenas no afloramento rochoso. Dado aos sucessivos alargamentos e conseqüente abertura de novas quadrículas as suas unidades estratigráficas ocorrem sempre de 1 para  $n$ , querendo isto dizer que nas diferentes quadrículas haverá estratos com números iguais, por esta razão faremos a exposição estratigráfica faseada pelos alargamentos que aqui ocorreram, sem prejuízo, num momento mais avançado deste

---

<sup>6</sup> As informações que aqui apresentamos tiveram o seguinte documento como suporte bibliográfico: PERNADAS, Paulo; OSÓRIO, Marcos; VILAÇA, Raquel (s.d). “Relatório da intervenção arqueológica no Castelo de Vila do Touro”, no prelo.

trabalho, de uma análise e estudo conjunto e global de todas as unidades, estruturas e materiais do sector VI. As diversas unidades, quadriculas e alargamentos são organizados respeitando a prossecução atribuída durante os trabalhos arqueológicos e o seguimento do relatório (veja-se



**Fig.: 5:** Representação da intervenção do sector VI e seus alargamentos. Fonte: PERNARDAS *et al*, s.d: 8. a figura 5).

Sondagem inicial que corresponde à quadrícula A1:

**[01]:** Camada de superfície de cor castanha, pouco compacta e fina. Composta por pedras de pequena dimensão, alguns fragmentos de telhas e cerâmica de cronologia Medieval. Depositava-se sob a 02.

**[02]:** Camada de cor castanha e solta. Trata-se de um estrato de nivelamento que terá servido o terreno para o cultivo agrícola. Detinha alguma cerâmica de cronologia Medieval. Assentava sob a 03 e antecedia a 01.

**[03]:** Camada mediamente compacta de cor cinzento-escuro, de textura fina. Compunha-se por alguns fragmentos de cerâmica comum doméstica, barro, cinza e algumas pedras com tamanho médio. Nível possivelmente associado a uma estrutura de combustão. Antecedia a 02 e depositava-se sob a 04.

**[04]:** Camada de cor cinzenta, mediamente solta e muito fina. Tratava-se de uma mancha de cinza composta por material construtivo (telhas) e por cerâmica comum doméstica. Estrato sob a 05 e anterior à 03.

**[05]:** Camada de cor cinzenta, de terra mediamente solta onde, como previamente referimos, apareceram os primeiros fragmentos cerâmicos de fabrico manual com cronologia proto-histórica, detinha também várias pedras roladas sem uma aparente contextualização. Este nível poderá ser de aterro. Encontrava-se antes da 04 e depositava-se sob a 06.

**[06]:** Camada de terra de cor cinzenta e muito fina. Corresponde a um estrato de cinzas sem materiais e carvão associado. Assentava sob a 07 e encontrava-se antes da 05.

**[07]:** Camada de terra acastanhada escura, muito compacta e mediamente granulosa, com fragmentos de granito desfeitos. Detinha alguns fragmentos de cerâmica manual proto-histórica e uma fíbula de bronze. Depositava-se imediatamente sob o afloramento rochoso e antes da 06.

Primeiro alargamento, decorrente da descoberta da fíbula na camada 07, que corresponde às quadrículas A2, B1, B2, C1 e C2, que como supradefinido, não iremos abordar.

Já no segundo alargamento, para a vertente localizada a sudeste da sondagem, onde foram abertas mais quatro quadrículas, a A'1, A'2 (ver estampa XXVII, página 261), B'1 (ver estampa XXVIII, página 261) e B'2, as camadas mostram-nos o seguinte:

**[01]:** Camada de terra superficial de cor castanha, pouco compacta de textura fina com muita vegetação, pedras e alguns fragmentos de telha. Na remoção deste nível foi possível recolher alguns materiais cerâmicos de cronologia vária. A parte norte desta sondagem é delimitada por dois grandes afloramentos graníticos. Esta deposita-se sob a 02.

**[02]:** Camada de terra de cor castanho-escura, pouco compacta e de textura fina, era composta por raízes, pedras e telhas medievais fragmentadas, bem como cerâmica de cronologia proto-histórica, apareceram ainda metais, muito forjados. Deposita-se sob a 03 e 04, antecedendo a 01.

**[03]:** Pequeno murete que surgiu na parte intermédia do alargamento. Era constituído por pedra granítica não trabalhada de tamanho médio e grande. A sua estrutura formava-se por duas fiadas de pedras. Depois de registado foi removido concluindo-se que não havia continuidade, foram ainda recolhidos alguns elementos cerâmicos que não facultaram cronologia. Procede a 02 e assenta sob a 04.

**[04]:** Camada de cor escura, mediamente compacta de textura muito fina. Era composta por raízes, telhas muito fragmentadas e algumas pedras pequenas. A cerâmica recolhida

correspondia aos períodos tanto medieval como proto-histórico. Esta encontrava-se desenvolvida por toda a área alargada sendo intercetada, na sua parte central, pelo muro. Deposita-se sob a 05 e encontra-se imediatamente antes da 02.

**[05]:** Camada de terra muito escura, mediamente solta e de textura fina, composta por pedras de granito soltas, cerâmica comum, fragmentos de quartzo e uma mó em granito. Nível de deslizamento e abandono com espólio cerâmico e lítico de cronologia proto-histórica. Deposita-se sobre aa 06 e antes do 04.

**[06]:** Camada de terra de cor muito escura, solta, fina e composta por pedras soltas de vários tamanhos. Esta unidade estratigráfica é uma continuação do nível anteriormente descrito: nível de deslizamento e abandono, porém tinha menos cerâmica. Foram ainda descobertos dois possíveis buracos de poste escavados no afloramento. Estes eram muito idênticos entre si e tinham cerca de 13cm de diâmetro por 10,5cm e 14cm de profundidade. Destes negativos foram recolhidos elementos de carvão e um conjunto de possíveis bolotas/sementes carbonizadas com cerâmica comum em sua volta. Imediatamente acima da camada 09 e antes da unidade 05.

**[07]:** Conjunto de pedras em granito de grandes dimensões que se concentravam junto ao afloramento rochoso na quadrícula A'1 e que ladeavam buracos de poste descobertos. Depositava-se sob a 09 e antecedia a 06.

**[08]:** Estrutura em negativo de forma subcircular escavada no afloramento rochoso que apareceu junto com os buracos de poste, possuía 37cm de diâmetro e 18,5cm de profundidade. A terra que preenchia a estrutura possuía um tom cinzento-escuro e era pouco compacta. Foram encontrados alguns fragmentos cerâmicos. No exterior, a separar os buracos de poste desta estrutura apareceu um “corredor” em negativo também escavado na rocha, porém sem fragmentos. Tanto os buracos de poste, como as duas estruturas em negativo estavam circunscritos à quadrícula A'1. Antecedia a 06 e depositava-se sob a 09.

**[09]:** Camada muito escura e bem compacta. Tratava-se de um possível piso de circulação onde apareceram muitos materiais cerâmicos *in situ*. Foram recolhidos também núcleos de carvão, bolotas, quartzo e o fragmento de uma mó dormente. Precede à 06 e depositava-se sob a 10.

**[10]:** Conjunto de pedras em granito de pequeno e médio porte que não detinha qualquer orientação e relação entre si. Antecedia a camada 09 e assentava sob a 12 e circunscriviam-se às quadrículas B'1 e B'2.

**[11]:** Grande núcleo argamassado com um formato oval que se concentrava na quadrícula B'2. Apresentava uma cor alaranjada, muito compacta e barrenta com alguns fragmentos cerâmicos na sua composição. Depositava-se sob a 13 e antecedia a 09.

**[12]:** Bolsa de enchimento natural de cor muito escura, mediamente compacta e de textura fina. A terra que a definia era composta por pedras de grande e médio porte, alguma cerâmica comum e um fragmento de mó. Circunscrevia-se às quadrículas B'1 e B'2. Depositava-se sob o estrato 13 e 14, antecedendo o 10.

**[13]:** Camada de terra amarelada, muito fina semelhante ao saibro solto, sem materiais arqueológicos. Esta unidade resultou da remoção das unidades estratigráficas 11 e 12 e era circunscrita às quadrículas B'1 e B'2. Antecedia a 12 e depositava-se sob o afloramento rochoso. Relacionava-se com a 14.

**[14]:** Camada de terra de cor cinzenta, textura fina e bastante compacta, possivelmente argamassada que correspondia às quadrículas A'1 e A'2 e que se concentrava junto ao afloramento. Depositava-se sob a 15 e antecedia a 12. Relacionava-se com a 13.

**[15]:** Camada de terra cinzenta pouco compacta e muito fina. Detinha raízes, pedra miúda e alguns fragmentos cerâmicos. Esta unidade associava-se à anterior e tratava-se de um nível final que ocupava quase todo o afloramento rochoso ocupando as quadrículas A'1 e A'2. Antecedia a 14 e depositava-se imediatamente sob o afloramento.

### 1.1 A sua interpretação: fases e estruturas

Torna-se importante elaboráramos uma síntese da descrição que concluímos anteriormente para melhor entendimento. Apresenta-se assim, na figura 6, o que pretende ser uma ferramenta para a análise e estruturação das relações axiais, bem como a visualização do sítio do sector VI. Para uma análise em conjunto com outros elementos, reportamos também os materiais que das respetivas unidades estratigráficas foram exumados, para que consigamos apontar possíveis funcionalidades das estruturas relacionando-as com aqueles – este breve apontamento não substitui a consulta do inventário, presente no anexo deste trabalho, para informações mais detalhadas. Notamos que, para algumas unidades não temos informações da cultura material, uma vez que este não foi estudado, por não ter oferecido qualquer fragmento de material cerâmico.

<i>Possíveis estruturas</i>	<i>Unidade estratigráfica onde se encontrava</i>	<i>Materiais relacionados</i>
<i>Conjunto de pedras em granito que ladeavam buracos de poste</i>	07	Sem informação
<i>Conjunto das estruturas em negativo: 2 buracos de poste, sulco, estrutura subcircular</i>	08	3 bojos lisos que se encontravam dentro da estrutura subcircular (ver anexo de inventário)
<i>Possível piso</i>	09	400 elementos de fragmentos cerâmicos (ver anexo de inventário)
<i>Possível lareira?</i>	11	Sem informação
<i>Possível piso?</i>	14	Sem informação

**Fig.: 6:** Síntese que relaciona as estruturas, as unidades estratigráficas e os materiais exumados no contexto Proto-Histórico do sector VI.

No que diz respeito às estruturas descobertas neste setor que aportam para o período da Proto-história poderemos identificar estruturas “em positivo” que aludem à estrutura pétreas, e a dois pisos; por outro lado as estruturas “em negativo” que englobam dois buracos de poste, um sulco e uma estrutura subcircular.

Relativamente às estruturas pétreas.

É na camada 07 que aparece um conjunto de pedras de grande porte, de granito, que ladeavam as estruturas negativas. Infelizmente, não temos informação de quaisquer materiais exumados. Todavia, não possuímos qualquer suporte fotográfico, o que não nos permite fazer qualquer inferência válida, ou conhecer a estrutura em si.

Em relação ao piso encontrado na camada 09 já nos é possível uma maior contribuição dado ao conhecimento da cultura material aqui recolhido. Além dos elementos cerâmicos de feição proto-histórica (analisados em capítulo futuro - V) dos quais alguns se encontravam *in situ*, foi também possível recolher algumas bolotas, núcleos de carvão e um dormente. Estes materiais de feição doméstica, em relação à alta compactidade da terra de cor cinzenta escura,

são para nós, factos inegáveis de um piso de circulação, isto é, de uma fase de ocupação do sector VI.

Por outro lado, no que respeita à estrutura positiva da camada 14 não possuímos materiais ou dados suficientes para ilações seguras e concretas. Poderemos apenas caracterizá-lo como uma base argamassada e lisa, que detinha uma compactidade elevada. Esta não se cingia apenas a uma área restrita, mas estendia-se pelo alargamento das sondagens A'1 e A'2. Estes dois factos, a alta compactidade oferecida através da existência de argamassa e a sua relativa extensão, levam-nos a pensar, com alguma segurança, que esta fosse um piso.

Finalmente, a estrutura de combustão que achamos ter existido na camada 11. É pelo uso de uma argamassa laranja que se concentra numa configuração ovalada, e pelos materiais cerâmicos associados (que não foram alvo de estudo neste trabalho) que poderemos encetar a possibilidade desta estrutura. Nas camadas seguintes, são referidas pedras de pequeno porte que não têm uma organização entre si. Este facto, leva-nos a ponderar se estas não estariam possivelmente relacionadas com a argamassa laranja.

A terminar a análise, restam-nos as estruturas em negativo.

Estas (camada 08) estão relacionadas entre si, dado a sua proximidade e relação (ver estampa XXIX do anexo, ver página 262).

Começemos pelas estruturas que identificamos como buracos de poste. Do ponto de vista construtivo são simples e não possuíam qualquer remate que os delimitasse, estavam escavados no afloramento rochoso e possuíam 13 cm de diâmetro. Um deles possuía 10,5 cm de profundidade, o outro 14 cm. Não possuímos informações nem da configuração do fundo nem do seu perfil. Estes buracos apresentam-se de forma dupla, o que poderá corresponder a duas realidades distintas. Por um lado, poderiam ter detido um uso simultâneo o que daria um suporte mais sólido à construção. Ideia que se coaduna com o longo período de permanência e com as estruturas que atrás identificamos, a possível lareira e o piso da [09]. Por outro, poderá ser uma evidência de substituição. Sabemos que os postes, eram troncos de madeira, sendo esta um material perecível, é natural que houvesse a sua necessidade de troca, e, por isso, a necessidade de abertura de um novo buraco de poste muito próximo ao que outrora existia. Contudo, ambas as situações corroboram uma estadia prolongada. Infelizmente, não conseguimos definir a sua planta, ficando esta questão em aberto.

A escassos centímetros localizava-se a estrutura subcircular escavada na rocha. Esta possuía 37 cm de diâmetro e uma profundidade de 18,5 cm, demonstrando que seria relativamente maior do que as dimensões dos buracos de poste. Facto este que nos levou a



perceber que aqueles dois seriam estruturas diferentes desta. O seu enchimento caracterizava-se por uma terra de cor cinzento-escuro com alguns fragmentos cerâmicos, precisamente apenas três (consultar inventário para a unidade estratigráfica 08). A parca presença de materiais cerâmicos e a ausência de outros materiais dentro desta estrutura, ou relativamente próximos, assim como de outros elementos correlacionáveis a atividades não nos permitem associar-lhe uma função. De todo o modo, sabemos que estes tipos de estruturas poderão ter funções de armazenamento de cereais ou sementes; ou, por possuir poucos fragmentos cerâmicos, poderá deter uma função de descarte.

A separar estas duas estruturas estaria o sulco – também ele escavado na rocha. Este possuía orientação este-oeste e era preenchido pela terra da mesma cor que a anterior, mas sem fragmentos cerâmicos. Encontramos apenas paralelos para esta estrutura no Cerro de Cabezelos, cuja estrutura se encontrava adossada a uma cabana e foram interpretadas como possíveis recintos de armazenagem de cereais (VILAÇA, 1995: 268). Os únicos vestígios de sementes carbonizadas estavam adjacentes aos buracos de poste, deste modo não os poderemos vincular diretamente e com segurança a esta estrutura.

Em suma, as estruturas que identificamos e que abordamos parecem ter assumido funções diversas e que em determinados casos não conseguimos apontar com segurança a uma função específica, apontando por isso apenas guias para, quiçá, um estudo futuro com outros resultados e informações. Podemos, no entanto, concluir que há efetivamente um esforço para preparar o espaço habitado, o que corrobora a ideia que estabelecemos no início do trabalho, a implementação deste sítio terá sido meditada.

É com a existência de buracos de poste e de piso que é fortemente denunciado um caráter relativamente peregrino deste local. A existência da camada 09 com materiais *in situ*, cujas terras estariam bem compactas; a camada argamassada 14 evidenciando uma preocupação com a manutenção do espaço, são estruturas que nos mostram o tempo despendido a preparar o local.

Igualmente, alguns destes aspetos, como a existência de pisos argamassados, prendem-se seguramente, segundo Binford (1988: 199-201), a um maior período de residência.

## Capítulo V – A análise e estudo dos materiais

*...um caco no chão não é apenas o seu presente de caco no chão, é também o seu passado de quando não o era, é também o seu futuro de não saber o que virá a ser.*

José Saramago (2000: 182)

Dado à capacidade de conservação dos recipientes cerâmicos, estes são um dos artefactos que mais importam num estudo arqueológico e que nos permitem hoje caracterizar vastos aspetos civilizacionais quando analisamos a decoração ou a forma, por exemplo.

Com o passar do tempo estes objetos, cuja existência é atestada por fragmentos de variadas formas e tamanhos, tornaram-se num meio de expressão cultural e social (CRUZ e CORREIA, 12: 2007), de modo que uma caracterização com um teor mais coletivo é até, talvez, caracterizador dos ideais das sociedades passadas. A importância deste objeto foi tornando-se, ao longo dos anos, significativamente acrescido para as comunidades, levando-as a uma dependência do mesmo. O que começou por possuir funções básicas, como a de cozinhar, armazenar e servir, assume agora um papel mais profundo, algumas cerâmicas são consideradas objetos de prestígio, e outras usadas em rituais. Então, numa visão global e funcional destes materiais, poderemos considerá-los revestidos de um carácter circunstancial vário, uma vez que são usadas em distintas atividades quer do foro social, quer do foro produtivo.

É devido a este carácter que a cerâmica permite obter informações acerca de muitos aspetos relacionados com o estudo de um povoado: permitem identificar elites com base na sua decoração; possibilitam ainda a localização de contactos através da sua área e locais de dispersão, o seu conhecimento técnico; a sua economia; alguns aspetos sociais e crenças rituais, por exemplo.

Assim, os campos de estudo das cerâmicas, qualquer que seja a época em causa, são diversos, desde os estritamente tecnológicos, morfológicos e estilísticos, até aos de carácter cronológico, passando ainda pelos domínios económico, social e simbólico (VILAÇA, 2007: 12).

Como defendemos no capítulo II o Alto da Pena estava localizado numa região cujos diversos materiais descobertos no vasto território atestam uma dinâmica de trocas e de influências exógenas. Questionamos por isso, se os materiais que ora analisamos nos provam ou negam esta ideia inicial para a ocupação que aqui ocorreu.

Devido a uma análise extensa, este será o capítulo mais moroso e mais analítico do nosso trabalho e para simplificar a análise e compreensão do universo em estudo, optamos por sintetizar a informação em tabelas e gráficos, facilitando também a leitura do mesmo.

Uma vez que a tecnologia possui uma dimensão social, dado que os comportamentos tecnológicos, dependendo das relações sociais de produção, serão também um modo de expressão, de negociação social, e de estruturação do poder (INGOLD, 1990: 9 e 10), não poderemos limitar a tecnologia apenas ao seu fabrico e modo de produção, consideramos que esta terá sido também um fator de integração social (VILAÇA, 1997: 365). O objetivo que guiará este capítulo é o de compreender que conhecimentos técnicos a comunidade deste sítio conhecia para a produção de cerâmica e conseqüentemente suportar uma datação para a sua ocupação. Numa segunda fase (capítulo VI) seremos capazes de inserir o Alto da Pena num contexto regional através da análise da cultura material que aqui tem lugar (e como supracitamos contextualizar o sítio de um posto de vista social), tendo em conta os contactos possivelmente estabelecidos e compreender a sua importância numa conjuntura mercantilista e económica na Proto-história.

### 1. Os objetivos e a metodologia

Como expomos anteriormente, esta análise ao espólio tem como objetivo conhecer a tecnologia que era dominada pelas comunidades do Alto da Pena conduzindo a uma baliza cronológica para o sítio; como também de canalizar a análise – em fase posterior para capítulo VI – da decoração ou determinação de tipos cerâmicos para uma apreciação comercial no sentido de detetar contactos e/ou influências.

Para conseguirmos cumprir os objetivos a que nos propomos é necessário adotar uma metodologia que nos permita trabalhar o espólio do modo correto e que nos destine às observações fundamentais para a correta apreensão das circunstâncias materiais.

Para isso tornou-se imperativo elaborar o inventário de todo o conjunto cerâmico: iniciamos com a distribuição dos materiais por unidades estratigráficas com o intuito de entender qual seria a dispersão do material pelo sector VI assim como da quantidade de espólio que possuíamos para estudo.

Não havendo uma norma concreta para o tratamento de espólio, e acreditando que cada abordagem à cultura material deverá ser feita preservando a clareza, síntese, e o mesmo critério para todo o universo dos materiais de um determinado sítio, optamos por inventariar de um

modo individual cada unidade estratigráfica. Assim, este inventário possui uma contagem de 1-*n* em cada uma das sete unidades (dado que os materiais das restantes seriam de outras épocas que não Proto-histórica e que por esse motivo não importam ao tratamento neste estudo). Esta escolha prendeu-se com a facilidade de manuseio, acesso e tratamento. Ao diminuir o número de fragmentos a serem estudados em momento distintos, permitiu-nos focar de um modo mais concreto às problemáticas em estudo, aplicando-as através das mesmas normas e as mesmas questões para todos os materiais de todas as camadas estratigráficas. Além de que este tratamento nos possibilita uma análise comparativa facilitada entre cada uma unidade estratigráfica, alcançando de modo mais considerável as problemáticas da produtividade, do avanço tecnológico e decorativo, por exemplo, que decorre ao longo da ocupação.

Numa segunda fase do estudo, e no sentido de análise global ao contexto, é conveniente repartir também a análise do espólio, mas por quadrícula uma vez que nos permitia questionar os possíveis locais da produção, bem como permitia a análise da concentração das possíveis atividades por locais da área escavada e conseqüente dispersão.

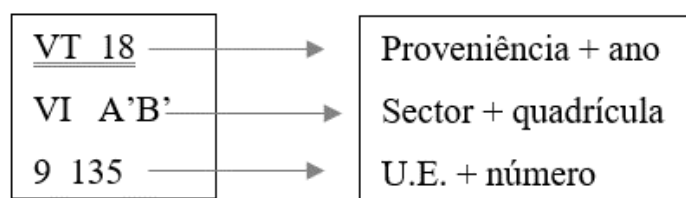
Este critério e abordagem individual aos estratos e quadrículas, não prejudica uma análise e entendimento global do espólio arqueológico e conseqüentemente, do sítio, bem como o tratamento das unidades e quadrículas de um modo integral e unitário. Ao longo desta análise vincularemos sempre o contexto de achado como critério de estudo do espólio.

Terminado o inventário procedemos à seleção da amostra para estudo tipológico e respetivo desenho. As normas adotadas foram simples e concisas: todos os bordos e fundos que nos permitiam uma classificação formal seriam selecionadas. Relativamente aos bojos o critério foi distinto, optamos por todos aqueles que possuíssem decoração e todos, ainda que desprovidos de qualquer informação, fossem encontrados com alguma recorrência, formando um conjunto de carenas, fragmentos de paredes espessas ou paredes muito finas.

A marcação individual por estratos mostrou-se muito facilitadora sempre que necessitávamos de encontrar determinado fragmento para uma revisão ou esclarecimento de dúvidas, ao estarem assim divididos o volume de fragmentos por grupos diminuiu, diminuindo também o tempo despendido para a sua procura.

## 2. O inventário e seus critérios

A marcação para a elaboração do inventário efetuou-se através do seguinte critério: cada fragmento possui uma marcação de três linhas, salvo situações em que não possuíamos o espaço necessário em que fomos obrigados a marcar várias informações numa só linha. A marcação inicia-se sempre com o acrónimo do local de proveniência “VT” – acrónimo para Vila do Touro; seguido do ano de escavação que no nosso caso é sempre “18” – acrónimo para o ano de 2018; numa outra linha apresenta-se o sector – VI –, seguido da quadrícula, e por último, numa outra linha, o número da unidade estratigráfica e o número individual do fragmento (ver figura 7). Mesmo nas situações em que o fragmento possuía uma área muito pequena a ordem de apresentação das informações é sempre a mesma.



**Fig.:7:** Formato de marcação dos fragmentos

Depois da marcação procedemos à elaboração do inventário. Cientes de que este é o processo primordial e uma base para todo o trabalho futuro pretendíamos um inventário claro, conciso e com informações detalhadas que nos possibilitassem todas as análises planeadas, assim sendo o inventário não poderia ser um fim em si mesmo, em que “despejávamos” apenas as informações caracterizadoras da cultura material que possuíamos para estudo. Tinha de ser mais. Intencionávamos assim que com a sua elaboração, pensando na possibilidade de consulta por outrem, qualquer que fosse o leitor, lhe fosse possível compreender a informação de forma clara e que encontrasse o esclarecimento que pretendia. O mesmo para nós, sempre que recorrêssemos a esta ferramenta que conseguíssemos de uma forma rápida aceder à informação que necessitávamos para uma análise específica. Ainda assim sabíamos que informação em demasia poderia ser um obstáculo à sua tangibilidade.

Neste sentido, uma vez mais, mostrou-se extremamente favorável o inventário por unidade estratigráfica, além de diminuir o volume de informação num só ficheiro permitia um fácil manuseio e conseqüente consulta.

Depois da consulta de algumas dissertações (ALMEIDA, 2005; FERNANDES, 2013) tornou-se claro que componentes eram muitas vezes analisadas num estudo cerâmico. Nesse sentido, dividimos o nosso inventário em quatro momentos distintos: a identificação do fragmento; a caracterização morfológica; a caracterização técnica; e por fim a decoração. Salvaguardamos qualquer informação que fosse pertinente e que não tivesse lugar nos momentos descritos com um último quadro de observações. Note-se que apesar desta consulta, houve primazia para os critérios que nos dotavam de informações para as nossas futuras análises. Veja-se a figura seguinte:

1. <i>Identificação</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nº de inventário</li> <li>• Quadrícula</li> <li>• Unidade estratigráfica</li> <li>• Tipo de material</li> </ul>
2. <i>Caracterização morfológica</i>	Um dos seguintes: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Bordo</li> <li>• Bojo</li> <li>• Fundo</li> <li>• Elemento de suspensão</li> </ul>
3. <i>Caracterização técnica</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fabrico</li> <li>• Cozedura</li> <li>• Grandeza e E.N.P</li> <li>• Cor (interna e externa)</li> <li>• Tratamento de superfície (interna e externa)</li> </ul>
4. <i>Decoração</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Interna</li> <li>• Externa</li> <li>• Local</li> </ul>
5. <i>Observações</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Informações pertinentes</li> </ul>

**Fig.:8:** Tabela representativa dos componentes do inventário cerâmico e seus subcomponentes.

Os dados que compõem a “Identificação” do fragmento são compostos pela informação do número do fragmento que não se repete dentro da mesma u.e., tornando possível o seu reconhecimento; de seguida a unidade estratigráfica e a quadrícula que nos remetem para o contexto de achado tendo em conta a organização do sector VI por quadrículas, por fim o tipo de material neste inventário, onde apenas se registam entradas para “cerâmica”.

Seguindo para o segundo componente, este individualiza a caracterização morfológica do fragmento e que possibilita quatro registos distintos: “bordo”, “bojo”, “fundo”, “elementos de suspensão”. Caracterizamos por “bordo” a parte superior do recipiente sendo composto pelo “lábio” (o que o remata), e colo (zona restrita abaixo do “bordo” e acima da zona de inflexão);

os fragmentos de “bojo” dizem respeito à porção do recipiente que se desenvolve depois da “zona de inflexão” e antes do “fundo”, conseqüentemente este último é a base que permite ao recipiente assentar numa superfície, a não ser que tenha algum “elemento de suspensão” que permita que este seja usado em suspenso por asas ou perfurações (CRUZ e CORREIA: 2007: 58-61).

Em relação ao componente três do quadro dois, é perceptível a entrada de cinco tipos de informação distintos condizentes com apreensões de teor técnico. Nesse sentido o “fabrico”, a “cozedura”, a “granulometria e os “elementos não plásticos”, a “cor” e o “tratamento de superfície” são abordados.

Uma evidência importante para a datação de material cerâmico, e conseqüente do sítio arqueológico, é o tipo de fabrico, se manual ou a torno. Ainda que sejam formas de modelação que ocorrem simultaneamente, podemos afirmar, com alguma salvaguarda que em período proto-histórico, a primeira é a técnica que melhor caracteriza a tecnologia dominada pelas comunidades da Idade do Bronze, por sua vez, a segunda, pelas comunidades da Idade do Ferro. Por vezes torna-se muito difícil, e até impossível de aferir, sobretudo em casos de fragmentos muito pequenos, pouco cuidados em que as superfícies estão muito rugosas, superfícies muito tratadas ou pelo contrário, superfícies muito deterioradas. Nestes casos o campo é preenchido com interrogação.

Pelo segundo elemento técnico entendemos o resultado do ambiente de cozedura que os distintos fragmentos estiveram sujeitos, nesse sentido consideramos duas variantes, são elas: “oxidante” que ocorre quando a presença de oxigénio é superior à necessária para a combustão – situações de cozeduras em fogueiras, por exemplo (originando cores claras, beges, castanhos, laranjas ou vermelhos), por outro lado quando a atmosfera é pobre em oxigénio a cozedura é “reductora” – tenha-se como exemplo fornos (sendo originárias destas cozeduras as cores de cerâmicas mais escuras como o cinzento ou negro). Neste estudo, devido ao limite de tempo, não nos foi possível proceder a uma análise mais profunda e segura que segundo Maria da Cruz e Virgílio Correia (2007: 56) obtínhamos através do re-aquecimento dos materiais. Optamos assim por classificar o elemento cerâmico através da cor (quarta análise) com maior presença no fragmento, tendo sempre presente a noção do condicionalismo deste critério, o facto de as cerâmicas poderem deter vários tons de cor, optamos por caracterizar ambas as superfícies e observar sempre a cor do núcleo.

No que diz respeito à granulometria dos elementos não plásticos (E.N.P.) são apresentados três resultados: pequeno, médio e grande. Por consideramos redundante para o

nosso estudo uma vez que este parâmetro nos permite análises como o tipo de cuidado do fabrico, cuja caracterização poderemos advir do tratamento de superfície ou decoração, a frequência dos mesmos é um aspeto que não abordamos sistematicamente, sendo que em casos específicos fazemos menção na coluna das observações.

Por fim, por “tratamento de superfície” detemos o procedimento que tem como objetivo remover as irregularidades possíveis, com a intenção de criar uma superfície relativamente homogénea que permitia a aplicação de uma decoração posterior (CRUZ e CORREIA, 2007: 34) ou não. Evitamos aqui a abordagem das interpretações subjetivas entre o tratamento de superfície e a decoração. Ainda que sejamos defensores de que este problema deve ser debatido com a finalidade de uma rigorosa estruturação e consequente implantação de um só critério em todos os estudos, não nos cabe nos objetivos deste trabalho. Assim, caracterizamos a cultura material do sector VI com os seguintes tratamentos de superfície: rugoso (ausência do tratamento); alisado (superfície sem grandes deformações, mas ao toque apresenta-se áspera); polido (completo alisamento); brunido (alisamento intenso que apresenta brilho); engobado (aplicação de uma camada muito fina de argila líquida) ou *cepillado* (passagem de uma escova sem uma orientação única).

A decoração, muitas vezes ausente, caracteriza-se por incisão (motivos em baixo relevo que originam sulcos na pasta); impressão (ocorre pela impressão de elementos naturais como unhas ou componentes herbáceos); puncionamento (recorre a um instrumento para criar motivos descontínuos); plástica (adição de pasta à superfície do recipiente); brunido (quando através do alisamento intenso, contrastando com o resto da parede do recipiente, forma padrões geométricos que são visíveis tanto através do brilho, tanto da diferença ao toque da superfície) e decoração penteada (linhas paralelas incisadas que possuem duas ou mais linhas).

O último componente do inventário relaciona-se com outras observações que não analisamos de um modo sistémico, mas que porventura cremos pertinente referir para determinados casos. Esta escolha prendeu-se com a opção de não tornar o inventário denso e fatigante.

Ao consultarmos inventários de outros trabalhos compreendemos que a aplicação exacerbada de números e de letras não nos possibilitou uma leitura fácil, sendo que em muitos momentos recorriamos inúmeras vezes à legenda da mesma. Neste sentido, optamos por escrever a totalidade dos elementos caracterizadores em todos os campos, havendo apenas algumas abreviaturas. Procuramos assim que a leitura fosse fluída e simples.



### 3. Estudo do material cerâmico

A totalidade da cultura material que estudaremos agora ajudar-nos-á a compreender a comunidade que assentou no Alto da Pena, e de outro modo, também nos ajudará a compreender a situação proto-histórica do Sabugal quando analisarmos estes dados em comparação com outros da mesma região.

O universo que nos ocupa este capítulo (ver a estampa XXXI do anexo, página 263) caracteriza-se por uma acentuada fragmentação resultando em peças muito pequenas que dificultou o seu estudo. Estes materiais além da fragmentação intensa que detêm, apresentam também algum desgaste e deterioração em ambas as superfícies. A junção destas duas ocasiões dificultou muito a caracterização do tratamento de superfície, a decoração e o tipo de fabrico.

Para minimizar uma situação de estudo inadequado auxiliamo-nos de uma lupa, sendo que os materiais foram revistos três vezes em momentos distintos, a luz rasante. Na primeira revisão foram detetadas decorações que nos passaram despercebidas inicialmente (como é o caso de dois fragmentos com decoração brunida muito ténue). Infelizmente este estudo não fruiu de uma análise mais profunda, isto é, não nos foi possível a realização de estudos petrográficos e de análises químicas das pastas. Expomos um estudo apenas macroscópico.

Apresentamos em seguida o universo a que nos propomos tratar, veja-se por isso a figura seguinte:

<i>Unidade estratigráfica</i>	<i>Quadrículas</i>	<i>Número de fragmentos</i>
5	A'1 ; A'/B' ; B'1/2	153
6	A'1 ; A'/B' ; B'1/2 ; A'1/2 ; B'1	346
8	B'1	3
9	A'/B' e B'/A' ; A'1/2	400
12	B'1 ; B'1/2	75
18	B'1	9
19	B'1	165
<b>Total:</b>	5	1151

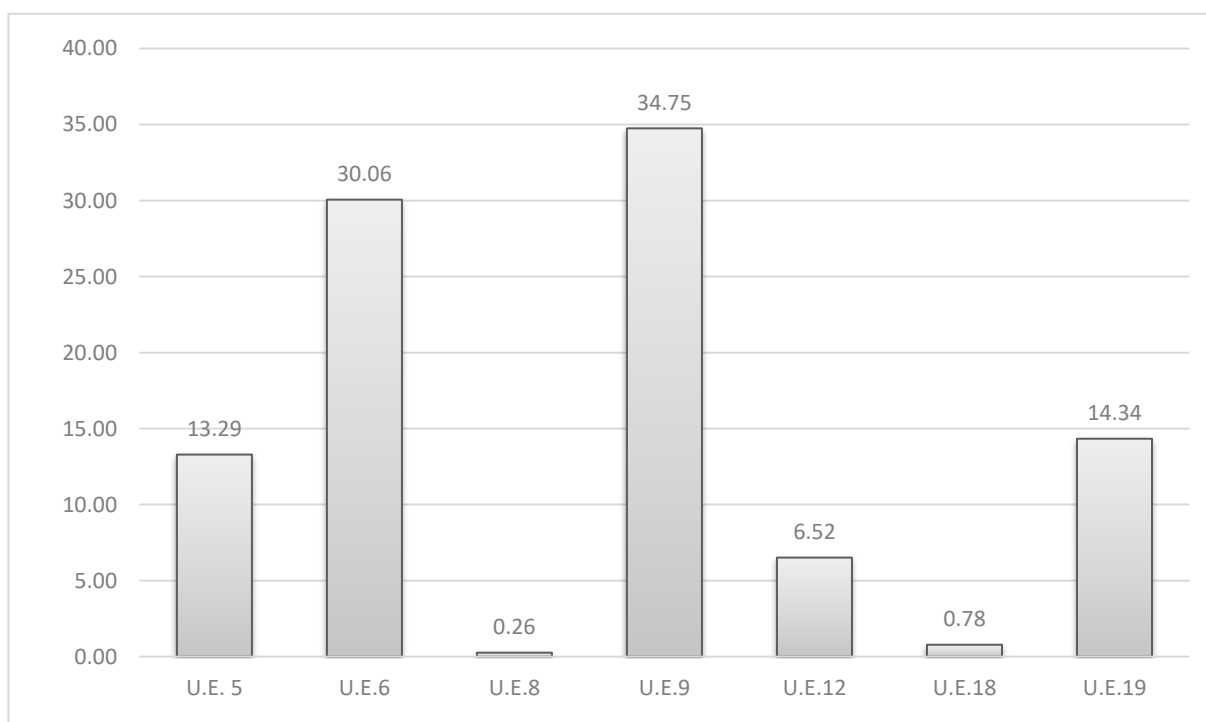
**Fig.:9:** Universo total tratado e analisado para fins estatísticos e de inventariação.

Com o estudo dos dados acima detalhados (figura 9) é possível conhecer os materiais cerâmicos exumados no setor VI na campanha de 2018, cujo total é de 1151 fragmentos, como já referimos. Estes materiais dividem-se por 6 quadrículas: A'; B'; A'1; A'2; B'1 e B'2. Existem casos (estratos 5, 6, 9 e 12) em que estas são apresentadas em conjunto – como é o

caso de “A’/B” ou “B’1/B’2”, isto acontece quando em contexto de escavação o fragmento é exumado no limite de duas quadrículas e não é possível determinar, com certeza, apenas uma.

Quando calculada a percentagem de proveniência dos fragmentos dos respetivos estratos é possível compreender que os quatro estratos com maior percentagem de material são as unidades 09 com 34% do material exumado, seguido pela unidade 06 com 30%, a unidade 19 com 14%, por fim a unidade 05 com 13%. Do modo contrário, as unidades estratigráficas com menos material são a 08, a 18 e a 12 que possuem – respetivamente – 0,26%, 0,78% e 6,54%. Através do tratamento destes dados é possível aferir que unidades estratigráficas possuíram maior atividade: a 06 e a 09.

Perante esta clarificação é notória a diminuição de fragmentos cerâmicos entre estes três estratos, o que defende o que descrevemos no capítulo anterior, a unidade estratigráfica 05 é um nível de abandono. A baixa concentração de materiais na camada 08 deve-se ao facto de esta ser uma estrutura e não propriamente um estrato. Não há uma continuidade de produção de cerâmica ao longo das camadas. Ao observamos o gráfico da figura 10, esta perceção torna-se mais evidente:



**Fig.: 10:** Gráfico comparativo de percentagem dos fragmentos cerâmicos por unidade estratigráfica

Para efetuarmos uma análise universal das quadrículas existentes no sector VI, adicionamos todos os fragmentos exumados, independentemente da unidade estratigráfica proveniente. Obtemos os seguintes resultados:

<i>Quadrículas existentes</i>	<i>Totais fragmentos por quadrícula</i>
<i>A'1</i>	16
<i>A'1/A'2</i>	138
<i>A'/B' e B'/A'</i>	406
<i>B'1</i>	194
<i>B'1/B'2</i>	255

**Fig.: 11:** Tabela representativa da dispersão de materiais cerâmicos proto-históricos por quadrícula do setor VI.

Ao analisar a tabela da figura 11, poderemos compreender e descrever a dispersão do material pelo sector VI, o que nos ajuda a compreender o núcleo ou a área de dispersão da produção.

É visível uma concentração de materiais em dois conjuntos de quadrículas: A'/B' e B'/A', assim como em B'1/B'2. Estas quadrículas situavam-se no lado Sudeste da sondagem, estando limitadas na vertente Noroeste-Este pelos penedos.

Passaremos para a análise do conjunto cerâmico inventariado.

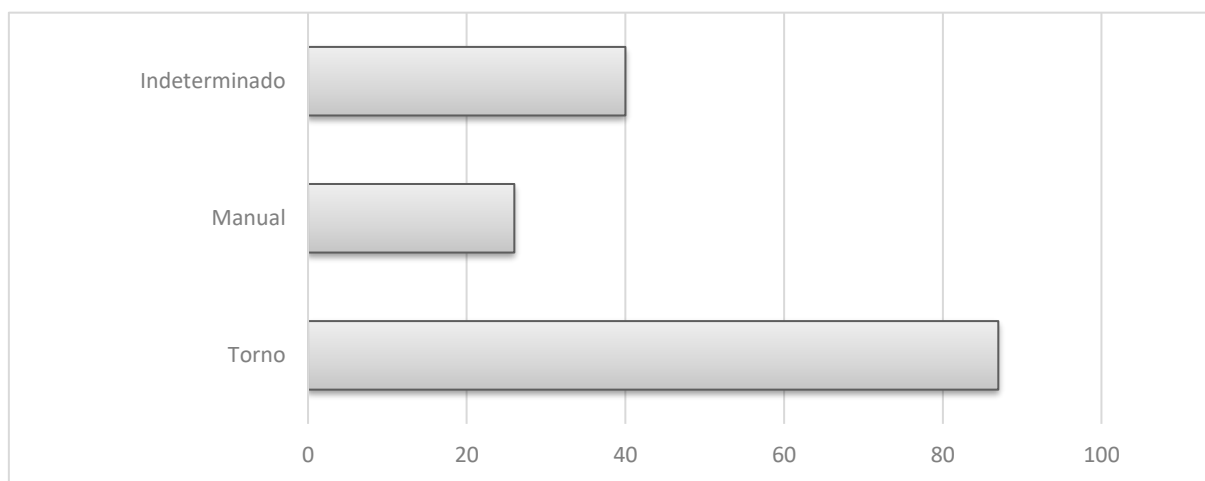
Para além da caracterização técnica e morfológica dos fragmentos que segundo Raquel Vilaça, se efetuam através dos atributos intrínsecos (1995: 46), analisamos também os aspetos que os definem; tal como a sua forma e sua decoração (ibidem). Aliado a estas duas conceções, procuramos também avaliar os fatores extrínsecos, nomeadamente a proveniência estratigráfica e da quadrícula em associação com outras estruturas e outros materiais.

### 3.1 Análise tecnológica

A análise tecnológica consistiu na avaliação dos conhecimentos dos oleiros/as na produção e fabrico das cerâmicas. Neste sentido distinguimos duas formas de produção que são patentes no universo que estudamos; a produção a torno e a produção manual. Não queremos aportar necessariamente a maior ou menor especialização, mas por outro lado, atender ao conhecimento produtivo da sociedade do Alto da Pena.

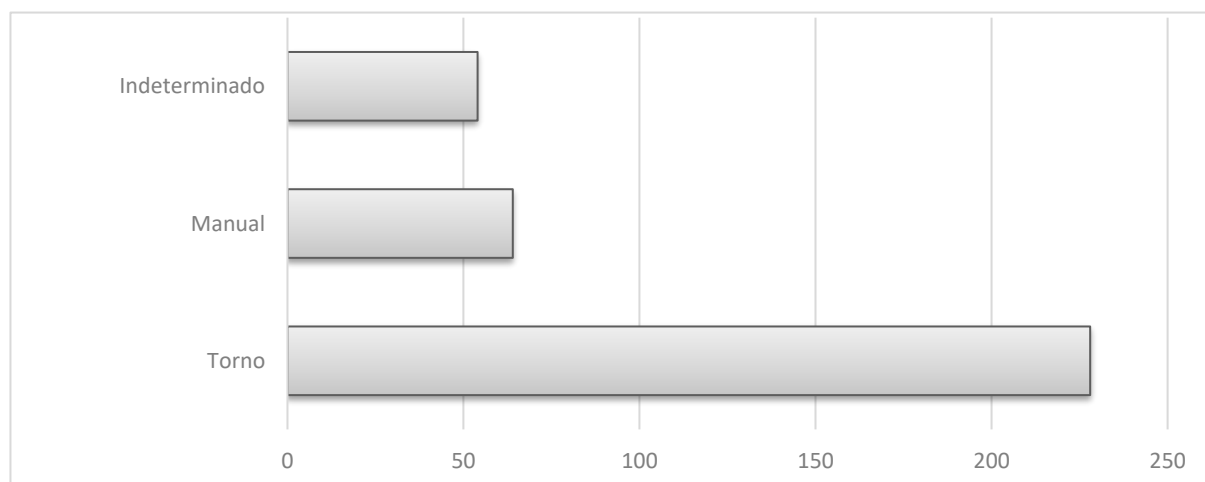
Analisemos primeiramente a unidade estratigráfica 05 e o conjunto ceramológico que é composto por 153 fragmentos.

Ao observar o gráfico da figura 12, é possível compreender que nesta unidade há uma maior incidência para os fragmentos fabricados com recurso ao torno, mais precisamente 87 fragmentos. O número elevado que reporta aos elementos cujo fabrico não conseguimos identificar, 40, advém deste ser um estrato inicial e por isso encontrava-se intensamente remexido devido ao aproveitamento das terras para cultivo. Os restantes fragmentos desta unidade que se traduzem em 27 foram produzidos manualmente.



**Fig.: 12:** Gráfico com os tipos de fabrico da unidade 05.

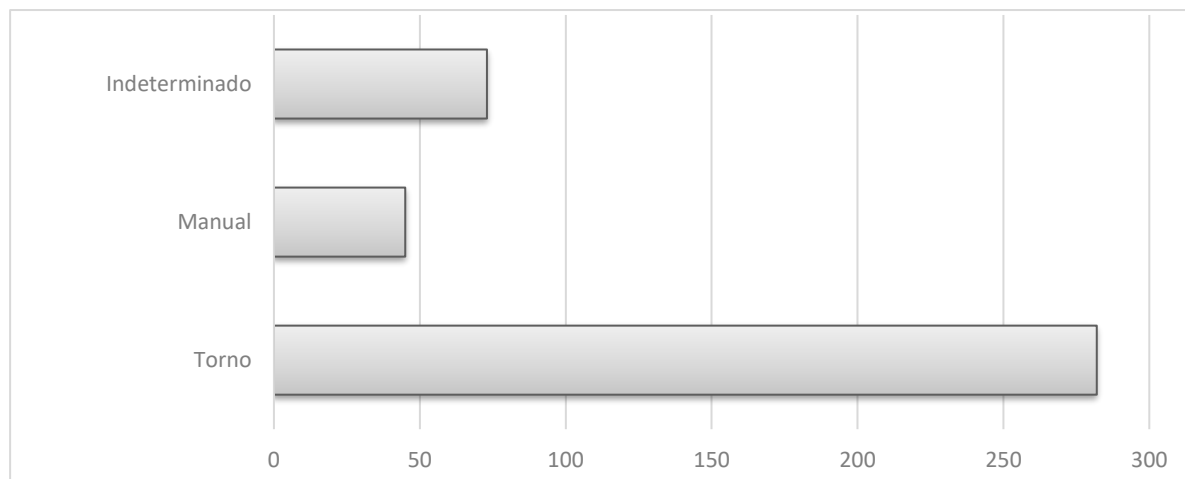
Para a unidade estratigráfica 6 o quadro assemelha-se. Havendo um grande número de fragmentos que nos mostravam um fabrico a torno, justamente 228 e apenas 64 fragmentos que apresentavam uma produção manual. Deste conjunto não conseguimos identificar a técnica de fabrico para 54 elementos. É bem notória a preferência pela produção a torno, tal como mostra o gráfico da figura 13.



**Fig.: 13:** Gráfico com tipos de fabrico da unidade 06.

A unidade estratigráfica 08 não irá ser abordada para este estudo tecnológico uma vez que se reporta apenas a 3 elementos cerâmicos que foram encontrados numa estrutura em negativo.

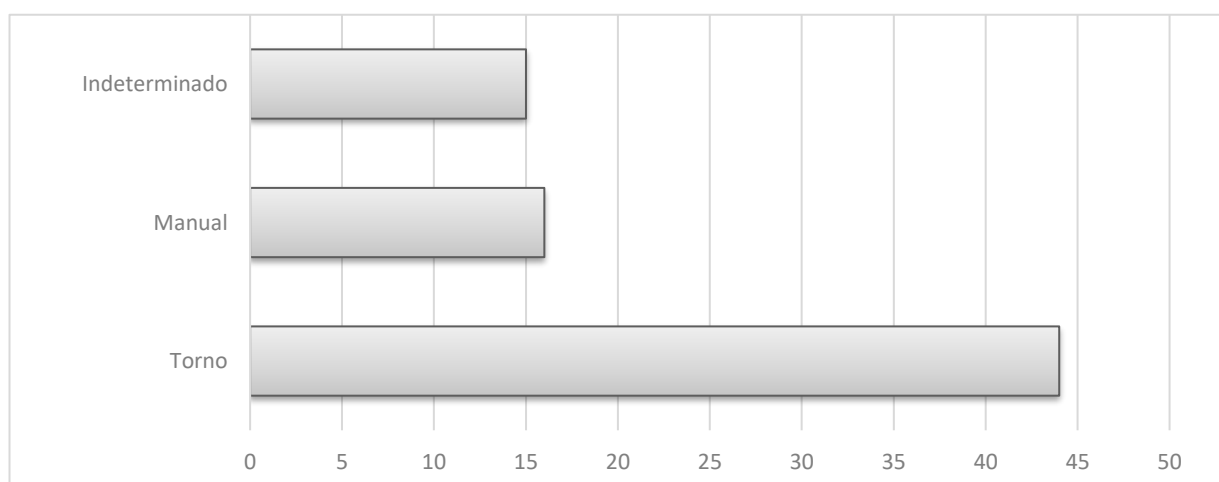
Em relação à unidade estratigráfica 09 observamos uma situação semelhante às unidades anteriores (veja-se o gráfico da figura 14) onde a maior incidência de fabrico é com o uso do torno.



**Fig.:14:** Gráfico com os tipos de fabrico da unidade 09.

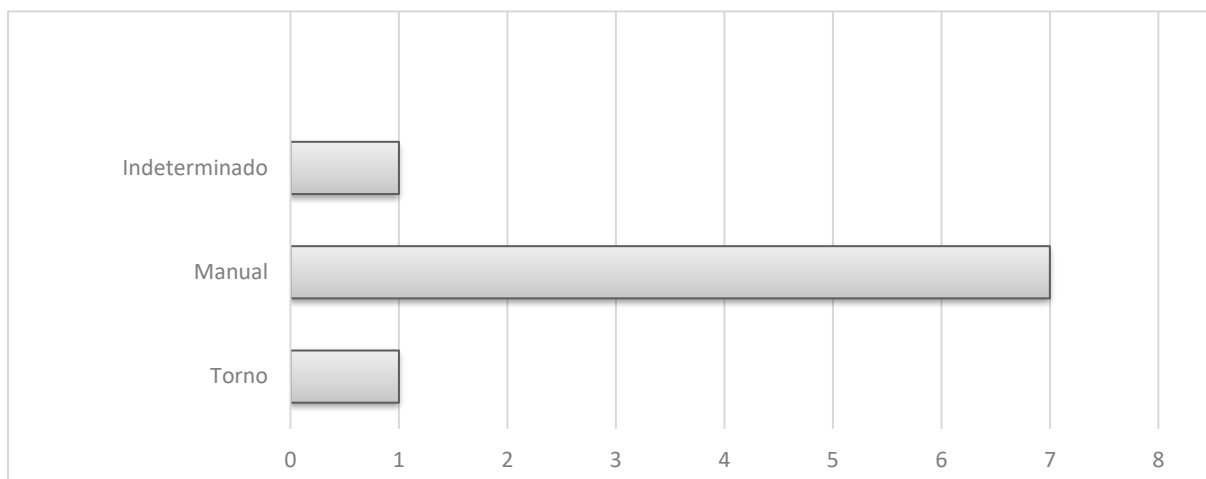
Assim, 282 reportam à produção ao torno; 45 à produção manual, e os restantes 73 não conseguimos determinar devido à acentuada fragmentação.

Por sua vez, no que concerne ao conjunto cerâmico da unidade estratigráfica 12 (figura 15) continua-se a observar a linha preferencial das cerâmicas com recurso ao torno, sendo que 44 apresentam esta propensão, 16 são fabricados manualmente e do conjunto não conseguimos identificar o carácter tecnológico de 16 fragmentos.



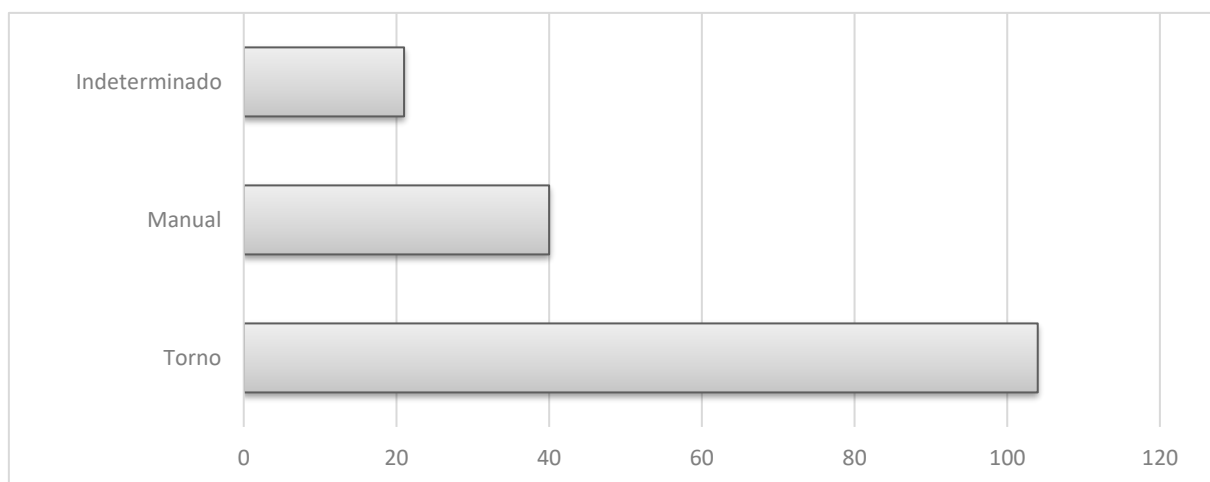
**Fig.:15:** Gráfico com os tipos de fabrico da unidade 12.

Todavia, este aspeto não é observável na unidade estratigráfica 18. Pois, é notório um fabrico manual num número mais elevado do que nos anteriores. Há 7 fragmentos de fabrico manual, para apenas 1 de fabrico ao torno. Não foi possível identificar o fabrico para 1 fragmento deste estrato. Apesar do conjunto ser em número muito mais reduzido, não poderíamos abster-nos de notar esta preferência tecnológica que é representada na figura 16.



**Fig.: 16:** Gráfico com os tipos de fabrico da unidade 18.

Quanto à unidade estratigráfica 19, realidade representada na figura 17, é observável a primazia por fabricos ao torno. Assim, são reportados 104 elementos com fabrico ao torno, e 40 fragmentos de fabrico manual. Não conseguimos identificar a preferência de fabrico para 21 elementos deste conjunto.



**Fig.:17:** Gráfico com os tipos de fabrico para a unidade 19.

Outra análise de cariz tecnológico prende-se com o calibre dos elementos não plásticos (E.N.P.) que conferem às pastas maior ou menor compactidade; maior ou menor depuração. Quanto maior forem os elementos, menor é a compactidade e depuração, mais facilmente o vaso quebra. Neste sentido distinguimos três categorias de E.N.P., os elementos “pequenos”, os “médios” e os “grandes”. Esta diferença baseou-se nos tamanhos dos mesmos cujas classes distinguimos em: para medidas inferiores a 0.5mm considera-se de pequeno calibre; de médio entre 0.5mm a 1mm e de grande calibre as medidas que excedam 1mm. Notamos que esta avaliação foi efetuada macroscopicamente com recurso a uma régua e que por isso os valores que apresentamos para pequeno, médio e grande calibre poderá ser alvo de retificações noutras análises.

Para a camada 05 há uma percentagem de 68,6% de fragmentos com um pequeno calibre, seguido dos de médio com 24,8% e 5,9% para o calibre grande. Há um caso em que não detetamos a presença de E.N.P (fragmento nº55). Ao construirmos esta análise, como referimos anteriormente, macroscopicamente estamos cautelosos quanto a este exemplo. Contudo, este fragmento revela um profundo tratamento na recolha e trabalho da argila com a finalidade de remover a totalidade (ou quase na totalidade) dos e.n.p. Este fragmento apresenta ainda uma parede fina (menor que 0,5mm).

Através desta análise é perceptível, que há a prevalência de pastas compactas em deterioramento das “pouco compactas” e “friáveis”.

Para o estrato 06 do sector VI, a realidade de prevalência mantém-se. Há uma preferência de calibres pequenos que representam 67,6% dos fragmentos, seguidos dos médios, 28%, e dos grandes com 4,3%. As pastas, na sua grande maioria continuam a ser compactas.

No que concerne aos materiais da estrutura em negativo que se encontrava nas proximidades dos buracos de poste, a realidade permanece, dos três fragmentos dois têm calibre pequeno e um calibre médio. Não há representação de fragmentos com calibre grande, espelha uma percentagem de 66,6% para o pequeno calibre e 33,3% para o médio. Por isto, as pastas apresentam-se compactas.

O conjunto da u.e.:09 insere-se na feição que temos vindo a analisar: há um predomínio dos calibres pequenos (62%), com a sucessão dos médios (31,8%) e por fim dos grandes (6,3%). As pastas, à semelhança das restantes caracterizam-se como sendo compactas e depuradas.

Para a unidade 12, 46,7% dos elementos não plásticos são de pequeno calibre. Já os de médio calibre representam cerca de 37,3% e os de grande calibre, 16%. Esta é a unidade com um maior predomínio dos fragmentos de grande calibre de e.n.p, bem como aquele que

apresenta um maior equilíbrio em relações percentuais. No entanto notamos que as pastas continuam, na sua maioria, compactas bem como depuradas.

Todavia é na unidade estratigráfica 18 que encontramos uma maior igualdade entre classes de calibres, uma vez que o pequeno calibre representa 55,6% e o calibre médio 44,4%. Ainda assim, as pastas continuam predominantemente compactas.

Por fim, no que respeita a unidade 19, encontramos muitas semelhanças com as restantes, mas de um modo mais específico com a unidade 05. A percentagem dos calibres são: 63,6% para o pequeno, 30,9% para o médio e 4,8% para o grande. De realçar ainda um fragmento (nº 156) que, tal como o exemplo do estrato 05, não apresenta elementos não plásticos. Mais uma vez, frisamos para a observação que fizemos, desprovida de microanálises. Este fragmento apresenta ainda as paredes muito finas (menor que 0,5mm) e uma elevada compactidade. De um modo global, as pastas desta unidade continuam a ser maioritariamente compactas.

Se cremos que a granulometria dos e.n.p é importante para perceber o trabalho e o tempo despendido pelo/a oleiro/a a criar uma peça cerâmica, o tratamento de superfície que poderá ser usado realça mais ainda este aspeto.

Na análise que efetuamos quer à superfície interna, quer à superfície externa de todos os fragmentos conseguimos ainda determinar pelo menos seis tipos de tratamento de superfície, que nem sempre se encontram representados em todas as unidades estratigráficas.

O tratamento da superfície do vaso detinha um objetivo de remover ou dissimular as irregularidades de fabrico (VILAÇA, 1995: 49). As técnicas do tratamento de superfície seriam produzidas num momento em que as pastas ainda se encontravam húmidas. Dependendo do tratamento, este poderia ter também a função de preparar a superfície para receber a decoração.

Vejamos o caso da camada 05: foi-nos impossível determinar 5 tratamentos internos, contudo todos os restantes fragmentos apresentam tratamento ou na superfície interna, ou na superfície externa, em alguns casos, em ambos. O tipo de tratamento mais utilizado quer na superfície interna, quer na externa foi o alisamento das pastas. Na superfície interna este foi seguido pelo tratamento polido; já na superfície externa segue-se o alisado.

Para a unidade 06 observamos, à semelhança da anterior, uma preferência pelo alisamento das pastas em ambas as superfícies. A deterioração da superfície interna impossibilitou-nos a determinação do tratamento em oito fragmentos.

Dos três fragmentos que foram exumados na estrutura em negativo, u.e.:08, dois têm um tratamento polido em ambas as superfícies, ao passo que um é rugoso.



No que concerne à realidade da camada 09 é notório uma conformidade com a u.e.: 05 e 06: predomínio do tratamento alisado em ambas as superfícies. Para a superfície interna observa-se o prosseguimento para o tratamento com recurso ao *cepillado*. Para a superfície externa destes fragmentos a realidade altera-se: a seguir ao alisado seguem-se o tratamento de polimento. Não conseguimos determinar o tratamento da superfície interna para 5 fragmentos.

Relativamente ao estrato 12 o predomínio do alisamento só é visível na superfície interna, uma vez que na superfície externa há um predomínio para o tratamento polido. Ao contrário das unidades 05, 06 e 09, conseguimos determinar todos os tratamentos dos fragmentos cerâmicos.

Quanto à camada 18, cinco fragmentos têm a superfície interna alisada; dois polida e um fragmento apresenta um brunimento, por outro lado há um que apresenta a superfície rugosa. Já na superfície externa um deles está deteriorado, o que nos impossibilitou de analisar o tratamento.

Por fim para o estrato 19 o alisado volta a estar maioritariamente presente na superfície interna como externa. Neste estrato não conseguimos determinar o tratamento para a superfície interna de um dos fragmentos.

No que concerne à cozedura das cerâmicas esta possui três intervenientes, o tempo de exposição ao calor, a temperatura atingida e a atmosfera de cozimento. Estes três aspetos alteram quer as características químicas, mas também físicas que são patentes em mudanças de cor e em diversos graus de dureza (VILAÇA, 1995: 48).

Como já referimos anteriormente o tipo de cozedura está inteiramente ligada com a estrutura de combustão que se utiliza para cozer a argila com a finalidade de tornar os vasos sólidos. A atmosfera criada na estrutura de combustão pode ou não ditar a cor das superfícies e dos núcleos das peças cerâmicas.

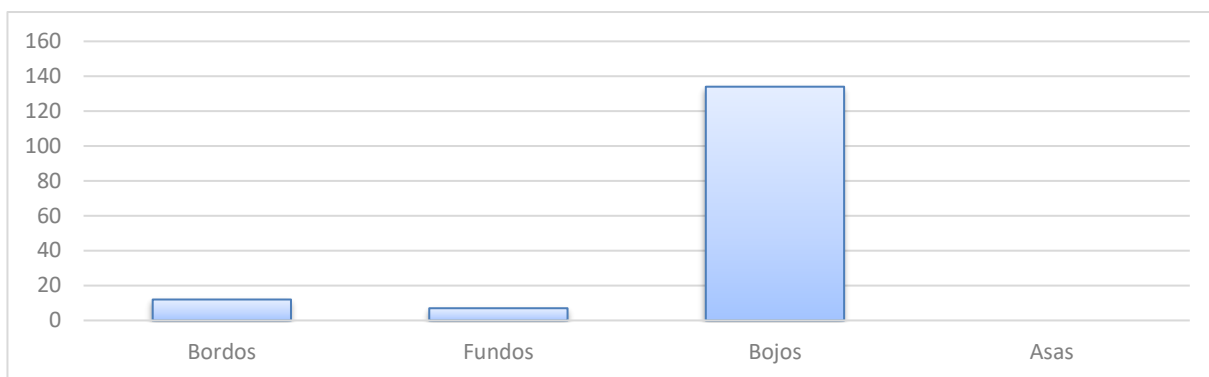
Vejamos: a atmosfera de cozedura diz respeito à presença ou ausência de oxigénio, em estruturas de combustão como as fogueiras, os vasos estão em contacto com o combustível sendo extremamente difícil o controlo da atmosfera devido à presença de ventos, nestes casos a atmosfera é simultaneamente redutora e oxidante já que a concentração de oxigénio vai variando consoante as fases de cozedura: durante a subida de temperatura o ambiente é redutor, enquanto que quando atinge a temperatura máxima esta é oxidante (RICE, 1987: 81). Assim, a cor dos elementos cerâmicos depende não só desta relação, mas também da composição das argilas, da sua própria cor, como também da temperatura atingida e da duração da cozedura.

Creemos por isto que as análises macroscópicas que pudéssemos fazer às pastas não seriam espelho da realidade do ambiente de cozedura das peças cerâmicas. Contudo, ao sabermos que a análise da cor e a sua relação com a cozedura é analisada e prezada por muitos autores acabamos por abarcar esse componente no nosso inventário, porém não iremos realizar uma análise detalhada neste nosso trabalho por este motivo, sendo que só faria sentido, no nosso ponto de vista, se as análises que fizemos dos fragmentos cerâmicos possuísse uma componente microscópica. O que não beneficiou. No inventário, em algumas entradas é visível, no campo das observações, onde por vezes, fazemos a chamada de atenção para a cor do núcleo já para salvaguardar interpretações futuras do tipo de cozedura.

### 3.1 Análise morfológica

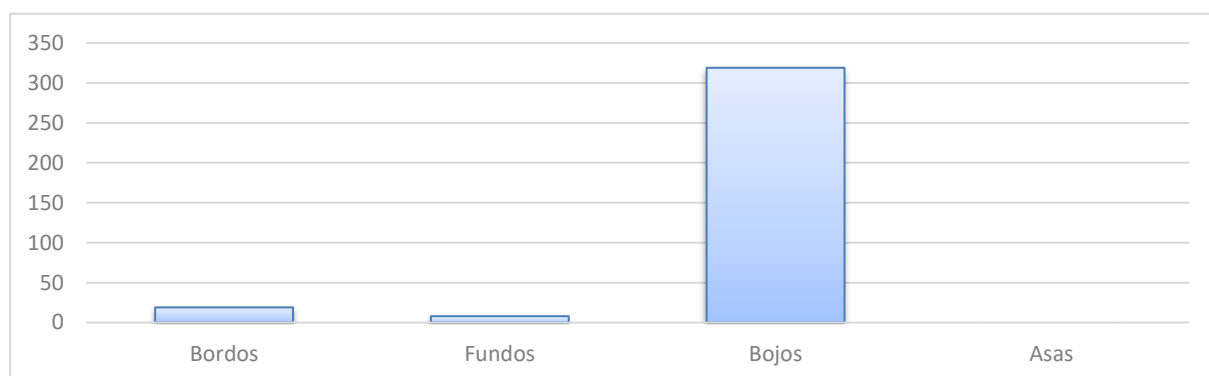
Para esta análise tivemos em conta, na nossa opinião, os três principais constituintes de uma peça cerâmica, o “bordo”, o “bojo” e o “fundo”, e os seus eventuais apêndices, no nosso caso, apenas elementos de suspensão. Optamos por realizar a diferenciação destes elementos desta forma uma vez que elementos como “lábio” ou “colo” se situam na zona no bordo, fazendo mesmo parte dele, por outro lado, elementos como “ombro” já se localizam na zona da pança, sendo também um constituinte deste. Neste sentido, achamos esta distinção irrelevante e pouco proveitosa para o nosso estudo. Assim, elementos como a “carena” são, por nós, considerados “bojos”, já os elementos como “lábio”, serão considerados como “bordo”. Neste sentido definimos três tipos de morfologia que passaremos a analisar individualmente por estrato.

Para a realidade da unidade estratigráfica 05 representada no gráfico da figura 18, é possível observar uma maior concentração de bojos, perfazendo um total de 134, do que qualquer outro elemento. Seguem-se os bordos com uma totalidade de 12 constituintes, por fim os fundos que têm uma realidade de 7 elementos. Nesta unidade não foram exumados quaisquer apêndices.



**Fig.: 18:** Gráfico da contagem dos elementos morfológicos da unidade 05.

Na unidade estratigráfica 06 (figura 19) as ilações são muito semelhantes: os bojos continuam a contabilizar o maior número, 319; seguidos pelos bordos, 18, e por fim os fundos, 8. Tal como na camada anterior não há elementos de suspensão.



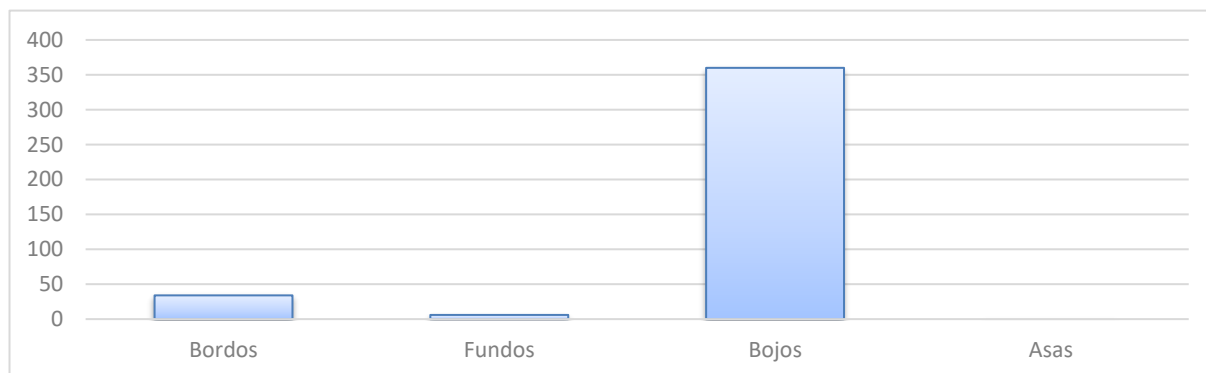
**Fig.: 19:** Gráfico da contagem dos elementos morfológicos da unidade 06.

Na unidade estratigráfica 08 (figura 20) não foram exumados outros constituintes cerâmicos senão bojos. Sendo esta uma estrutura em negativo, justifica a baixa presença de cerâmica e o seu não diverso reportório morfológico.



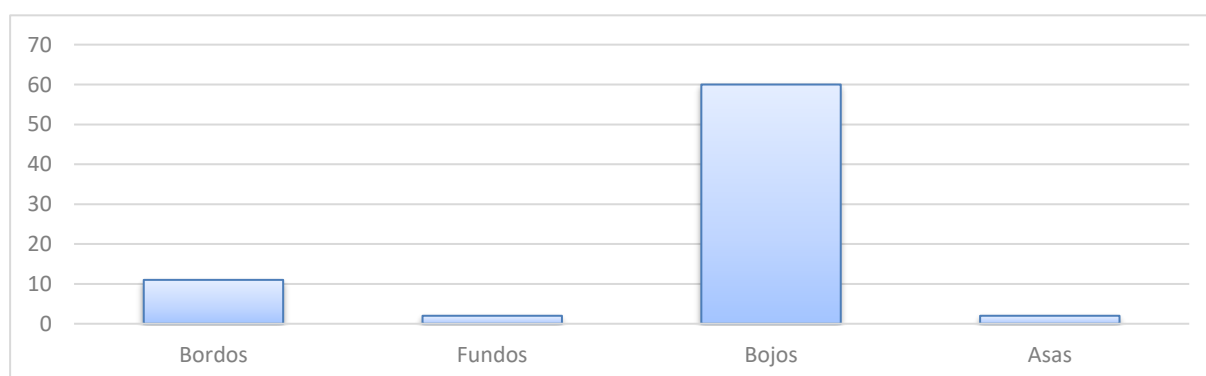
**Fig.:20:** Gráfico da contagem dos elementos morfológicos da unidade 08.

O maior depósito de materiais cerâmicos do nosso estudo foi exumado na unidade estratigráfica 09 e possuiu 400 fragmentos. Ainda que este seja o maior conjunto, continua a observar-se a situação descrita para as últimas camadas já analisadas, por conseguinte, há uma maior ocorrência para bojos, uma vez que esta unidade possui 360 fragmentos, seguidos por 34 bordos e 6 fundos (ver gráfico da figura 21).



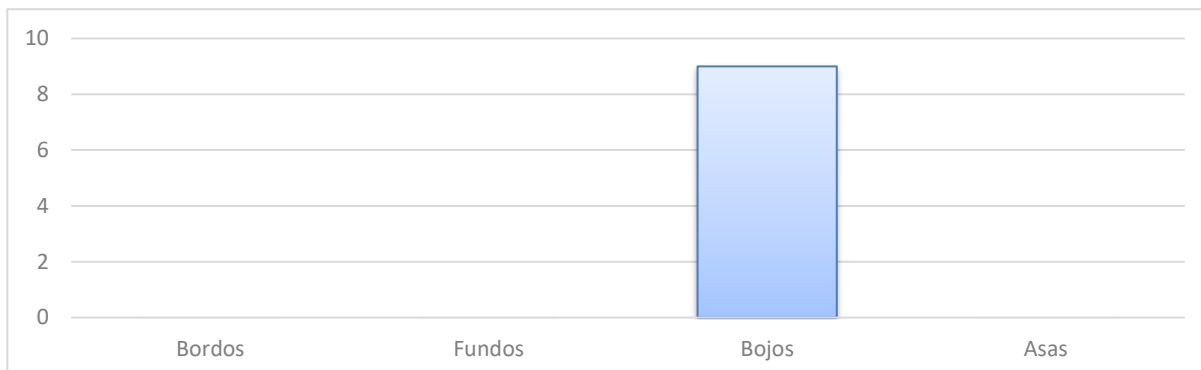
**Fig.: 21:** Gráfico da contagem dos elementos morfológicos da unidade 09.

Relativamente à unidade estratigráfica 12 notamos um particularismo, é nesta camada que foram exumados dois elementos de asa que formam um indivíduo (ver figura 22). No que concerne à restante caracterização morfológica o quadro mantém-se semelhante aos demais: há uma maior incidência para os bojos, cujo conjunto totalizante se manifesta em 60, seguido do conjunto de 11 bordos e de 2 fundos.



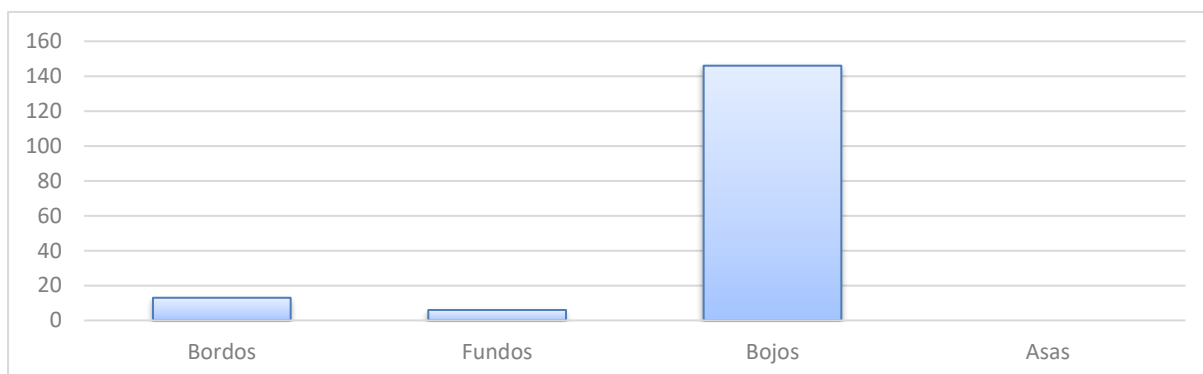
**Fig.: 22:** Gráfico da contagem dos elementos morfológicos da unidade 12.

Já o conjunto que caracteriza o material exumado na unidade estratigráfica 18, cuja realidade se apresenta em gráfico da figura 23, representa apenas um universo de elementos de bojos, sendo que se caracterizam por 9 fragmentos.



**Fig.: 23:** Gráfico da contagem dos elementos morfológicos da unidade 18.

Por fim, de natureza semelhante àquela que temos vindo a examinar para as unidades anteriores, a unidade estratigráfica 19 (ver figura 24) também apresenta um conjunto mais elevado de elementos de bojos totalizando um conjunto de 146, seguidos dos bordos, 13, e os fundos, 6.



**Fig.: 24:** Gráfico da contagem dos elementos morfológicos da unidade 19.











A análise morfológica também nos permitiu identificar o número mínimo de indivíduos de acordo com o somatório de todos os bordos e apêndices, tendo também em conta as colagens que efetuamos. Consequentemente para a unidade estratigráfica 05 o número mínimo de indivíduos é de 12; para a 06 é de 18; na 09 contabilizamos 34 indivíduos; na 12, 10; por fim, na unidade estratigráfica 19, foram registados no mínimo 31 indivíduos. Totalizando 105 indivíduos para o conjunto global de cerâmica.

### 3.2 Análise decorativa

Nem sempre esta análise se mostrou tarefa fácil, além da elevada fragmentação os materiais possuíam uma deterioração acentuada quer da superfície externa, quer da superfície interna. Com a finalidade de reduzir possíveis erros e para nos assegurarmos que a análise que efetuamos estaria correta, procedemos a duas análises macroscópicas em distintos momentos, e em última análise a revisão dos fragmentos identificados com decoração. Neste processo foi possível encontrar mais dois bojos com decoração brunida, e retificar uma decoração penteada que acabamos por não contabilizar. Neste sentido no nosso universo ceramológico apenas detetamos decorações incisas, excisas, penteadas, brunidas, impressas e plásticas, pelo que no inventário serão as únicas entradas observadas. Constata-se assim que no cômputo geral a decoração oferece uma baixa diversidade decorativa.

De um modo geral estas decorações apresentam-se muito simples (ver estampas), sendo que não há um único caso em que encontremos mais do que uma decoração no mesmo fragmento, o mesmo se sucede com os padrões utilizados, estes caracterizam-se apenas por linhas paralelas, “ziguezagues” ou onduladas e apenas em um caso é possível verificar um par decorativo (linhas paralelas acompanhadas de linhas onduladas) e outro em que a diferente orientação possibilitou a criação de duas formas de linhas paralelas; em que umas se orientam transversalmente ao fragmento e outras na horizontal. Apenas a decoração da taça carenada oferece uma maior complexidade referente aos padrões e organização. Neste caso é possível verificar tanto triângulos preenchidos como linhas paralelas e por outro, uma dupla linha de “ziguezague”.

Deste modo, no nosso domínio ceramológico as cerâmicas sem decoração totalizam o valor mais elevado com 1108 fragmentos lisos, frente aos 43 fragmentos decorados (veja-se o quadro da figura 25). Neste sentido a percentagem dos materiais decorados limita-se a apenas a 3,7% da totalidade do conjunto, face aos 96,2% que representam os fragmentos lisos.

<i>Técnica decorativa</i>	<i>Motivos decorativos</i>	
<i>Brunimento</i>	 <p>Linhas</p>	 <p>Sulcos</p>
<i>Incisão</i>		
<i>Excisão</i>		
<i>Penteado</i>		
<i>Impressão</i>		
<i>Plástica</i>		

**Fig.: 25:** Quadro com os exemplos mais significativos dos tipos de decoração.

Por reconhecermos a pertinência da decoração para as análises e estudos que faremos futuramente, faremos em seguida uma caracterização mais profunda das diferentes decorações que analisamos para a clara compreensão das distinções e das feições.

Iniciemos com a decoração **brunida**; esta decoração é conseguida por intermédio de uso de um instrumento de ponta romba (como um seixo, um osso ou madeira) que é apenas

usado quando a pasta do recipiente atingiu um certo nível de secura, originando assim sulcos brilhantes (obtido pelo desgaste) quase impercetíveis que contrastam com a coloração da restante peça (VILAÇA, 1995: 51).

A decoração **incisa** obtém-se pelo uso de um objeto pontiagudo cortante que passa na pasta de uma forma contínua. Esta decoração poderá efetuar-se em dois momentos diferentes do grau de secura dos objetos cerâmicos; se a pasta ainda se encontrar húmida os traços são nítidos e regulares, provocando um deslocamento dos mesmos que é notada quando as margens do sulco estão levantadas; de outro modo, quando a pasta se encontra já seca provocando pequenos estalamentos da superfície da pasta e conseqüente arranque do material mais superficial (*ibidem*, 1995: 50).

Já a decoração **plástica** resulta na aplicação de elementos de argila sobre a superfície do vaso que se podem classificar em dois tipos, os contínuos (cordões) e descontínuos (mamilos, botões, etc) (VILAÇA, 1995: 50).

Mais simples são as decorações por **impressões** que resultam apenas de um negativo deixado por uma matriz quer de origem natural (folhas, unhas, dedos, etc) ou fabricada com motivos (VILAÇA, 1995: 50).

A decoração **penteada** não oferece muitas dúvidas. Esta é obtida através do uso de uma matriz múltipla de um pente, que ao arrastar na superfície da pasta produz uma série de linhas paralelas contínuas (CRUZ e CORREIA, 2007: 40).

A decoração **excisa** caracteriza-se pelo gesto de retirar pasta argilosa da superfície do vaso criando um negativo ou, em alguns casos a abertura da parede do vaso.

À semelhança das análises anteriores analisemos as decorações por unidade, devido ao facto de considerarmos que a sua individualidade por estratigrafia terá relevância neste estudo dado que a diversidade é parca e há decorações incorporadas em momentos distintos que possam notar alguma alteração cultural.

É possível compreender que nem todas as unidades estratigráficas possuem fragmentos decorados, e que as diferentes decorações não estão representadas em todas elas.

Percebemos que a unidade estratigráfica 09 é a que possui mais variabilidade decorativa, talvez porque é a que tem o maior número de fragmentos. Nesta unidade estão decorados 13 fragmentos. Pela sua maior variação analisemos a decoração plástica (nº inventário 375, 376) e impressa (nº de inventário 369, 370, 371, 372). A primeira caracteriza-se por uma aplicação mamilar perfurada. Através de uma análise macroscópica dos dois fragmentos é visível uma deterioração na zona final dos mesmos, o que poderá ser congruente com uma suspensão em



que o vaso estaria constantemente a tocar numa superfície rígida originado a sua deterioração. Analisando a sua coloração esta oscila entre o negro e castanho-escuro que poderá evidenciar o seu uso sobre o lume.

No que diz respeito à decoração impressa, os quatro fragmentos são decorados com recurso à unguilação (impressão da unha) com um tratamento prévio de *cepillado* (ver estampa XXX do anexo). Apesar da simplicidade desta decoração é notório uma preocupação na apresentação do vaso uma vez que a impressão é repetida e combinada, havendo duas linhas de impressões, e possuem entre si, relativamente, a mesma orientação da unha face à posição normal de uso do vaso, e possuem entre si sensivelmente a mesma distância.

Ainda sobre a decoração impressa destacamos um outro fragmento de bojo (u.e.: 06; nº91). Este possui igualmente uma matriz natural, porém, por sua vez, de uma folha na superfície externa. Esta está aplicada sob uma superfície rugosa. Esta impressão, ao contrário dos fragmentos descritos acima, só ocorre uma vez no fragmento que possuímos, o que, naturalmente, não invalida a sua repetição em área distinta.

Pelo contrário, a unidade estratigráfica com menos decorações é a 19 que possui apenas dois tipos decorativos, o inciso e o plástico, analisemos este último. Esta decoração caracteriza-se por uma aplicação de um mamilo não perfurado (ao contrário da u.e. 09), assim além de uma função decorativa tinha também uma função de carácter prático, uma vez que permitia uma melhor facilidade no manuseio da peça. A decoração plástica que está patente nestas duas unidades representa 6,8% das decorações totais.

A decoração brunida presente em apenas duas unidades, a 06 (fragmentos número 1, 2, 6 e 85) e a 09 (fragmento número 211) representa 11,4% da decoração existente. Esta caracteriza-se por padrões simples como já vimos, linhas paralelas conjugam-se com linhas transversais que se apresentam sozinhas, ou em conjunto com outros elementos geométricos como o triângulo em que este é preenchido, novamente, com linhas (u.e.: 06: 1).

No que concerne à decoração excisa, manifestada nas unidades 05 e 06 que totaliza uma percentagem de 6,8%, é usada como decoração em três fragmentos, dois deles da primeira unidade, o outro da segunda.

Analisemos este último. Julgamos que se tratava de uma decoração repetida em todo o bojo, ou pelo menos em parte. A decoração que testemunha este fragmento caracteriza-se pelo uso de um instrumento cortante que formava, ao retirar a pasta, um negativo suboval. No fragmento exumado, temos dois desses negativos incompletos.

Em contrapartida a decoração penteada está representada em 9 fragmentos notabilizando 25% das decorações. Esta está explícita nas unidades 05, 06, 09 e 12, ou seja, em quatro das seis unidades (excluimos aqui a estrutura 08). Em todos os fragmentos a decoração caracteriza-se de igual modo, naturalmente. São assim, linhas finas e paralelas muito cuidadas, por vezes muito ténues quase impercetíveis, que são aplicadas em fragmentos com tratamento de superfície anterior, como o “alisado”. Num fragmento (u.e.: 09, 232) a decoração penteada apresenta-se não só em linhas paralelas verticais ao bordo, mas como também apresenta linhas paralelas de pendor subcircular sob uma superfície previamente polida.

Por fim a decoração incisa que está presente em todas as unidades estratigráficas cuja decoração surge. Esta ornamentação é bastante simples e não assume grande variação, os fragmentos são decorados com linhas que no nosso caso se apresentam sozinhas ou de modo duplo e estendem-se na região total dos fragmentos. Sobressaímos um caso em que a região da aplicação da decoração incisa é no bordo, mais concretamente no lábio (u.e.:5, nº126) e caracteriza-se por duas linhas. Apesar de termos apenas um pequeno fragmento é possível que esta se realizasse ao longo de todo o lábio, sendo um motivo repetitivo. Neste fragmento a linha incisa é maior e mais larga, originando uma incisão mais grossa. Esta decoração representa 36,4% de todas as decorações, sendo por isto a decoração que os oleiros/as mais recorreram na decoração dos seus vasos cerâmicos.

#### 4. Classificação tipológica

A totalidade da cerâmica exumada nas diversas quadrículas somou 1151 fragmentos dos quais foram estudados 100 fragmentos, ou seja 9% do computo total.

Não podemos deixar de ressaltar, uma vez mais, que trabalhamos com um fragmento, que em tempos seria parte de um todo. Um todo que agora não conhecemos. Esta é uma grande limitação à certeza tipológica, e também à certeza do conhecimento da amostra. Não obstante, mantendo sempre a consciência da barreira que nos era imposta por fragmentos que por vezes não ultrapassavam 2cm de comprimento, as existências de alguns atributos associados a determinadas formas cerâmicas permitiram que este trabalho fosse mais do que um exercício de decifração. Acreditamos por isso, embora a face lacunar caracterizadora de qualquer conhecimento científico, que este trabalho contém além de uma expressão morfológica, outra de caráter funcional, um fim último, que permite à posteriori um estudo interpretativo relativamente sólido.

Tendo em conta a necessidade de caracterizar o grupo em estudo definimos oito tipos distintos (ver figura 26), sendo que alguns possuem variantes de acordo com diferenças formais dentro de cada tipo que ora descrevemos.

- Tipo 1 A (1 exemplar): este tipo reúne apenas um exemplar de taça carenada que possui um mamilo, que se situa na zona da carena, com perfuração total na vertical. Esta peça terá sido fabricada a torno e cozida em ambiente redutor. A sua superfície externa é polida, ao passo que a superfície interna é alisada. Este tipo encontra semelhanças, por exemplo, com o tipo 1B do Castelejo e tipo 1B da Moreirinha (VILAÇA, 1995: 118, 231).

- Tipo 1 B (3 exemplares): daquela distinguimos a variante B devido à altura da carena, uma vez que as cerâmicas da variante B possuem carena alta. Encontramos semelhanças com tipo 1A do Castelejo e 1A dos Alegrios (VILAÇA, 1995: 118, 201).

À semelhança do que observamos para o tipo 2 do Castro do Cabeço da Argemela (FERNANDES, 2013: 81), também as taças carenadas do Alto da Pena não possuem quaisquer decorações.

-Tipo 2 (1 exemplar): diz respeito à cerâmica de perfil bicónico, cuja cozedura terá sido realizada em ambiente oxidante e é alisado em ambas as superfícies. Podemos encontrar aspetos idênticos com tipo 3 do Castelejo (VILAÇA, 1995: 118)

-Tipo 3 (6 exemplares): representa o grupo das cerâmicas que se caracterizam por terem bordo convergente e lábios biselados. São produzidas a torno e têm tratamentos de superfície que variam entre o alisado e o polido. Os seus diâmetros oscilam entre 7 cm e 15 cm. Este nosso tipo em muito se aproxima da forma 4 de Caria Talaya (VILAÇA et al, 2020: 96)

Neste tipo criamos um subtipo que caracteriza uma única peça de diâmetro que se aproxima de 15 cm e que possui um mamilo.

- Tipo 4 (8 exemplares): reunimos neste tipo todas as cerâmicas, que a nosso ver, possuem paredes retas e divergentes com terminação em lábio biselado. Os diâmetros oscilam entre dimensões de abertura mais pequenas de 6 cm até às aberturas de maiores dimensões - 25 cm. São fabricos a torno e os tratamentos de superfícies variam entre o alisado e o polido. Encontramos semelhanças no sítio da Moreirinha, tipo 6 (VILAÇA, 1995: 231) no sítio de Caria Talaya na forma 2 (VILAÇA et al, 2020: 96).

- Tipo 5 (3 exemplares): grupo representado por cerâmicas de fabrico a torno, cujos ambientes de cozedura dizem respeito aos dois modelos que caracterizam o nosso espólio, por sua vez, os tratamentos de superfície variam entre o alisado, e um cepilhado. Os seus diâmetros










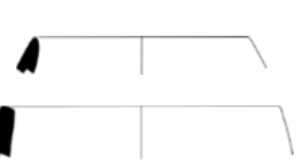


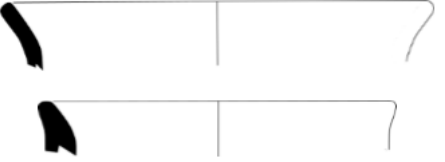


variam entre 14 cm e 23 cm. Esta cerâmica em muito se assemelha ao tipo 12 da Moreirinha (VILAÇA, 1995: 231).

- Tipo 6 (10 exemplares): esta categoria refere-se aos elementos cerâmicos cujos diâmetros máximos da abertura são menores que os diâmetros máximos do fundo, são por isso caracterizadas por serem formas fechadas. Neste sentido os diâmetros de abertura diferem entre 6 cm, 8 cm, 12 cm, 14 cm, 16 cm e 20 cm. Os seus colos são geralmente introvertidas e terminam em lábio convexo (variante A).

Neste tipo isolamos um caso, variante B, que condiz com uma peça cujo bordo é bem distinguido do bojo, havendo uma marcada diferenciação entre estes dois elementos. O seu diâmetro é de 14 cm.

- Tipo 7 (16 exemplares): recipientes cujos diâmetros de abertura variam entre 12 cm e 20 cm. Os colos são tendencialmente retos, terminam de forma convexa ou biselada. Estes recipientes encontram-se com alguma presença nos sítios arqueológicos dado a sua vertente funcional. Este tipo, muitas vezes designado como “pote” por alguns investigadores (ALARCÃO, 1974: 35) tinha como função o armazenamento de produtos. São exemplos comparativos o tipo 11 do Castelejo, tipo 13 do Monte do Frade, tipo 10 dos Alegrios, tipo 11 da Moreirinha (VILAÇA, 1995: 119, 154, 201, 231) e tipo 7 do cabeço da Argemela (FERNANDES, 2013: 88).

- Tipo 8 (13 exemplares): juntamos neste grupo todas as formas de pequena dimensão, cujos diâmetros poderão variar entre 6 cm e os 10 cm. Poderão ter colos retos, divergentes ou convergentes, lábio reto, biselado ou convexo. As suas paredes são geralmente finas.

Tipos	Quadro morfológico	
1	A 	B 
2		
3	A 	B 
4	  	
5		
6	A 	B 
7	 	
8	  	

**Fig.: 26:** Tabela dos tipos cerâmicos do sector VI do Alto da Pena.

Além dos tipos em que englobamos os exemplares de bordos de Vila do Touro, importa também definir e caracterizar os 17 elementos de fundo exumados no setor VI.

Os fundos poderão ser integrados em três tipos distintos (ver figura 27), são eles: plano reto, plano reto com um pequeno pé ou plano espessado.

A categoria dos fundos planos retos com um pequeno pé possui 9 exemplares que estão distribuídos pelas diferentes unidades estratigráficas (o fragmento 10 da 05; o 343 da 06; a colagem dos fragmentos 1 e 21 da 09; o 48 e o 70 da unidade 12; o 4, 7, 13 e o 28 da 19). Estes

Tipos	Quadro morfológico de fundos
1	
2	
3	

**Fig.: 27:** Quadro morfológico de fundos do sector VI do Alto da Pena.

fragmentos apresentam fabricos pequenos e medianos (três deles grosseiros). Produzidos tanto a torno como de forma manual, possuem diâmetros que oscilam entre 8cm e 16cm.

Contrariamente ao tipo anterior, fazem parte do mesmo conjunto, 5 fragmentos que apresentam fundos planos retos, mas com um pequeno pé (fragmento 16 e 128 da 05; 14 e 48 da unidade 06 e o 148 da 09).

Por fim constituem os planos espessados apenas dois elementos. De fabricos medianos e grosseiros, os seus diâmetros são de 12 cm e outro de 15 cm. Apresentam tratamentos de superfície como o rugoso e o alisado (fragmento 132 da 05; 61 da 09 e 11 da 19).

No que respeita aos elementos plásticos apenas possuímos quatro, sendo um que apresenta perfuração (ver estampa XIV), outro é um mamilo (ver estampa XXI), outra uma asa anelar e por fim, uma asa em fita. Neste sentido individualizámos estas morfologias em duas categorias consoante a sua função. As duas assas possuíam naturalmente a função de pega. Infelizmente não possuímos zona nenhuma da parede cerâmica para compreender se esta era horizontal ou vertical e em que zona se desenvolvia, contudo sabemos que são distintas entre si: uma delas é anelar a outra em fita, por isso de cerâmicas diferentes.

O mamilo não perfurado que se desenvolve logo abaixo do lábio terá tido uma aplicação plástica posterior à produção da peça uma vez que apresenta o arrastamento da pasta que demonstra a tentativa de união dos dois elementos. Este possui uma largura de 3cm.

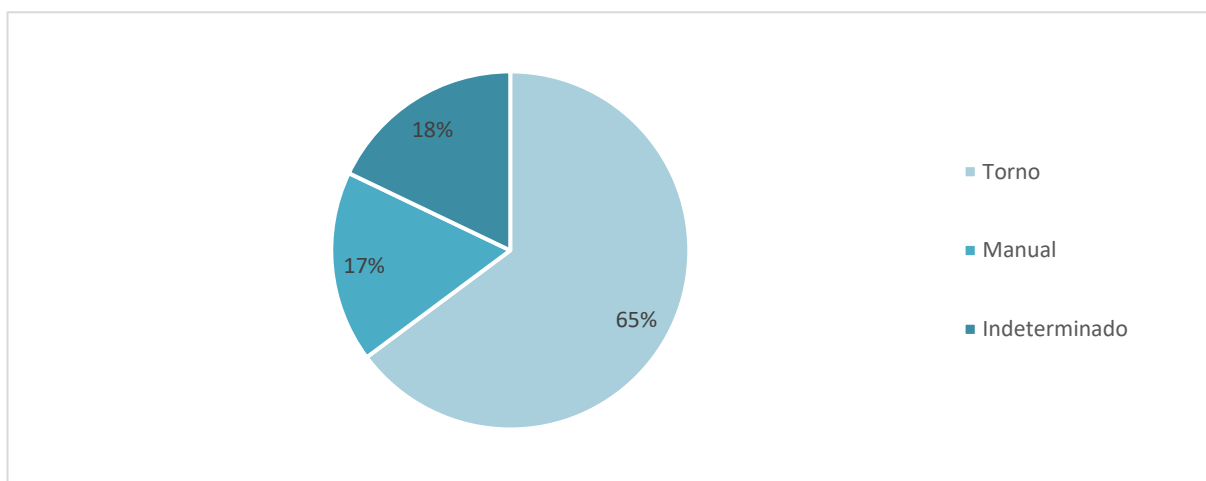
Já a asa perfurada terá tido como função o uso suspenso da peça. Apresenta perfuração dupla completa, estando produzida horizontalmente em relação ao vaso cerâmico. Patenteia ainda na sua extremidade a erosão conseqüente do intenso decorticar noutra superfície, assim como fuligem na zona externa o que denuncia desde logo o seu uso sobre o fogo.

## 5. Síntese de estudo

Como abordamos algumas análises individualizadas por estratos, o tipo de fabrico, o calibre dos E.N.P e consecutivamente a compactidade das pastas, o tratamento de superfície, a morfologia e o número mínimo de indivíduos (NMI) e a decoração, isto é, todas as análises, cremos pertinente englobar os dados e retirar ilações de aspetos genéricos.

Assim, no que diz respeito ao tipo de fabrico compreendemos que há uma grande preferência no fabrico ao torno (ver gráfico da figura 27). Na totalidade apenas o conjunto da unidade 08 (estrutura negativa) foram mais recorrentes as produções manuais. É também significativa uma maior percentagem da indeterminação dos fabricos em relação ao fabrico

manual. Não nos preocupa este aspeto uma vez que o somatório de ambos continuaria a dar prevalência aos fabricos ao torno, não havendo qualquer alteração dos dados a nível de denominador percentual, assim os fabricos manuais continuariam, na sua grande maioria, inferiores aos de fabrico de torno. Esta grande percentagem de indeterminados vincula-se com o que já informamos atrás, as terras do sector VI foram altamente remexidas e trabalhadas com o propósito de cultivo, o que provocou um acentuado grau de deterioração dos fragmentos em estudo. Ao longo do tempo é notória uma permanente prevalência dos fabricos ao torno que ocorre desde a primeira unidade, a 19, até à última, a 05. Em suma, abarcando todas as realidades estratigráficas de um modo coletivo (ver figura 28), e concomitantemente para o absoluto da amostra é notório uma maior propensão para os fabricos a torno, 65%, seguidos dos que apontam para os fabricos manuais, 18%.



**Fig.:28:** Gráfico das percentagens do tipo de fabrico das cerâmicas na globalidade da amostra do sector VI do Alto da Pena.

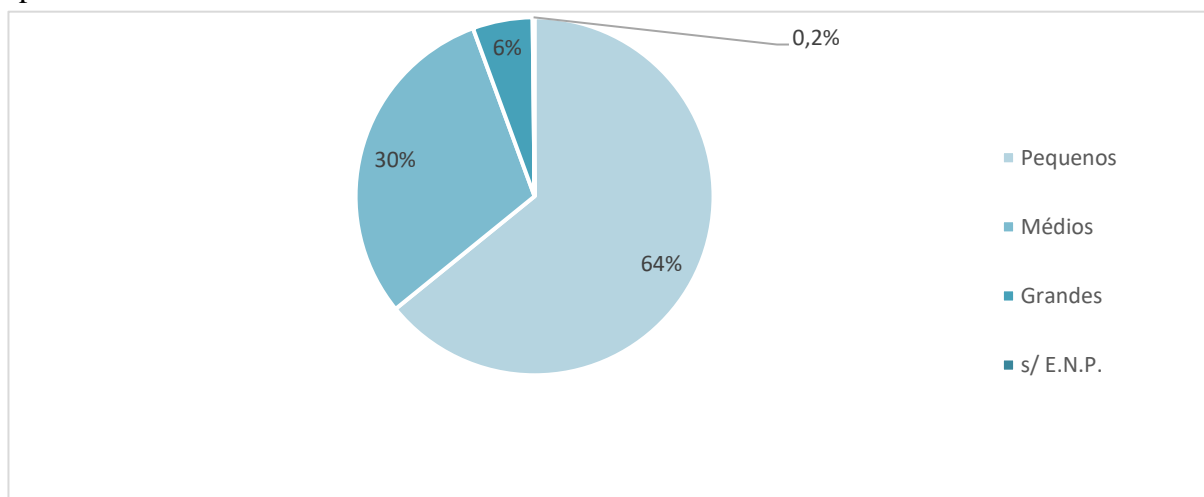
Esta propensão poderá mostrar a preocupação com o aspeto visual do elemento cerâmico que claramente lhe conferia uma propriedade cuidada e laboriosa, por outro lado o tempo despendido para a produção seria menor, havendo mais tempo para possivelmente dedicar a outras atividades. A elevada produção ao torno, é congruente com uma noção de maior produção que se encontra apresentada e bem patente nos gráficos e elementos que supra apresentamos. Uma vez que o único estrato que apresentamos com uma produção manual superior à de torno tem, como evidenciamos, menos fragmentos cerâmicos.

Por fim, cremos relevante aludir ao facto de que os gráficos que expomos, bem como as ilações que retiramos dos mesmos poderão, naturalmente, sofrer alterações na



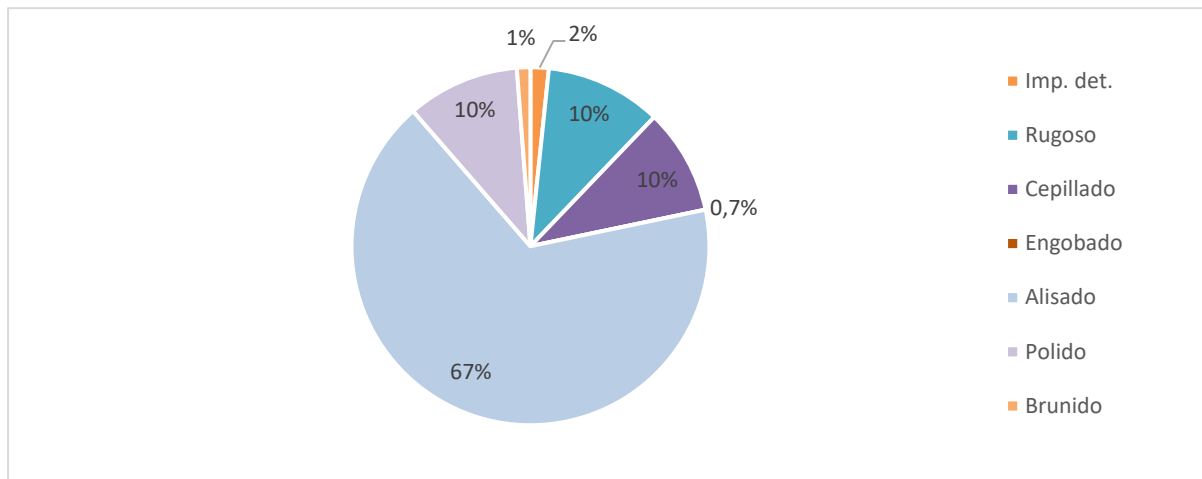
identificação/revisão dos fragmentos que não conseguimos caracterizar no que concerne à forma de fabrico.

Respeitante à análise do calibre dos E.N.P. foi possível observar uma maior ocorrência dos de pequeno calibre (6%) que se classificam para medidas que se situem abaixo dos 0,5mm. Seguidos dos de médio calibre (30%), e por último os de grande calibre (64%). Esta análise permite-nos uma elucidação quanto ao trabalho das argilas na produção do vaso, uma vez que quanto menor for o calibre maior é o trabalho na pasta. Esta caracterização permitiu-nos contemplar a compactidade da mesma, quanto menores forem os calibres maior resistência o vaso terá tanto a fraturas como, conseqüentemente a quebras. As cerâmicas, exatamente duas, cujos E.N.P. não foram detetados na análise macroscópica têm uma incidência irrisória (0,2%). A natureza das percentagens é distinta, vejamos o gráfico da figura 29 que em seguida é apresentado.

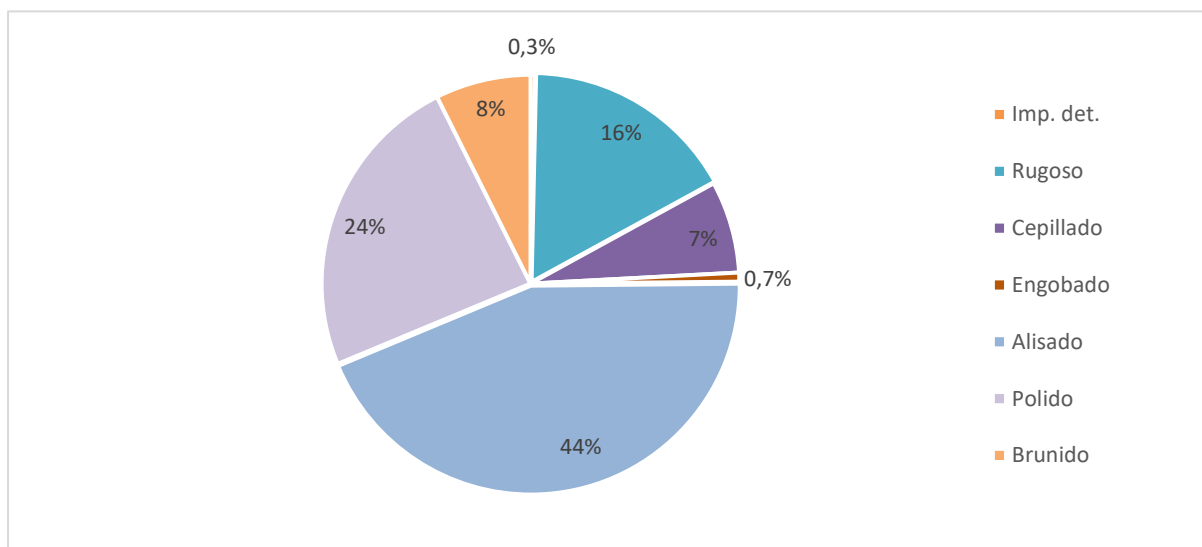


**Fig.:29:** Gráfico de percentagens do calibre dos E.N.P. na globalidade da amostra cerâmica do sector VI.

Das observações efetuadas ao tratamento de superfície (ver gráficos, separados por superfície interna e externa, figura 30 e 31 - respetivamente) concluímos que há um favoritismo pelo alisamento das superfícies, em contrapartida o engobamento é o que se encontra em menor quantidade de fragmentos (0,7%), seguidos pelo brunimento. Estes dois últimos tratamentos seriam o que requeriam o maior dispêndio de tempo, dado que o primeiro era efetuado com o processo de fabrico completado seguido de um novo tempo de espera para que a camada fina de argila pudesse secar; o segundo, uma vez que o brunimento é um tratamento muito idêntico ao polimento, porém mais intenso requerendo um maior desgaste da peça. Assim sendo, estes dois tratamentos só seriam aplicados, no caso do primeiro, para impermeabilizar um vaso, e o segundo para embelezar determinadas formas, por exemplo.

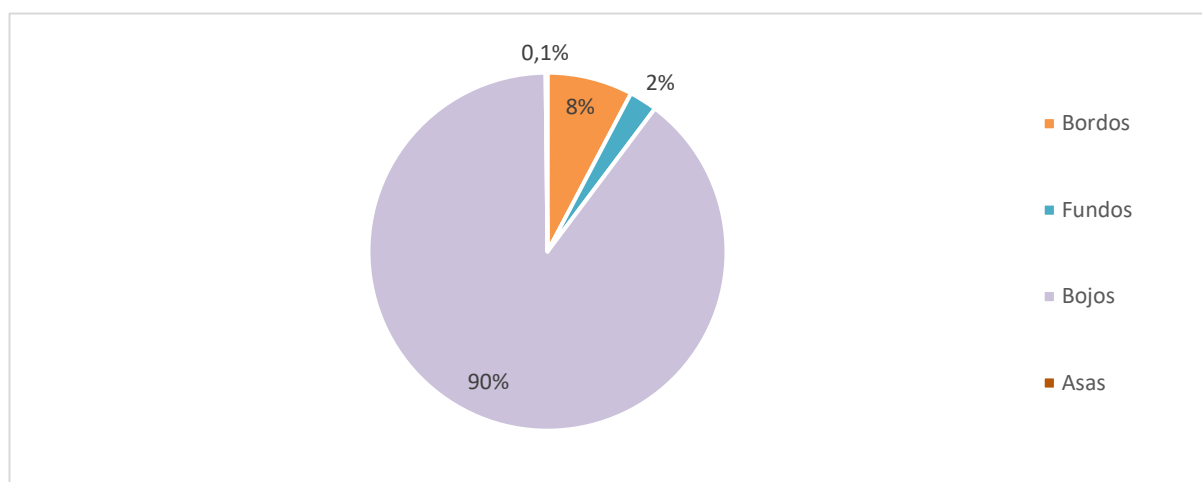


**Fig.:30:** Gráfico do tratamento da superfície interna no conjunto global das cerâmicas do sector VI.



**Fig.: 31:** Gráfico do tratamento da superfície externa no conjunto global das cerâmicas do sector VI.

No que diz respeito à caracterização morfológica, figura 32, desde cedo entendemos que o elemento mais caracterizador do nosso universo é o bojo (90%), seguido do bordo (8%) e por fim o fundo (2%). As asas só são determinadas por dois elementos, porém formam um indivíduo uma vez que colam entre si (0,1%). Não obstante, a unidade que no seu conjunto possui mais bordos é a 09, esta perfaz um total de 34 bordos para o cômputo geral de 89.



**Fig.: 32:** Gráfico da percentagem total dos elementos morfológicos da cerâmica exumada no sector VI.

Por fim a caracterização e análise geral das decorações que se encontram sintetizadas no gráfico da figura 33.

Ao observarmos o gráfico e o contrapormos com a análise decorativa que efetuamos anteriormente por unidade estratigráfica, compreendemos, melhor, que há decorações que se inserem na cultura material num momento mais tardio, ou mais prematuramente do que outras – naturalmente. Notemos a unidade estratigráfica 19, dado que em relação de estratos é a primeira a ser ocupada no sector VI do Alto da Pena. Nesta camada só há a existência de dois tipos decorativos, o inciso e o plástico. Realçando uma fraca expressividade decorativa e o conhecimento de gestos simples de decoração.

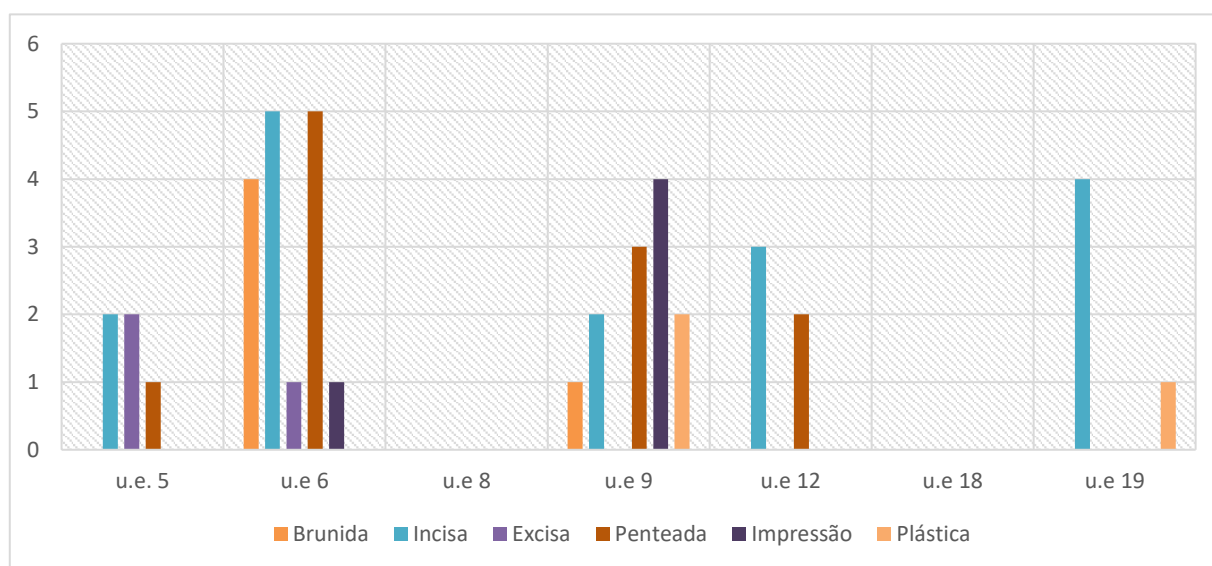
Todavia, quando examinamos a unidade que se sucede a esta, a u.e.:12 constatamos que um novo tipo decorativo é inserido na cultura, o penteado. É obliterado a decoração plástica, com a incorporação, novamente, da decoração incisa. Esta decoração possui um carácter informativo importante para a construção cronológica e cultural do sítio demarcando tanto um crescimento do conhecimento prático a nível decorativo.

Quando percorremos a linha cronológica de sucessão de estratos a unidade que se segue é a 09. Os materiais representam uma absorção de novas formas decorativas explícitas pela impressão e pelo brunido e velhas “correntes” de decorações plásticas, penteadas assim como incisas. Estas novas incorporações comprovam, ou, por outro lado, poderão comprovar o contacto entre comunidades com culturas distintas e de regiões distintas (trataremos deste assunto no capítulo VI) resultando de uma aculturação de modos e gostos decorativos. A nível decorativo esta é a unidade mais rica e diversa.

Ao continuar com a análise através da sucessão de estratos observamos que o penúltimo estrato denuncia uma conformidade com o anterior, a aculturação permanece presente, o que nos fornece a indicação que os contactos entre diferentes regiões e cultura ainda ocorrem, havendo uma nova erudição, a decoração excisa.

Finalmente, as decorações do último estrato demonstram o abandono que suspeitamos ter ocorrido na unidade 05. Além de haver uma quebra na produção cerâmica há também um decréscimo dos tipos decorativos concebidos. Passamos de cinco tipos de decoração para três que são reveladas pela decoração penteada, esta permanece desde o estrato 12, a decoração incisa, a qual ocorre permanentemente desde o primeiro estrato, bem como a decoração excisa que é incorporada no estrato anterior. Tanto a unidade 18, como a unidade 08, relembramos, é uma estrutura em negativo, não apresentam fragmentos decorados, desse modo não nos fornecem qualquer tipo de informação congruentes com as que fizemos anteriormente.

Por fim, entre estes aspetos gostaríamos de sublinhar, a denotada existência de uma descontinuidade relativamente às decorações de cerâmicas de tradição do Bronze Final para as do início do Ferro Inicial com a inserção de novos motivos e formas decorativas, período esse bem demarcado nas unidades estratigráficas 12 e 09.



**Fig.:33:** Gráfico da totalidade de tipos decorativos e sua incidência nas diferentes unidades do sector IV.

## 6. Paralelos em contexto regional

Finda a análise do repertório cerâmico, achamos crucial, para o seu entendimento e caracterização, descrevermos algumas situações de achados paralelos (e não só), no sentido de caracterização do território. Para isso decidimos alargar a região em estudo para a região das Beiras. Passaremos assim de uma microanálise, para uma macro análise.

Começemos pelos achados ainda na região do concelho do Sabugal em que estes serão organizados por ordem alfabética dos sítios arqueológicos onde terão sido exumados:

**Caria Talaia:** cerâmicas com decoração caracterizada por incisões, aplicações plásticas, brunidas, impressões, puncionamento e penteados associados a motivos estilísticos que reportam para o mundo de Cogotas I. A maioria dos acabamentos corresponde a superfícies alisadas, *cepilladas*, brunidas e espatuladas. Entre os elementos morfológicos identificados contam duas asas de fita e um mamilo perfurado, e ainda com uma taça carenada (VILAÇA et al, 2020).

**Castelejo:** é neste povoado que encontramos decorações plásticas com recurso ao aplique de mamilos; algumas incisões que se localizam nos lábios ou nos bordos; impressões que, ao contrário das do Alto da Pena que se caracterizam por ungulações, estas são dedadas localizadas no lábio; já a decoração brunida, localizada no bordo e no bojo, está representada através de motivos geométricos como os losangos, ziguezagues ou espinhas (VILAÇA, 1995: 121).

**Castelo de Vilar Maior:** numa mancha de dispersão que poderá chegar aos 4,5 hectares são provenientes fragmentos de cerâmica manual e ao torno exumados em contexto de intervenções arqueológicas que cronologicamente se inserem na Idade do Bronze e que caracterizam o mundo estilístico de Cogotas I. Estes revelaram decoração por incisões, caneluras, plástica à base de cordões, impressão de matriz, puncionamento simples, arrastado, e tipo “boquique”, excisão e ainda incrustação de pasta branca (PERNADAS et al, 2015).

**Sabugal:** há um bordo com decoração de sulcos brunidos, um fragmento decorado através de incisão e outro decorado com linhas quebradas (tipo Cogotas I). Da Idade do Ferro, sobressaem as cerâmicas estampilhadas com motivos variados, três fragmentos com decoração penteada (ver estampa XXXII do anexo), um fragmento com triângulos incisos e uma cerâmica negra (SILVA, 2005: catálogo A, 23).

**Sabugal Velho:** neste sítio foram encontrados bojos com decoração incisa, penteada (ver figura VIII do anexo) e também cerâmica pintada (SILVA, 2005: catálogo A, 20 e 21; VILAÇA, 2021: 38). De referir que desta última técnica não há exemplares no Alto da Pena,

por nós identificados, porém achamos pertinente esta referência para marcar não uma semelhança, mas sim uma desigualdade entre estas povoados.

**Serra Gorda:** dos materiais destacam-se os fragmentos com decoração incisa em forma de espiga e de linhas paralelas (Cogotas I), as aplicações plásticas mamilares e as taças carenadas (SILVA, 2005: catálogo A, 20).

Acreditamos na pertinência de conhecer, de forma mais vasta possível, outros contextos mais afastados do território que supra mencionamos, para suportar de modo mais seguro futuras ilações. Assim, passaremos para uma análise de macro escala:

**Alegrios:** localizado no concelho de Idanha-a-Nova o estudo deste sítio identificou a existência de cerâmicas penteadas que recorreu ao uso de linhas quer retas, quer curvilíneas, mas não só, este povoado apresenta uma diversidade relativa nas suas cerâmicas. Há também exemplares decorados com incisões quer no lábio ou no bojo; com impressões óvoides, circulares, e pasta prensada; a decoração plástica é também ela evidenciada pela aplicação mamilar ou através das “lágrimas”; por fim há também elementos que foram decorados através de brunimento (VILAÇA, 1995: 164, 205, 206; VILAÇA, 2021: 36),

**Castro do Cabeço da Argemela:** situado no concelho de Fundão, a sua diversidade decorativa é relativamente vasta, ainda que seja espelhada em poucos fragmentos cerâmicos. Há exemplares que possuem decorações por incisão; canelura; impressão quer seja ungulação, quer seja puncionamento; estampilha -ainda que haja apenas um-; brunimento; penteados; aplicação plástica e pintura (FERNANDES, 2013: 13, 52-79), desta última técnica não há paralelos no Alto da Pena.

**Monte do Frade:** este sítio pertencente ao concelho de Penamacor, permitiu o conhecimento de fragmentos cerâmicos decorados por incisões que se localizavam no lábio, bojo e bordo das peças cerâmicas; impressões; e decoração plástica com a aplicação de mamilos/botões e de “lágrimas” tanto nas zonas de bojo como de bordo (VILAÇA, 1995: 125, 158). De um modo geral, acaba por se relacionar com o nosso caso de estudo devido à pobreza decorativa.

**Moreirinha:** também ele situado no concelho de Idanha-a-Nova, neste povoado foram recolhidos exemplares de cerâmica decorada a partir da técnica de incisão localizada em zonas de lábio, bordo e bojo; impressão nos lábios e bojós; plástica que somente terá sido identificada na zona do bojo; brunimento; e pintura na zona do bordo (VILAÇA, 1995: 201, 233, 234), não há elementos pintados, tal como já tínhamos mencionado aquando da análise ao Castro do Sabugal Velho e Castro do Cabeço da Argemela.

E ainda, fora do contexto do território português e porque importa esta reflexão e enumeração devido à relativa proximidade com o nosso caso de estudo, podemos também aportar pelo menos dois exemplos no que diz respeito a cerâmicas com decoração penteada no território espanhol, mais precisamente em Salamanca.

É no castro de Salmantica (Cerro de San Vicente) que se encontraram um conjunto de cerâmicas com decoração penteada que recorre ao uso de linhas paralelas, que por vezes são associadas, em motivos, com linhas curvilíneas (ver estampa XXXIII do anexo, página 264). Também no povoado de Picón de la Mora se encontram exemplares decorados com esta mesma técnica (ver estampa XXXIV do anexo, página 264), onde os elementos exumados, ao contrário dos anteriores, tem uma área de aplicação bem maior. Uma vez que, por vezes, um bojo está completamente decorado quer com linhas retas, quer com linhas curvilíneas, espelhando possivelmente um acentuado grau de decoração na mesma peça (MARTIN VALLS: 1986-1987). Também no Alto da Pena a decoração penteada está presente em pelo menos dois exemplares, sendo que um apenas possui linhas paralelas - figura 3 da estampa VIII do anexo, página 244- (tal como em Salmantica) e o outro apresenta tanto os motivos penteados curvilíneos como as linhas paralelas (tal como em Picón de la Mora), ver figura 2 da estampa XIII do anexo, página 249.

Para finalizar a análise célere entre o Alto da Pena e os doze povoados que aqui apresentamos resta-nos tecer algumas considerações que são necessárias para a compreensão do quadro que acabamos de produzir: a decoração penteada é aquela que mais se destaca e mais exemplares detém no universo descrito – será pela sua facilidade de execução ou prende-se com questões valorativas?; a decoração brunida acaba por se revelar em cinco dos povoados examinados e esta ocorre tanto em sulcos como em linhas, tal como acontece no nosso caso de estudo (figura 1 da estampa VIII, página 244 - sulcos; fragmento nº1 e 2 do inventário da u.e.:06, página 120 - linhas); como era de esperar em povoados de tradição do Bronze Final a decoração incisa acaba por comportar mais exemplares e ocorrer no maior número de povoados, em dez dos doze mencionados.

Contudo, nem só as semelhanças são necessárias referir. Ao contrário do Sabugal Velho, Castro do Cabeço da Argemela e da Moreirinha não há qualquer exemplar, por nós identificado, de decoração cerâmica com recurso a pintura. Aliás, essa técnica foi apenas identificada nestes dois povoados. Serão estes, de algum modo, sítios excecionais?

Neste sentido, baseados numa visão global onde os estilos ornamentais atestam uma possibilidade não só de zonas estilísticas, mas como também de situações, no quadro da Proto-

história, idênticas entre povoados, que nos é seguro pensar num quadro relativamente homogéneo, pelo menos na região do Sabugal.



## Capítulo VI – O Alto da Pena: contexto local e regional

*Power – the ability to exercise control or command over others – is one of the most fundamental social realities. The various devices used either to restrict power or to institutionalise and perpetuate it are among the most characteristic features of human societies.*

Colin Renfrew (1984: 24)

Também, tal como Renfrew (1984), reconhecemos que o poder é uma característica essencial do Homem. Através do seu entendimento é possível compreender e conectar muitos comportamentos sociais, culturais e económicos. É neste sentido que legitimamos que uma das motivações das comunidades proto-históricas, seria certamente esta prerrogativa.

Sendo consequente, todos os meios que pudessem servir de intermediário para obter poder, sejam eles territórios, recursos naturais ou objetos com as mais diversas utilidades – seriam o motor das sociedades e a sua motivação para uma ação. Por outro lado, a procura pelo poder gerava efeitos que também eles pautaram o meio social. Quando procuravam poder através da posse de um território para assentamento, era gerado um contexto de mobilidade e de possíveis tensões com outros grupos sociais; quando procuravam poder em objetos distintos da norma, eram criadas trocas e criava-se influência cultural; quando procuravam poder nos recursos de uma dada região, provocavam o incremento da importância do local e dos recursos, consequentemente motivo de busca por aqueles e de tensões.

Esta análise que acabamos de fazer é muito despojada e, em certa medida superficial, dado que a conjectura de consequências seria diferente de grupo para grupo, mas também de território para território, assim como o “significado” de poder e os seus “atributos” gerando círculos de consequências económicas e sociais que poderiam ser distintos.

Podemos então retomar a ideia que defendemos no capítulo II – os recursos naturais e as características do território em que o Alto da Pena estava circunscrito exponenciaram a sua importância tanto a nível de um contexto local, tanto a nível de um contexto regional. Este nosso parecer pode bem ser comprovado pelos múltiplos vestígios que estão distribuídos pela região em apreço, tal como enumeramos e caracterizamos no capítulo III.

Com efeito, a base da riqueza e consecutivamente, do poder, assentava quer nos recursos naturais da região (estanho, ouro e cobre), quer na sua fisionomia (aberta e com corredores naturais de passagem) e a sua situação estratégica no quadro da Península Ibérica (VILAÇA, 1998: 203). Contudo, não seria apenas o sítio do Alto da Pena que beneficiaria da situação

geográfica e ambiental que pautava o território sabugalense, haveria pois, outros grupos sociais cujas características desta região incitavam e convidavam para a sua descoberta e exploração, havendo justificações ótimas para o encontro, assentamento e passagem de grupos sociais e culturalmente distintos.

Convergemos na defesa da ideia de que a proto-história desta região deverá ser enquadrada no complexo processo etno-cultural da Península Ibérica (ALMAGRO GORBEA, 1998: 82), porém divergimos deste mesmo autor, quando defende que as terras situadas mais a ocidente e setentrionais e que incluem a região de Ribacôa (situação geográfica que engloba Vila do Touro) serão isoladas (ibidem).

Acreditamos que esta região não deverá ser denominada e entendida deste modo. As cerâmicas do Alto da Pena, assim como também os objetos arqueológicos exumados em toda a região cuja dispersão é notória (ver capítulo III) revelam de um modo consistente uma abertura e não um isolamento desta região. O Sabugal seria, pois, uma área de contactos de diversas sociedades e culturas devido à sua localização e orografia natural que permitia e levava a – demonstrando um espírito de benevolência a indivíduos forâneos que possivelmente trariam consigo elementos excêntricos.

Creemos por isto que o sítio do Alto da Pena poderia ser um local de importância quer a nível local, quer a nível regional. A questão meritória de análise e de discussão é efetivamente perceber se este sítio seria culturalmente e cronologicamente semelhante aos demais da região.

Analisemos.

#### 1. Caracterização cronológica e cultural

Sendo as cerâmicas um meio de alcançar a caracterização cultural das comunidades, uma vez que os artefactos e os respetivos contextos encerram em si uma determinada escolha e premeditação humana (VILAÇA, 1995: 42), faremos a caracterização cronológica e cultural com base nos materiais exumados no Alto da Pena e que estudamos no capítulo anterior.

Através da análise tornou-se patente que a maioria dos fragmentos que analisamos se insere numa produção indígena e com fraca expressividade decorativa, por outro lado as influências exógenas em fragmentos com decoração brunida e penteada, por exemplo, corroboram os contactos com culturas de regiões diferentes.

Ao diligenciarmos uma seleção de fósseis diretores<sup>7</sup> que nos pudessem aportar facilmente e seguramente para uma cronologia, compreendemos desde cedo que esta tarefa não iria ser simples em consequência, como dito anteriormente, da fraca expressividade decorativa. Veja-se o quadro seguinte:

<i>Tipos e decoração da cerâmica</i>	<i>Cronologia evidenciada</i>
<i>Cerâmica manual</i>	Idade do Bronze / I Idade do Ferro
<i>Cerâmica a torno</i>	Idade do Ferro
<i>Decoração brunida</i> <sup>8</sup>	Idade do Bronze Final / I Idade do Ferro
<i>Decoração impressa</i> <sup>9</sup>	Idade do Bronze Final/ Idade do Ferro
<i>Decoração plástica</i> <sup>10</sup>	Idade do Bronze Final/ Idade do Ferro
<i>Decoração penteada</i> <sup>11</sup>	Idade do Ferro
<i>Formas carenadas</i>	Idade do Bronze/ Idade do Ferro

**Fig.: 34:** Tipos de cerâmica que foram exumados em escavação do sector VI e que permitem deduzir um período de ocupação.

Com o propósito de clarificar a cronologia ao analisar a figura 34, é possível definir a fase de ocupação do nosso caso de estudo. Portanto poderemos inferir que o início da ocupação do sector VI data da Idade do Bronze, e terá continuidade até à Idade do Ferro (ou pelo menos até à I Idade), ou seja, final do II milénio a.C..

A fim de assimilar se existem ou não disparidades em associação a este quadro e com o intuito de nos aproximarmos, preferentemente tanto quanto possível da realidade que pautou o

<sup>7</sup> Entendemos aqui como fóssil-diretor todas as cerâmicas que tendo uma cronologia delimitada de produção nos poderão facultar uma datação que possamos usar para determinar algum período de ocupação para o sítio em estudo. Tendo consciência de que algumas cerâmicas possuem uma cronologia lata, vincularemos a mesma com outros materiais e estruturas existentes no sector VI com vista a uma incorporação de dados e aproximação correta à realidade proto-histórica que ocorreu neste local.

<sup>7</sup> A tecnologia da produção de cerâmica a torno terá sido trazida pelas comunidades fenícias no século IX/VIII a.C. (VILAÇA, 2007:12).

<sup>8</sup> É notório o aparecimento deste tipo de cerâmicas em diversos contextos arqueológicos, e por efeito muitos autores debatem a sua funcionalidade como fóssil-diretor, contudo não abordaremos essa problemática por fugir aos moldes do nosso trabalho. A cronologia que atendemos neste trabalho baseou-se na investigação de Ana Bica Osório (2013:28).

<sup>9</sup> Informação retirada de VILAÇA, 2012: 93 e 100.

<sup>10</sup> Informação retirada de VILAÇA et al, 2020: 106 e 107

<sup>11</sup> Informação retirada de VILAÇA, 2012: 100

Alto da Pena não nos poderemos basear exclusivamente nas informações inconsistentes, ou de outro modo dilatadas, que poderemos retirar das cerâmicas. É neste sentido que através de uma análise comparativa, que corrobore ou coloque em questão a cronologia que apresentamos supra, usaremos informações que dispomos de outras sondagens englobadas nesta intervenção, nomeadamente dos materiais exumados.

Nesta aceção analisemos primeiramente o setor II: para este existem duas datas de datação por Carbono 14. Uma delas foi obtida a partir de madeira carbonizada (*Quercus caducifolia*) e obteve o resultado 2710±35 BP. A outra que terá sido obtida a partir de grãos de trigo, corresponde a 2680±45 BP. Ambas, estatisticamente semelhantes, apontam para o séc. IX a.C. (VILAÇA et al, 2018: 8), isto é 850/900 a.C.

No que concerne aos materiais do sector III, conhecem-se duas fíbulas. Uma do tipo Alcores e a outra do tipo Becarrón, ambas inseridas no grupo designado “fíbulas tartésicas” e que evidenciam uma cronologia recorrente durante os séculos VIII e VII a.C (PONTE et al, 2017: 139). Ainda para o setor III conhece-se fragmentos de cerâmica de tipo “Cogotas I”, bem como cerâmicas “a peine”, tipos com cronologia distinta que ocorrem entre o Bronze Final e o Ferro Inicial (VILAÇA et al, 2018: 8 e 9)

Por fim, englobando os dois sectores, ambos foram contextos de exumação de cerâmicas de “tipo Carambolo”. Daquele sector provieram quatro fragmentos, deste cinco (VILAÇA et al, 2018: 13 e 15). A cronologia para as cerâmicas deste tipo insere-se num um espectro centrado nos séculos XI-IX a.C. (*ibidem*, 42).

Conforme mostram os dados que descrevemos acima é possível depreender, ainda que com alguma cautela, que a análise cronológica feita a partir do conjunto ceramológico do setor VI aproximam-se de outros estudos com o mesmo carácter cronológico, para outros e distintos materiais do Alto da Pena conferindo uma maior certeza na ilação que fizemos anteriormente.

Importa referir que dentro desta cronologia, e no que concerne à temática do povoamento dos sítios habitados na região das Beiras há uma questão que pauta a análise e discussão entre os autores que se debruçam nesta região e que nós não poderíamos deixar de explorar. Na maior parte dos povoados cuja cronologia abrange a designada Idade do Bronze alongando-se até à Idade do Ferro, é notório uma descontinuidade de ocupação quando se inicia o I milénio.

Segundo Ricardo Silva (2005: 65) atesta-se um generalizado abandono de sítios elevados que possuem destaque paisagístico em detrimento da ocupação de locais mais próximos com melhores terrenos e de boa irrigação. Neste sentido, se tivermos em linha de

conta que o Alto da Pena se inscreve nesta transversalidade, uma vez que ocupa um sítio de elevada altitude, é possível compreender e adotar esta inferência pelo menos para o nosso caso de estudo. Além de que, como defendemos no capítulo III os povoados localizados em baixo-relevo possuem prerrogativas que os de relevos altos não possuem, nomeadamente da facilidade de obter recursos fundamentais à sua vida produtiva, mas também da sua subsistência.

Há relativamente poucas respostas para esta problemática, porém poderemos enumerar alguns guias ou possibilidades explicativas.

Como averiguamos anteriormente os povoados desta região obedecem – ou parecem obedecer – a um critério que se evidencia de modo transversal na maioria dos povoados, a implementação em sítios elevados.

Esta situação é notória quer na área ocidental uma vez que os valores altimétricos em geral são elevados (OSÓRIO, 2005: 45) quer na área nascente do rio Côa, dado que há também uma tendência na escolha de elevações mesmo que estas não se caracterizem por uma altimetria exacerbada, são, porém, as cotas mais elevadas em relação à região total deste relevo.

Quando questionamos mais aprofundadamente esta questão do abandono perspetivamos uma comparação à realidade social, económica, cultural ou ambiental que as comunidades pudessem ter vivido que nos possam demonstrar a necessidade de mudança. É na última que a encontramos.

Terá sido nesta baliza temporal que ocorreu uma alteração climática que marcou a transição entre os períodos Sub-boreal e Sub-atlântico substituindo as condições de clima que existiam anteriormente, por climas mais frios e húmidos, caracterizado pelo aumento da pluviosidade média e a sua conseqüente erosão dos solos, esta situação natural aliou-se a uma de cunho antrópico que se relaciona com a exploração das terras e conseqüente desflorestação (LÓPEZ-SAEZ et al, 2009: 91; 96-97).

Ao aprofundarmos o problema e abandonarmos por momentos a possibilidade de uma causa natural, rapidamente nos apercebemos que há, efetivamente, outras respostas.

Segundo Renfrew (1984; 366-373) há uma sequência de acontecimentos que levam ao abandono de um determinado sítio arqueológico e encontram-se divididas em pelos menos três fases, observemos duas delas: o “Collapse” e o “Aftermath”. O primeiro caracteriza-se pela decadência da organização central de um estado em desenvolvimento; o desaparecimento de elites; o declínio de uma economia central; o abandono de assentamentos e a perda do número populacional. Já a segunda fase, qualifica-se pela transição para um nível sociopolítico mais baixo em que, fundamentalmente, as sociedades voltam a organizar-se em estratos sociais nos

quais se conservam ainda algumas crenças e culturas anteriores, para isso deslocam-se para territórios mais pequenos e em menores grupos.

Não nos querendo alongar neste assunto – mas desejando deixar outro contributo que não o de causa natural – é perceptível nesta teoria um possível faseamento de acontecimento-consequência (quase como um par “ação-reação”) que poderá explicar o abandono de povoados que se inicia, segundo este autor, pelo colapso da organização central que se encontra num estágio inicial de desenvolvimento. O que resultará em núcleos de pequena dimensão que se dispersam pelo território, que aliás, deixaram marcas visíveis através dos imensos vestígios que enumeramos anteriormente.

Ainda que o Alto da Pena pareça ter resistido a esta mudança de paradigma no que concerne à tipologia de assentamento e que este não tenha sido abandonado, até pelo menos à I Idade do Ferro, é evidente, pelo número de materiais dispersos por estratigrafia que há um decréscimo claro na produção de cerâmicas, encetando um possível abandono.

Por outro lado, ao nível cultural observa-se uma situação análoga aos restantes povoados da Beira. Um assentamento com um marcado cariz doméstico, onde a pobreza decorativa é exaltada em poucos elementos.

Embora não tenham sido alvo do nosso estudo, foram exumados componentes de mós neste setor que bem caracterizam e comprovam a feição familiar e produtiva que aqui teve lugar. É notória a concentração de atividade produtora na proximidade de estruturas de contenção/proteção (referimo-nos à zona sudeste da intervenção que se situa junto aos penedos graníticos) dado a existência do elevado número de fragmentos cerâmicos na mesma área.

Já as estruturas edificadas não passam de componentes simples como a cabana com pelo menos um poste central e empedramentos retilíneos de construção pouco cuidada e sem pedras trabalhadas. Neste setor não conseguimos atribuir funcionalidade a duas estruturas negativas, o sulco e a fossa, por isso inferimos que não há estruturas de armazenagem, mostrando o caráter de produção à escala das necessidades do grupo.

## 2. Da cultura material aos contactos e à economia

Qualificamos a região que circunscreve o Alto da Pena, o centro do território português, como uma “região-chave” para o entendimento do funcionamento das redes e circuitos trans regionais, que se revestem de um carácter pendular, entre o Atlântico e o Mediterrâneo, sendo este igualmente um contraponto ativo aos estímulos orientais, com as suas criações próprias e imitações de matriz atlântica (VILAÇA, 2007: 136). E se “encaixado” num ambiente de trocas

culturais e de conhecimentos, provável seria que também o sítio em estudo fosse mediador, recetor ou difusor de correntes culturais.

Porém, antes de mais, cremos pertinente dar significado e sentido aos “contactos” a que neste ponto nos referimos. Quando pensamos apenas na aceção da palavra esta poderá tornar-se muito superficial e pouco caracterizadora: algo que toca, o que permite comunicação, proximidade entre outros denominadores que na nossa opinião são insuficientes. Em Arqueologia o *contactus* significa mais: influência, aculturação, deslocamentos, mudança e revolução – pelo menos. Os contactos podem significar alterações das necessidades e das procuras de uma comunidade, que por sua vez reportam renovação de conceção social.

Quando usamos a frase de Colin Renfrew para iniciar este capítulo quisemos reforçar a ideia de que o sentido de “poder” era (e é) o motor dos comportamentos e da mudança social que atrás referimos. Vejamos o seguinte: quando o poder é baseado na riqueza de uma região (como vimos anteriormente) e esta escasseia, ou as comunidades são forçadas a abandoná-la e procurar outra com as mesmas características; ou são forçadas a adaptar-se e a obter novas soluções e materiais que continuem a conferir-lhes “poder”. É neste momento que a importância de objetos exógenos (que caracterizamos no capítulo III) se torna patente no seio de indivíduos, tendo como consequência o que supracitamos: a aculturação, a influência, os deslocamentos, a mudança e uma revolução que se fundamenta por meio, mas também por causa, dos contactos.

Todavia, não poderemos assimilar este processo de um modo único. Há duas perspetivas deste: o da comunidade que se vê forçada à mudança e ao deslocamento, conseqüentemente à aculturação e que é influenciada, por outro lado, aquela que possuindo a mudança (determinado objeto que confere poder) concede cultura e que procede à influência.

Renfrew sistematiza dez formas de contacto (1998: 120) que têm a noção da origem e destino, do recetor e do emissor, de um centro ou de uma pessoa central. Estes contactos, em Arqueologia, ganham notoriedade quando a partir deles é possível examinar – através da distribuição dos objetos a consequente distribuição de estilo e da simbologia que são portadores das informações de trocas (RENFREW, 1998: 130).

Neste sentido, avaliaremos a possibilidade destes com base nos materiais estudados no capítulo anterior, e que nos poderão advertir para possíveis contactos que originaram a apropriação de certos estilos.

Do vasto conjunto cerâmico que possui 1151 fragmentos destacamos apenas dezasseis que são capazes de basear esta análise: pelo menos quatro bojos com decoração brunida

(presentes na unidade 06 e 09) e os nove bojos com decoração penteada (fragmentos das unidades 05, 06, 09 e 12).

Ao analisarmos o primeiro compreendemos que há uma variedade e multiplicidade de problemáticas associadas que dizem respeito à cronologia de produção, à origem, aos estilos e consequente regionalidade. Tendo presente a importância das mesmas, centrar-nos-emos na informação pertinente e que pode ser empregue na nossa investigação. Ao consultar o trabalho de Ana Osório somos elucidados de que as cerâmicas brunidas têm uma diversidade decorativa que se pode regionalizar. São caracterizadas três regiões tendo como base o local da aplicação da decoração e o tipo de formas cerâmicas em que são aplicadas (2013: 15 e 16). Apresentamos esses dados qualitativos na figura 35:

<i>Região de achado</i>	<i>Área de aplicação</i>	<i>Formas cerâmicas</i>
<i>Huelva, Guadalquivir (SO espanhol)</i>	Superfície interna	Abertas
<i>Lisboa, Setúbal</i>	Superfície externa	Abertas e fechadas
<i>Beira Baixa, Alentejo, Extremadura espanhola, Algarve</i>	Superfície interna, externa ou ambas	Abertas e fechadas

**Fig.:35:** Dados relativos à decoração brunida com base no estudo de Ana Bica Osório (2013).

Replicando o quadro acima elaborado para os quatro achados de fragmento de decoração brunida do Alto da Pena, verificamos que sendo três fragmentos de bojo infelizmente não nos fornece a forma da sua constituição inicial, pelo que não somos capazes de inferir se estaria aplicado numa forma aberta ou fechada.

Contudo, é-nos possível determinar que a superfície de aplicação é a externa para os três, neste sentido poderemos, com apoio nestes critérios definidos inicialmente por Ana Osório, excluir com alguma segurança a região do Sudoeste espanhol. Levando-nos, por esta análise, a pensar que o Alto da Pena não teria contactos com esta região.

Para o fragmento que nos resta averiguar, figura 1 da estampa IV, página 240, conseguimos compreender que esta decoração também se localiza apenas no exterior da peça, que possui uma forma aberta. Assim, não havendo decoração no interior, as ilações que nos são possíveis retirar desta análise são semelhantes às que fizemos para os dois fragmentos de bojo.



Deste modo ficam demonstradas possibilidades no que diz respeito a pelo menos duas regiões: a de Lisboa e Setúbal, bem como a da Beira Baixa, Alentejo, Extremadura espanhola e Algarve poderão ter tido contactos com a comunidade do Alto da Pena. Ao recorrermos à informação exposta no capítulo II, a noção de que a morfologia de uma região e os seus possíveis corredores naturais possam permitir a circulação de pessoas e bens, a noção de contactos entre estas duas regiões é clara e apresenta poucas dúvidas. Por isto, deduzimos a possibilidade dos mesmos entre o Alto da Pena com as regiões tanto peninsulares, Lisboa, Setúbal, Beira baixa, Alentejo; como espanholas, no caso, apenas a Extremadura.

No que respeita à decoração penteada de cerâmicas, esta é uma clara evidência da Meseta Norte e que encontramos distribuição sobretudo pela Beira Interior (VILAÇA, 2012: 100). Esta cerâmica é um dos elementos mais representativos do horizonte cultural de Cogotas II e é considerado como um momento inicial do desenvolvimento da metalurgia do Ferro na Meseta (HERNANDEZ HERNANDEZ, 1981: 1) são, por alguns autores consideradas as cerâmicas celebres do vale do Douro que são exumadas em contextos da Primeira Idade do Ferro (RUIZ ZAPATERO e ÁLVAREZ-SANCHIS, 2002: 265), contudo a sua plenitude corresponde à segunda Idade (MARTIN VALLS, 1986/7: 74). Assim, a partir dos exemplares com decoração penteada exumados no sector VI, cujos elementos decorativos se limitam a linhas paralelas, poderemos depreender que esta comunidade teria contactos com a zona da Meseta Norte do Ocidente Peninsular, um território sensivelmente próximo desta região, mas ainda assim mereceu atenção por parte dos grupos sociais do Alto da Pena.

Neste sentido poderemos, com cautela, inferir que contactos e possíveis trocas comerciais eram efetuadas pelas comunidades em estudo. A partir destes dois tipos de cerâmicas – cerâmica brunida e cerâmica penteada – compreendemos que as regiões como Lisboa, Setúbal, Beira Baixa, Alentejo, Extremadura Espanhola e a Meseta Norte estariam na rota dos caminhos de trocas e de contactos estabelecidos através deste povoado, causando aculturação de formas de expressão. É bem visível o carácter de abertura desta comunidade principalmente para com as áreas no território português, com a exceção do único caso extrínseco, a extremadura espanhola.

A este nível queríamos referir uma questão meritória: a existência de contactos com troca de conhecimentos, aprendizagem do produzir, assimilação de novos gostos, entre outros aspetos, poderiam não envolver um carácter obrigatório de uma permuta de bens materiais (VILAÇA, 2008: 377). Assim, apesar de não possuímos materiais que apontem outras zonas com as quais as comunidades do Alto da Pena pudessem eventualmente contactar, tal não

significa que comunicassem unicamente com as que ficaram demonstradas atrás pelos materiais decorados. Efetivamente, nos caminhos percorridos até estas zonas haveria outros grupos e outras culturas que não poderão ser descredibilizadas apenas porque não temos suporte material que o comprove.

No que concerne à economia que caracteriza o sector VI do Alto da Pena é bem visível uma economia doméstica e pouco diversificada. Ainda que não tenhamos estudado o espólio metálico, a única existência, a de uma fíbula não constitui um vestígio da produção metalurgista, uma vez que não há evidências de ferramentas ligadas a esta atividade como é o caso dos moldes, dos cadinhos ou até de pingos. Neste sentido a fíbula poderá somente indicar contactos e trocas comerciais.

Respeitante aos elementos líticos, como fomos referindo ao longo do capítulo IV, há vestígios de fragmentos de mós, o que corrobora esta feição doméstica com que caracterizamos este sector, além de que a ausência de estruturas de armazenamento leva-nos a deferir, e a corroborar a ideia inicial, que a produção existente neste local era apenas para colmatar as necessidades quotidianas das próprias comunidades, não havendo a possibilidade de excedentes serem bens de trocas. A produção teria assim um carácter de subsistência e não comercial.

Será que poderemos relacionar este aspeto com a abundância e riqueza do contexto territorial onde se inseriam tal como descrevemos em capítulo anterior? Será que o meio possuía assim tanta riqueza que não houvesse preocupação de armazenar alimentos? É possível, tendo em conta que o Alto da Pena estava inserido precisamente no meio de dois afluentes do Rio Côa o que poderia ser um nicho de vida tanto animal como vegetal.

### 3. A sua integração no povoamento regional: homogeneidade ou heterogeneidade? Uma comparação entre sítios

A reconstrução hierárquica dos lugares e a análise das suas relações tanto económicas, como políticas constituem um dos campos mais férteis da Nova Arqueologia (ALARCÃO, 1996: 14) e que cremos enriquecedor para a caracterização da comunidade alvo do nosso estudo numa tentativa de caracterização.

É na região superior do vale do Rio Côa (Ribacôa) que se conhece testemunhos de intensa ocupação durante a Idade do Ferro (OSÓRIO, 2009: 95) sendo o mesmo de modo muito semelhante, e visível, na faixa contrária. Deste modo, não havendo discrepâncias significativas

entre as duas regiões, podemos desde logo afirmar que o Alto da Pena estava inserido numa região com uma intensa ocupação proto-histórica.

E se a dimensão dos lugares habitados assim como o seu posicionamento relativo ao espaço, não serão somente correlacionáveis de uma determinada estrutura de relações sociais, sendo que os aspetos sociopolíticos intervêm na construção da paisagem e devem poder ler-se no espaço onde se inserem (ALARCÃO, 2003: 13) é possível notar, pelo menos para a Beira interior, sobretudo nas áreas bem estudadas, que os sistemas de rede de povoamento apresentam uma organização policêntrica, de forte pendor multipolar, dominados pela altura e impacto visual, e deverão ter sido habitados permanentemente, não havendo indícios que façam pensar em expressivas ocupações sazonais, todavia, as mesmas poderão ter ocorrido em lugares ainda não reconhecidos (VILAÇA, 2013: 201).

Dado que em capítulo anterior (capítulo V, ponto 6) fizemos uma análise comparativa para os dados cerâmicos resta-nos procurar estruturas habitacionais que sejam congruentes com as que encontramos no Alto da Pena.

Não querendo adotar critérios arbitrários para a escolha de lugares e com a finalidade de integrar dados na maior globalidade de sítios que vão ao encontro do Alto da Pena, para esta análise atendemos aos critérios de cronologia para a Idade do Bronze e Idade do Ferro; de tipologia de assentamento – quer povoado aberto, quer fechado, assim como as estruturas evidenciadas pelas intervenções arqueológicas. À posteriori servirão de base para determinar se existe homogeneidade ou heterogeneidade em contraposição com o nosso caso de estudo.

Através destes critérios poderemos englobar seis sítios arqueológicos dentro do concelho do Sabugal, são eles, apresentados alfabeticamente: Caria Talaia; Castelejo; Sabugal; Sabugal Velho e Serra Gorda.

Em Caria Talaia as intervenções ocorridas entre 2008 e 2009 revelaram vestígios coesos de um espaço de habitação, denunciados por uma possível cabana. Além desta, os diversos achados de elementos de mó. A cronologia proposta para este povoado insere-se no Bronze Médio - Bronze Final (VILAÇA et al, 2020).

Já no sítio do Castelejo foram encontradas estruturas de habitação, tais como buracos de poste, estruturas de combustão e muros, um deles com possível função defensiva dada as suas dimensões. Foram identificados também elementos de mó tanto dormentes como moventes (VILAÇA, 1995: 95-114).

Ao Sabugal são atribuíveis ao período da Proto-história os vestígios de uma estrutura habitacional de planta retangular e duas lareiras (SILVA, 2005: catálogo A, 23).

Por sua vez, ao Sabugal Velho que terá sido intervencionado entre 1998 e 2002 cuja cronologia data da Idade do Bronze e Idade do Ferro (OSÓRIO, 2010: 61) destaca-se o sistema defensivo e duas edificações, com planta retangular e outra de planta circular (SILVA, 2005: catálogo A, 20 e 21).

A Serra Gorda foi alvo de intervenções que permitiram identificar na encosta nordeste uma estrutura que se classificou de talude defensivo (SILVA, 2005: catálogo A, 20). Há ainda a reportar a existência de um peso de seixo e de mós de vaivém (OSÓRIO, 2005: 51).

Por outro lado, e adotando uma macro escala na tentativa de nos aproximarmos de uma caracterização minimamente suportada, analisemos povoados como os Alegrios; Castelejo; Castro do cabeça da Argemela; Monte do Frade e Moreirinha.

Iniciamos a análise com o povoado do Alegrios que é assente num monte com 598m de altura. Aqui foi encontrado um abrigo, cujas condições de jazida não eram as iniciais. Ao nível de estruturas foram encontrados quatro buracos de poste, sendo um deles duplo, e uma fossa. No que diz respeito a estruturas de combustão foram descobertas cinco, quatro das quais muito destruídas, da única que foi possível analisar pelos arqueólogos, era visível uma delimitação através de pequenas pedras de configuração subcircular. Foram detetadas estruturas murárias em que uma dividia e outra fechava a plataforma de um modo parcial (VILAÇA, 1995: 164, 167 - 169).

De seguida, no povoado do Castelejo situado a uma cota de 830 m, não foram identificadas qualquer tipo de estruturas, facto justificado pela intensa erosão. No entanto, era observável pedras que poderiam testemunhar vestígios imóveis (VILAÇA, 1995: 90, 94).

Já no Castro do Cabeço da Argemela, sítio implantado a 719 m de altura, foi possível identificar um piso de circulação que fora atestado pela regularização propositada da superfície; uma estrutura de planta retangular que possuía um piso no seu interior, bem como um muro de aparelho regular (FERNANDES, 2013: 36, 42-43).

O povoado do Monte do Frade situa-se a uma altimetria de 576m, e aqui foram descobertas três lareiras de conformação circular e que estariam delimitadas por uma fiada de pedras. Foram ainda também descobertos dois buracos de poste que distavam entre si cerca de 1,10 m, bem como duas estruturas pétreas que detinham uma configuração circular (VILAÇA, 1995: 128-130).

Por fim, no que concerne ao povoado da Moreirinha a uma altura de 679 m, foram encontradas três lareiras, sendo que uma se tratava de duas lareiras sobrepostas; dois pisos

constituídos por pequenas pedras onde estava ausente qualquer material argiloso; e um muro de pedras talhadas irregularmente (VILAÇA, 1995: 2013, 214).

Em suma, e tendo em conta o que descrevemos acima, podemos observar um quadro bem homogéneo tanto a nível de estruturas identificadas, mas como também no que respeita às decorações e formas dos elementos cerâmicos (ver capítulo V, ponto 4 e 6). Esta conjectura levamos a avaliar a região sabugalense como um território homogéneo, onde, particularmente, compreendemos e inserimos os contextos aqui estudados para o Alto da Pena. Esta ilação e caracterização, ainda que não englobe a totalidade dos sítios proto-históricos, uma vez que nem todos possuem intervenções, mostram-nos uma fluidez da cultura material e da importância de certas estruturas para a vida quotidiana dos grupos inseridos neste contexto cronológico – os elementos pétreos com diversa função e as estruturas relacionáveis com a construção doméstica.

Muito embora as intervenções efetuadas no Alto da Pena não tenham demonstrado com certezas a existência de estruturas defensivas, tal não significa que, primeiro, que elas não tenham existido, e segundo, que se distancie culturalmente dos povoados que muito sucintamente descrevemos, uma vez que possui outros elementos que os aproxima.

Notamos a omissão de estruturas de fossas, em quase todos os povoados que caracterizamos, à exceção dos Alegrios. Apesar de haver estruturas em negativo no nosso caso de estudo, cujas não conseguimos definir função ou justificar a causa de existência, questionamos se tais estruturas serão ou não silos de armazenamento. A economia de subsistência que pudesse ser realizada nesta altura, não deveria ser praticável com a acumulação de excedentes, e consecutivamente com a sua armazenagem. Por outro lado, devido à riqueza do território, como patenteamos no capítulo II, havia a possibilidade de não haver necessidade de um grande armazenamento de bens, uma vez que existisse a eventualidade de as populações conseguirem produtos para as suas necessidades básicas durante os diversos e diferentes períodos de estação. Todavia, não negamos a necessidade de os acondicionar.

De estruturas negativas há também duas aberturas que interpretamos como buracos de poste (ver capítulo IV). Esta existência é semelhante à que é revelada nos contextos de Sabugal, Sabugal Velho, Castelejo, Caria Talaia, Alegrios e Monte do Frade. No entanto, no nosso caso, não nos foi possível compreender a estrutura a que estes serviam de suporte, se circular ou retangular. Esta ideia, da existência de uma estrutura doméstica (ou cabana) é ainda suportada pelo possível piso em argamassado, realidade que não acontece nos povoados anteriormente mencionados. Há, todavia, no povoado da Moreirinha a construção de pisos com recurso a pequenos seixos, aspeto deferente para a realidade do Alto da Pena.

Em suma, as estruturas que encontramos no Alto da Pena, a possível estrutura de lareira, as estruturas pétreas, os buracos de poste, as duas estruturas em negativo, e os dois pisos, em muito se assemelham a realidades que atrás deixamos explícitas. Poderemos então, concluir com alguma certeza, que a situação construtiva era globalmente homogénea com o quadro que acabamos de caracterizar para outros sítios com a mesma baliza cronológica.

## Capítulo VII – Conclusões

Ao fechar este trabalho, para nós, a dualidade que caracteriza a situação Proto-histórica do território do Sabugal é inquietante. Se por um lado, a nossa análise mostrou um forte pendor de abertura a novos conhecimentos por parte dos grupos sociais; por outro o desenvolvimento e mudanças que estas nos mostram através da arquitetura doméstica, nas formas ceramistas ou nos motivos estilísticos, ainda são muito frágeis e incipientes. Mais, se o sítio da implementação do Alto da Pena teria, através da nossa análise territorial, todas as condições de permanência e subsistência, qual será o motivo que levou ao seu abandono no início da I Idade do Ferro? Poderemos encontrar algumas possíveis soluções: morte do chefe, alterações climáticas ou diferentes necessidades.

Se voltarmos ao capítulo I, onde traçamos os objetivos que guiaram este trabalho, cremos que os alcançámos na totalidade: conseguimos compreender a economia do local baseada nos recursos disponíveis; delimitamos o povoado cronologicamente; depreendemos contactos e expomos o conhecimento tecnológico da comunidade.

No desenvolvimento do capítulo IV, com a análise e compreensão das estruturas descobertas em contexto de escavação, foi nos possível inferir que estas eram congruentes com uma estrutura de carácter doméstico, onde se estabeleceu um grupo social durante um período longo. Este capítulo, foi especialmente desafiador dado às informações que possuíamos da sua intervenção.

E, é através da análise do espólio, que nos foi possível compreender a realidade do conhecimento tecnológico e decorativo, permitindo situar cronologicamente o sítio do Alto da Pena entre os finais da Idade do Bronze e os inícios da Idade do Ferro

Foi também através desta última análise que terá sido possível comprovar uma homogeneidade cultural. As semelhanças que existem ao nível do espólio material, da conceção social e das estruturas do espaço habitado, não poderão ser negadas.

Contudo, ainda que o panorama geral do sector VI não nos revele um assentamento de grande importância a um nível mais regional, é bem notório a sua ligação com os povoados mais próximos que é patenteada por uma teia de intervisibilidade, sendo esta permitida através da aproximação dos povoados aos “*ímans*” que parecem ter sido as linhas de água. O que de certo modo, nos indicia que as escolhas do local de implementação de um povoado acabam por se pautar por certos aspetos que são uma preocupação transversal das comunidades proto-históricas.

Resta-nos defender que seria importante a relação do estudo do setor VI com outros sectores do Alto da Pena, para compreender o sítio na sua integridade e contexto arqueológico genérico, para depois o incorporar de novo no quadro regional das Beiras.

Igualmente, embora não o tenhamos feito, porque de início não percebemos a sua importância, seria enriquecedor uma análise comparativa entre alguns povoados do litoral e entre os povoados que abrangemos neste estudo, por exemplo. Uma ideia de contraste ficaria demonstrada, entre duas regiões que serão certamente diferentes culturalmente.

Finalmente, a vertente prática. O inventário, peça fundamental neste trabalho, que nos permitiu conhecer, e bem, todo o conjunto que tínhamos para estudo, ainda que tenha sido muito moroso e trabalhoso, revelou-se extremamente necessário e essencial não só para a consulta rápida do espólio como foi também uma base para a compreensão do Alto da Pena. O mesmo com o desenho técnico, que foi um verdadeiro desafio mas mostrou-se ao longo do capítulo V, uma ferramenta que facilitou o estudo dos tipos, a análise decorativa e todos os paralelos que fomos tecendo no seu decorrer.

Concluimos assim que o sítio da Alto da Pena, localizado num território rico, foi um povoado que acolheu uma coletividade durante um longo período de duração, passou por fases de mudanças sociais que são espelhadas nos materiais, dividiu o território com outros grupos e povoados, estava na mesma linha “evolutiva” de sítios habitados próximos, possuía contactos de trocas e...foi abandonado no início da Idade do Ferro.



**Bibliografia****A**

ALARCÃO, Jorge de (1974). “Cerâmica comum local e regional de Conimbriga”. Suplemento de Biblos nº8. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

ALARCÃO, Jorge de (1996). “Para uma conciliação das arqueologias”. Edições Afrontamento. Porto.

ALARCÃO, Jorge de (1999). “A Arqueologia numa encruzilhada de disciplinas”. *Estudos Pré-históricos*, Volume VII, p.: 5-14.

ALARCÃO, Jorge de, BARROCA, Mário (2012). Dicionário de Arqueologia Portuguesa. Figueirinhas. Porto

ALMAGRO-GORBEA, Martin (1992). “Los intercambios culturales entre Aragón y el Litoral Mediterráneo durante el Bronce Final”. In “Intercambios culturales durante la Prehistoria. Actas do Congreso Aragón/Litoral Mediterráneo. Zaragoza, p.: 633-658.

ALMAGRO-GORBEA, Martin (1998). “La Protohistoria de Riba-Côa”. In O tratado de Alcanices e a importância histórica das terras de Riba Côa. Actas do congresso Histórico luso-espanhol, 12 a 17 de dezembro de 1997, Sociedade científica da Universidade católica portuguesa. Lisboa, p.: 81-105.

ALMEIDA, Sara (2005). “A Idade do Ferro no planalto de Viseu: o caso do Morro da Sé”. Dissertação de Mestrado em arqueologia, área de especialização de arqueologia regional, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

ÁLVAREZ-SHANCHÍS, Jesús (2010). “La cerámica con decoración a peine: de fósil guía a indicador de etnicidad”. In De la región Vaccea a la Arqueología Vaccea. Fernando Carnicero e Carlos Mínguez (eds.). Valladolid, p.: 293-318.

ANTUNES, M. Telles (1992). “Povoados do Bronze Final da Beira Baixa – Alegrios, Moreirinha e Monte do Frade: elementos arqueozoológicos”, *Conimbriga*, XXXI, p.: 31-39.

**B**

BAPTISTA, Pedro (2018). “Mobilidade de Pessoas e Circulação de Bens: o Bronze Final na Beira Interior”. Dissertação de Mestrado em Arqueologia e Território apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

BINFORD, Lewis (1992). “Seeing the present and interpreting the past – and keeping things straight”. Jacqueline Rossignol and Luann Wandsnider (eds). In *Space, Time, and Archaeological Landscapes*. Plenum press. New York, p.: 43-59

**C**

CÁCERES GUTTIÉRREZ, Yasmina E. (1997). “Sobre el significado de la decoración geométrica del bronce final en la Península Ibérica”. *Complutum* 8, p.: 125-140.

CLAMOTE, Vítor (2011). “O desnivelamento entre a superfície da Meseta e as superfícies abatidas da Beira Baixa - Compreensão geomorfológica da sua evolução. Dissertação de Mestrado em Geografia Física apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

CLAMOTE, Vítor (2021). “A Geografia Física aplicada ao território do Concelho do Sabugal: principais estudos e referências (ao longo de mais de um século). *Sabucale* nº 12, Revista anual do Museu do Sabugal. Sabugal, p.: 157 – 174.

CORREIA, Joaquim Manuel (1905). “Antiguidades do Concelho do Sabugal”. *O Archeologo Português*, 1º série. Lisboa, p.: 199-207.

CORREIA, Joaquim Manuel (1988). “Memórias sobre o concelho do Sabugal”, Câmara Municipal do Sabugal (1ª edição de 1946). Sabugal.

CRUZ, Maria e CORREIA, Virgílio (2007). “Cerâmica utilitária. Normas de inventário”. Instituto dos Museus e da Conservação e Paulo Ferreira da Costa (cord). p.: 11-116.

**D**

DUMELL, Robert (1992). “The notion site”. Jacqueline Rossignol and Luann Wandsnider (eds). In *Space, Time, and Archaeological Landscapes*. Plenum press. New York, p.: 21-41

**E**

ESTANQUEIRO, Marta; OSÓRIO, Marcos e VILAÇA, Raquel (2016). “Modelo preditivo para o povoamento proto-histórico da Beira Interior (centro de Portugal): construção do modelo e primeiros resultados”. In Actas de las VI Jornadas de “Arqueología en el Valle del Duero. Del Paleolítico a la Edad Media”, 6. Porto, 17-19 de Novembro de 2016, Organización Científico-Cultural Zamora Protohistórica. Espanha, p.: 297-314.

**F**

FEBRE, Lucien (1991). “A terra e a evolução humana: introdução geográfica à história”. Tradução de “La terre et l'évolution humanine” por Jorge Macedo. Edições Cosmos. Lisboa.

FERNANDES, Diana (2013). “O Castro do Cabeço da Argemela (Fundão) no seu contexto local e regional. Contributo do estudo das cerâmicas da sondagem 9”. Dissertação de Mestrado em Arqueologia e Território, na área científica de Arqueologia e especialização em Arqueologia Proto-Histórica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

FERREIRA, António Brum (2004). “O relevo de Portugal, Grandes unidades regionais”. O norte da Beira. Associação portuguesa de Geomorfólogos – Vol. II. M. Feio e S. Daveau (cord.). Coimbra.

**H**

HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, Francisca (1981). “Ceramica com decoración “a peine”. Trabajos de Prehistoria, volume 38, nº1. Espanha, p.: 317-326

**I**

INGOLD, Tim (2002). “Society, nature and the concept of technology”. The perception of the environment – Essays on livelihood, dwelling and skill. Taylor & Francis (eds.). New York.

**J**

JORGE, Carlos (1990). “O concelho de Vila do Touro em 1758. Memórias paroquiais”. Associação recreativa e cultural dos Forcalhos (eds). Sabugal, p.: 15-18

JORGE, Vítor de Oliveira; RIBEIRO, João da Cunha; JORGE, Susana de Oliveira; SILVA, Armando Coelho Ferreira da; ALARCÃO, Jorge de; e ENCARNAÇÃO, José d' (1990). “Nova História de Portugal”. Portugal das origens à romanização, VOL. I. Lisboa.

## K

KNAPP, Arthur & ASHMORE, Wendy (1999). “Archaeologies of landscape” *Archaeological Landscapes: constructed, conceptualized, ideational*. Blackwell Publishers.

## L

LÓPEZ-SÁEZ, José; BLANCO-GONZÁLEZ, Antonio; LÓPEZ-MERINO, Lourdes; RUIZ-ZAPATA, Blanca; DORADO-VALIÑO, Miriam; PÉREZ-DIAS, Sebastián; VALDEOLMILLOS, Ana; Francesc Burjachs (2009). “Landscape and climatic changes during the end of the Late Prehistory in the Amblés Valley (Ávila, central Spain), from 1200 to 400cal BC”. *Quaternary International*, Volume 200, 1–2.

## M

MARQUES, Carlos (1935), “A bacia hidrográfica do Côa”, *Biblos*, XI, Coimbra, p.: 389-419.

MARTÍN VALLS, Ricardo (1986-1987). “La Segunda Edad del Hierro: consideraciones sobre su periodización”. *Zephyrus*, Revista de prehistoria y arqueología, nº39-40. Espanha, p.: 59-86.

MATOS, Artur (1980). “Transportes e Comunicações em Portugal, Açores e Madeira (1750-1850)”. 2 Volumes. Ponta Delgada: Universidade dos Acores.

MEREDITH, C (1998). “An archeometallurgical survey for ancient tin mines and smelting sites in Spain and Portugal. Mid Central Western Iberian geographical region. Oxford.

Museu do Sabugal (2017). “O catálogo do Museu do Sabugal”. Consultado em Julho de 2021, disponível em <http://www.museusabugal.net/catalogo.html>.

## O

OSÓRIO, Ana Bica (2013). “Gestos e materiais: uma abordagem interdisciplinar sobre cerâmicas com decorações brunidas do Bronze Final / I Idade do Ferro”. Dissertação de

Doutoramento apresentada ao departamento de História, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

OSÓRIO, Marcos (2005). “Contributos para o estudo do I milénio a.C. no Alto Côa”. In Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia, actas das 2º Jornadas de Património da Beira Interior. Guarda, p.:35-65.

OSÓRIO, Marcos (2009). “A Idade do Ferro no Alto Côa: os dados e as problemáticas”. In: Lusitanos Y vettones, los pueblos prerromanos en la actual demarcación Beira Baixa, Alto Alentejo, Cáceres. Junta de Extremadura, Consejería de Cultura (eds.). Espanha, p.: 95-115.

OSÓRIO, Marcos (2010). “Sabugal Velho e Caria Talaia – duas morfologias de povoamento, a mesma cronologia”. *Sabucale* nº 2, Revista anual do Museu do Sabugal. Sabugal, p.: 61-78.

OSÓRIO, Marcos (2021). “A Vila e o Castelo templário de Touro. A propósito dos 800 anos da atribuição do foral”. *Sabucale* nº 12, Revista anual do Museu do Sabugal. Sabugal, p.: 31-58.

## **P**

PERNADAS, Paulo; OSÓRIO, Marcos; VILAÇA, Raquel (2016). “Cerâmicas de tipo Cogotas I de Vilar Maior (Sabugal, Portugal). In VILAÇA, Raquel (coord.), II Congresso Internacional de Arqueologia da região de Castelo Branco, Sociedade de Amigos do Museu Francisco Tavares Proença Júnior, RvjEditores. Castelo Branco, p. 189-200.

PINTO, Paulo Coelho (2013). “Concelho do Sabugal: Modelado granítico, paisagem e património geomorfológico”. Dissertação de mestrado em Geografia Física, na área de especialização em ambiente e Ordenamento do território apresentada ao Instituto de estudos Geográficos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

PONTE, Salete da (2014). “Um núcleo diverso de fíbulas do concelho do Sabugal (Região do Alto Côa), *Sabucale* nº3, Revista anual do Museu do Sabugal. Sabugal, p.: 7-21.

PONTE, Salete da; VILAÇA, Raquel e OSÓRIO, Marcos (2017).” Duas fíbulas da I Idade do Ferro de Vila do Touro (Sabugal, Guarda)”. Actas da Mesa Redonda «A Pré-história e a Proto-história no Centro de Portugal: avaliação e perspectivas de futuro». Viseu, p.: 135-145.

## R

RENFREW, Colin (1984). “Approaches to Social Archaeology”. Harvard University press. Cambridge, Massachusetts.

RENFREW, Colin; BAHN, Paul. (2015). “Archeology Essentials- Theories, Methods, Practice”. London.

RIBEIRO, Orlando (1982), “Le Portugal Central”, separata do *Congrés International de Geographie (Lisbonne, 1949)*, Lisboa, p. 21-162.

RIBEIRO, Orlando; LAUTENSACH, Hermann e DAVEAU, Suzanne. (1987) - Geografia de Portugal. A Posição Geográfica e o Território, Volume I, 6ª edição. Ed. João Sá da Costa, Lisboa.

RICE, Prudence (1987). Pottery analysis: a sourcebook, University of Chicago Press. Chicago.

RODRIGUES, Adriano Vasco (1961). “Contributo para o estudo da Idade do Bronze em Portugal. Prospeções na região de Riba-Côa”, *Beira-Alta*, 2º série, 20, 1. Viseu, p.:3-13.

RUIZ ZAPATERO, Gonzalo e ÁLVAREZ-CHANCHÍS, Jesús (2002). “Etnicidad y Arqueología: tras la identidad de los vetones”, *SPAL* 11. Universidad Complutense, p.: 253-275.

## S

SARAMAGO, José (2000). “A Caverna”. Editorial Caminho.

SANTOS, Maria João e SCHATTNER, Thomas (2010). “O santuário do Cabeço da Fráguas através da arqueologia”. In Shattner, Th.; Santos, M.J. (eds) – Porcom, Oilam, Taurom. Cabeço

das Fráguas: o santuário no seu contexto, Iberografias 6, Centro de Estudos Ibéricos. Guarda, p.: 89-108.

SANZ, Germán; VELASCO, Tatiana; MARTINEZ – ALEGRÍA, Roberto; MONTEQUI, Isabel; CAMPOS, Francisco; CASANUEVA, Patricia; ANGELES ROJO, Maria (2013). “La cuenca hidrográfica del río Águeda” in La cuenca del río Águeda: un territorio para dos países. Francisco Campos Sánchez-Bordona (eds). Valladolid.

SILVA, Armado Coelho Ferreira da e GOMES, Mário Varela Gomes (1993). “Proto-História de Portugal”. Universidade Aberta. Lisboa.

SILVA, Ricardo Costeira da (2005). “Génese e transformação do povoamento do I Milénio a.C. Na Beira Interior”. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, área de especialização de Arqueologia Regional, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

SENNA-MARTINEZ, João Carlos (2013). “Aspectos do Centro-Norte do Ocidente peninsular no final da Idade do Bronze: povoamento, metalurgia e sociedade”. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, Câmara Municipal, 20. Oeiras, p.: 173-190.

## T

TERESO, João; VILAÇA, Raquel; FONTE, Leonardo da e SEABRA, Luís (2020). “Destroyed by fire, preserved through time: crops and wood from a Late Bronze Age/Early Iron Age structure at Vila do Touro (Sabugal, Portugal)”. *Complutum*, 31: p.: 255-278.

TEWS, Thomas (2018). “A quadratura do círculo: sobre a questão da escolha de planta na arquitectura doméstica, no exemplo da Pré-História Recente e Proto-História na Estremadura portuguesa”. *OPHIUSSA*. Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Volume 2: p.: 39 - 57.

## V

VILAÇA, Raquel (1995a). “Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze”. Instituto português do património arquitetónico e arqueológico. *Trabalhos de Arqueologia* 9, Lisboa.

VILAÇA, Raquel (1995b). “A Idade do Bronze na Beira Baixa”. In *A Idade do Bronze em Portugal- discursos de poder*. Museu Nacional de Arqueologia. pp.127-129

VILAÇA, Raquel (1998a). “Hierarquização e conflito no Bronze Final da Beira Interior”. *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?*, *Trabalhos de Arqueologia* 10. Porto, p.: 203-217

VILAÇA, Raquel (1998b). “Produção, consumo e circulação de bens na Beira Interior na transição do II para o I milénio a.C.”. Actas do colóquio «A pré-história na Beira Interior». Viseu, p.: 347-374

VILAÇA, Raquel (2000). “Notas soltas sobre o património arqueológico do Bronze final da Beira Interior”. *Beira Interior – História e Património*. Guarda, p.: 31-50.

VILAÇA, Raquel; OSÓRIO, Marcos e FERREIRA, Maria (2004). “Nem tudo o que parece é. Um caso de etnoarqueologia na Serra Gorda (Águas Belas, Sabugal, Guarda)”. *NORBA*, Revista de História, Vol. 17, p.: 137-156

VILAÇA, Raquel (2005a). “A presença Mediterrânea no mundo interior Beirão”, Centro de Portugal (Sécs. XI/X- VII/VI a.C.). *VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos*. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra, p.: 396-411.

VILAÇA, Raquel (2005b). “Entre Douro e Tejo, por terra do interior: o I milénio a.C”. Actas da 2º Jornada do Património da Beira Interior “Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia”. Centro de Estudos Ibéricos. Guarda, p.: 13-32.

VILAÇA, Raquel (2007a). “Todos os caminhos vão dar ao Ocidente: trocas e contactos no Bronze Final”. *Estudos Arqueológicos de Oeiras – Vol.: 15*. Oeiras, p.: 135-154.

VILAÇA, Raquel (2007b). “Considerações sobre cerâmicas pré e proto-históricas do território português. Actas do seminário *A produção de cerâmica em Portugal: histórias com futuro*. Barcelos, p.: 9-25.



VILAÇA, Raquel (2008).” Reflexões em torno da presença mediterrânea no centro do território português, na charneira do Bronze para o Ferro”. Contacto cultural entre el mediterráneo y el Atlántico (siglos XII-VIII a.n.e). S. Celestino, N. Rafael y X.-L. Armada (eds.). Consejo superior de investigaciones científicas. Madrid, p.: 371-400.

VILAÇA, Raquel (2013). “O povoamento da Beira Interior durante o Bronze Final: evidências, interação e simbolismos”. *Estudos arqueológicos de Oeiras*- Vol.: 20. Oeiras, p.: 191-200.

VILAÇA, Raquel (2020a). “O Ocidente peninsular de há 3000 anos num cruzamento de escalas. Itinerários das coisas e das pessoas”. *Estudos arqueológicos de Oeiras* – Vol.: 27. Oeiras, p.: 281-316.

VILAÇA, Raquel; OSÓRIO, Marcos; FERNANDES, Diana; BOTTAINI, Carlo e SILVA, Sofia (2020b). “A ocupação Pré-histórica do Cabeço de Caria Talaia (Sabugal, Guarda)”. *CUPAUAM* 46, p.: 79-117.

VILAÇA, Raquel; SOARES, Inês; OSÓRIO, Marcos e GIL, Francisco (2018). “Cerâmicas pintadas de “tipo Carambolo” na Beira Interior (Centro de Portugal). *SPAL*, 27(2), p.:37-70.

VILAÇA, Raquel (2021). “Em torno dos II-I milénios a.C. na Beira raiana (Portugal central). Representações materiais e imaginadas, frentes e retaguardas, num movimento perpétuo”. *Revista de Estudos Ibéricos*, nº17. Guarda, 15-47.

## **ANEXOS**

## 1. Inventário

## 1.1 Unidade estratigráfica 05

Identificação			Caracterização morfológica	Caracterização técnica								Decoração			Obs.:
Nº de inventário	Quadricula U.E	Material		Fabrico	Cozedura	Calibre E.N.P	Cor		Tratamento de superfície		Int.	Ext.	Local		
							Int.	Ext.	Int.	Ext.					
1	A'1 5	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: quartzo; feldspato	Negro	C. claro	Alisado	<i>Cepillado</i>	-	-	-		
2	A'1 5	Cerâmica	Bordo	?	Redutora	P: quartzo; feldspato	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-		
3	A'1 5	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	G: quartzo	C.	C.	Alisado	Rugoso	-	-	-		
4	A'1 5	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	G: quartzos; feldspato	C. claro	C. claro	Alisado	Rugoso	-	-	-	Vestígios de combustão pós-cozedura; cerâmica de parede grossa	
5	A'1 5	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: micas, quartzo; feldspato	C.	C.	Alisado	Rugoso	-	-	-		

6	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: micas, quartzos	C.	C.	Alisado	<i>Cepillado</i>	-	-	-	
7	A'1 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	C.	C.	Alisado	Polido	-	-	-	
8	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	?	Redutora	P: micas, quartzos; feldspato	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	Pasta muito frívola
9	B'/A' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	M: quartzo; feldspato	Imp. det.	Negro	Imp. det.	Alisado	-	-	-	A pasta possui uma cor avermelhada; cerâmica de parede grossa; superfície interna deteriorada
10	A'1 5	Cerâmica	Fundo	?	Oxidante	G: quartzo	Negro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
11	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo; feldspato	Negro	Negro	Brunido	Brunido	-	-	-	Pasta muito compacta; baixa frequência de E.N.P
12	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo; feldspato	Negro	Negro	Brunido	Brunido	-	-	-	Pasta muito compacta; cerâmica de parede fina

13	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C. claro	Bege	Imp. det.	Alisado	-	-	-	
14	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzos	Negro	C. claro	Alisado	Brunido	-	-	-	
15	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas, quartzos; feldspato	C.	Laranja	Alisado	Rugoso	-	-	-	
16	B'1/2 5	Cerâmica	Fundo	?	Oxidante	M: micas, quartzo	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
17	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: micas, quartzos	C. escuro	Laranja	Rugoso	Alisado	-	-	-	
18	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas, quartzos	Negro	Negro	Polido	Alisado	-	-	-	
19	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas, quartzo	Negro	Negro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
20	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: micas, quartzo	C.	C.	Rugoso	Alisado	-	-	-	
21	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzos	C. claro	Laranja	Polido	Polido	-	-	-	
22	A'1 5	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: micas, quartzos	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	

23	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: micas, quartzo	C. claro	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
24	A'/B' 5	Cerâmica	Bordo	Torno	Redutora	P: feldspato	Negro	Negro	Polido	Polido	-	-	-	Cerâmica fina e compacta; nítida perfuração perto do lábio; baixa frequência de E.N.P.
25	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzos	C. claro	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
26	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas, quartzo	C.	Bege	Alisado	Alisado	-	-	-	
27	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	G: micas, quartzos	C. claro	C. claro	Cepillado	Alisado	-	-	-	
28	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: quartzos; feldspato	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	Pasta de cor laranja
29	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: quartzos	C.	Laranja	Alisado	Engobado	-	-	-	
30	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspato	C	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
31	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzos	C.	C.	Rugoso	Alisado	-	-	-	

32	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	C,	C.	<i>Cepillado</i>	<i>Cepillado</i>	-	-	-	
33	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: micas, quartzos	Imp. det.	Laranja	Imp. det.	Alisado	-	-	-	Superfície interna deteriorada; cerâmica de parede grossa
34	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: micas, quartzos	C.	C.	Alisado	Polido	-	-	-	
35	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: feldspato	Laranja	Laranja	Rugoso	Alisado	-	Incisa		Decoração caracterizada por uma linha incisa; pasta muito compacta de cor laranja; vestígios de fuligem na superfície externa; parede grossa
36	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas, quartzo; feldspato	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	

37	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: micas, quartzos	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
38	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: quartzo	C. claro	C. claro	Rugoso	<i>Cepillado</i>	-	-	-	
39	B'1/2 5	Cerâmica	Bordo	Torno	Redutora	P: quartzo	Cinzento	Cinzento	Alisado	Alisado	-	-	-	
40	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: micas, quartzos	C.	C.	Alisado	Rugoso	-	-	-	
41	A'/B' 5	Cerâmica	Fundo	?	Oxidante	P: micas, quartzo	Negro	C. claro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
42	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: micas, quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
43	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas, quartzo	Negro	Negro	Polido	Polido	-	-	-	
44	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	Negro	C. claro	Rugoso	Polido	-	-	-	Vestígios de fuligem na superfície externa
45	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Manual	Redutora	M: micas, quartzos	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
46	A'/B' 5	Cerâmica	Bordo	?	Oxidante	P: quartzos	C.	C.	Rugoso	Alisado	-	-	-	



47	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzos	Negro	C. claro	<i>Cepillado</i>	Brunido		-	-	<i>Cepillado</i> muito cuidado
48	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
49	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: micas, quartzo	Laranja	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
50	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	?	Redutora	P: micas, quartzo; feldspato	Negro	Negro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
51	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
52	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	M: micas, quartzos	C. claro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
53	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	C.	C.	<i>Cepillado</i>	Alisado	-	-	-	
54	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: quartzos	C. escuro	C.	Alisado	Rugoso	-	-	-	
55	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	X	Alaranjado	Alaranjado	Polido	Polido	-	-	-	Pasta extremamente compacta; cerâmica de parede fina; não

														são visíveis E.N.P
56	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo; feldspato	Laranja	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	
57	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: quartzos	C.	C.	<i>Cepillado</i>	<i>Cepillado</i>	-	-	-	O <i>cepillado</i> da superfície interna é muito cuidado
58	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; quartzo	Negro	Negro	Polido	Polido	-	-	-	
59	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzos	Laranja	C. claro	Alisado	Brunido	-	-	-	
60	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo	Negro	Laranja	<i>Cepillado</i>	Polido	-	-	-	
61	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	C. claro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
62	A'/B' 5	Cerâmica	Bordo	Torno	Redutora	P: micas; quartzo	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
63	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzos; feldspato	Negro	C. claro	Alisado	Polido	-	-	-	
64	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo	Negro	Negro	Polido	Brunido	-	-	-	

65	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzos	C. escuro	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
66	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; quartzos; feldspato	Cinzento	Cinzento	Alisado	Alisado	-	-	-	
67	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: micas; quartzo	Bege	Bege	Alisado	Alisado	-	-	-	
68	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzos	C. claro	C. claro	Polido	Polido	-	-	-	Pasta compacta
69	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: micas; quartzo	C.	Laranja	Alisado	Rugoso	-	-	-	
70	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo; feldspato	Negro	C. escuro	Alisado	Alisado	-	Penteado	Em todo o fragmento de bojo	Decoração de linhas muito ténues, paralelas e de formação subcircular
71	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: quartzos; feldspato	Negro	Avermelhava	Polido	Polido	-	-	-	
72	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzos	C. escuro	C. claro	Alisado	Polido	-	-	-	
73	A'1 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	C. claro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	

74	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: micas; quartzo	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
75	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzos	Negro	C. claro	Alisado	Brunido	-	-	-	
76	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: micas; quartzo	C.	C.	Alisado	Rugoso	-	-	-	
77	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo; feldspato	Negro	Negro	Polido	Polido	-	-	-	
78	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: micas; quartzo	C.	C.	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
79	A'/B' 5	Cerâmica	Bordo	Manual	Redutora	P: quartzo	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	A grossura do lábio não é regular
80	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo	Negro	Negro	Polido	Polido	-	-	-	
81	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Manual	Redutora	P: micas; quartzo	Negro	Negro	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
82	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	Negro	Bege	Alisado	Alisado	-	-	-	
83	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; quartzo	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	

84	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	C.	Bege	Alisado	Alisado	-	-	-	Cerâmica de parede fina
85	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo	Negro	C.	Alisado	Rugoso	-	-	-	
86	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
87	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Manual	Redutora	P: quartzo; feldspato	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
88	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: micas; quartzos; feldspato	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
89	B'/A' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzos	Negro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	Pasta muito compacta
90	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzos	C. claro	C. claro	Brunido	Brunido	-	-	-	
91	B'1/2 5	Cerâmica	Bordo	Torno	Redutora	P: micas; quartzo	Negro	Negro	Polido	Brunido	-	-	-	
92	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; quartzo	Negro	Negro	Polido	Brunido	-	-	-	
93	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzos	C.	C.	Alisado	Rugoso	-	-	-	

94	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspato	C.	Bege	Alisado	Alisado	-	-	-	
95	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: quartzo; feldspato	Laranja	Laranja	Imp. det.	Alisado	-	-	-	Pasta de cor laranja; superfície interna deteriorada
96	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspato	C.	C	Alisado	Polido	-	-	-	
97	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo-	Laranja	Laranja	Polido	Polido	-	-	-	Cerâmica de parede fina
98	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	Cinzento	Bege	Alisado	Alisado	-	-	-	
99	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo	Cinzento	Cinzento	Alisado	Alisado	-	-	-	Cerâmica de parede muito fina de pasta muito compacta
100	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo	Negro	C. escuro	Alisado	Alisado	-	-	-	-
101	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	C.	C.	Alisado	Polido	-	-	-	
102	A'/B' 5	Cerâmica	Bordo	Torno	Redutora	M: micas; quartzo	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	

103	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: micas; quartzos	C.	Laranja	Alisado	Rugoso	-	-	-	
104	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: micas; quartzos	Negro	C. claro	Alisado	Polido	-	-	-	
105	A'/B' 5	Cerâmica	Fundo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	C. claro	C. claro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
106	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: micas; quartzo	Laranja	Laranja	Rugoso	Rugoso	-	-	-	Pasta de cor laranja
107	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	M: quartzo; feldspato	Negro	Negro	Alisado	Polido	-	-	-	
108	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: micas; quartzos	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
109	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: micas; quartzo	Bege	Bege	Alisado	Rugoso	-	-	-	Pasta de cor bege
110	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: micas; quartzo	C.	C.	Alisado	Rugoso	-	-	-	
111	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo; feldspato	Negro	Negro	Alisado	Brunido	-	-	-	
112	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: quartzo	C. claro	C. claro	Alisado	Alisado		-	-	
113	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: quartzo	Negro	Alaranjado	Alisado	Alisado	-	-	-	

114	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; quartzo	Cinzento	Cinzento	Alisado	Alisado	-	-	-	Pasta compacta
115	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: micas; quartzo	C.	C.	<i>Cepillado</i>	Alisado	-	-	-	
116	B'1/2 5	Cerâmica	Bordo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C. claro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
117	A'1 5	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: quartzos; feldspato	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
118	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	G: quartzo; feldspato	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
119	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	Bege	Bege	Alisado	Alisado	-	-	-	
120	B'1/2 5	Cerâmica	Fundo	?	Oxidante	G: micas; quartzo	Negro	C. claro	Rugoso	Alisado	-	-	-	
121	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	G: quartzo; feldspato	C. claro	Bege	Alisado	Alisado	-	-	-	
122	A'/B' 5	Cerâmica	Bordo	Manual	Oxidante	M: quartzo	C. claro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
123	A'/B' 5	Cerâmica	Bordo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspato	C.	C.	Polido	Polido		-	-	Parede fina e pasta muito compacta



124	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; quartzo	Cinzento	Negro	Polido	Alisado	-	-	-	
125	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	Pequenos: quartzo	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
126	A'/B' 5	Cerâmica	Bordo	?	Oxidante	G: micas; quartzo	C. claro	C. claro	<i>Cepillado</i>	<i>Cepillado</i>	-	Incisa	Lábio	
127	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: quartzo; feldspato	Negro	C.	Alisado	Rugoso	-	-	-	
128	A'/B' 5	Cerâmica	Fundo	?	Oxidante	M: micas; quartzo	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
129	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzos	C. claro	C. claro	Polido	Rugoso	-	-	-	
130	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
131	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo; feldspato	Negro	Negro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
132	B'1/2 5	Cerâmica	Fundo	?	Oxidante	G: quartzo	C.	C	Alisado	Alisado	-	-	-	
133	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: micas; quartzo	C.	Laranja	Rugoso	Alisado	-	-	-	

134	B'1/2 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzos	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
135	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	?	Redutora	P: micas; quartzos	Negro	Negro	Rugoso	Rugoso	-	Excisa	Ao longo do bojo	Vestígios de fuligem na superfície externa; a decoreação caracteriza-se por um sulco em forma de "U"
136	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzos	Imp. det.	Bege	Imp. det.	Alisado	-	-	-	Superfície interna totalmente deteriorada
137	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	?	Redutora	P: micas; quartzos	C. claro	Cinzento	Alisado	Polido	-	-	-	
138	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzos	Bege	Bege	Alisado	Alisado	-	-	-	
139	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: quartzo	Negro	Laranja	Rugoso	Alisado	-	Excisa		A decoreação caracteriza-se por dois sulcos em forma de "U" paralelos

140	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo, feldspato	C.	C.	Alisado	Polido	-	-	-	
141	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	M: quartzos	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
142	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: quartzos	C. claro	Bege	Alisado	Alisado	-	-	-	
143	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzos	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	Pasta muito frívola
144	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	C. escuro	C. claro	Alisado	Polido	-	-	-	
145	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo; feldspato	Negro	Negro	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
146	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo	Laranja	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
147	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
148	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: quartzo; feldspato	C.	C.	<i>Cepillado</i>	<i>Cepillado</i>	-	-	-	
149	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo; feldspato	C. claro	Negro	Alisado	Rugoso	-	-	-	Cerâmica de parede fina; pasta frívola

150	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Manual	Redutora	P: micas; quartzo	Negro	Negro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
151	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: micas; quartzos	C. claro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
152	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	C. claro	C. claro	Alisado	Polido	-	-	-	
153	A'/B' 5	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzos	C. escuro	Laranja	Polido	Alisado	-	-	-	

## 1.2 Unidade estratigráfica 06

Identificação			Caracterização Morfológica	Caracterização técnica							Decoração			Obs.
Nº de inventário	Quadricula U.E	Material		Fabrico	Cozedura	Calibre E.N.P	Cor		Tratamento de superfície		Int.	Ext.	Local	
							Int.	Ext.	Int.	Ext.				
1	B'1 6	Cerâmica	Bordo	Torno	Oxidante	P: feldspato quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	Brunido	Zona do colo	Cola com 2; decoração geométrica: um triângulo preenchido com linhas horizontais e paralelas
2	B'1 6	Cerâmica	Bordo	Torno	Oxidante	M: feldspato; quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	Brunido	Zona do colo	Cola com 1; decoração geométrica com recurso a linhas que se situam na zona do colo formando um ziguezague

3	A'1 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspato; quartzo	C. claro	C. claro	Alisado	Alisado	-	Pentead o	-	
4	A'1 6	Cerâmica	Bojo	?	Redutora	P: feldspato; quartzo	C. claro	Negro	Rugoso	Rugoso	-	-	-	Núcleo com vestígios minerais: grande concentra ção de carvão
5	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: micas; feldspato; quartzo	C. escuro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	Superfície externa com zonas de aglomeraç ão de argila
6	A'1 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: feldspato	Negro	Negro	Polido	Polido	-	Brunido	-	Linhas paralelas brunidas
7	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspato quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
8	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: quartzo	C. escuro	C. escuro	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
9	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: feldspato	C.	C.	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
10	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C.	C.	Alisado	Polido	-	-	-	

11	A'/B' 6	Cerâmica	Bordo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	C. claro	C. escuro	Alisado	Alisado	-	-	-	
12	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: micas, quartzo	C. escuro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
13	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	G: quartzo	C. claro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
14	A'1/2 6	Cerâmica	Fundo	?	Oxidante	P: micas, quartzo	C. claro	C. escuro	Alisado	Alisado	-	-	-	
15	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: feldspato quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
16	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: feldspato quartzo	C. claro	C. claro	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
17	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspato	Laranja	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
18	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: quartzo	C. claro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
19	A'/B' 6	Cerâmica	Fundo	?	Oxidante	M: micas; feldspato; quartzo	C.	C.	Rugoso	Alisado	-	-	-	
20	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspato; quartzo	C.	C.	Polido	Polido	-	-	-	

21	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas, quartzo	C. claro	C. claro	Alisado	Polido	-	-	-	
22	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: quartzo	C. claro	C.	Alisado	Rugoso	-	-	-	
23	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; feldspato	C. claro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	Pasta compacta; parede grossa
24	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: feldspato quartzo	Negro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	Superfície interna com vestígios traceológicos
25	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C. claro	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
26	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: quartzo	C. escuro	C. escuro	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
27	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas, quartzo	C. claro	Laranja	Alisado	Engobado	-	-	-	
28	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspato; quartzo	C.	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	
29	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	C. claro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	



30	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	C. claro	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
31	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas feldspato	C.	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
32	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo	C. escuro	Negro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
33	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo/carena	Torno	Oxidante	M: feldspato; quartzo	C. claro	Bege	Alisado	Alisado	-	-	-	Pasta muito frívola
34	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C.	C.	Polido	Polido	-	-	-	
35	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C. escuro	C. escuro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
36	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C. claro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	
37	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; feldspato; quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Engoba do	-	-	-	Marcas de combustã o pós- cozedura e vestígios traceológi cos na superfície interna

38	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	Imp. det.	C.	Imp. det.	Polido	-	-	-	Superfície interna deteriorad a
39	B'1/2 6	Cerâmica	Bordo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C.	C.	Alisado	Rugoso	-	-	-	
40	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspato; quartzo	C.	Laranja	Rugoso	Polido	-	-	-	
41	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; feldspato; quartzo	C. claro	C.	Alisado	Brunido	-	-	-	
42	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: feldspato	Negro	C. escuro	Alisado	Polido	-	-	-	
43	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: micas quartzo	C. claro	Laranja	Alisado	Rugoso	-	-	-	Pasta frívola
44	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; feldspato	C. escuro	C. claro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
45	A'1/2 6	Cerâmica	Bordo	Manual	Oxidante	P: quartzo	C. escuro	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
46	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: micas; quartzo	Negro	C. claro	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
47	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: micas, quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	Pentead o	Em todo o fragm ento	

48	A'1/2 6	Cerâmica	Fundo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	Negro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
49	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas, quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
50	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Rugoso	-	-	-	
51	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas feldspato	C.	Laranja	Polido	Alisado	-	-	-	
52	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: quartzo	C. claro	C.	Alisado	Rugoso	-	-	-	
53	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspato	C.	C. claro	Polido	Brunido	-	-	-	
54	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: micas, quartzo	C. claro	C.	Alisado	Rugoso	-	-	-	
55	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	C. claro	C. escuro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
56	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	Laranja	Laranja	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
57	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; feldspato	C.	C. claro	<i>Cepillad o</i>	Alisado	-	-	-	

58	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: micas e quartzo	C. claro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
59	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: micas; quartzo	Negro	C.	Alisado	Rugoso	-	-	-	
60	B'1/2 6	Cerâmica	Bordo	Torno	Redutora	P: quartzo	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
61	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas, quartzo	Negro	Negro	Brunido	Brunido	-	-	-	
62	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	C.	C. claro	Alisado	Polido	-	-	-	
63	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
64	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Redutora	P: quartzo	C. escuro	Negro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
65	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo	Negro	Negro	Brunido	Brunido	-	-	-	Frequênci a dos E.N.P muitíssim o baixa
66	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C.	C.	Alisado	Rugoso	-	-	-	

67	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; feldspato quartzo	C. claro	C. claro	Rugoso	Alisado	-	-	-	
68	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: feldspato quartzo	C.	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
69	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	M: quartzo	C.	Negro	Alisado	Polido	-			
70	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C.	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
71	A'B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspato; quartzo	Negro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	Pasta compacta
72	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspato; quartzo	C.	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
73	A'B' 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: quartzo	C.	C. claro	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
74	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: feldspato; quartzo	C.	C.	Alisado	Rugoso	-	-	-	
75	A'B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas, quartzo	C.	C. claro	Alisado	Polido	-	-	-	
76	A'B' 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	G: micas, quartzo	C. claro	C. claro	<i>Cepillado</i>	<i>Cepillado</i>	-	-	-	Cola com fragmento nº179, 249

77	A'/B' 6	Cerâmica	Fundo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C. escuro	C. escuro	Rugoso	Alisado	-	-	-	Cola com fragmento nº 343
78	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C. claro	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	Vestígios de combustão na superfície externa
79	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspato	Negro	C. claro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
80	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	Negro	C. escuro	<i>Cepillado</i>	Brunido	-	-	-	<i>Cepillado</i> muito cuidado
81	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: quartzo	C. claro	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
82	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
83	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	G: feldspato; quartzo	Laranja	Laranja	Polido	Rugoso	-	-	-	
84	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; quartzo	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
85	B'1 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: feldspato	Cinzent o	Negro	Polido	Polido	-	Brunido	Zona superior à carena	Decoração com motivos geométricos

86	A'1/2 2	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspato; quartzo	C.	C. claro	Cepillad o	Polido	-	-	-	
87	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: micas, quartzo	C.	C. claro	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
88	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	Vestígio de combustã o na superfície externa
89	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo, feldspato	Cinzent o	Cinzent o	Alisado	Alisado	-	-	-	
90	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	G: quartzo	Laranja	Laranja	Cepillad o	Alisado	-	-	-	
91	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo	Negro	Negro	Alisado	Rugoso	-	Impress ão	Zona restrit a do fragm ento	Impressão de elemento vegetal
92	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Redutora	M: quartzo	C.	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
93	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo	C. claro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
94	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspato; quartzo	C.	C. claro	Alisado	Polido	-	-	-	

95	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P; feldspato; quartzo	C.	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
96	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: quartzo	C.	C.	Polido	Polido	-	-	-	
97	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: quartzo	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
98	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
99	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspato; quartzo	C.	Laranja	Alisado	Rugoso	-	-	-	
100	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	Laranja	Laranja	Rugoso	Polido	.	-	-	
101	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspato; quartzo	Negro	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
102	A'1 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: micas, quartzo	Laranja	Laranja	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
103	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas, quartzo	Negro	Negro	Polido	Polido	-	-	-	
104	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	Ps: micas, quartzo	C. escuro	C. claro	Alisado	Rugoso	-	-	-	



105	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	Negro	Laranja	Polido	Alisado	-	-	-	
106	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	
107	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: micas, quartzo	Negro	C. Claro	Alisado	Cepillad o	-	-	-	Vestígios traceológi cos na superfície interna
108	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Redutora	P: feldspato; quartzo	C.	Negro	Rugoso	Alisado	-	-	-	
109	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
110	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: feldspato; quartzo	C. claro	Negro	Alisado	Polido	-	-	-	
111	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas, quartzo	Negro	Negro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
112	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: feldspato quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
113	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: feldspato; quartzo	C.	Negro	<i>Cepillad o</i>	Polido	-	-	-	

114	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspato; quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	
115	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: feldspato	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
116	B'1/2 6	Cerâmica	Bordo	Manual	Redutora	M: quartzo	Negro	Negro	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
117	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	G: quartzo	Negro	Laranja	Alisado	Rugoso	-	-	-	
118	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	Negro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	
119	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo, feldspato	Bege	Bege	Alisado	Alisado	-	-	-	
120	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: feldspato	Negro	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
121	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspato	Negro	C.	Alisado	Polido	-	-	-	Parede fina; pasta muito compacta
122	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: quartzo	C. claro	C. claro	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
123	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: micas, quartzo	Laranja	Laranja	Rugoso	Rugoso	-	-	-	

124	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: feldspato	Negro	C. claro	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
125	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Rugoso	-	-	-	
126	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Redutora	M: feldspato quartzo	C.	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
127	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	
128	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	
129	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	
130	A'1 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: quartzo	C. escuro	C. escuro	Alisado	Alisado	-	-	-	
131	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: feldspato; quartzo	C. claro	Negro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
132	B'1/2 6	Cerâmica	Fundo	Manual	Redutora	M: micas; quartzo	Laranja	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
133	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	C.	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	

134	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	Laranja	Laranja	Polido	Polido	-	-	-	
135	B'1/2 6	Cerâmica	Bordo	Torno	Redutora	P: micas, quartzo	Negro	Negro	Polido	Polido	-	-	-	
136	A'1/2 6	Cerâmica	Bordo	Torno	Oxidante	M: micas, quartzo	C.	C. escuro	Alisado	<i>Cepillado</i>	-	-	-	
137	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P; feldspato; quartzo	Negro	C.	Alisado	Rugoso	-	-	-	
138	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: quartzo	Negro	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
139	A'1/2 6	Cerâmica	Bordo	Torno	Oxidante	M: micas, quartzo	Laranja	Laranja	Polido	Polido	-	-	-	
140	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
141	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	Negro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
142	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	Negro	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
143	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	M: micas, quartzo	Negro	Negro	Alisado	Rugoso	-	-	-	

144	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
145	A'1/2	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo, feldspato	Laranja	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	
146	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Redutora	P: micas, quartzo	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
147	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	Negro	C. claro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
148	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: quartzo	C. claro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	Pasta compacta, baixa frequência de E.N.P
149	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	?	Redutora	P: micas, quartzo	Negro	Negro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
150	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: quartzo, feldspato	C. escuro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	
151	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo; feldspato	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
152	A'1/2 6	Cerâmica	Bordo	Torno	Redutora	P: micas, quartzo	C. claro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	

153	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: micas, quartzo	Negro	Laranja	Rugoso	Alisado	-	-	-	
154	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas, quartzo	Negro	Negro	Alisado	Polido	-	-	-	
155	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: micas, quartzo	Negro	C. escuro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
156	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: quartzo	Laranja	C. escuro	<i>Cepillado</i>	Rugoso	-	-	-	
157	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C. escuro	C. claro	Alisado	Polido	-	-	-	Baixa frequência de E.N.P.
158	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: micas, quartzo	C. escuro	C. escuro	Imp. det.	Alisado	-	-	-	
159	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas	C.	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
160	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Redutora	M: micas, quartzo	C. escuro	C. escuro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
161	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
162	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Redutora	M: quartzo; feldspato	Negro	Negro	Alisado	Rugoso	-	-	-	

163	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: quartzo	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
164	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	G: feldspato; quartzo	C. claro	C. escuro	Alisado	Alisado	-	-	-	
165	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; quartzo	Negro	Negro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
166	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas, feldspato; quartzo	Bege	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
167	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	G: quartzo	Laranja	C. claro	Alisado	Polido	-	-	-	
168	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	C. claro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
169	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: feldspato, quartzo	C.	C. claro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
170	A/B 6	Cerâmica	Fundo	Torno	Oxidante	P: feldspato	Negro	C. claro	Alisado	Polido	-	-	-	
171	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo	C. claro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	
172	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: quartzo	C.	C. claro	Alisado	Polido	-	-	-	

173	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	C.	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
174	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Rugoso	-	Incisa	Ao longo do bojo	Decoração caracterizada apenas por uma linha
175	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas, feldspato	Negro	Negro	Polido	Polido	-	-	-	
176	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C.	C.	Alisado	Polido	-	-	-	
177	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: micas, quartzo	Laranja	Laranja	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
178	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	Bege	Bege	Polido	Polido	-	-	-	
179	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: quartzo; feldspato	C.	C.	<i>Cepillado</i>	<i>Cepillado</i>	-	-	-	Cola com 76, 249
180	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	<i>Cepillado</i>	-	-	-	
181	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: micas, quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	



182	A'/B' 6	Cerâmica	Fundo	?	Redutora	M: quartzo	Negro	Negro	Rugoso	Alisado	-	-	-	
183	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo	C. claro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
184	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Redutora	P: quartzo	C.	Negro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
185	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C.	Negro	Rugoso	Polido	-	-	-	
186	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: micas, quartzo	C.	C. claro	Rugoso	Alisado	-	-	-	
187	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Redutora	P: quartzo	Negro	Negro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
188	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Rugoso	-	-	-	
189	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	Negro	C. claro	Polido	Polido	-	Incisa		Decoração padronizada; cerâmica de parede fina; pasta compacta
190	A'/B'	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	C. claro	C. claro	Alisado	Polido	-	-	-	

191	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Redutora	P: quartzo	Negro	Negro	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
192	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo	C.	C.	Alisado	Rugoso	-	-	-	
193	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo	C. claro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
194	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: quartzo	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
195	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: quartzo	Negro	Laranja	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
196	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas, quartzo	C. claro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	
197	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: micas, quartzo	Bege	Bege	Alisado	Alisado	-	-	-	
198	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: micas, quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
199	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas, quartzo	Negro	Negro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
200	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspato; quartzo	C.	C.	Polido	Alisado	-	-	-	

201	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo	C.	Negro	Polido	Polido	-	-	-	
202	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: micas, feldspato; quartzo	C.	C. claro	Polido	Polido	-	-	-	
203	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, feldspato	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
204	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C.	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
205	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	M: quartzo	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
206	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	Laranja	Laranja	Polido	Polido	-	-	-	
207	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo	C.	Laranja	Alisado	Rugoso	-	-	-	
208	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C. claro	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	Vestígios de fuligem na superfície externa
209	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo	C.	C.	Rugoso	Alisado	-	-	-	

210	A'1/2 6	Cerâmica	Bordo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C.	C.	Polido	Polido	-	-	-	
211	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C.	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
212	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	C. claro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
213	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas, quartzo	C.	Laranja	Rugoso	<i>Cepillado</i>	-	-	-	
214	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: micas, quartzo	C.	Laranja	Rugoso	Alisado	-	-	-	
215	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Redutora	M: micas, quartzo	C.	C. claro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
216	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas, quartzo	Laranja	Laranja	Rugoso	Polido	-	-	-	
217	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo, feldspato	C.	Negro	Polido	Brunido	-	-	-	
218	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
219	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	M: quartzo	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	Incisa		Incisão caracteriz ada por uma linha

220	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspato	C. escuro	C. escuro	Alisado	Alisado	-	-	-	
221	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C. claro	C. claro	Alisado	Polido	-	-	-	
222	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: quartzo	Negro	Laranja	Alisado	Alisado	-	Excisa		
223	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: quartzo; feldspato	C. escuro	C. claro	Rugoso	Alisado	-	-	-	
224	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C.	C. claro	Rugoso	Alisado	-	-	-	
225	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	Negro	C. claro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
226	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo	C.	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
227	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
228	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C. claro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
229	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas, quartzo	C. claro	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	

230	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
231	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: quartzo	Negro	C.	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
232	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	C. claro	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
233	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: quartzo	C.	C.	Alisado	Rugoso	-	-	-	
234	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
235	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: micas, quartzo	C. escuro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
236	A'1/2 6	Cerâmica	Bordo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C. escuro	Laranja	Alisado	Rugoso	-	-	-	
237	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Redutora	P: quartzo	Cinzent o	Cinzent o	Rugoso	Alisado	-	-	-	
238	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	Pentead o	Todo o fragm ento	Linhas paralelas horizontai s
239	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C. claro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	

240	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas	C.	C.	Alisado	Brunido	-	-	-	
241	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: quartzo	Imp.det.	C.claro	Imp. det.	Polido	Imp.d et.	-	-	Superfície interna deteriorad a
242	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: quartzo	Laranja	Laranja	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
243	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas, quartzo	C. escuro	C. claro	Alisado	<i>Cepillad o</i>	-	-	-	
244	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
245	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Redutora	M: micas, quartzo	Negra	Negra	Rugoso	Polido	-	-	-	
246	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: micas, feldspato, quartzo	C.	C	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
247	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	G: quartzo	C.	C.	Alisado	Rugoso	-	-	-	
248	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo	Negra	Negra	Alisado	Alisado	-	-	-	
249	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: quartzo; feldspato	C.	C.	<i>Cepillad o</i>	<i>Cepillad o</i>	-	-	-	Cola com 76, 179

250	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: micas, quartzo	Negro	C. claro	Rugoso	Alisado	-	-	-	
251	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: micas, quartzo	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
252	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	G: quartzo; feldspato	Laranja	Laranja	Alisado	Engoba do	-	-	-	
253	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: micas, quartzo	C. claro	C. claro	Rugoso	Alisado	-	-	-	
254	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	Negro	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
255	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas, quartzo	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
256	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C. claro	C. claro	Polido	Polido	-	-	-	
257	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspato, quartzo	C.	C.	Rugoso	Alisado	-	-	-	
258	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspato	Laranja	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	
259	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo; feldspato	Negro	Negro	Alisado	Polido	-	-	-	



260	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo	Negro	Negro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
261	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C: claro	C. claro	Polido	Polido	-	-	-	Parede fina
262	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C.	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
263	B'1/2 6	Cerâmica	Bordo	Manual	Oxidante	P: micas, quartzo	C. escuro	C. escuro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
264	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	C.	Laranja	Alisado	Rugoso	-	-	-	
265	B'1/2 6	Cerâmica	Bordo	?	Oxidante	P: micas, quartzo	C. claro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
266	A'1/2 6	Cerâmica	Bordo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C.	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
267	A'1 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo; feldspato	Negro	Negro	Alisado	Brunido	-	-	-	
268	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	C.	C.	Polido	Polido	-	-	-	
269	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: quartzo	C. claro	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	

270	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo	C.	C.	Alisado	Polido	-	-	-	
271	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	C. claro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
272	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Redutora	P: feldspato, quartzo	Negro	Negro	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
273	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	G: quartzo	C.	C.	Alisado	Rugoso	-	-	-	
274	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C. claro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
275	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Redutora	P: micas, quartzo	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
276	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	C. claro	Laranja	Polido	Rugoso	-	-	-	
277	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas, quartzo	C. escuro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
278	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	G: quartzo	Imp. det.	C. claro	Imp. det.	Alisado	-	-	-	Superfície interna completa mente deteriorada

279	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	Laranja	Laranja	Rugoso	Polido	-	-	-	
280	A'1/2 6	Cerâmica	Bordo	Manual	Oxidante	P: micas, quartzo	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
281	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspato	Laranja	Laranja	Brunido	Brunido	-	-	-	Cerâmica de parede muito fina; pasta muito compacta; baixa frequência de E.N.P
282	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C. claro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
283	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Redutora	P: quartzo	Negro	Negro	Alisado	<i>Cepillado</i>	-	-	-	
284	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: micas, quartzo	C. escuro	C.	Alisado	<i>Cepillado</i>	-	-	-	
285	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas, quartzo	C. claro	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
286	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo	C.	C.	Alisado	Rugoso	-	-	-	

287	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Redutora	M: quartzo	Negro	Negro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
288	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas, quartzo	Negro	Negro	Alisado	Brunido	-	-	-	
289	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: micas, quartzo	Imp. det.	C.	Imp. det.	Alisado	Imp. det.	-	-	Superfície interna totalmente deteriorad a
290	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C.	Avermel hado	Alisado	Alisado	-	-	-	
291	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Redutora	P: micas, quartzo	Imp. det.	Negro	Imp. det.	Polido	Imp. det.	-	-	Superfície interna totalmente deteriorad a
292	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	C.	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
293	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Redutora	P: micas, quartzo	Negro	Negro	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
294	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas, quartzo	Cinzent o	Cinzent o	Alisado	Alisado	-	-	-	
295	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: quartzo	C.	Bege	Alisado	Alisado	-	-	-	

296	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: quartzo	C.	C. claro	<i>Cepillad o</i>	<i>Cepillad o</i>	-	-	-	
297	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
298	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo	Negro	Negro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
299	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: micas, quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Rugoso	-	-	-	
300	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo	Negro	Negro	Polido	Brunido	-	Incisa	Todo o fragm ento	Parede fina; pasta compacta; a decoreção caracteriz a-se por uma linha horizontal
301	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C.	C.	Alisado	Rugoso	-	-	-	
302	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo	C. escuro	Negro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
303	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas	C. claro	C. claro	Polido	Polido	-	-	-	Cerâmica de parede fina

304	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas, quartzo	C. escuro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	Cerâmica de parede fina
305	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	M: micas, feldspato; quartzo	Cinzent o	Cinzent o	Alisado	Polido	-	-	-	
306	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: feldspato; quartzo	C.	C.	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
307	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Redutora	M: quartzo	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
308	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	Bege	Bege	Alisado	Alisado	-	-	-	
309	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	C. claro	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
310	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo	Negro	Negro	Polido	Brunido	-	-	-	Cerâmica de parede fina, baixa frequência de E.N.P.
311	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas, quartzo	Negro	Negro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
312	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas, quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	

313	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	C.	C.	Rugoso	Alisado	-	-	-	
314	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	C. claro	C. claro	Rugoso	Polido	-	-	-	
315	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: quartzo	C.	Avermel hado	Rugoso	Polido	-	-	-	
316	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C. claro	C. claro	Rugoso	Brunido	-	-	-	
317	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	Negro	C.	Polido	Polido	-	-	-	
318	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo, micas	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	Incisa	Regiã o superi or	Decoração caracteriz ada por 4 linhas paralelas
319	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	Imp. det.	C. claro	Imp. det.	Polido	-	-	-	Superfície interna completa mente deteriorad a
320	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	C.	C. claro	Rugoso	Alisado	-	-	-	
321	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Redutora	P: micas, quartzo	Negro	Negro	Rugoso	Rugoso	-	-	-	

322	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	Laranja	Laranja	Polido	Polido	-	-	-	
323	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	C.	C	Polido	Polido	-	-	-	
324	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo	Laranja	Laranja	Polido	Polido	-	-	-	
325	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	M: quartzo	Negro	Negro	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
326	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	G: quartzo	C.	C.	Rugoso	Alisado	-	-	-	Cerâmica de parede muito grossa
327	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	C. claro	C. claro	Polido	Polido	-	-	-	
328	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	C. claro	C. claro	Rugoso	Polido	-	-	-	
329	B'1/2 6	Cerâmica	Bordo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	C. claro	C. claro	Polido	Polido	-	-	-	
330	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: micas, quartzo	Negro	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
331	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	G: quartzo	C.	C.	Rugoso	Rugoso	-	-	-	



332	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	G: micas, feldspato, quartzos	C.	C.	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
333	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: micas, quartzos	Imp. det.	Laranja	Imp. det.	Engoba do	-	-	-	
334	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	M: micas, quartzos	Cinzent o	Cinzent o	Alisado	Alisado	-	-	-	
335	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Manual	Redutora	P: micas, quartzos	Negro	Negro	Rugoso	Alisado	-	-	-	
336	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzos	Laranja	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	
337	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas, quartzos	Negro	Negro	Alisado	Polido	-	-	-	
338	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzos	C. claro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
339	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: micas, quartzos	C.	C.	Alisado	Rugoso	-	-	-	
340	A'1/2 6	Cerâmica	Bordo	Torno	Oxidante	P: quartzos	C. escuro	C. escuro	Alisado	Alisado	-	-	-	
341	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzos, feldspato	Negro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	

342	B'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo, feldspato	Laranja	Laranja	Polido	Polido	-	-	-	
343	A'1/2 6	Cerâmica	Fundo	Torno	Oxidante	G: quartzo, feldspato	C. escuro	C. escuro	Rugoso	Alisado	-	-	-	Cola com o 77
344	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas, quartzo	C. escuro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
345	A'1/2 6	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo, feldspato	Negro	Negro	Rugoso	Polido	-	-	-	
346	A'/B' 6	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: micas, quartzo	Bege	Bege	Rugoso	Rugoso	-	-	-	

## 1.3 Unidade estratigráfica 08

Identificação			Caracterização morfológica	Caracterização Técnica								Decoração			Obs.
Nº de inventário	Quadrícula U.E	Material		Fabrico	Cozedura	Calibre E.N.P	Cor		Tratamento de superfície		Int.	Ext.	Local		
							Int.	Ext.	Int.	Ext.					
1	B'1 8	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: micas, quartzo	Bege	Bege	Rugoso	Rugoso	-	-	-	Fragmento com vestígios de combustão	
2	B'1 8	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: micas, quartzo	C. claro	C. escuro	Polido	Polido	-	-	-	-	
3	B'1 8	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: micas, quartzo	C.	C.	Polido	Polido	-	-	-	-	

## 1.4 Unidade estratigráfica 09

Identificação			Caracterização morfológica	Caracterização técnica								Decoração			Obs.:
Nº de inventário	Quadricula U.E.	Material		Fabrico	Cozedura	Calibre E.N.P	Cor		Tratamento de superfície		Int.	Ext.	Local		
							Int.	Ext.	Int.	Ext.					
1	A'/B' 9	Cerâmica	Fundo	Torno	Oxidante	P: quartzo	Negro	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	Cola com 1, 21, 142	
2	A'/B' 9	Cerâmica	Bordo	Torno	Redutora	P: quartzo	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-		
3	A'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: micas; quartzo	C.	C.	<i>Cepillado</i>	<i>Cepillado</i>	-	-	-		
4	A'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspato	Negro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-		
5	A'1/2 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: micas; quartzo	C.	Laranja	<i>Cepillado</i>	<i>Cepillado</i>	-	-	-		
6	A'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	G: quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	<i>Cepillado</i>	-	-	-		
7	A'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	G: quartzo	C.	Laranja	<i>Cepillado</i>	<i>Cepillado</i>	-	-	-		
8	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	Bege	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-		

9	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: quartzo	C. claro	Laranja	<i>Cepillad o</i>	<i>Cepillad o</i>	-	-	-	Cola com 9, 94, 240, 268, 312
10	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo; feldspat o	Negro	Negro	Polido	Brunido	-	-	-	
11	A'1/2 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: micas; quartzo	Negro	C. claro	<i>Cepillad o</i>	<i>Cepillad o</i>	-	-	-	
12	A'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Manual	Redutora	G: quartzo	Negro	Cinzent o	<i>Cepillad o</i>	<i>Cepillad o</i>	-	-	-	
13	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: quartzo	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
14	A'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	Negro	C.	<i>Cepillad o</i>	<i>Cepillad o</i>	-	-	-	
15	A'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	Negro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	
16	A'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C.	C.	Alisado	Brunido	-	-	-	
17	A'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	Negro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	
18	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo	Negro	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	Vestígios de fuligem na superfície externa

19	B'A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
20	A'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Manual	Redutora	P: quartzo	Negro	Negro	Alisado	Brunido	-	-	-	
21	A'1/2 9	Cerâmica	Fundo	Torno	Oxidante	P: quartzo	Negro	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	Cola com 1, 21, 142
22	A'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	Negro	C. claro	<i>Cepillad o</i>	Rugoso	-	-	-	
23	A'B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: feldspat o	Negro	Negro	Polido	Brunido	-	-	-	Baixa frequência de E.N.P.
24	B'1/2 9	Cerâmica	Bordo	Torno	Oxidante	G: quartzo	C. claro	Laranja	Alisado	Rugoso	-	-	-	
25	B'A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: feldspat o	Negro	Negro	Polido	Brunido	-	-	-	Baixa frequência de E.N.P.
26	A'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	C. claro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	
27	B'A' 9	Cerâmica	Bojo	?	Redutora	M: quartzo	Negro	Imp.det.	Alisado	Imp. det.	-	-	-	Superfície externa deteriorada
28	B'A' 9	Cerâmica	Bordo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo	C.	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
29	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	M: quartzo	Negro	Negro	Alisado	Polido	-	-	-	

30	A'1/2 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: quartzo	C. claro	Negro	<i>Cepillad o</i>	<i>Cepillad o</i>	-	-	-	
31	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C.	C.	Polido	Brunido	-	-	-	Baixa frequência de E.N.P.
32	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	Bege	Bege	<i>Cepillad o</i>	Alisado	-	-	-	
33	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	Negro	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
34	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	Negro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
35	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	Negro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
36	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	Negro	C.	<i>Cepillad o</i>	Polido	-	-	-	
37	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: quartzo	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
38	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Brunido	-	-	-	Cerâmica de parede fina
39	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo; feldspat o	Cinzento	Cinzent o	Polido	Polido	-	-	-	

40	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo; feldspat o	Negro	Negro	Polido	Alisado	-	-	-	
41	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	Negro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	
42	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
43	B'/A' 9	Cerâmica	Bordo	?	Oxidante	P: quartzo	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
44	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	Negro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	Cola com 44, 190, 314
45	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	Negro	Avermel hado	<i>Cepillad o</i>	Brunido	-	-	-	Baixa frequência de E.N.P.
46	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: quartzo	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
47	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C	C	<i>Cepillad o</i>	<i>Cepillad o</i>	-	-	-	
48	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: micas; quartzo	C.	Laranja	Alisado	<i>Cepillad o</i>	-	Incisa	Bojo	A decoração caracteriza- se por uma linha horizontal de sulco “U”



49	B'A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
50	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	G: quartzo; feldspat o	C.	C.	<i>Cepillad o</i>	<i>Cepillad o</i>	-	-	-	
51	B'A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: mica; quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
52	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo; feldspat o	Negro	Avermel hado	<i>Cepillad o</i>	Polido	-	-	-	
53	B'A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: feldspat o	Negro	Negro	<i>Cepillad o</i>	Brunido	-	-	-	
54	B'A' 9	Cerâmica	Bordo	Torno	Redutora	P: quartzo; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Polido	-	-	-	
55	B'A' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: micas; quartzo; feldspat o	Negro	C.	<i>Cepillad o</i>	<i>Cepillad o</i>	-	-	-	
56	B'A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo; feldspat o	Laranja	Negro	Polido	Polido	-	-	-	
57	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: micas; quartzo; feldspat o	Bege	Bege	<i>Cepillad o</i>	Alisado	-	-	-	Vestígios de fuligem na superfície externa

58	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
59	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
60	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	Negro	Laranja	Alisado	Rugoso	-	-	-	
61	B'/A' 9	Cerâmica	Fundo	?	Oxidante	G: quartzo; feldspat o	Negro	Laranja	Alisado	Rugoso	-	-	-	
62	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	Negro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	
63	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	C.	C.	Alisado	<i>Cepillad o</i>	-	-	-	
64	B'/A' 9	Cerâmica	Bordo	Torno	Redutora	P: quartzo; feldspat o	Negro	Negro	<i>Cepillad o</i>	Polido	-	-	-	
65	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Polido	-	-	-	
66	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	?	Redutora	M: quartzo	Laranja	Cinzent o	Alisado	Alisado	-	-	-	

67	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C.	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
68	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
69	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspat o	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
70	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: micas; quartzo; feldspat o	C. claro	C. escuro	Alisado	Alisado	-	-	-	
71	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Brunido	-	-	-	
72	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Redutor a	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	Bege	Cinzent o	Alisado	Alisado	-	-	-	
73	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	Cinzeno	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
74	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	C.	C	Alisado	Alisado	-	-	-	
75	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo; feldspat o	C. claro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	

76	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: quartzo	C.	Laranja	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
77	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	Incisa	Regiã o superi or	
78	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	C. claro	Laranja	Alisado	Rugoso	-	-	-	
79	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	C. claro	C. claro	Alisado	Polido	-	-	-	
80	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	M: quartzo; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
81	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	C.	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
82	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspat o	C. escuro	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
83	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	?	Redutora	P: feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
84	A'/B' 9	Cerâmica	Bordo	Manual	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	C.	C.	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
85	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	G: quartzo;	Laranja	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	

						feldspat o									
86	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	Negro	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-		
87	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	?	Redutora	M: quartzo; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-		
88	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	C.	C	Alisado	Alisado	-	-	-		
89	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: feldspat o	C.	Bege	Alisado	<i>Cepillad o</i>	-	-	-	Baixa frequência de E.N.P.	
90	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; feldspat o	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-		
91	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	C.	C.	<i>Cepillad o</i>	<i>Cepillad o</i>	-	-	-		
92	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	C. claro	C.	Alisado	<i>Cepillad o</i>	-	-	-		
93	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	Negro	Laranja	Alisado	Rugoso	-	-	-		

94	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: quartzo	C. claro	Laranja	<i>Cepillado</i>	<i>Cepillado</i>	-	-	-	Cola com 9, 94, 240, 268, 312
95	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Manual	Redutora	P: micas; feldspato	Cinzento	Cinzento	Alisado	Alisado	-	-	-	
96	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; feldspato	Bege	Bege	Alisado	Alisado	-	-	-	
97	A'/B' 9	Cerâmica	Fundo	?	Redutora	P: quartzo; feldspato	Negro	Negro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
98	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: quartzo; feldspato	Negro	Laranja	<i>Cepillado</i>	<i>Cepillado</i>	-	-	-	
99	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C.	C.	Alisado	Polido	-	-	-	
100	A'/B' 9	Cerâmica	Bordo	Manual	Oxidante	P: micas; quartzo; feldspato	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
101	B'1/2 9	Cerâmica	Bordo	Torno	Oxidante	P: micas; feldspato	C.	Laranja	Polido	Brunido	-	-	-	
102	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: quartzo; feldspato	Laranja	Laranja	Rugoso	Rugoso	-	-	-	

103	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	G; micas; quartzo; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
104	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	G; micas; quartzo; feldspat o	C.	C.	<i>Cepillad o</i>	Alisado	-	-	-	Cerâmica de parede grossa
105	A'1/2 9	Cerâmica	Fundo	?	Oxidante	G; quartzo; feldspat o	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	Cerâmica de parede grossa
106	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P; quartzo; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
107	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P; micas; quartzo	C. claro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
108	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	M; quartzo; feldspat o	Negro	Negro	Rugoso	Polido	-	-	-	
109	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P; feldspat o	Negro	Laranja	Alisado	Engoba do	-	-	-	Vestígios de fuligem na sup. externa
110	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	?	Redutora	M; quartzo; feldspat o	Negro	Negro	<i>Cepillad o</i>	Alisado	-	-	-	
111	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	M; quartzo; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Brunido	-	-	-	

112	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	G: quartzo; feldspat o	Cinzent o	Cinzent o	<i>Cepillad o</i>	Alisado	-	-	-	
113	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo; feldspat o	Bege	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
114	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; quartzo; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
115	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
116	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	Negro	C.	<i>Cepillad o</i>	Alisado	-	-	-	
117	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	C.	Imp. det.	Alisado	Imp. det.	-	-	-	Superfície exterior completame nte deteriorada
118	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Brunido	-	-	-	
119	A'/B' 9	Cerâmica	Bordo	Torno	Redutora	P: feldspat o	Negro	Negro	Polido	Brunido	-	-	-	
120	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas;	C. claro	C. claro	Alisado	Polido	-	-	-	



						feldspat o									
121	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	Cinzento	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-		
122	A'/B' 9	Cerâmica	Bordo	Torno	Redutora	P: feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	Cerâmica de parede fina	
123	A'/B' 9	Cerâmica	Bordo	Torno	Oxidante	P: micas	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	Cerâmica de parede fina	
124	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; feldspat o	Bege	Bege	Alisado	Polido	-	-	-		
125	B'/A' 9	Cerâmica	Bordo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-		
126	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; feldspat o	C. escuro	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-		
127	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo; feldspat o	C.	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-		
128	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	?	Redutora	P: feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-		

129	A'/B' 9	Cerâmica	Asa	Manual	Redutora	M: quartzo; feldspat o	Negro	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
130	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	M: quartzo; feldspat o	C.	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
131	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo; feldspat o	Cinzento	Cinzent o	<i>Cepillad o</i>	<i>Cepillad o</i>	-	-	-	Pasta muito frívola
132	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspat o	Imp. det.	C.	Imp. det.	Polido	-	-	-	Superfície interna completamente deteriorada
133	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; feldspat o	C.	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
134	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo; feldspat o	C.	C.	Alisado	Brunido	-	-	-	
135	A'/B' 9	Cerâmica	Bordo	Torno	Oxidante	P: feldspat o	Laranja	Laranja	Alisado	Engoba do	-	-	-	
136	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	Laranja	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	Vestígios de fuligem na superfície exterior
137	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	Cinzento	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	

138	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo; feldspat o	Cinzento	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
139	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; feldspat o	Negro	C. claro	<i>Cepillad o</i>	<i>Cepillad o</i>	-	-	-	
140	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	Laranja	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
141	A'/B' 9	Cerâmica	Bordo	Torno	Redutora	P: micas; feldspat o	Negro	Negro	Polido	Brunido	-	-	-	
142	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	Negro	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	Cola com 1, 21, 142
143	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	Negro	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
144	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Brunido	-	-	-	
145	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	C.	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
146	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	Laranja	Laranja	Alisado	Engoba do	-	-	-	

147	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Polido	-	-	-	
148	B'1/2 9	Cerâmica	Fundo	?	Redutora	M: quartzo; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Polido	-	-	-	
149	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	Negro	C.	Alisado	Polido	-	-	-	
150	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	Bege	Laranja	Alisado	Brunido	-	-	-	
151	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: micas; quartzo	C.	C.	Alisado	<i>Cepillad o</i>	-	-	-	
152	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspat o	Negro	Laranja	Polido	Polido	-	-	-	
153	B'1/2 9	Cerâmica	Bordo	Torno	Redutora	M: quartzo; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
154	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	Laranja	Laranja	Polido	Polido	-	-	-	
155	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	G: quartzo; feldspat o	Bege	Bege	Alisado	Alisado	-	-	-	
156	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	?	Redutora	M: quartzo; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	

157	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: feldspat o	Negro	Negro	Rugoso	Polido	-	-	-	Vestígios de fuligem na superfície externa
158	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: feldspat o	Laranja	Laranja	Rugoso	Alisado	-	-	-	
159	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: feldspat o	C. claro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	Vestígios de fuligem na superfície exterior
160	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
161	A'/B' 9	Cerâmica	Bordo	Manual	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
162	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspat o	Alaranjad o	Alaranja do	Alisado	Alisado	-	-	-	
163	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo; feldspat os	Negro	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
164	B'1/2 9	Cerâmica	Bordo	Torno	Oxidante	P: feldspat o	C.	C.	<i>Cepillad o</i>	Brunido	-	-	-	Baixa frequência de E.N.P.
165	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	G: micas; quartzo; feldspat o	Laranja	Laranja	Alisado	Brunido	-	-	-	

166	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	M: quartzo; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
167	B'1/2 9	Cerâmica	Bordo	?	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
168	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: feldspat o	Laranja	C	Alisado	Polido	-	-	-	
169	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo	Negro	Imp.det.	Brunido	Imp. det.	-	-	-	Superfície externa deteriorada
170	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo; feldspat o	C. escuro	Avermel hado	Alisado	Polido	-	-	-	
171	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo	Negro	Cinzent o	Alisado	Polido	-	-	-	
172	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: micas; quartzo	Negro	Imp. det.	Alisado	Imp. det.	-	-	-	Superfície externa deteriorada
173	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: micas; quartzo	Negro	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	Baixa frequência de E.N.P.
174	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	C. escuro	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
175	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	

176	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo; feldspat o	Negro	C.	Alisado	Polido	-	-	-	
177	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	Negro	Castanh o	Alisado	Polido	-	-	-	
178	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	C.	C.	Alisado	<i>Cepillad o</i>	-	-	-	
179	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	<i>Cepillad o</i>	-	-	-	
180	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; feldspat o	C. escuro	C. escuro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
181	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
182	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	Bege	Bege	Alisado	Rugoso	-	-	-	
183	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P; micas; quartzo; feldspat o	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
184	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: quartzo	Bege	Bege	Alisado	Alisado	-	-	-	

185	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: micas; quartzo; feldspat o	Bege	Bege	Alisado	<i>Cepillad o</i>	-	-	-	
186	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; feldspat o	C.	C.	Polido	Polido	-	-	-	
187	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: feldspat o	Negro	Negro	Polido	Polido	-	-	-	
188	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; feldspat o	Negro	Laranja	Alisado	Brunido	-	-	-	Cerâmica de parede fina; pasta compacta
189	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; feldspat o	Negro	C. claro	Alisado	Brunido	-	-	-	Baixa frequência de E.NP.
190	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	Negro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	Cola com 44, 190, 314
191	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	?	Redutora	P: micas; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
192	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; quartzo; feldspat o	Cinzento	Cinzent o	Alisado	Alisado	-	-	-	
193	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo;	C.	C.	Alisado	Rugoso	-	-	-	



						feldspat o									
194	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; feldspat o	Negro	Negro	Polido	Brunido	-	-	-		
195	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	Laranja	Laranja	<i>Cepillad o</i>	Polido	-	-	-		
196	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: feldspat o	Laranja	Laranja	Polido	Polido	-	-	-		
197	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; feldspat o	C. claro	Laranja	Alisado	Rugoso	-	-	-		
198	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	M: micas; feldspat o	Imp. det.	Negro	Imp.det.	Alisado	-	-	-	Superfície interna deteriorada	
199	A'/B' 9	Cerâmica	Bordo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-		
200	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo; feldspat o	Laranja	Laranja	<i>Cepillad o</i>	<i>Cepillad o</i>	-	-	-		
201	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: feldspat o	C. escuro	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-		

202	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	C. claro	Laraja	Polido	Alisado	-	-	-	
203	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	C.	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
204	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	G: quartzo; feldspat o	C.	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	Cola com 204, 311
205	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
206	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	G: quartzo; feldspat o	Imp. det.	Avermel hado	Imp. det.	Alisado	-	-	-	Superfície interna completame nte deteriorada
207	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Manual	Redutora	P: feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Brunido	-	-	-	
208	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
209	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspat o	C. escuro	C. escuro	Alisado	Polido	-	-	-	
210	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	C.	C.	<i>Cepillad o</i>	<i>Cepillad o</i>	-	-	-	

211	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: feldspat o	Negro	Negro	Polido	Brunido	-	Bruni do	Zona superi or à carena	Decoração caracterizad a por quatro sulcos verticais
212	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; feldspat o	Negro	C. claro	Alisado	Polido	-	-	-	
213	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: micas; quartzo	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
214	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspat o	Negro	C. claro	Alisado	Alisado	-	Pentea do	Em toda a região	E.N.P de baixa frequência
215	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo	Bege	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
216	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	Pequeno s: micas; quartzo; feldspat o	Negro	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	Pasta compacta
217	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Polido	-	-	-	Cerâmica de parede fina
218	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	Vestígios de fuligem na superfície externa
219	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	Negro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	Cola com nº 219, 332, 347, 360, 385, 387, 390, 391,

														394, 397, 398, 399,400
220	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspat o	Negro	Negro	<i>Cepillad o</i>	Brunido	-	-	-	Baixa frequência de E.N.P.
221	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; feldspat o	Laranja	Laranja	Alisado	Brunido	-	-	-	
222	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; feldspat o	Laranja	Laranja	Polido	Brunido	-	-	-	
223	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	?	Redutora	M: feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
224	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	C. claro	C. claro	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
225	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	Negro	C.	<i>Cepillad o</i>	Brunido	-	-	-	
226	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; quartzo; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Brunido	-	-	-	
227	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; quartzo; feldspat o	Bege	Cinzent o	Alisado	Polido	-	-	-	

228	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	C.	Laranja	Alisado	<i>Cepillad o</i>	-	-	-	
229	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo; feldspat o	C. escuro	C.	Alisado	Polido	-	-	-	Vestígios de fuligem na superfície externa
230	B'1/2 9	Cerâmica	Bordo	Manual	Redutora	G: micas; quartzo; feldspat o	Cinzento-claro	Negro	Alisado	Rugoso	-	-	-	Pasta extremamente frívola
231	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: micas; quartzo	Bege	C. claro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
232	B'1/2 9	Cerâmica	Bordo	?	Oxidante	P: feldspat o	Laranja	Laranja	Alisado	Polido	-	Penteado	Região superior do bojo	Pente de 5 puas
233	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; feldspat o	Cinzento	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
234	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; feldspat o	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
235	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: feldspat o	Negro	Negro	Polido	Polido	-	-	-	Baixa frequência de E.N.P.
236	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	M: feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Brunido	-	-	-	

237	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	Negro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	
238	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; feldspat o	C.	C.	Alisado	Polido	-	-	-	
239	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; feldspat o	Laranja	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	
240	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: quartzo	C. claro	Laranja	<i>Cepillad o</i>	<i>Cepillad o</i>	-	-	-	Cola com 9, 94, 240, 268, 312
241	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: micas; feldspat o	C.	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
242	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	G: quartzo; feldspat o	Negro	C.	Alisado	Rugoso	-	-	-	Cerâmica de parede grossa
243	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; feldspat o	C. claro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
244	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: micas; quartzo; feldspat o	Imp. det.	Avermel hado	Imp. det.	Alisado	-	-	-	Superfície interna deteriorada
245	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: micas; quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	

246	B'1/2 9	Cerâmica	Bordo	Torno	Oxidante	P: micas; feldspat o	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
247	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
248	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; feldspat o	Bege	Bege	Alisado	<i>Cepillad o</i>	-	-	-	O <i>cepillado</i> deste fragmento é muito cuidado
249	A'/B' 9	Cerâmica	Bordo	Torno	Redutora	P: feldspat o	Negro	Negro	Polido	Brunido	-	-	-	
250	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: feldspat o	Negro	Negro	Polido	Brunido	-	-	-	
251	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; feldspat o	Negro	Negro	Polido	Brunido	-	-	-	
252	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
253	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: micas; quartzo	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
254	B'1/2 9	Cerâmica	Bordo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo; feldspat o	C.	Laranja	Alisado	Brunido	-	-	-	

255	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; feldspat o	Laranja	Laranja	Polido	Polido	-	-	-	
256	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: micas; quartzo; feldspat o	C.	C.	<i>Cepillad o</i>	Alisado	-	-	-	
257	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	G: micas; quartzo; feldspat o	Negro	C. claro	Alisado	Polido	-	-	-	Vestígios de fuligem na superfície externa
258	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	C.	C.	Alisado	Alisado	.	Penteado	Zona superior do bojo	
259	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	C.	C.	Polido	Alisado	-	-	-	
260	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspat o	Negro	C. claro	<i>Cepillad o</i>	Polido	-	-	-	Cepillado muito cuidado, caracteriza-se por um padrão geométrico em que linhas horizontais interrompem as verticais



261	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	Cinzento	C.	Alisado	<i>Cepillad o</i>	-	-	-	
262	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	G: micas; quartzo; feldspat o	C. claro	Laranja	<i>Cepillad o</i>	Rugoso	-	-	-	Cerâmica de parede grossa
263	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: micas; feldspat o	C.	C.	<i>Cepillad o</i>	Alisado	-	-	-	
264	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo; feldspat o	Negro	Negro	Polido	Brunido	-	-	-	Baixa frequência de E.N.P.
265	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Polido	-	-	-	
266	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	Negro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	
267	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; feldspat o	C. claro	Laranja	<i>Cepillad o</i>	Polido	-	-	-	
268	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: quartzo	C. claro	Laranja	<i>Cepillad o</i>	<i>Cepillad o</i>	-	-	-	Cola com 9, 94, 240, 268, 303, 312
269	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Manual	Redutora	P: feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	

270	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo; feldspat o	Laranja	Laranja	<i>Cepillad o</i>	Polido	-	-	-	Cola com 270, 285, 316, 320,
271	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	C. claro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
272	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspat o	Imp.de.	C.	Imp.det.	Polido	-	-	-	Superfície interna deteriorada
273	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Polido	-	-	-	
274	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
275	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	G: quartzo; feldspat o	Avermelh ado	Avermel hado	<i>Cepillad o</i>	<i>Cepillad o</i>	-	-	-	
276	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Manual	Redutora	G: quartzo; feldspat o	Cinzento	Cinzent o	<i>Cepillad o</i>	Alisado	-	-	-	
277	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	G: quartzo; feldspat o	Cinzento	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
278	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	?	Redutora	P: feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	

279	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; feldspat o	Bege	Bege	Alisado	Alisado	-	-	-	
280	A'/B' 9	Cerâmica	Bordo	Torno	Oxidante	P: micas; feldspat o	Negro	C.	Alisado	Polido	-	-	-	
281	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: micas; quartzo	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
282	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo; feldspat o	Negro	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
283	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspat o	Negro	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
284	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	G: quartzo; feldspat o	C.	Laranja	Rugoso	<i>Cepillad o</i>	-	-	-	
285	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo; feldspat o	Laranja	Laranja	<i>Cepillad o</i>	Polido	-	-	-	Cola com 270, 285, 316, 320,
286	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
287	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: feldspat o	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	

288	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspat o	Negro	C. claro	<i>Cepillad o</i>	<i>Cepillad o</i>	-	-	-	
289	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; feldspat o	Negro	Bege	Alisado	Alisado	-	-	-	
290	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo; feldspat o	Negro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
291	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspat o	Negro	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
292	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; feldspat o	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
293	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	Negro	C.	<i>Cepillad o</i>	Brunido	-	-	-	
294	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; feldspat o	Laranja	C. claro	Alisado	Polido	-	-	-	
295	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	C.	C.	Alisado	Rugoso	-	-	-	Cola com 301
296	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; feldspat o	C. claro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	

297	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; feldspat o	Cinzentos	Negro	Alisado	Brunido	-	-	-	Cola com 306
298	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo; feldspat o	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	Cola com 309
299	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; feldspat o	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
300	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	C.	C.	<i>Cepillad o</i>	Alisado	-	Punci oname nto arrasta do	Duas região es do bojo	
301	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	C.	C.	Alisado	Rugoso	-	-	-	Cola com 295
302	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	M: quartzo; feldspat o	Cinzentos	Negro	Alisado	Polido	-	-	-	
303	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: quartzo	C. claro	Laranja	<i>Cepillad o</i>	<i>Cepillad o</i>	-	-	-	Cola com 9, 94, 240, 268, 303, 312
304	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspat o	Negro	C. claro	<i>Cepillad o</i>	Brunido	-	-	-	
305	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	C. claro	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	

306	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; feldspat o	Cinzento	Negro	Alisado	Brunido	-	-	-	Cola com 297
307	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	C. claro	C.	Alisado	Brunido	-	-	-	
308	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: micas; feldspat o	Negro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	
309	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo; feldspat o	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	Cola com 298
310	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; feldspat o	Laranja	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
311	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	G: quartzo; feldspat o	C.	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	Cola com 204, 311
312	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: quartzo	C. claro	Laranja	<i>Cepillad o</i>	<i>Cepillad o</i>	-	-	-	Cola com 9, 94, 240, 268, 303, 312
313	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; feldspat o	C. claro	C. claro	<i>Cepillad o</i>	Alisado	-	-	-	
314	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	Negro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	Cola com 44, 190, 314

315	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; feldspat o	Cinzeno	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
316	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo; feldspat o	Laranja	Laranja	<i>Cepillad o</i>	Polido	-	-	-	Cola com 270, 285, 316, 320,
317	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: feldspat o	Laranja	Negro	Alisado	Polido	-	-	-	
318	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: micas; feldspat o	Cinzeno	Negro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
319	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo; feldspat o	Laranja	Laranja	<i>Cepillad o</i>	Polido	-	-	-	
320	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo; feldspat o	Laranja	Laranja	<i>Cepillad o</i>	Polido	-	-	-	Cola com 270, 285, 316, 320,
321	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
322	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	M: quartzo; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Rugoso	-	-	-	

323	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: feldspat o	C. claro	Negro	Polido	Polido	-	-	-	Cerâmica de parede fina
324	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	Negro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	
325	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Manual	Redutora	M: micas; quartzo; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
326	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	Negro	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
327	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	M: quartzo; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	Vestígios de fuligem na superfície externa
328	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	C.	C.	Alisado	<i>Cepillad o</i>	-	-	-	
329	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
330	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: micas; quartzo	Negro	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
331	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	M: quartzo; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	



332	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	Negro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	Cola com nº 219, 332, 347, 360, 385, 387, 390, 391, 394, 397, 398, 399,400
333	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; feldspat o	Laranja	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
334	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo; feldspat o	C. claro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
335	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: micas; feldspat o	Negro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
336	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; quartzo	Negro	Negro	Alisado	Polido	-	-	-	
337	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	M: quartzo; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Polido	-	-	-	
338	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	Negro	Laranja	<i>Cepillad o</i>	Brunido	-	-	-	Vestígios de fuligem no exterior
339	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: micas; quartzo	Bege	Bege	Alisado	Alisado	-	-	-	

340	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; quartzo	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
341	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	C.	C.	<i>Cepillad o</i>	Alisado	-	-	-	
342	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
343	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	C.	C.	Alisado	Rugoso	-	-	-	
344	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
345	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; feldspat o	Negro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	
346	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	?	Redutora	M: quartzo; feldspat o	C.	Negro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
347	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	Negro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	Cola com nº 219, 332, 347, 360, 385, 387, 390, 391, 394, 397, 398, 399,400

348	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	M: micas; quartzo; feldspat o	C.	Negro	Alisado	Polido	-	-	-	
349	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo; feldspat o	C.	C.	Alisado	Polido	-	-	-	
350	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Polido	-	-	-	
351	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	?	Redutora	M: quartzo; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
352	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; feldspat o	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
353	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo; feldspat o	C. claro	C. claro	Alisado	Polido	-	-	-	
354	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Manual	Redutora	M: quartzo; feldspat o	C.	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
355	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: feldspat o	Negro	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	

356	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	C. claro	C. claro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
357	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	C.	C.	Alisado	Rugoso	-	-	-	
358	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: feldspat o	Negro	Negro	Polido	Brunido	-	-	-	Cerâmica de parede fina
359	B'1/2 9	Cerâmica	Bordo	?	Oxidante	P: micas; quartzo; feldspat o	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
360	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	Negro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	Cola com nº 219, 332, 347, 360, 385, 387, 390, 391, 394, 397, 398, 399,400
361	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	M: quartzo; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
362	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	Laranja	Laranja	<i>Cepillad o</i>	Polido	-	-	-	
363	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	C.	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	

364	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	X	Negro	Negro	Polido	Brunido	-	-	-	Não possui E.N.P.; cerâmica de parede fina
365	B'/A' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
366	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Polido	-	-	-	
367	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo; feldspat o	Laranja	Laranja	Polido	Brunido	-	-	-	
368	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo; feldspat o	C. claro	C. claro	Polido	Polido	-	-	-	
369	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	C.	Alaranja do	<i>Cepillad o</i>	<i>Cepillad o</i>	-	Impre ssão	Zona superi or do bojo	Impressão de “unha”; cola com nº 369, 370, 371, 372
370	A'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	C.	Alaranja do	<i>Cepillad o</i>	<i>Cepillad o</i>	-	Impre ssão	Zona superi or do bojo	Impressão de “unha”; cola com nº 369, 370, 371, 372
371	A'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	C.	Alaranja do	<i>Cepillad o</i>	<i>Cepillad o</i>	-	Impre ssão	Zona superi or do bojo	Impressão de “unha”; cola com nº 369, 370, 371, 372

372	A'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo; feldspat o	C.	Alaranja do	<i>Cepillad o</i>	<i>Cepillad o</i>	-	Impre ssão	Zona superi or do bojo	Impressão de “unha”; cola com nº 369, 370, 371, 372
373	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; feldspat o	Negro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	
374	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	G: micas; quartzo; feldspat o	C.	Bege	<i>Cepillad o</i>	Rugoso	-	-	-	
375	B'1/2 9	Cerâmica	Bordo	Torno	Redutora	P: micas; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Polido	-	Plástic a (elem ento de suspen são perfur ado)	Zona de inflex ão	Cola com 376, 377, 378, 379, 380 381, 382, 383, 384
376	B'1/2 9	Cerâmica	Bordo	Torno	Redutora	P: micas; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Polido	-	Plástic a (elem ento de suspen são perfur ado)	Zona de inflex ão	Cola com 375, 377, 378, 379, 380 381, 382, 383, 384
377	B'1/2 9	Cerâmica	Bordo	Torno	Redutora	P: micas; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Polido	-	-	-	Cola com 375, 376, 378, 379, 380 381, 382, 383, 384

378	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Polido	-	-	-	Cola com 375, 376, 377, , 379, 380 381, 382, 383, 384
379	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Polido	-	-	-	Cola com 375, 376, 377, 378, 380 381, 382, 383, 384
380	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Polido	-	-	-	Cola com 375, 376, 377, 378, 379, 381, 382, 383, 384
381	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Polido	-	-	-	Cola com 375, 376, 377, 378, 379, 380, 382, 383, 384
382	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Polido	-	-	-	Cola com 375, 376, 377, 378, 379, 380 381, 383, 384
383	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Polido	-	-	-	Cola com 375, 376, 377, 378, 379, 380 381, 382, 384

384	A'/B' 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; feldspat o	Negro	Negro	Alisado	Polido	-	-	-	Cola com 375, 376, 377, 378, 379, 380 381, 382, 383
385	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	Negro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	Cola com nº 219, 332, 347, 360, 385, 387, 390, 391, 394, 397, 398, 399,400
386	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; feldspat o	Negro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	
387	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	Negro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	Cola com nº 219, 332, 347, 360, 385, 387, 390, 391, 394, 397, 398, 399,400
388	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Bojo	P: micas; feldspat o	Negro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	
389	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: micas; feldspat o	Negro	C. claro	Alisado	Polido	-	-	-	Cola com 392
390	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo;	Negro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	Cola com nº 219, 332, 347, 360,



						feldspat o								385, 387, 390, 391, 394, 397, 398, 399,400
391	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	Negro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	Cola com nº 219, 332, 347, 360, 385, 387, 390, 391, 394, 397, 398, 399,400
392	B'1/2 9	Cerâmica	Bordo	Manual	Oxidante	P: micas; feldspat o	Negro	C. claro	Alisado	Polido	-	-	-	Cola com 389
393	B'1/2 9	Cerâmica	Bordo	Manual	Oxidante	P: micas; feldspat o	Negro	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
394	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	Negro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	Cola com nº 219, 332, 347, 360, 385, 387, 390, 391, 394, 397, 398, 399,400
395	B'1/2 9	Cerâmica	Bordo	Manual	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	Negro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	Cola com nº 396
396	B'1/2 9	Cerâmica	Bordo	Manual	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	Negro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	Cola com nº 395

397	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	Negro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	Cola com nº 219, 332, 347, 360, 385, 387, 390, 391, 394, 397, 398, 399,400
398	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	Negro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	Cola com nº 219, 332, 347, 360, 385, 387, 390, 391, 394, 397, 398, 399,400
399	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	Negro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	Cola com nº 219, 332, 347, 360, 385, 387, 390, 391, 394, 397, 398, 399,400
400	B'1/2 9	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspat o	Negro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	Cola com nº 219, 332, 347, 360, 385, 387, 390, 391, 394, 397, 398, 399,400

## 1.5 Unidade estratigráfica 12

Identificação			Caracterização morfológica	Caracterização Técnica								Decoração			Obs.:
Nº de inventário	Quadrícula U.E	Material		Fabrico	Cozedura	Calibre E.N.P	Cor		Tratamento de superfície		Int.	Ext.	Local		
							Int.	Ext.	Int.	Ext.					
1	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; quartzos	Negro	Negro	<i>Cepillado</i>	<i>Cepillado</i>	-	-	-		
2	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: micas; quartzos	Negro	C.	<i>Cepillado</i>	<i>Cepillado</i>	-	-	-		
3	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; quartzos	Negro	Negro	<i>Cepillado</i>	<i>Cepillado</i>	-	-	-		
4	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; quartzos	Negro	Negro	<i>Cepillado</i>	<i>Cepillado</i>	-	-	-		
5	B'1/2 12	Cerâmica	Bordo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzos	C. claro	C. claro	Polido	Alisado	-	-	-		
6	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; quartzos	C.	Negro	Rugoso	Polido	-	-	-		

7	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; quartzos	C. escuro	Negro	Rugoso	Polido	-	-	-	
8	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: micas; quartzos; feldspato	C.	C. escuro	Cepilhado	Cepilhado	-	-	-	Pasta muito frívola
9	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; quartzos	Negro	Negro	Alisado	Brunido	-	-	-	Cola com 10, 11
10	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; quartzos	Negro	Negro	Alisado	Brunido	-	-	-	Cola com 9, 11
11	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; quartzos	Negro	Negro	Alisado	Brunido	-	-	-	Cola com 9, 10
12	B'1 12	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: micas; quartzos; feldspato	C.	C.	<i>Cepillado</i>	<i>Cepillado</i>	-	-	-	Pasta muito frívola
13	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzos	C.	C.	Polido	Polido	-	-	-	
14	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: micas; quartzos	Bege	Bege	Alisado	Alisado	-	-	-	

15	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; quartzos; feldspato	C.	Negro	Brunido	Brunido	-	-	-	
16	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	G: quartzos; feldspato	C.	C.	Rugoso	Rugoso	-	-	-	Pasta muito frívola
17	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzos; feldspato	Negro	C. claro	Alisado	Polido	-	-	-	
18	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: micas; quartzos	Negro	Negro	Alisado	Brunido	-	-	-	
19	B'1 12	Cerâmica	Bordo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzos	C.	C.	Polido	Polido	-	-	-	
20	B'1 12	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzos	C.	C.	Polido	Polido	-	-	-	
21	B'1 12	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: micas; quartzos	C.	C.	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
22	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzos	Negro	C. claro	Alisado	Polido	-	-	-	

23	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Manual	Redutora	M: micas; quartzos; feldspato	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	Cerâmica de parede fina
24	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	M: quartzos	Negro	Negro	Polido	Polido	-	-	-	
25	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: micas; quartzos	C.	C.	Alisado	Polido	Penteado	-	Em todo o fragmento	
26	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzos; feldspato	C.	C.	Polido	Polido	-	-	-	
27	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: micas; quartzos	Negro	C.	<i>Cepillado</i>	Rugoso	-	-	-	Cola com 28, 29
28	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: micas; quartzos	Negro	C.	<i>Cepillado</i>	Rugoso	-	-	-	Cola com 27, 29
29	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: micas; quartzos	Negro	C.	<i>Cepillado</i>	Rugoso	-	-	-	Cola com 27, 28
30	B'1 12	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: micas; quartzos	C.	C.	<i>Cepillado</i>	Rugoso	-	-	-	

31	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzos	C.	C	Polido	Polido	-	-	-	
32	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzos	C.	C.	Polido	Polido	-	-	-	
33	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzos	C.	C.	Polido	Brunido	-	-	-	
34	B'1/2 12	Cerâmica	Bordo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzos	C.	C.	Brunido	Brunido	-	Incisa	Lábio	
35	B'1/2 12	Cerâmica	Bordo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzos	C.	C.	Brunido	Brunido	-	-	-	Cola com 36
36	B'1/2 12	Cerâmica	Bordo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzos	C.	C.	Brunido	Brunido	-	-	-	Cola com 35
37	B'1/2 12	Cerâmica	Bordo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzos	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
38	B'1 12	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzos	C.	C.	Brunido	Brunido	-	-	-	Cola com 39

39	B'1 12	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzos	C.	C.	Brunido	Brunido	-	-	-	Cola com 38
40	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	G: micas; quartzos	Negro	Alaranjado	Rugoso	<i>Cepillado</i>	-	-	-	Cerâmica de parede grossa
41	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	G: micas; quartzos	C.	C.	<i>Cepillado</i>	<i>Cepillado</i>	-	-	-	Produção pouco cuidada
42	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Manual	Redutora	G: micas; quartzos	C.	Negro	<i>Cepillado</i>	<i>Cepillado</i>	-	-	-	Cola com 50; pasta frívola
43	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Manual	Redutora	G: micas; quartzos	C.	Negro	<i>Cepillado</i>	<i>Cepillado</i>	-	-	-	
44	B'1/2 12	Cerâmica	Bordo	?	Redutora	P: micas; quartzos	C.	Negro	Polido	Polido	-	-	-	Cola com 45, 46
45	B'1/2 12	Cerâmica	Bordo	?	Redutora	P: micas; quartzos	C.	Negro	Polido	Polido	-	-	-	Cola com 44, 46
46	B'1/2 12	Cerâmica	Bordo	?	Redutora	P: micas; quartzos	C.	Negro	Polido	Polido	-	-	-	Cola com 44, 45



47	B'1 12	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzos, feldspato	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
48	B'1 12	Cerâmica	Fundo	?	Oxidante	G: quartzos	C. escuro	C.	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
49	B'1 12	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzos	C.	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	
50	B'1 12	Cerâmica	Bojo	Manual	Redutora	G: micas; quartzos	C.	Negro	<i>Cepillado</i>	<i>Cepillado</i>	-	-	-	Cola com 42; pasta frívola
51	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzos; feldspato	Negro	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
52	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: micas; quartzos; feldspato	Negro	Laranja	<i>Cepillado</i>	<i>Cepillado</i>	-	-	-	
53	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Manual	Redutora	P: quartzos	C.	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	

54	B'1/2 12	Cerâmica	Bordo	?	Oxidante	P: micas; quartzos	C.	C.	Alisado	Polido	-	-	-	
55	B'1/2 12	Cerâmica	Asa	Manual	Oxidante	G: micas; quartzos; feldspato	C. claro	C.	Rugoso	Rugoso	-	-	-	Cola com 56
56	B'1/2 12	Cerâmica	Asa	Manual	Oxidante	G: micas; quartzos; feldspato	C. claro	C.	Rugoso	Rugoso	-	-	-	Cola com 55
57	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzos	C.	Laranja	Alisado	Brunido	-	-	-	
58	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzos; feldspato	C.	Laranja	Polido	Polido	-	-	-	
59	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzos; feldspato	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
60	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas, quartzos	C.	C.	<i>Cepillado</i>	Alisado	-	-	-	

61	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzos	C.	C.	<i>Cepillado</i>	Rugoso	-	-	-	
62	B'1/2 12	Cerâmica	Bordo	?	Oxidante	M: micas; quartzos	C. escuro	C. escuro	Rugoso	Rugoso	-	-	-	Pasta muito pouco compacta
63	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	G: micas; quartzos	C. escuro	C. claro	Rugoso	Rugoso	-	-	-	Cola com 73
64	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	G: micas; quartzos	C.	C.	Rugoso	Rugoso	-	Incisa	Zona superior do fragmento	A decoração caracteriza- se por duas linhas paralelas incisas
65	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzos	C. claro	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
66	B'1 12	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: micas; quartzos; feldspato	Negro	C.	<i>Cepillado</i>	Alisado	-	-	-	

67	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Manual	Redutora	P: micas; quartzos	C.	Negro	Rugoso	<i>Cepillado</i>	-	-	-	
68	B'1 12	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzos; feldspato	C. claro	Bege	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
69	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: micas; quartzos; feldspato	C. claro	Bege	<i>Cepillado</i>	Rugoso	-	-	-	
70	B'1/2 12	Cerâmica	Fundo	?	Oxidante	M: mica; quartzos; feldspato	Negro	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
71	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspato	C.	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
72	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo; feldspato	Bege	Bege	<i>Cepillado</i>	Rugoso	-	-	-	
73	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	G: micas; quartzos	C. escuro	C. claro	Rugoso	Rugoso	-	-	-	Cola com 63
74	B'1 12	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspato	C.	C.	<i>Cepillado</i>	Alisado	-	Penteado	Em todo o fragmento	

75	B'1/2 12	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: micas; feldspato	Bege	Bege	Alisado	Alisado	-	-	-	
----	-------------	----------	------	---	----------	---------------------------	------	------	---------	---------	---	---	---	--

## 1.6 Unidade estratigráfica 18

Identificação			Caracterização morfológica	Caracterização Técnica								Decoração			Obs.
Nº de inventário	Quadrícula U.E.	Material		Fabrico	Cozedura	Calibre E.N.P.	Cor		Tratamento de superfície		Int.	Ext.	Local		
							Int.	Ext.	Int.	Ext.					
1	B'1 18	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas, quartzo	Negro	C. claro	Rugoso	Rugoso	-	-	-	Pequenos vestígios de carvão no núcleo	
2	B'1 18	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo; feldspato	Negro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	-	
3	B'1 18	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas, quartzo	C. claro	C. claro	Alisado	Polido	-	-	-	-	
4	B'1 18	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo; feldspato	Alaranjado	Alaranjado	Polido	Polido	-	-	-	-	
5	B'1 18	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C. claro	C. claro	Polido	Brunido	-	-	-	-	
6	B'1 18	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: micas, quartzo	C. escuro	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	-	

7	B'1 18	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: micas, quartzo	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	-
8	B'1 18	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzos; feldspato	C.	C.	Brunido	Brunido	-	-	-	-
9	B'1 18	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas, quartzo	C.	Imp. det.	Alisado	Imp. det.	-	-	-	Superfície externa deteriorada

## 1.7 Unidade estratigráfica 19

Identificação			Caracterização Morfológica	Caracterização técnica							Decoração			Obs.:
Nº de inventário	Quadrícula U.E.	Material		Fabrico	Cozedura	Calibre E.N.P.	Cor		Tratamento de superfície		Int.	Ext.	Local	
							Int.	Ext.	Int.	Ext.				
1	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: micas; quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
2	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo	C. claro	C. claro	Alisado	<i>Cepillado</i>	-	-	-	
3	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Manual	Redutora	P: micas; quartzo	Cinzento	Cinzento	Alisado	Alisado	-	-	-	
4	B'1 19	Cerâmica	Fundo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	Negro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
5	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	M: quartzo; feldspato	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
6	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: micas; quartzo	Negro	C. claro	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
7	B'1 19	Cerâmica	Fundo	?	Oxidante	M: micas; quartzo	C. claro	C. claro	Rugoso	Alisado	-	-	-	
8	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: micas; quartzo; feldspato	C.	C.	Polido	Brunido	-	-	-	



9	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo	C. claro	Alaranjado	Alisado	Alisado	-	-	-	
10	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	Negro	Bege	Alisado	<i>Cepillado</i>	-	-	-	
11	B'1 19	Cerâmica	Fundo	Manual	Oxidante	M: micas; quartzo	C. escuro	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
12	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: micas; quartzo	C.	C.	Alisado	Polido	-	-	-	Baixa frequência de E.N.P.; pasta compacta
13	B'1 19	Cerâmica	Fundo	Torno	Oxidante	G: micas; quartzo	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
14	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: micas; quartzo	Negro	Laranja	Alisado	Rugoso	-	-	-	
15	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: micas; quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
16	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzos; feldspato	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
17	B'1 19	Cerâmica	Bordo	Torno	Redutora	M: micas; quartzo	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
18	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	Cinzento	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	

19	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo; feldspato	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
20	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: micas; quartzo	Negro	Laranja	Alisado	Rugoso	-	-	-	-
21	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: micas; quartzo	Laranja	C.	Alisado	Polido	-	-	-	
22	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	Laranja	Laranja	Polido	<i>Cepillado</i>	-	-	-	
23	B'1 19	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: quartzo	Laranja	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
24	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo; feldspato	Negro	Bege	Alisado	Rugoso	-	-	-	
25	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: micas; quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	
26	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: micas; quartzo	Laranja	Laranja	Polido	Alisado	-	-	-	Pasta de cor Laranja; E.N.P. de baixa frequência
27	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Manual	Redutora	M: quartzo; feldspato	Negro	Negro	Alisado	Rugoso	-	-	-	Pasta muito frívola
28	B'1 19	Cerâmica	Fundo	?	Oxidante	P: micas; quartzo	C. claro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	

29	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo; feldspato	Negro	Negro	Alisado	Brunido	-	-	-	
30	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo	C. claro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
31	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspato	Laranja	Laranja	<i>Cepillado</i>	<i>Cepillado</i>	-	-	-	Pasta de cor laranja
32	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Manual	Redutora	P: quartzo; feldspato	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
33	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Manual	Redutora	P: micas; quartzo	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	Vestígios de combustão pós-cozedura
34	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: micas; quartzo	Negro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
35	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
36	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: micas; quartzo	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
37	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	Pasta de cor Laranja
38	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	

39	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Manual	Redutora	M: micas; quartzo	C.	Negro	Alisado	Rugoso	-	-	-	Vestígios de combustão pós- cozedura
40	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	C.	C.	Alisado	Polido	-	-	-	
41	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	C. claro	C.	Rugoso	Alisado	-	-	-	
42	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo; feldspato	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
43	B'1 19	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: micas; quartzo; feldspato	Laranja	c.	Alisado	Polido	-	-	-	Pasta de cor laranja
44	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	M: micas; quartzo; feldspato	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
45	B'1 19	Cerâmica	Bojo	?	Redutora	P: micas; quartzo	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
46	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: feldspato	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
47	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo; feldspato	Laranja	Laranja	Alisado	<i>Cepillado</i>	-	-	-	
48	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C. claro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	

49	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspato	Laranja	Laranja	Polido	Polido	-	-	-	
50	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	M: quartzo; feldspato	Negro	Cinzento	Alisado	Alisado	-	-	-	
51	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspato	Negro	Negro	Alisado	Polido	-	-	-	
52	B'1 19	Cerâmica	Bordo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
53	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: quartzo; feldspato	C.	C.	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
54	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	Pasta de cor laranja
55	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo; feldspato	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
56	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo; feldspato	Cinzento	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
57	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	Pequenos: micas; quartzos, feldspato	C. claro	C.	<i>Cepillad o</i>	Rugoso	-	-	-	
58	B'1 19	Cerâmica	Bojo	?	Redutora	P: quartzo	Negro	Negro	Alisado	Rugoso	-	-	-	

59	B'1 19	Cerâmica	Bordo	Manual	Oxidante	P: micas; quartzo; feldspato	C. claro	C. claro	Alisado	Alisado	-	Incisa	Lábio	Pasta compacta; cerâmica de parede grossa
60	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzos; feldspato	Bege	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
61	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspato	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
62	B'1 19	Cerâmica	Bordo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	C.	C.	<i>Cepillad o</i>	<i>Cepillado</i>	-	-	-	
63	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo	C.	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	Pasta muito frívola
64	B'1 19	Cerâmica	Bordo	Manual	Oxidante	P: quartzo; feldspato	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
65	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: quartzo; feldspato	C.	C.	Rugoso	Alisado	-	-	-	
66	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzos	Bege	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
67	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo	Bege	Laranja	Alisado	Rugoso	-	-	-	
68	B'1 19	Cerâmica	Bojo	?	Redutora	P: micas; quartzo	Negro	Negro	Rugoso	Rugoso	-	-	-	

69	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
70	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	Negro	C.	Polido	Polido	-	-	-	
71	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo; feldspato	Negro	C.	Alisado	Polido	-	-	-	
72	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	M: quartzo; feldspato	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
73	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	C. claro	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
74	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo; feldspato	C. claro	Avermelhado	Rugoso	Polido	-	-	-	Grande frequência de feldspato
75	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: quartzo; feldspato	C.	C.	Alisado	Rugoso	-	-	-	
76	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: micas; quartzo	Laranja	Laranja	Rugoso	Alisado	-	-	-	
77	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo; feldspato	Cinzentos	Negro	Alisado	Polido	-	-	-	
78	B'1 19	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: micas; quartzo	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	

79	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
80	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo; feldspato	C. claro	Negro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
81	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo	C. claro	Negro	Polido	Polido	-	Incisa	Em todo o fragment o	Baixa frequência de E.N.P
82	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzos	C. claro	C. claro	<i>Cepillad o</i>	Alisado	-	-	-	
83	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspato	Negro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	Cerâmica de parede fina; E.N.P. de baixa frequência
84	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: quartzo; feldspato	Laranja	Avermelh ado	Alisado	Rugoso	-	-	-	Superfície externa muito deteriorada
85	B'1 19	Cerâmica	Bordo	Manual	Oxidante	M: quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
86	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: quartzo; feldspato	Avermelh ado	Avermelh ado	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
87	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	C. claro	Bege	Alisado	Polido	-	-	-	
88	B'1 19	Cerâmica	Bojo	?	Redutora	P: quartzo; feldspato	Negro	Negro	Rugoso	Rugoso	-	-	-	



89	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
90	B'1 19	Cerâmica	Bordo	Manual	Redutora	P: quartzo	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
91	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	<i>Cepillado</i>	-	-	-	
92	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: micas; quartzos; feldspato	C.	C.	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
93	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzos	Laranja	Laranja	Polido	Polido	-	-	-	
94	B'1 19	Cerâmica	Bordo	Manual	Redutora	G: micas; quartzo	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
95	B'1 19	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	G: quartzo; feldspato	Bege	Bege	Rugoso	Polido	-	-	-	
96	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspato	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	Baixa frequência de E.N.P; pasta muito compacta
97	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
98	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	M: quartzo; feldspato	Avermelh ado	Negro	Alisado	Rugoso	-	-	-	

99	B'1 19	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: quartzo; feldspato	C.	C.	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
100	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: micas; quartzo	Negro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
101	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	C. escuro	C. claro	Polido	Polido	-	-	-	
102	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	G: quartzos	Alaranjad o	Alaranjad o	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
103	B'1 19	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: micas; quartzo	C. claro	C. claro	Rugoso	Alisado	-	-	-	
104	B'1 19	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: micas; quartzo	C. claro	C. claro	<i>Cepillad o</i>	<i>Cepillado</i>	-	-	-	
105	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	C. claro	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	
106	B'1 19	Cerâmica	Bojo	?	Redutora	G: quartzo	Negro	Negro	Imp. det.	Alisado	-	-	-	Superfície interna totalmente deteriorada
107	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	Negro	Laranja	Polido	Polido	-	-	-	
108	B'1 19	Cerâmica	Fundo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	Negro	C. claro	Rugoso	Alisado	-	-	-	

109	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: micas; quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
110	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	M: quartzo; feldspato	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
111	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspato	C.	C.	Alisado	Polido	-	-	-	
112	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: micas; quartzo	Negro	C	Alisado	Alisado	-	-	-	
113	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo	Negro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
114	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo; feldspato	C. claro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
115	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo; feldspato	Laranja	Laranja	Alisado	<i>Cepillado</i>	-	-	-	Pasta de cor laranja
116	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	Laranja	Laranja	Polido	Polido	-	-	-	
117	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo	Laranja	Laranja	<i>Cepillad o</i>	Polido	-	-	-	
118	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo	C. claro	C. claro	<i>Cepillad o</i>	Alisado	-	-	-	
119	B'1 19	Cerâmica	Bojo	?	Redutora	P: quartzo	C.	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	

120	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzos; feldspato	C.	C.	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
121	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo	C. claro	C. claro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
122	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspato	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	Incisa		A decoreção caracteriza- se por incisões pós- cozedura que formam pelo menos um triângulo
123	B'1 19	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: micas; quartzo	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
124	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Manual	Redutora	M: quartzo; feldspato	Negro	Negro	Alisado	Rugoso	-	-	-	Pasta frívola
125	B'1 19	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: feldspato	C. claro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
126	B'1 19	Cerâmica	Bordo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo	C.	C	Alisado	Alisado	-	Plástica	Logo abaixo do lábio	Aplicação de mamilo
127	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspato	Bege	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	Baixa frequência de E.N.P.

128	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C.	C.	Alisado	Polido	-	-	-	
129	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo; feldspato	C.	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
130	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	M: micas; quartzo	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
131	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Manual	Redutora	G: quartzos; feldspato	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
132	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo; feldspato	Negro	Negro	Alisado	Polido	-	-	-	
133	B'1 19	Cerâmica	Bojo	?	Redutora	P: quartzo; feldspato	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
134	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	C. claro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
135	B'1 19	Cerâmica	Bordo	Torno	Oxidante	M: quartzo	Laranja	Laranja	Polido	Polido	-	-	-	
136	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Alisado	-	-	-	
137	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Manual	Oxidante	P: micas; quartzo	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
138	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	

139	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: quartzo; feldspato	Negro	Negro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
140	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	Laranja	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	
141	B'1 19	Cerâmica	Bojo	?	Redutora	P: quartzo; feldspato	Negro	Negro	Alisado	Rugoso	-	-	-	
142	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	C.	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	
143	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	G: micas; quartzo; feldspato	Negro	C.	Alisado	Rugoso	-	-	-	
144	B'1 19	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	M: micas; quartzo	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
145	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	M: micas; quartzo	C. escuro	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
146	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	M: quartzo	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
147	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	M: micas; quartzo	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
148	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo; feldspato	C.	C	Alisado	Polido	-	-	-	Pasta compacta; baixa frequência de E.N.P.

149	B*1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: feldspato	Negro	Negro	Polido	Polido	-	-	-	Pasta compacta; cerâmica de parede fina
150	B*1 19	Cerâmica	Bordo	Torno	Redutora	P: quartzo	Negro	Negro	Alisado	Polido	-	-	-	
151	B*1 19	Cerâmica	Bordo	Manual	Redutora	P: quartzo	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
152	B*1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: feldspato	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	
153	B*1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	G: micas; quartzos; feldspato	Avermelhado	Avermelhado	Rugoso	Rugoso	-	-	-	
154	B*1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: feldspato	Negro	Negro	Polido	Brunido	-	-	-	Pasta compacta; cerâmica de parede fina; baixa frequência de E.N.P.
155	B*1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspato	C.	Laranja	Polido	Polido	-	-	-	Pasta muito compacta; parede muito fina; baixa frequência de E.N.P.
156	B*1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	Sem elementos não plásticos	Negro	Negro	Brunido	Brunido	-	-	-	Pasta muito compacta; parede muito fina

157	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: quartzo	C. claro	C. claro	Polido	Polido	-	Incisa	Em todo o fragmento	Baixa frequência de E.N.P; parede muito fina
158	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: feldspato	C.	Laranja	Polido	Polido	-	-	-	Pasta muito compacta; cerâmica de parede fina; baixa frequência de E.N.P.
159	B'1 19	Cerâmica	Bordo	Torno	Oxidante	P: micas; feldspato	C. claro	C. claro	Polido	Polido	-	-	-	
160	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Redutora	P: feldspato	Negro	Negro	Alisado	Alisado	-	-	-	Pasta compacta
161	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzos; feldspato	Laranja	Laranja	Alisado	Polido	-	-	-	
162	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo; feldspato	Bege	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	Pasta frívola
163	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	C. claro	C. claro	Alisado	Alisado	-	-	-	
164	B'1 19	Cerâmica	Bojo	?	Oxidante	P: quartzo; feldspato	Negro	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	
165	B'1 19	Cerâmica	Bojo	Torno	Oxidante	P: micas; quartzo	C.	C.	Alisado	Alisado	-	-	-	

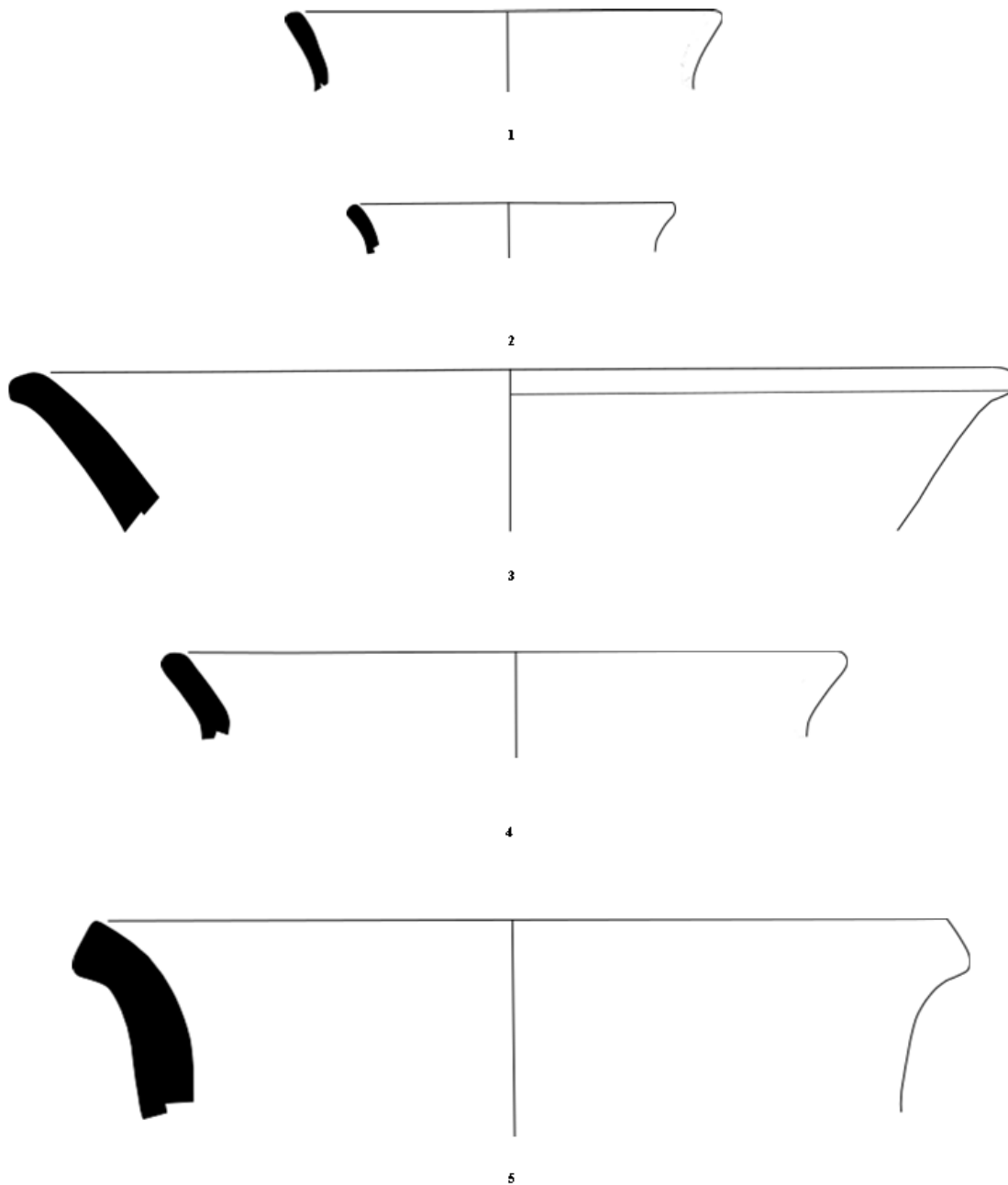


2. Estampas

2.1 Unidade estratigráfica 05

*Bordos*

**Estampa I**



**n.º 1:** fragmento n.º 24 -  $\varnothing$  = 8cm aprox.; **n.º 2:** fragmento n.º 39 -  $\varnothing$  = 6cm aprox.; **n.º 3:** fragmento n.º 62 -  $\varnothing$  = 23cm aprox.; **n.º 4:** fragmento n.º 91 -  $\varnothing$  = 12,5cm aprox.; **n.º 5:** fragmento n.º 102 -  $\varnothing$  = 16cm aprox.

*Bordos*

**Estampa II**



**1**



**2**



**3**



**n.º 1:** fragmento n.º 116 -  $\varnothing$  = 8cm aprox.; **n.º 2:** fragmento n.º 122 -  $\varnothing$  = 6cm aprox.; **n.º 3:** fragmento n.º 123 -  $\varnothing$  = 23cm aprox.

*Fundos*

**Estampa III**



1



2



3



4

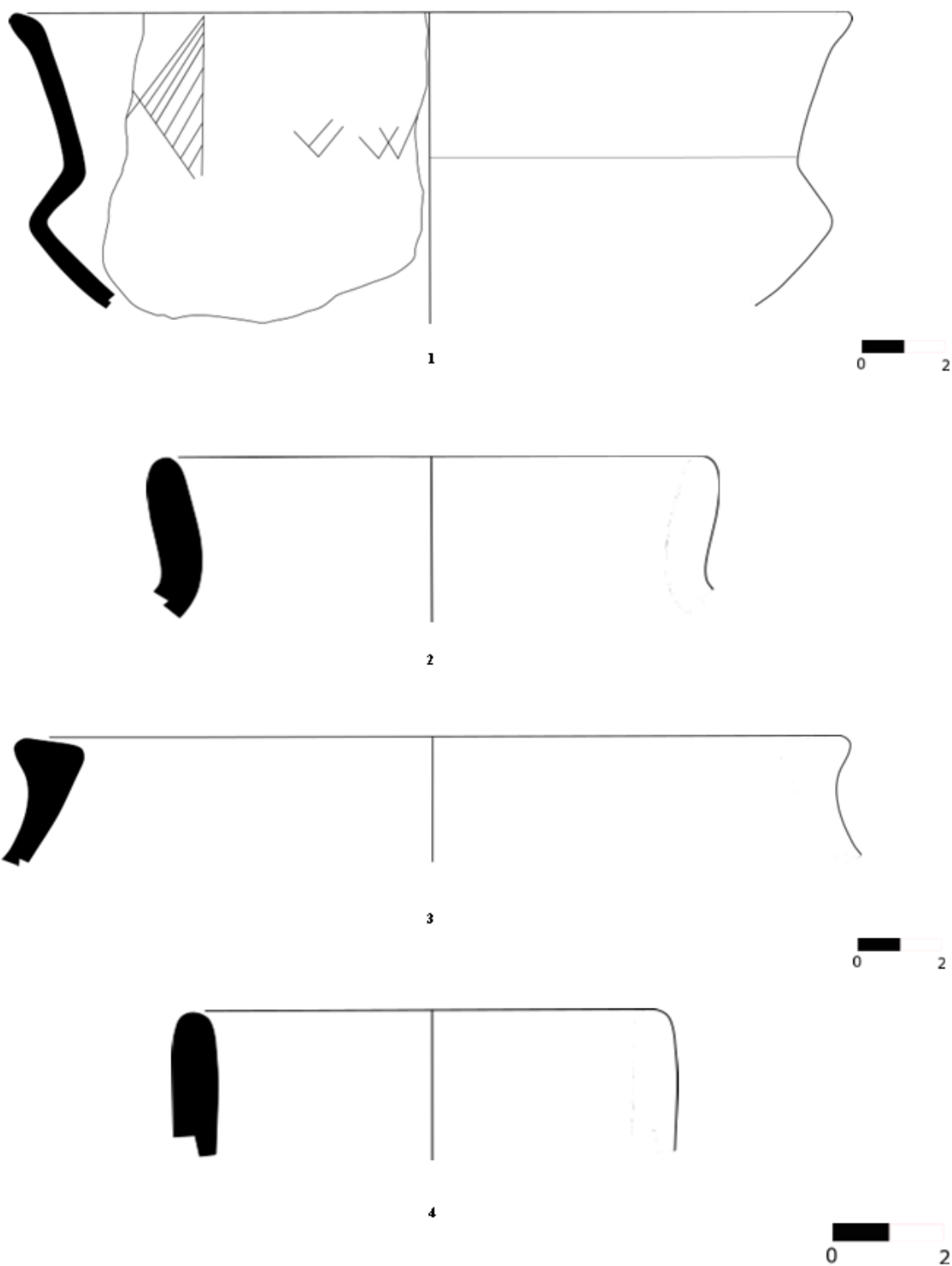


**n.º 1:** fragmento n.º 10 - Ø= 12cm aprox.; **n.º 2:** fragmento n.º 16 - Ø= 10cm aprox.; **n.º 3:** fragmento n.º 128 - Ø= 10cm aprox.; **n.º 4:** fragmento n.º 132 - Ø=14cm aprox.

2.1 Unidade estratigráfica 06

*Bordos*

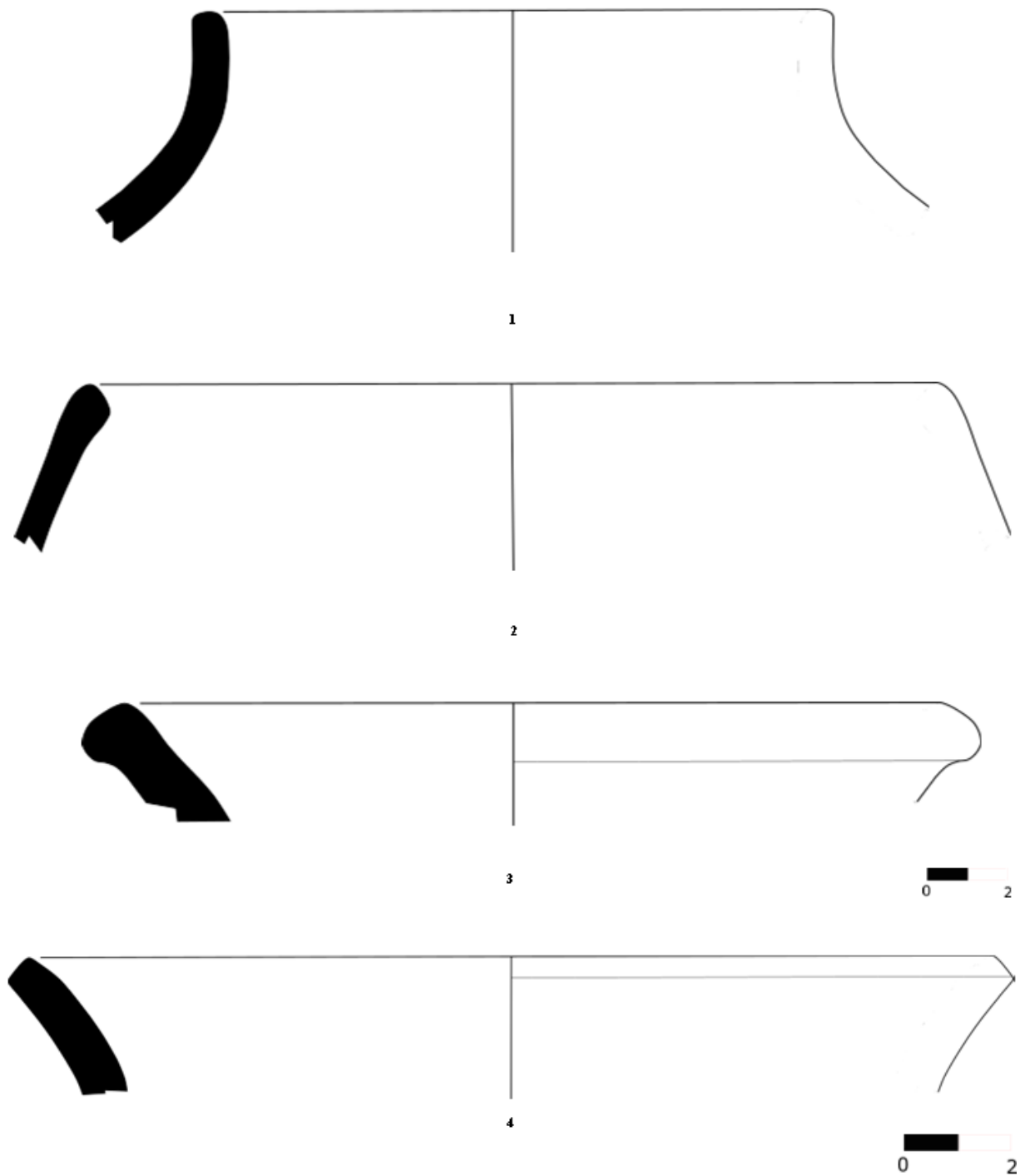
**Estampa IV**



**n.º 1:** fragmento nº 1 + 2 - Ø = 20 cm aprox., **n.º 2:** fragmento nº 39 - Ø = 10 cm aprox.; **n.º 3:** fragmento nº 45 - Ø = 20 cm aprox.; **n.º 4:** fragmento nº 60 - Ø = 9 cm aprox.;

*Bordos*

**Estampa V**



**n.º 1:** fragmento n.º 116 - Ø = 12 cm aprox. **n.º 2:** fragmento n.º 135 - Ø = 16 cm aprox.; **n.º 3:** fragmento n.º 136 - Ø = 16 cm aprox.; **n.º 4:** fragmento n.º 139 - Ø = 25 cm aprox.

*Bordos*

**Estampa VI**



1



2



3



4



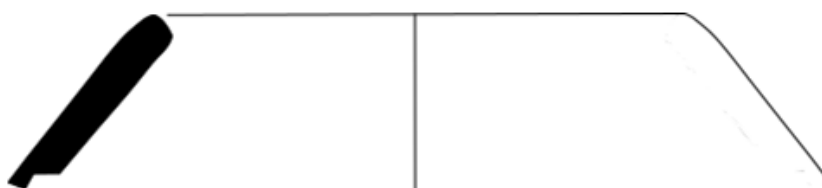
**n.º 1:** fragmento nº152 - Ø = 16 cm aprox.; **n.º 2:** fragmento nº210 - Ø = 12 cm aprox.; **n.º 3** fragmento nº 236 - Ø = 14 cm aprox.; **n.º 4:** fragmento nº 265 - Ø = 10 cm aprox.

*Bordos*

**Estampa VII**



1



2



3



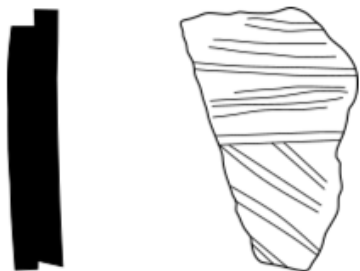
4



**n.º 1:** fragmento n.º 266 - Ø = 16 cm aprox.; **n.º 2:** fragmento n.º 280 - Ø = 8 cm aprox.; **n.º 3:** fragmento n.º 329 - Ø = 11 cm aprox.; **n.º 4:** fragmento n.º 340 - Ø = 10 cm aprox.

*Bojos*

**Estampa VIII**



1



2



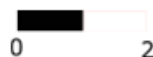
3



4



5



**n.º 1:** fragmento n.º 85 - decoração brunida; **n.º 2:** fragmento n.º 91 - decoração estampilhada; **n.º 3:** fragmento n.º 189 - decoração incisa; **n.º 4:** fragmento n.º 222 - decoração excisa; **n.º 5:** fragmento n.º 281 - decoração incisa



*Fundos*

**Estampa IX**



1



2



3

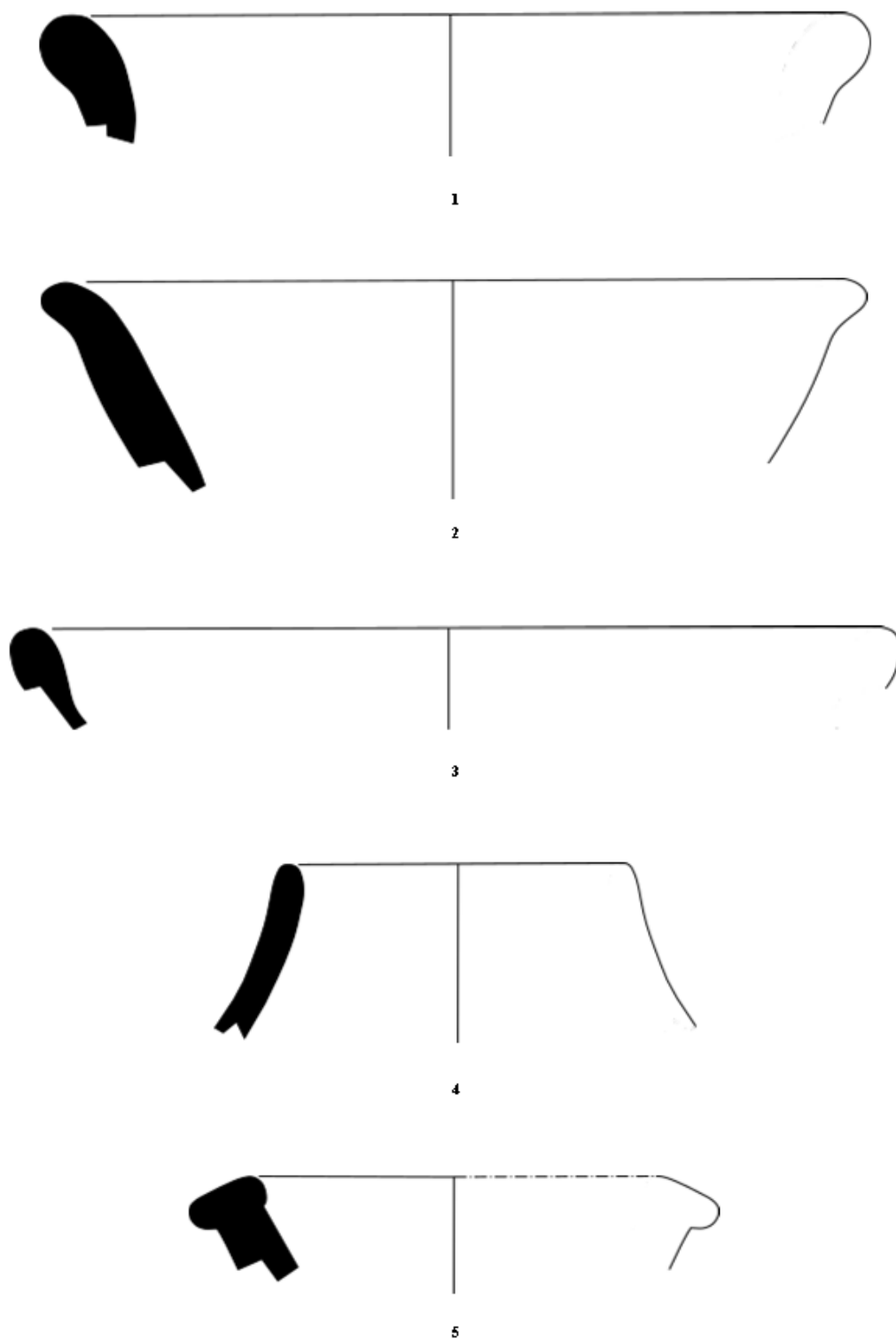


**n.º 1:** fragmento n.º 14 - Ø = 8 cm aprox. **n.º 2:** fragmento n.º 48 - Ø = 10 cm aprox.; **n.º 3:** fragmento n.º 343 - Ø = 14 cm aprox.

2.2 Unidade estratigráfica 09

*Bordos*

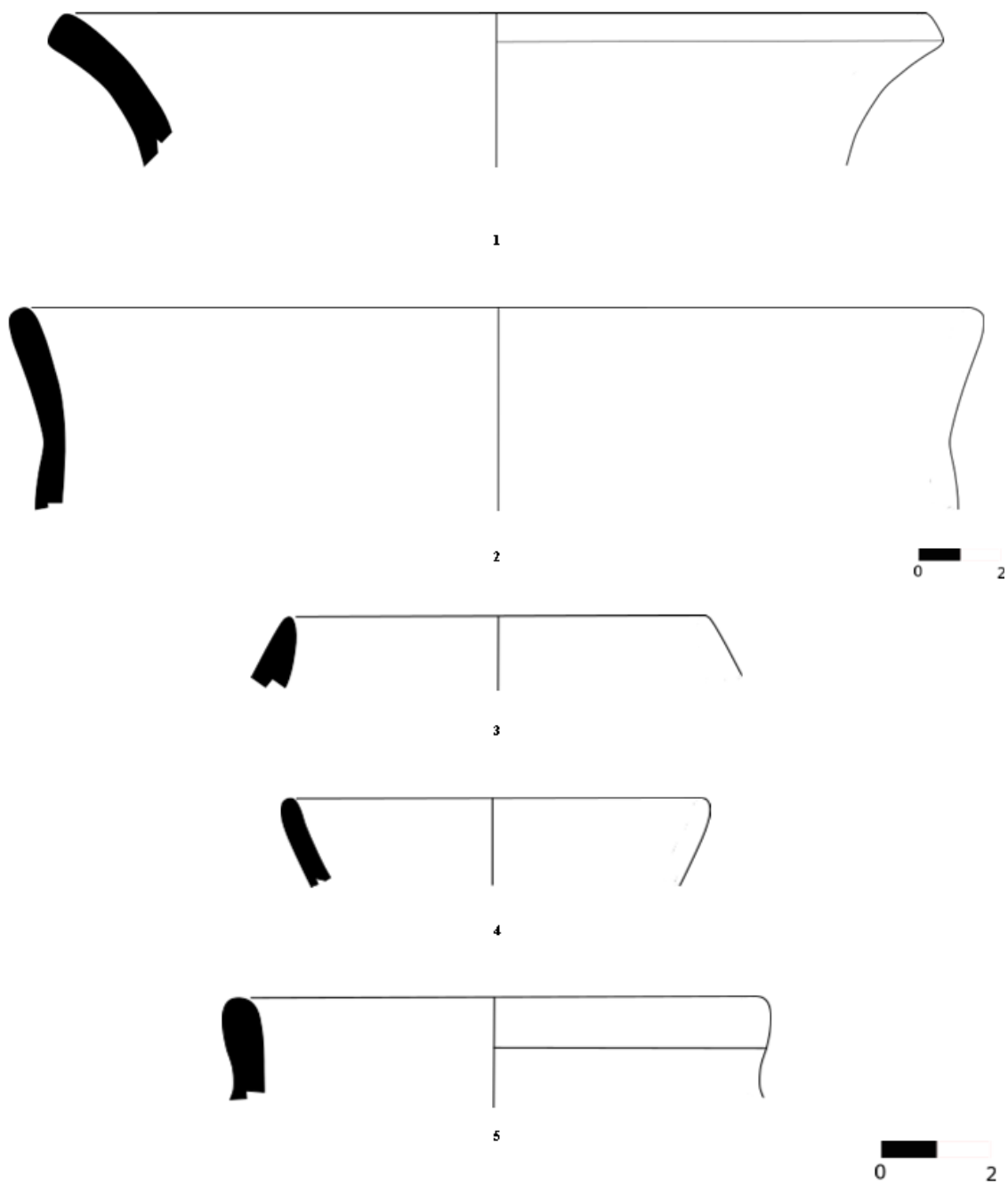
**Estampa X**



**n.º 1:** fragmento n.º 2 -  $\varnothing$  = 14cm aprox.; **n.º 2:** fragmento n.º 28 -  $\varnothing$  = 14cm aprox.; **n.º 3:** fragmento n.º 43 -  $\varnothing$  = 15cm aprox.; **n.º 4:** fragmento n.º 64 -  $\varnothing$  = 6 cm aprox.; **n.º 5:** fragmento n.º 84 -  $\varnothing$  = 9cm aprox.

*Bordos*

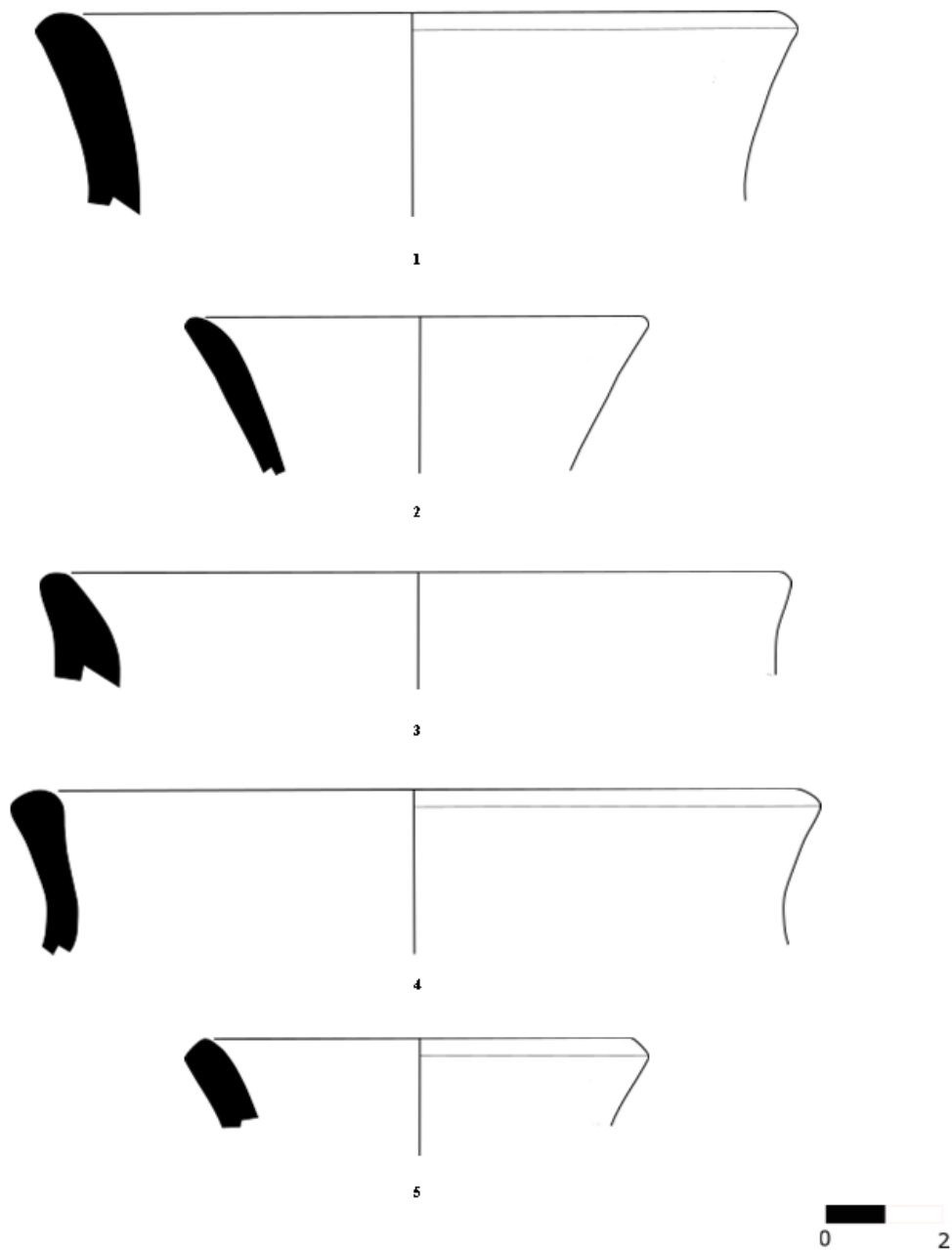
**Estampa XI**



**n.º 1:** fragmento n.º 100 - Ø = 22 cm aprox.; **n.º 2:** fragmento n.º 101 - Ø = 24 cm aprox.; **n.º 3:** fragmento n.º 122 - Ø = 8 cm aprox.; **n.º 4:** fragmento n.º 123 - Ø = 8 cm aprox.; **n.º 5:** fragmento n.º 125 - Ø = 10 cm aprox.

*Bordos*

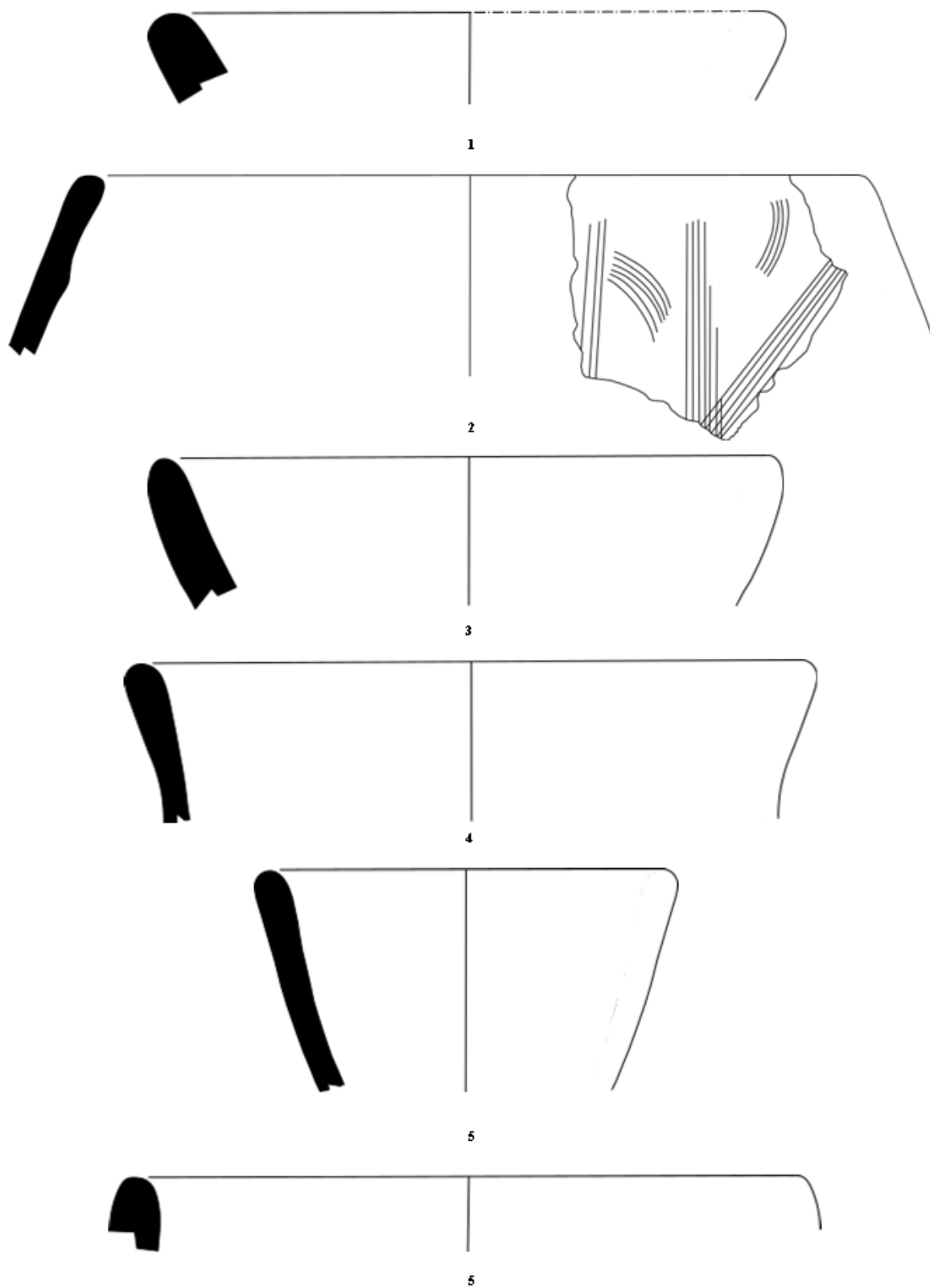
**Estampa XII**



**n.º 1:** fragmento n.º 135 -  $\varnothing$  = 13 cm aprox.; **n.º 2:** fragmento n.º 141 -  $\varnothing$  = 8 cm aprox.; **n.º 3:** fragmento n.º 153 -  $\varnothing$  = 13cm aprox.; **n.º 4:** fragmento n.º 161 -  $\varnothing$  = 14 cm aprox.; **n.º 5:** fragmento n.º 167 -  $\varnothing$  = 8 cm aprox.

*Bordos*

**Estampa XIII**

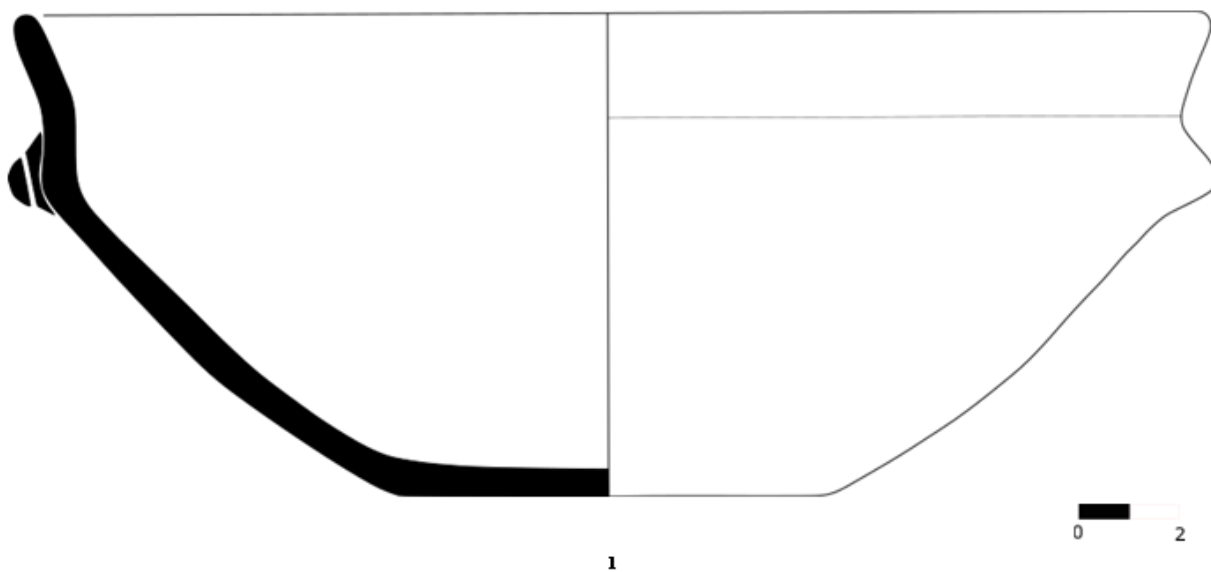


**n.º 1:** fragmento n.º 199 - Ø= 12 cm aprox.; **n.º 2:** fragmento n.º232 - Ø= 20 cm aprox.; **n.º 3:** fragmento n.º246 - Ø= 12 cm aprox.; **n.º 4:** fragmento n.º254 - Ø=13 cm aprox.; **n.º5:** fragmento n.º280 - Ø=8 cm aprox. **n.º6:** fragmento n.º359 - Ø=13 cm aprox.



*Bordos*

**Estampa XIV**



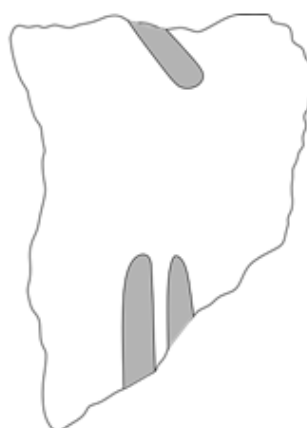
**n.º 1:** fragmento n.º375 ao 384, Ø = 24 cm aprox.

*Bajos*

**Estampa XV**



1



2



3



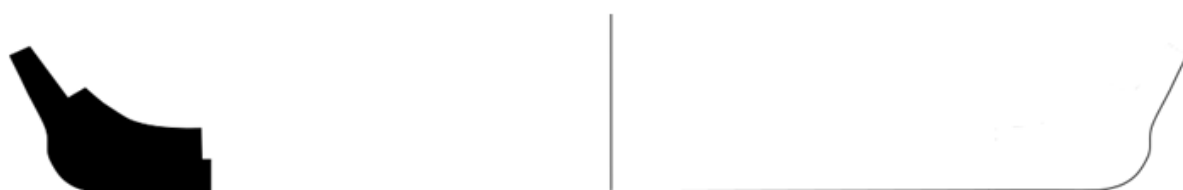
**n.º 1:** fragmento n.º 77 - decoração incisa; **n.º 2:** fragmento n.º 300 - decoração puncionamento arrastado; **n.º 2:** fragmento n.º 371 - decoração ungulada

*Fundos*

**Estampa XVI**



1



2



3



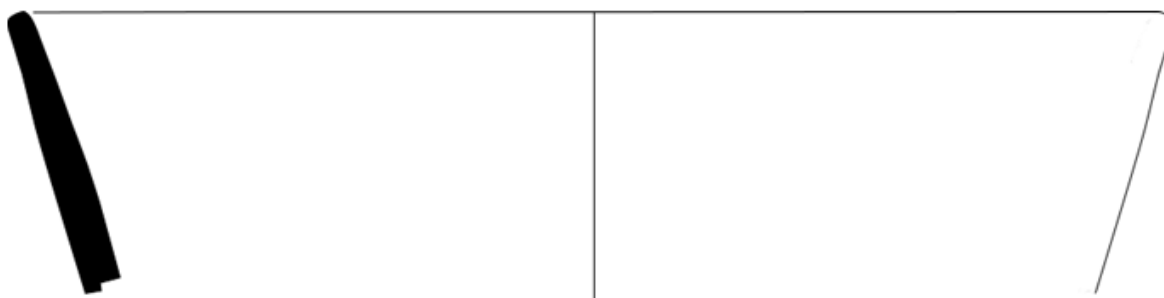
**n.º 1:** fragmento n.º 1+21 -  $\varnothing$  = 11cm aprox.; **n.º 2:** fragmento n.º 61 -  $\varnothing$  = 9 cm aprox; **n.º 3:** fragmento n.º 148 -  $\varnothing$  = 23cm aprox.



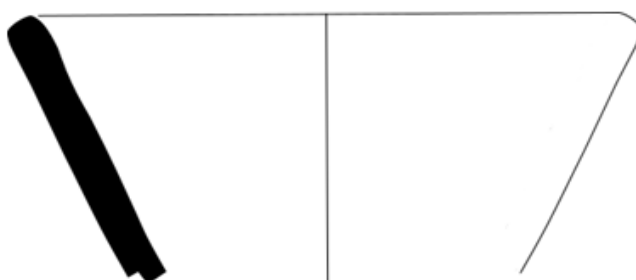
2.3 Unidade estratigráfica 12

*Bordos*

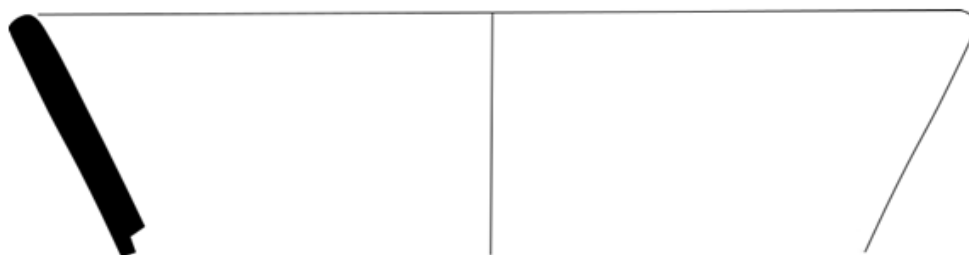
**Estampa XVII**



1



2



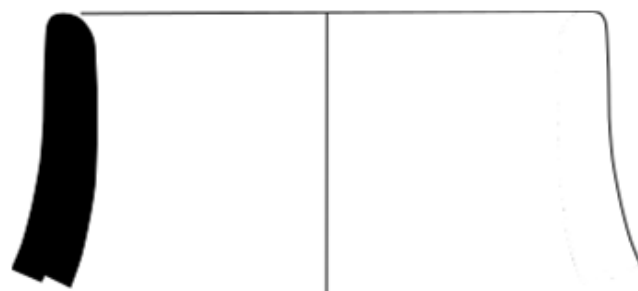
3



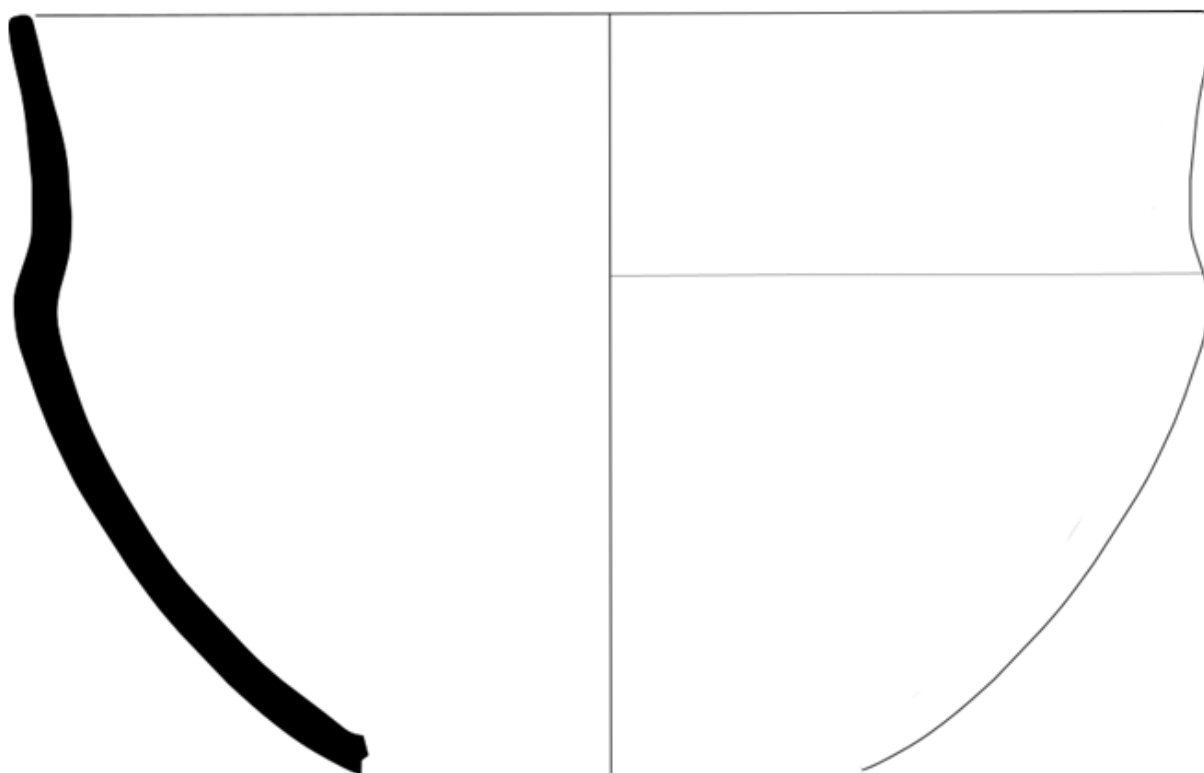
**n.º 1:** fragmento n.º 5,  $\varnothing = 24$  cm aprox.; **n.º 2:** fragmento n.º 44+45+46,  $\varnothing = 13$  cm aprox.; **n.º 3:** fragmento n.º 54,  $\varnothing = 25$  cm aprox.

*Bordos*

**Estampa XVIII**



1



2



**n.º 1:** fragmento n.º62,  $\varnothing = 8$  cm aprox.; **n.º 2:** fragmento n.º20+32+33+34+35+37+39,  $\varnothing = 23$  cm aprox.

*Fundos*

**Estampa XIX**



1



2

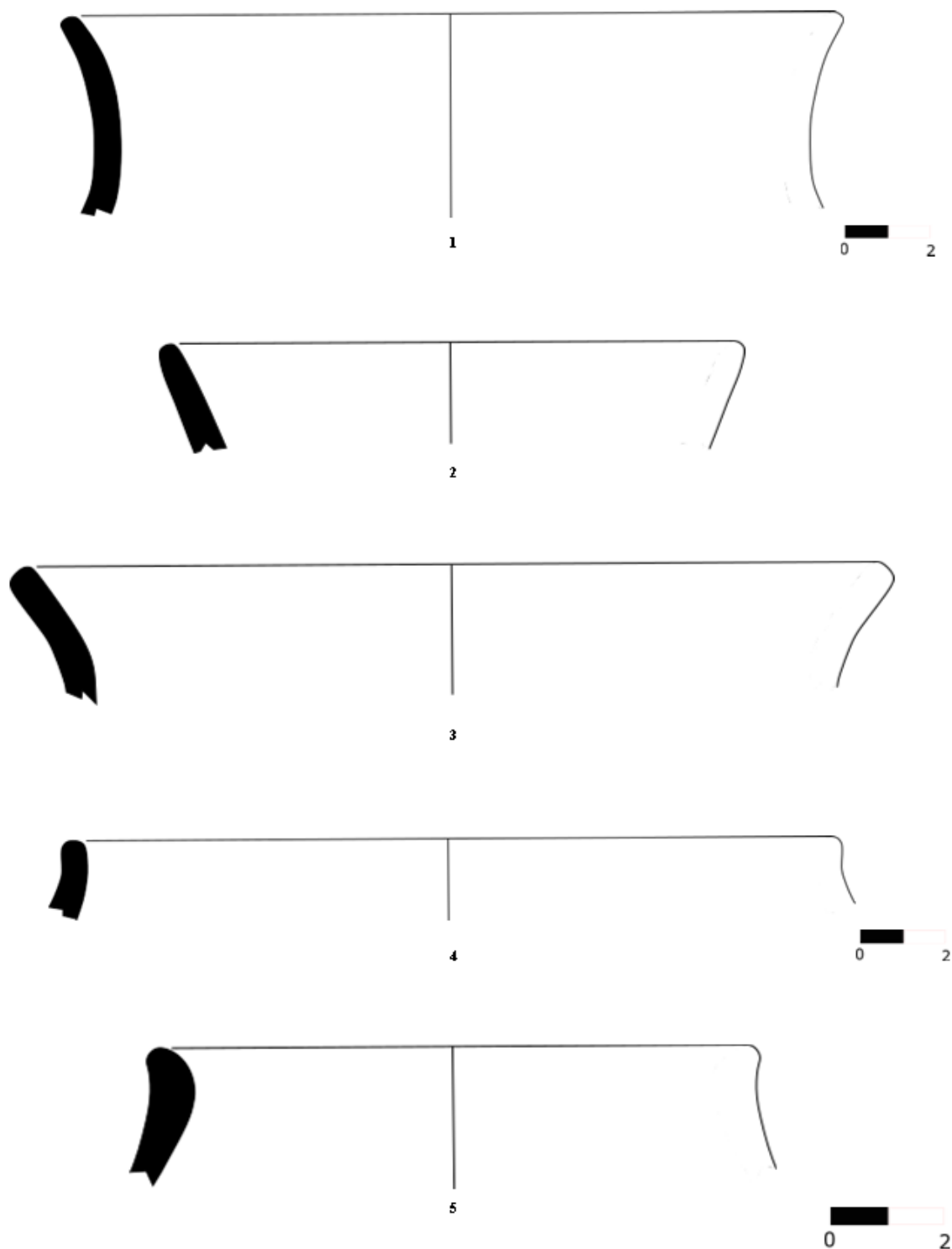


**n.º 1:** fragmento n.º48,  $\varnothing = 14$  cm aprox.; **n.º 2:** fragmento n.º70,  $\varnothing = 14$  cm aprox.

2.5 Unidade estratigráfica 19

*Bordos*

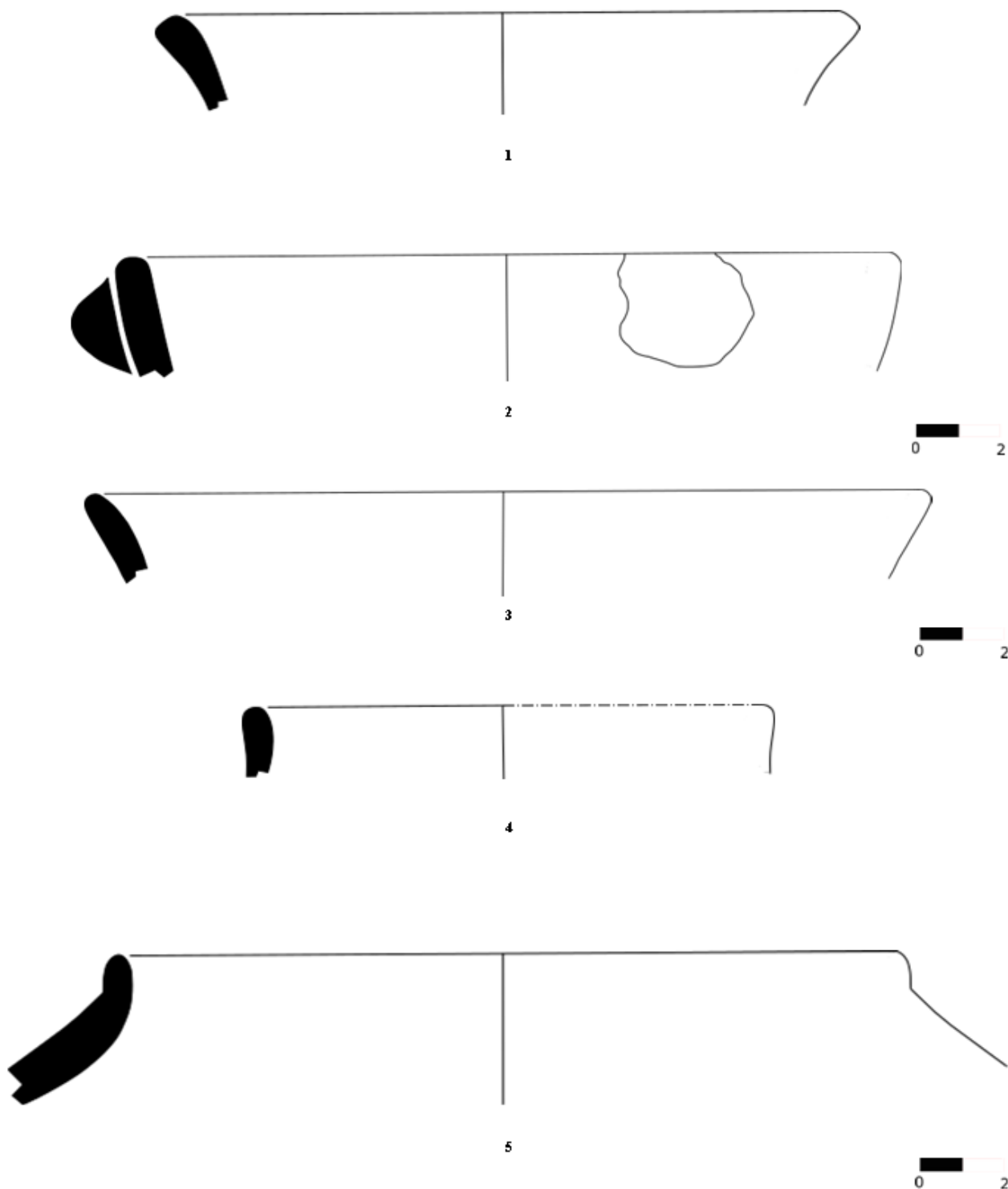
**Estampa XX**



**n.º 1:** fragmento n.º17,  $\varnothing = 24$  cm aprox.; **n.º 2:** fragmento n.º52,  $\varnothing = 10$  cm aprox. ; **n.º 3:** fragmento n.º62,  $\varnothing = 15$  cm aprox. ; **n.º 4:** fragmento n.º64,  $\varnothing = 18$  cm aprox. ; **n.º5:** fragmento n.º85,  $\varnothing = 10$  cm aprox.

*Bordos*

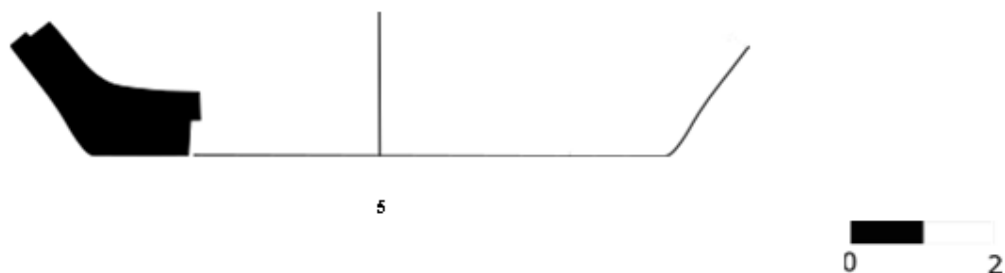
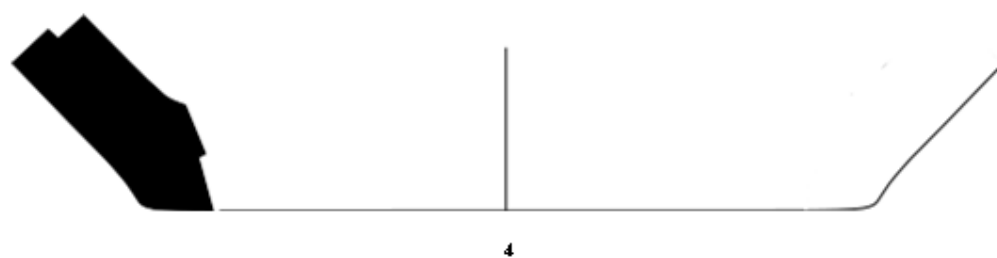
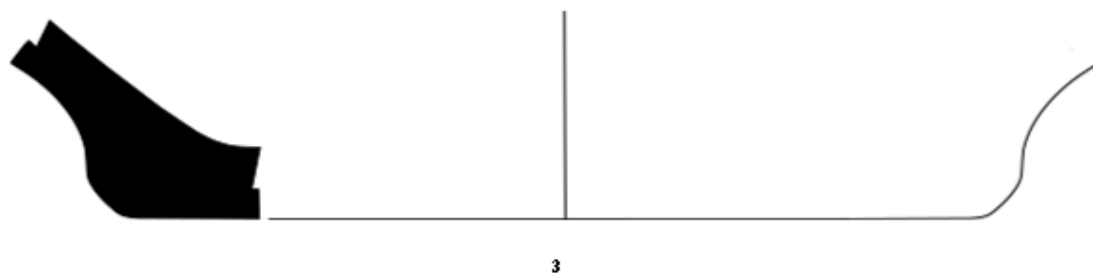
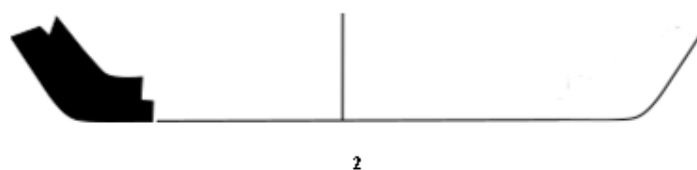
**Estampa XXI**



**n.º 1:** fragmento nº90,  $\varnothing$  = 12 cm aprox.; **n.º 2:** fragmento nº126,  $\varnothing$  = 18 cm aprox.; **n.º 3:** fragmento nº135,  $\varnothing$  = 20 cm aprox.; **n.º 4:** fragmento nº150,  $\varnothing$  = 9 cm aprox.; **n.º 5:** fragmento nº151,  $\varnothing$  = 14 cm aprox.

*Fundos*

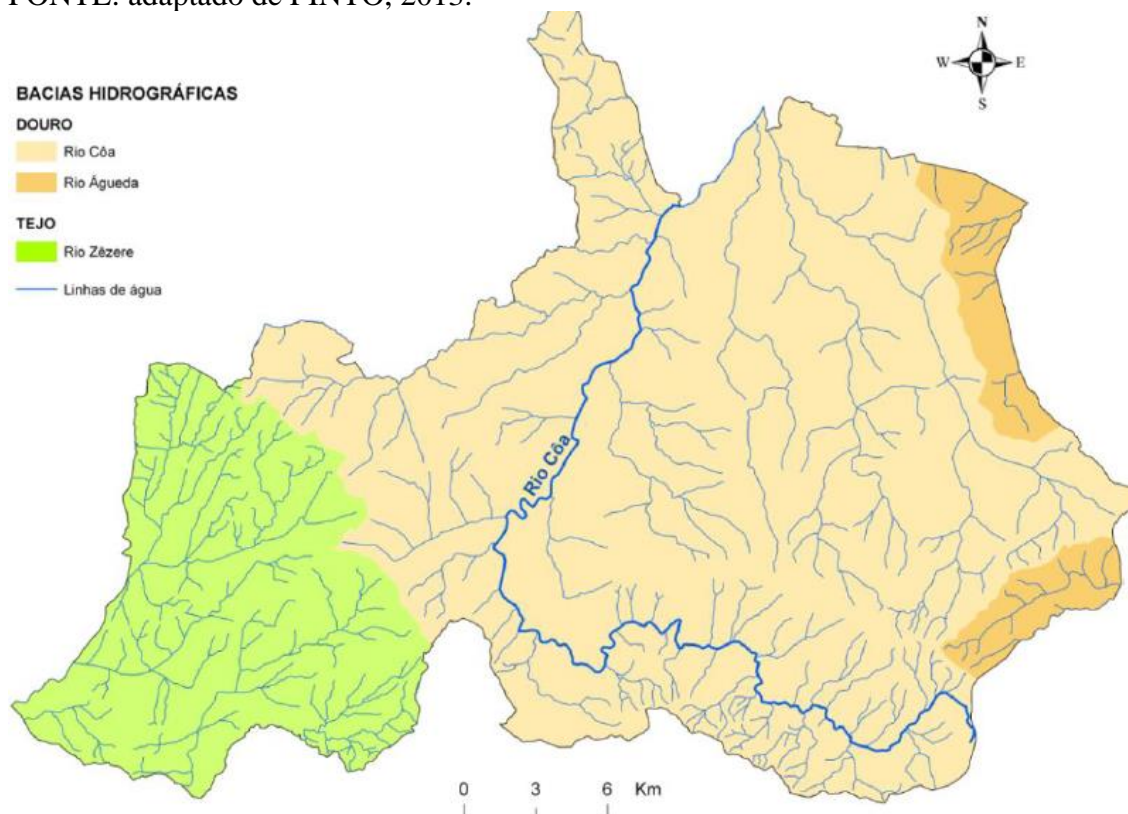
**Estampa XXII**



**n.º 1:** fragmento nº4,  $\varnothing = 16$  cm aprox. ; **n.º 2:** fragmento nº7,  $\varnothing = 8$  cm aprox. ; **n.º 3:** fragmento nº11,  $\varnothing = 12$  cm aprox. ; **n.º 4:** fragmento nº13,  $\varnothing = 10$  cm aprox. ; **n.º 5:** fragmento nº28,  $\varnothing = 8$  cm aprox.



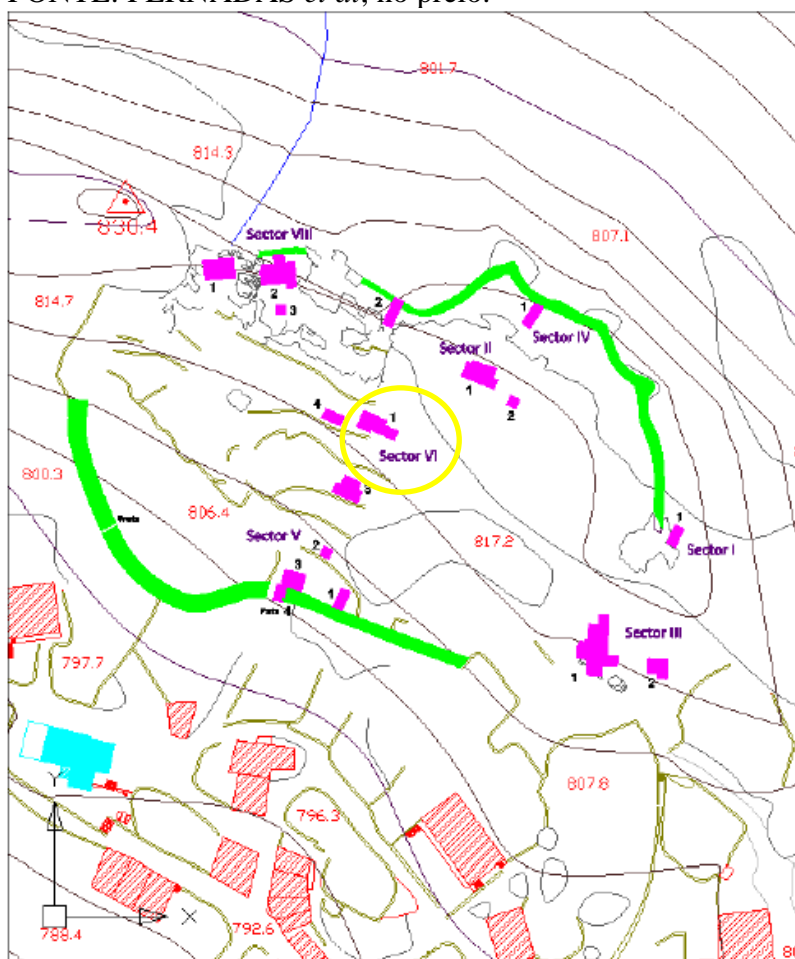
**Estampa XXIII:** Mapa altimétrico que evidência explicitamente as três unidades descritas: a Cova da Beira, a Meseta e a Cordilheira central. Destaque para Vila do Touro.  
**FONTE:** adaptado de PINTO, 2013.



**Estampa XXIV:** Hidrografia do concelho do Sabugal.  
**FONTE:** PINTO, 2013.

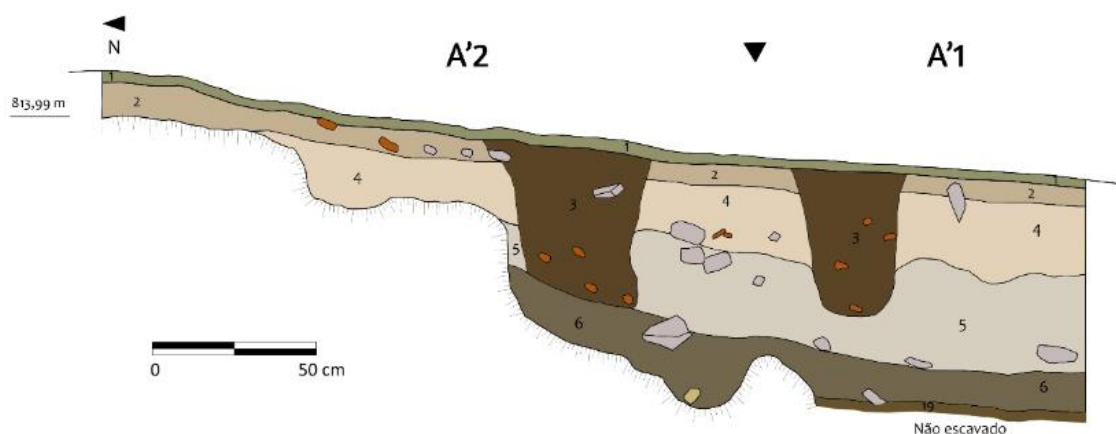


**Estampa XXV:** O Alto da Pena.  
**FONTE:** PERNADAS *et al*, no prelo.

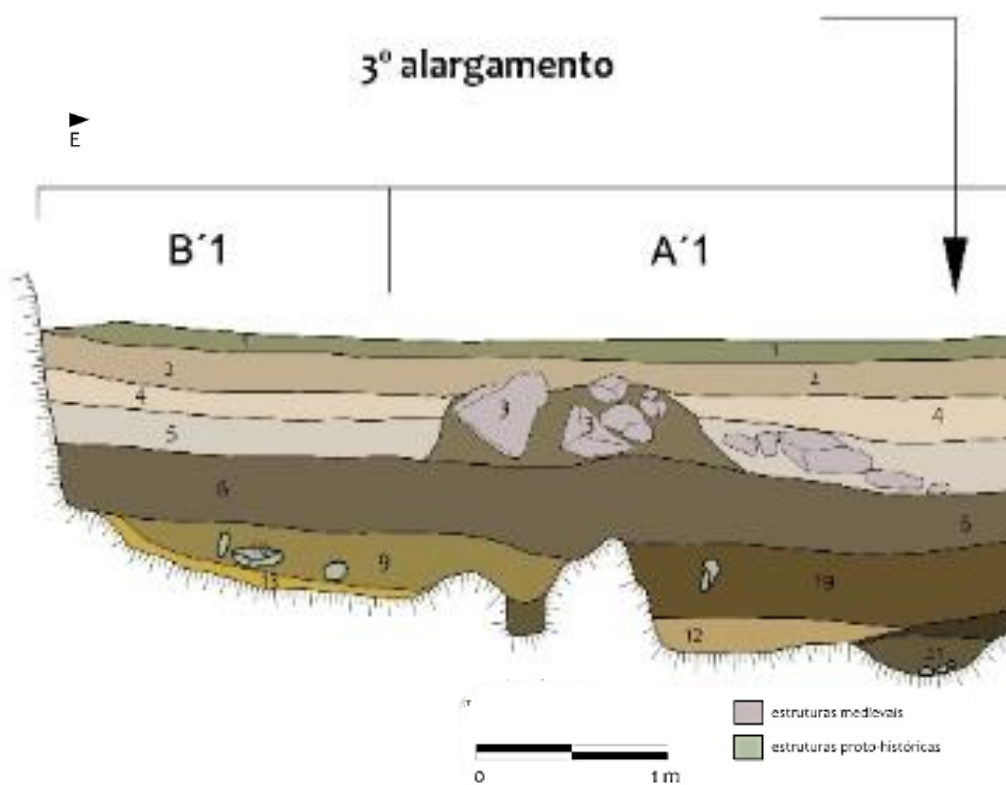


**Estampa XXVI:** Os diversos setores da intervenção, com destaque para o sector VI. A verde a muralha do Castelo e a rosa as sondagens.  
**FONTE:** adaptado de PERNADAS *et al*, no prelo.





**Estampa XXVII:** Corte estratigráfico Ocidental das quadriculas A'2 e A'1.  
 FONTE: PERNADAS *et al*, no prelo.



**Estampa XXVIII:** Corte estratigráfico Sul do terceiro alargamento das quadriculas B'1 e A'1.  
 FONTE: adaptado de PERNADAS *et al*, no prelo.



**Estampa XXIX:** Fotografia de pormenor das estruturas em negativo.  
FONTE: PERNADAS *et al*, no prelo.



**Estampa XXX:** Fotografia do plano final da intervenção arqueológica no sector VI.  
FONTE: PERNADAS *et al*, no prelo.



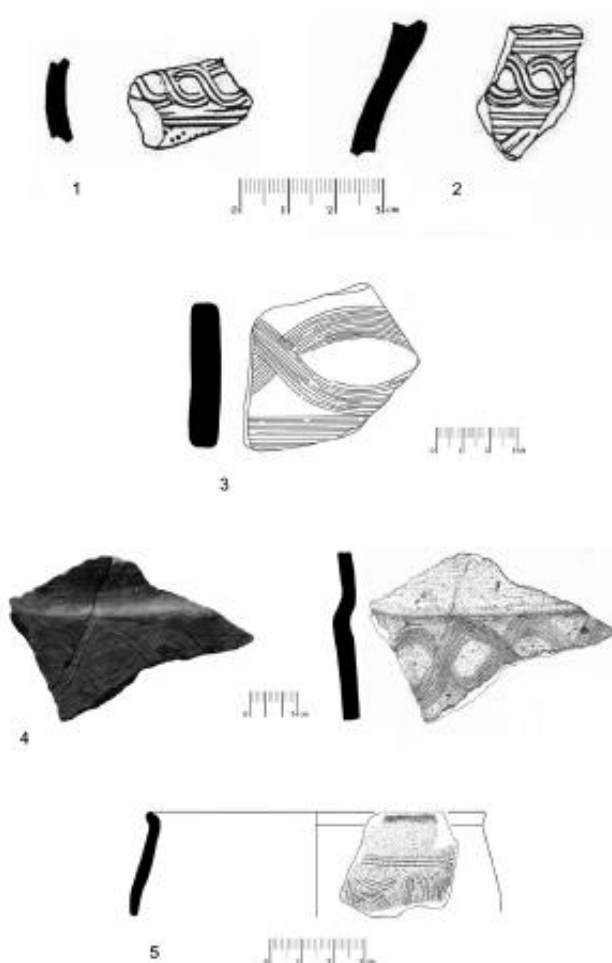
**Estampa XXXI:** Conjunto das cerâmicas estudadas. É visível a sua fragmentação.



**Estampa XXXII:** Fragmento de bojo decorado com recurso a impressão e com um tratamento prévio de *cepillado*.



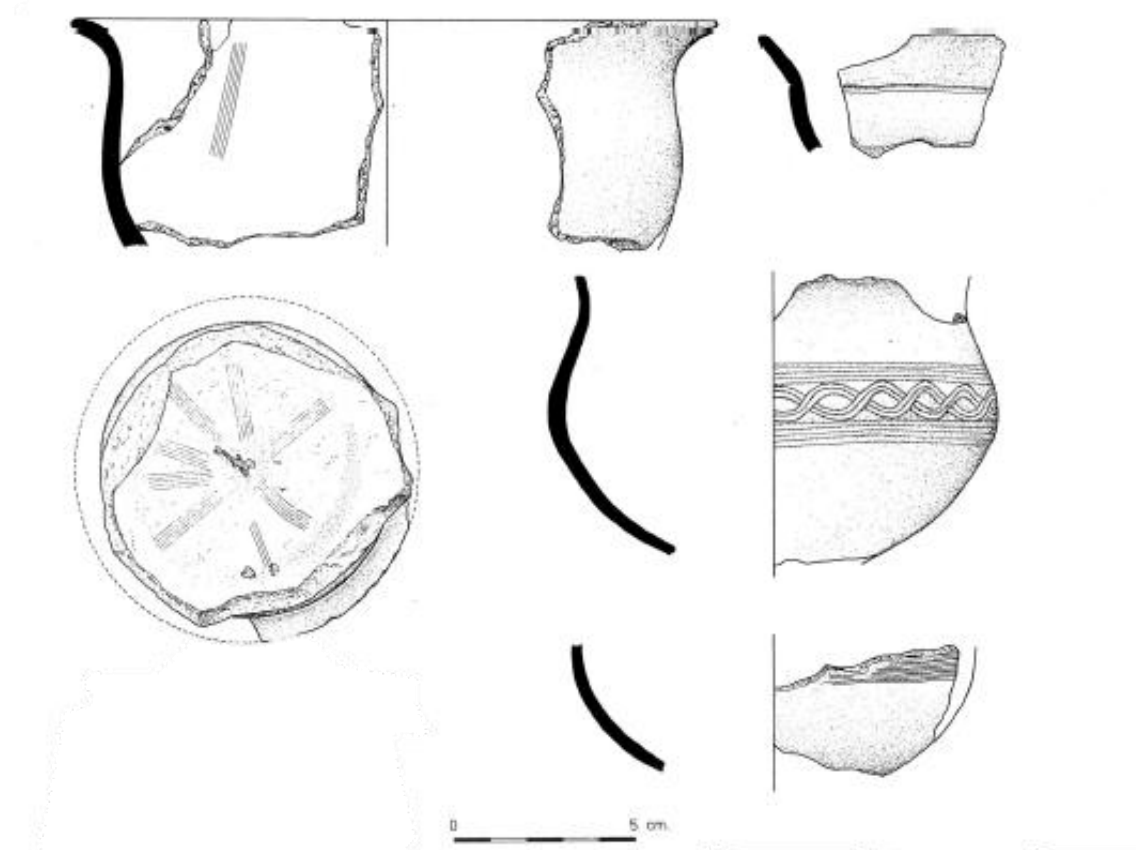
**Estampa XXXIII:** Bojo com impressão.



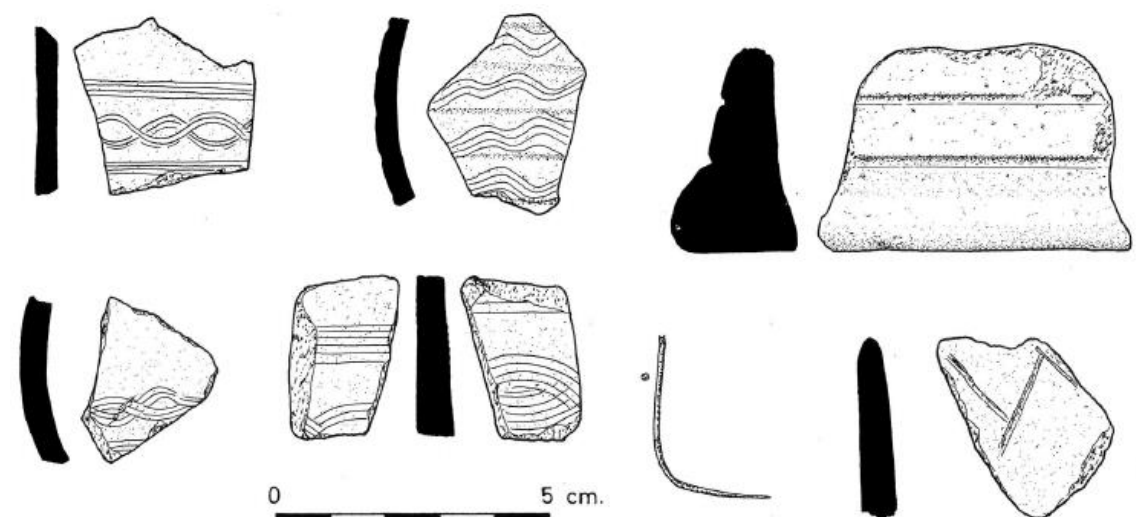
**Estampa XXXIV:**

Fragmentos cerâmicos com decoração penteada do Sabugal (números 4 e 5); e do Sabugal Velho (1, 2, 3). Para a comparação com o exemplar do Alto da Pena ver o número 3 da estampa VIII, página 244.

FONTE: VILAÇA, Raquel (2021).



**Estampa XXXV:** Alguns materiais do sítio de Salmantica com decoração penteadada.  
 FONTE: adaptado de VALLS MARTIN (1986-1987). Para a comparação com exemplar do Alto da Pena ver o número 2 da estampa XIII, página 249.



**Estampa XXXVI:** Alguns materiais do sítio de Picón de la Mora com decoração penteadada.  
 FONTE: adaptado de VALLS MARTIN (1986-1987). Para a comparação com exemplar do Alto da Pena ver o número 3 da estampa VIII, página 244.

